

O Paraíso do Capital

Intervenções Socioeconômicas do Turismo
na Serra de Ibitipoca (MG)

Bruno Pereira Bedim



O PARAÍSO DO CAPITAL

Intervenções Socioeconomicas do
Turismo na Serra de Ibitipoca (MG)



Reitor

Marcone Jamilson Freitas Souza

Vice-Reitora

Célia Maria Fernandes Nunes

Diretor

Prof. Frederico de Mello Brandão Tavares

Coordenação Editorial

Daniel Ribeiro Pires

Assessor da Editora

Alvimar Ambrósio

Diretoria

Francisco José Daher Júnior (Coord. de Comunicação Institucional)

Frederico de Mello Brandão Tavares (PROPP)

Ida Berenice Heuser do Prado (PROEX)

José Rubens Lima Jardimino (Presidente do Conselho Editorial)

Marcílio Sousa da Rocha Freitas (PROGRAD)

Conselho Editorial

Profa. Dra. Debora Cristina Lopez

Profa. Dra. Elisângela Martins Leal

Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves

Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino

Prof. Dr. Paulo de Tarso Amorim Castro

Prof. Dr. Servio Pontes Ribeiro

Bruno Pereira Bedim

O PARAÍSO DO CAPITAL

Intervenções Socioeconomicas do
Turismo na Serra de Ibitipoca (MG)

Ouro Preto
2016



© EDUFOP

Coordenação Editorial

Daniel Ribeiro Pires

Projeto Gráfico e Capa

Joyce Mendes

Revisão

Magda Salmen

Lucimar Mendes (estagiária)

Revisão Técnica

Organizadores

Ficha Catalográfica

B412p Bedim, Bruno Pereira.

O paraíso do capital: intervenções socioeconômicas do turismo na serra do Ibitipoca/MG / Bruno Pereira Bedim. – Ouro Preto: Editora UFOP, 2016. 324p.: il.: color; grafs; tabs; mapas.

ISBN: 978-85-288-0348-8

1. Turismo. 2. Parques Nacionais - Brasil. 3. Materialismo histórico. 4. Camponeses. 5. Agricultura e Estado. I. Título.

CDU: 332.

Catálogo: sisbin@sisbin.ufop.br

Reprodução proibida Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fe vereiro de 1998.
Todos os direitos reservados à

Editora UFOP

www.ufop.br | E-mail: editora@ufop.br | Tel.: 31 3559-1463

Centro de Comunicação, 2º andar | Campus Morro do Cruzeiro

35400-000 | Ouro Preto | MG

OS PORQUÊS DO CAPITAL

De lembrança um postal
Na bagagem um talvez
Fogão a lenha, que legal
Com cardápio em inglês
Quanto vale teu curral?
Dou-lhe duas, dou-lhe três
Eu não vendo o milharal
Nem o vale dos ipês
Tudo era tão normal
Até chegar a sua vez
Intervenção social
Na fatura da escassez
Olha o reggae no seu quintal
O que foi que você fez?
Exploração sem igual
Salário no fim do mês
Tudo há nesse rural
Até garçom camponês
Um hóspede virtual
Pinga uísque escocês
Pode acampar no matagal
Mas, se caçar, vai pro xadrez
Et cetera e tal
A mulher e seus crochês
Peles secas no varal
Sua grande pequenez
É patrimônio cultural
Diferente de vocês
Sou roceiro capiau
Nesse mundo de clichês
Forasteiro capital
Empresário e burguês
Deixei a terra natal
Pra viver na démodé
Voçoroca cultural
Rastafári do freguês
Simultâneo e desigual
O dilema camponês
Paraíso do Capital
Uma Serra e seus porquês.

(BEDIM, B. P. Diário de Campo. Ibitipoca – nov. 2007)

DEDICATÓRIA

À Aracy pela falta que me faz e pela presença que um dia me fez.

Àqueles camponeses de Ibitipoca que um dia tiveram o seu chão cerceado em nome de uma tal “preservação da natureza”.

Aos idosos entrevistados que partiram antes mesmo que a pesquisa estivesse concluída. O relato de vocês agora está aqui. A memória tem essa capacidade de sobreviver ao tempo. As futuras gerações entenderão que a proteção da vida no planeta inclui também o cuidado para com a vida humana.

AGRADECIMENTOS

Devo agradecer, primeiramente, a todos os entrevistados, em especial, aos camponeses do entorno do parque que tão bem me acolheram em suas casas, compartilhando comigo o seu tempo, sua comida, seus cafés e sua sabedoria. À minha família por compreender os motivos de minha ausência.

À Universidade Federal de Ouro Preto, instituição materna responsável pela minha formação intelectual, onde completo um terço de minha vida. Ao professor Heber Eustáquio de Paula (UFOP) pelos esclarecimentos acerca do materialismo histórico. Aos professores e alunos do DETUR – Departamento de Turismo. À CAPES pela concessão de bolsa e auxílio à pesquisa. Ao IEF pela hospedagem no parque e por permitir o acesso aos arquivos. Ao Paulo Roberto Rodrigues (EMATER) por todo o apoio na formatação dos mapas.

Ao amigo Adriano Pettit por ter me auxiliado com seus aportes filosóficos. E, finalmente, à orientadora de doutorado e amiga, Cidinha Tubaldini, por ter acreditado em mim desde o começo, encorajando-me na ampliação do estudo e na candidatura ao doutorado. Num momento em que muitos duvidaram da exequibilidade do projeto de pesquisa, ela reforçou os créditos científicos depositados no escopo da proposta. Não por acaso, representa toda uma geração de mulheres que se dedica às pesquisas da questão agrária no Brasil.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| APRESENTAÇÃO | 25 |
| ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA | 41 |
| Confrontações da “matéria” | 43 |
| Os caminhos metodológicos na Serra | 44 |
| Amostragem, tratamento e coleta de dados | 50 |

PARTE I – INTERFACES TEÓRICAS DA PESQUISA

CAPÍTULO 1 – METAMORFOSES NO TEMPO: A HUMANA NATUREZA DA MATÉRIA EM MOVIMENTO

| | |
|---|----|
| 1.1 Forças produtivas, espaço e materialismo dialético | 57 |
| 1.2 Imagens do tempo | 66 |
| 1.3 Conflitos no paraíso do imaginário ocidental | 71 |
| 1.4 Viagens à natureza da arte | 79 |
| 1.5 Sinopse teórica da experiência turística em áreas naturais protegidas | 80 |

PARTE II – O ENTE EMPÍRICO IBITIPOCA: ESPAÇO ETNOGRÁFICO

CAPÍTULO 2 – MEMÓRIAS DA SERRA GRANDE: A VIDA RURAL EM IBITIPOCA ANTES DO TURISMO

| | |
|--|-----|
| 2.1 Das raízes históricas do povoamento à agropecuária | 88 |
| 2.2 Das relações de produção baseadas em formas coercivas ambíguas | 102 |
| 2.2.1 Entre colonos, camaradas, fazendeiros e sitiantes | 103 |
| 2.3 A cultura camponesa e suas representações | 108 |
| 2.3.1 A endogamia como estratégia patrimonial | 120 |
| 2.3.2 Jongo: o compasso da lavoura | 122 |
| 2.3.3 A árvore dos sete cavaleiros | 129 |
| 2.3.4 As encomendações das almas | 131 |
| 2.4 Entre mascates e expedicionários, a constituição histórica da | |

| | |
|--|-----|
| hospitalidade | 133 |
| 2.5 A Serra Grande, seus ritos e mitos..... | 138 |
| 2.5.1 Terra de santo e pastagem comunal..... | 138 |
| 2.5.2 Ibitipoca: altar natural | 141 |
| 2.5.3 Sobrenatural, do alto | 146 |
| 2.5.4 O terço de Santa Cruz..... | 147 |
| 2.6 A criação do Parque Estadual..... | 148 |

PARTE III A TRANSIÇÃO

CAPÍTULO 3 – ALTERIDADES DISSONANTES: A CHEGADA DO OUTSIDER AO RURAL- PARAÍSO

| | |
|---|-----|
| 3.1 Representações sobre a gênese do turismo na Serra | 166 |
| 3.1.1 Do enquadramento da memória, o "turista pioneiro" | 171 |
| 3.2 A condição forasteira | 174 |
| 3.2.1 O movimento fora-forasteiro..... | 185 |
| 3.2.2 O rótulo caipira: novas racionalidades, velhos estigmas..... | 196 |
| 3.3 A falta que o planejamento fez. A falta que o planejamento ainda faz..... | 200 |
| 3.3.1 Um arraial em movimento..... | 203 |
| 3.3.2 O plano diretor ignorou o camponês..... | 205 |

CAPÍTULO 4 – “DESTINOS DIALÉTICOS”: TURISMO, CULTURA E RESISTÊNCIA CAMPONESA NO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DO IBITIPOCA

| | |
|---|-----|
| 4.1 A reestruturação da esfera produtiva | 300 |
| 4.1.1 A transição do primário ao terciário e suas contradições | 215 |
| 4.1.2 A dialética das chuvas | 225 |
| 4.2 Reminiscências da terra | 230 |
| 4.2.1 A família empreendedora e o turismo: o trabalho familiar como estratégia de organização da força de trabalho | 231 |
| 4.3 Capital alternativo; alternativas do capital | 234 |
| 4.4 Tração e atração pelos caminhos da roça | 236 |
| 4.5 O dilema camponês no paraíso do capital | 238 |

| | |
|--|------------|
| 4.5.1 Da cerca ao cerco que cerceia | 239 |
| 4.5.2 O camponês e as condições objetivas de sua existência | 240 |
| 4.5.3 Uma equação ecológica, um processo econômico | 244 |
| 4.5.4 A grande ameaça não é o pequeno agricultor | 255 |
| 4.5.5 Entorno do parque: a morada do camponês | 269 |
| 4.5.6 Preservar para produzir: o caráter mimético da renda territorial | 271 |
| 4.5.7 No meio do caminho tem um milharal. Tem um milharal no meio do caminho..... | 275 |
| 4.6 Assimetrias do “processo”: a dialética do destino..... | 279 |
| 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS | 287 |
| 6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ARQUIVÍSTICAS | |
| 6.1 – Fontes primárias | 300 |
| 6.2 – Referências históricas sobre ibitipoca | 304 |
| 6.3 – Artigos e/ou matérias de jornais e revistas | 305 |
| 6.4 – Bibliografia geral | 307 |
| 7 – APÊNDICES | |
| 7.1 Caracterização fundiária e demográfica das unidades camponesas amostradas | 319 |
| 7.2 Relação consumidor/trabalhador por unidade camponesa de produção | 321 |
| 8 MAPAS | 322 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| 1 – Mudanças qualitativas ao nível das forças produtivas | 63 |
| 2 – População do distrito de Conceição de Ibitipoca (1940-1960)..... | 118 |
| 3 – Fontes históricas indicativas da prática de queimadas nas pastagens da Serra de Ibitipoca (1822-2007) | 140 |
| 4 – Tempo de permanência do turista em Ibitipoca (2005) | 180 |
| 5 – Frequência de visitantes no PEIb (1995-2007)..... | 181 |
| 6 – Estimativa da migração rural-urbana no Brasil/ Projeção da população virtual | 183 |
| 7 – Local de origem dos visitantes do PEIb (2004/ 2005) | 191 |
| 8 – Dados Demográficos – distrito de Conceição de Ibitipoca (1980-2005) | 201 |
| 9 – Caracterização do pessoal ocupado nos meios de hospedagem e estabelecimentos comerciais amostrados em Ibitipoca (2007)..... | 219 |
| 10 – Ocupação profissional dos jovens que concluíram o ensino médio (2006) na escola pública de Conceição de Ibitipoca (MG) | 223 |
| 11 – Número e dimensão das unidades camponesas amostradas no entorno | 241 |
| 12 – Usos da terra por intervalo de classe fundiária – entorno do PEIb (2007) | 251 |
| 13 – Produção agrícola (milho e feijão crioulo, 2007) | 260 |
| 14 – Equipamentos e técnicas agropecuárias/Serra de Ibitipoca (2007) | 262 |
| 15 – Pecuária bovina, suínos e aves (2007) | 265 |
| 16 – Produção leiteira diária do efetivo pecuário (abril/maio/2007)..... | 266 |
| 17 – Elementos fundantes da contradição inerente à reestruturação da esfera produtiva | 285 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| 1 – Frequência de campistas e visitantes no Parque Estadual do Ibitipoca – 1988 a 1995 | 177 |
| 2 – Meses com maior pico de visitação – Parque Estadual do Ibitipoca (1988 a 1995)..... | 178 |
| 3 – Classificação percentual do uso total da terra nas Unidades Camponesas de Produção amostradas no entorno do PEIb (2007) | 248 |
| 4 – Classificação do uso da terra nas Unidades Camponesas amostradas no intervalo de classe fundiária 5 (36 a 40ha) – Entorno do PEIb (2007) | 250 |
| 5 – Categoria de uso da terra: Pastagens artificiais..... | 253 |
| 6 – Categoria de uso da terra: Lavoura | 253 |
| 7 – Categoria de uso da terra: Mata e capoeira | 254 |
| 8 – Categoria de uso da terra: Pastagens naturais..... | 254 |

LISTA DE MAPAS

| | |
|---|-----|
| 1 – Localização do Parque Estadual do Ibitipoca (MG) e o recorte espacial do entorno estudado | 321 |
| 2 – Distribuição espacial das propriedades rurais amostradas no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca – MG (2007) | 322 |
| 3 – Distribuição espacial dos meios de hospedagem e estabelecimentos comerciais | 323 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| 1 – Localização do PEIb e os municípios do seu entorno. | 33 |
| 2 – Relógio equinocial | 62 |
| 3 – Viagens no tempo | 63 |
| 4 – Roçado de feijão-da-seca | 63 |
| 5 – O embarque para a Ilha de Cítera (1717) | 75 |
| 8 – Mulheres de Fé | 128 |
| 9 – Agricultores a batear ouro no Ribeirão do Salto (1912) nas proximidades da Fazenda do Tanque, em Ibitipoca. | 133 |
| 10 – Ruínas da Capela do Pico do Pião. | 137 |
| 11 – O lugar do rito I/ Missa na Gruta dos Viajantes | 138 |
| 12 – O lugar do rito II/ A Cruz, a visitante e os líquenes | 138 |
| 13 – Paredão de Santo Antônio | 139 |
| 15 – Morro do Cruzeiro, 2007 | 142 |
| 14 – Morro do Cruzeiro, 1987: ritual de soerguimento de uma nova Cruz | 142 |
| 16 – Conceição de Ibitipoca 1987 | 199 |
| 17 – Ibitipoca 2007: Qual planejamento? | 200 |
| 18 – A “Cachoeira dos Macacos” e seus novos primatas. | 204 |
| 20 – <i>Camping</i> no pomar..... | 230 |
| 19 – <i>Hippies</i> de mercado..... | 230 |
| 21 – Pão de canela produzido em escala comercial | 231 |
| 22 – Tração nas quatro patas I..... | 232 |
| 23 – Tração nas quatro patas II | 232 |
| 24 – Tração nas quatro patas III | 233 |
| 25 – Tração nas quatro rodas IV..... | 233 |
| 26 – O viés econômico subjacente à capoeira... .. | 240 |
| 27 – O verde que suprime a reprodução camponesa? | 241 |
| 28 – Máquina de extrair areia para a construção civil, diretamente de um depósito arenoso, situado nas imediações do Mogol (a 2km da vila)..... | 251 |
| 29 – Eucaliptais avançam sobre a Serra e já tangenciam a divisa do Parque Estadual do Ibitipoca (porção noroeste). | 251 |
| 30 – Mogol: cenário para quem? | 252 |
| 31 – Típico moinho d’água/entorno Sudeste | 265 |

| | |
|--|-----|
| 32 – A morada | 266 |
| 33 – A janela camponesa e o maior patrimônio da Serra: | 266 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------------|---|
| ALMG | Assembleia Legislativa de Minas Gerais |
| Amai | Associação dos Moradores e Amigos de Conceição de Ibitipoca |
| APM | Arquivo Público Mineiro |
| Apral | Associação dos Produtores Rurais de Andorinhas e São José dos Lopes |
| Art. | Artigo |
| C.I..... | Conceição de Ibitipoca |
| BA..... | Bahia |
| Cf. | Conforme citação |
| CGG/MG..... | Comissão Geográfica e Geológica de Minas Gerais |
| DF..... | Distrito Federal |
| DNAE..... | Departamento Nacional de Águas e Energia |
| DNER..... | Departamento Nacional de Estradas de Rodagem |
| Emater | Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (MG) |
| Embratur..... | Instituto Brasileiro de Turismo |
| ES..... | Espírito Santo |
| Fig..... | Figura |
| FJP | Fundação João Pinheiro |
| Graf. | Gráfico |
| Ibama..... | Instituto Brasileiro do Meio Ambiente |
| IEF..... | Instituto Estadual de Florestas (MG) |
| IPTU | Imposto Predial e Territorial Urbano |
| JK..... | Juscelino Kubitschek |
| MG..... | Minas Gerais |
| OMT | Organização Mundial de Turismo |
| Parna | Parque Nacional |
| PE..... | Pernambuco |
| PEIb..... | Parque Estadual do Ibitipoca |
| Promata..... | Projeto de Proteção da Mata Atlântica (MG) |
| RJ | Rio de Janeiro |
| SNUC..... | Sistema Nacional de Unidades de Conservação |
| SP..... | São Paulo |
| UC..... | Unidade de Conservação da Natureza |
| UFJF | Universidade Federal de Juiz de Fora |

UFMG Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP Universidade Federal de Ouro Preto
UFRJ..... Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

PREFÁCIO

Coube a mim o privilégio de prefaciar a presente obra por alguns motivos, que passo a relatar. Primeiro, pela deferência do autor em função da amizade e cumplicidade em diferentes momentos de sua formação acadêmica. Segundo, porque pude acompanhar, mesmo a distância, seu percurso intelectual na construção desse campo de investigação científica e perceber seu crescimento como pesquisador das ciências sociais. Por último, pela ligação com a formação em Turismo na Universidade Federal de Ouro Preto, da qual o autor é egresso e em cujo espaço tenho buscado junto aos nossos alunos a ampliação de horizontes em torno das problemáticas próprias desse campo de conhecimento no interesse da construção de um olhar mais investigativo do profissional de turismo.

Trata-se de um trabalho singular no campo do turismo, fruto de um percurso etnográfico ao qual o autor se dedicou intensamente. O texto chama a atenção pela sua densidade e perspicácia. A densidade advém das ancoragens teóricas alcançadas na sua estruturação, fruto de um diálogo com as ciências sociais, sobretudo com a antropologia e a sociologia, e, logicamente, com o Turismo. A perspicácia deriva do método, no qual as modificações impressas pela atividade turística nas coisas, nas paisagens, nos homens e nas mulheres de Ibitipoca são inventariadas e confrontadas com os discursos do campo acadêmico, seja no Turismo seja na Geografia.

O trabalho que emerge diz do anacronismo e da dificuldade da construção do conhecimento no campo do turismo nos dias atuais – haja vista as críticas do autor às visões ingênuas e ufanistas. A atividade turística nesta obra não é uma panaceia e nem é encarada como um conjunto de elementos que se encadeiam para cumprir funções meramente operacionais. Nesta contribuição, o autor trata de um turismo fundamentalmente narrado como atividade humana, que vincula relações entre os homens e a natureza e se traduz por meio de associações entre esses homens na superação incessante da escassez da existência em sociedade. É no desdobramento cotidiano dessa dupla relação que esse objeto de pesquisa, o turismo na Serra do Ibitipoca, toma forma e conteúdo.

Os capítulos se organizam de forma a explicitar a transição econômica ocorrida pela introdução da atividade turística na localidade, mas não apenas como uma descrição de indicadores de atividades e cifras. As repercussões dessa transição sobre as diferentes formas sociais, as famílias, a economia rural e o campesinato revelam o turismo como catalisador de uma profunda mudança social, para a qual devemos estar atentos.

Para os acadêmicos e pesquisadores das ciências sociais aplicadas, as condições de relativo isolamento das localidades e das populações estudadas permitem observar que esta pesquisa se apresenta como uma oportunidade para a testagem de teorias sociais pouco utilizadas no campo de estudos do turismo. O uso das fontes orais em complementaridade com as fontes escritas e iconográficas na elucidação das individualidades históricas encontradas no trabalho de pesquisa também é desenvolvido de modo cuidadoso e se mostra como um bom exemplo para futuras investigações sobre os impactos da atividade turística nas comunidades.

Múltiplas temáticas, envoltas pela complexidade social estudada, surgem neste trabalho como convites à investigação: o feminino na transição econômica, a questão geracional e a reprodução social, o lugar de moradia na transição para o turismo, as repercussões da transição econômica sobre a mão de obra, a alteração dos sentidos e significados das ações sociais, o desenvolvimento sustentável, são alguns exemplos de problemáticas que fervilham a partir desses cenários.

De fato, o turismo nasce como negócio antes de se constituir em objeto de estudo. A sua desconstrução é uma necessidade teórica, mas não prática. A primeira é tarefa para cientistas sociais, a segunda, para homens de ação. Isso não constitui nenhum paradoxo. Na história humana, nenhum outro tempo histórico presenciou tão elevado grau de deslocamentos de pessoas e a demanda estrutural por elementos de hospitalidade e acolhimento. Na atualidade, os meios, as tecnologias ao nosso dispor permitem isso. O turismo é um fenômeno social que se agiganta mundialmente. Porém, a sua edificação como objeto de estudo implica estudar o Turismo em suas repercussões sobre a natureza e sobre os homens, implica também e, necessariamente, questionar a magnitude e a direção de sua força que, inexoravelmente, altera as diferentes formas sociais por onde passa. O presente livro é uma contribuição no sentido dessa compreensão.

Por último, fica o convite ao leitor para uma leitura prazerosa, deixando-se mergulhar no universo pesquisado, percebendo as pessoas, as ruas, as casas, as paisagens encontradas pelo autor como plenos de humanidade, o que significa o reconhecimento dos conflitos, das resistências, das concessões, das apostas, dos desejos que cada ator social nele implicado, inclusive o próprio autor, deixa entrever.

Ouro Preto, 20 de março de 2010.

Dr. Heber Eustáquio de Paula

Professor Adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto

Doutor em Sociologia Política pela Universidade de Brasília

APRESENTAÇÃO

A partir da trajetória histórico-social de criação e uso público do Parque Estadual do Ibitipoca (MG), o livro discute a subsequente apropriação de seu entorno pelo turismo – enfocando o movimento processual de transformação das condições materiais de existência humana na Serra de Ibitipoca. Os aspectos abordados estão ligados à reestruturação da esfera produtiva, ao aumento da complexidade da vida social com o advento do turismo e à análise das características atuais como resultado de processos sincrônicos e diacrônicos de produção do espaço analisado. O autor demonstra como a perspectiva “conservacionista” do órgão gestor do parque (IEF/MG) contrasta com os dilemas socioambientais do campesinato de seu entorno, produzindo discrepâncias no próprio processo histórico e social desenvolvido localmente.

O rigor científico apresentado, a perícia com que o autor coletou e analisou os dados empíricos e a riqueza dos fatos históricos narrados fazem deste livro a mais completa obra já produzida sobre o processo de transformação social do entorno de um parque no Brasil. Uma leitura imprescindível aos pesquisadores de diversas áreas do saber interessados na temática socioambiental contemporânea, como antropologia, agronomia, biologia, ciência política, ecologia, economia, engenharias florestal e ambiental, geografia, história, sociologia e turismo, dentre outras.

No âmbito da Economia Política, o tema central foca ainda a ideia de simultaneidade e desigualdade inerente às interações entre forças produtivas e relações sociais de produção identificadas a partir de dados empíricos coletados no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca. O livro retrata o campesinato de Ibitipoca como grupo humano que se organiza para atingir a produção dos seus meios de vida, cuja margem de lazer e ócio contrasta com os usos e os sentidos do tempo característicos da lógica produtiva incorporada pelo turismo. Num contexto em que a racionalidade do turismo passa a conduzir o processo econômico na Serra de Ibitipoca, as outras formas de produção e de vida tendem a ser desqualificadas. O autor demonstra ainda como o mercado de trabalho se afirma como equalizador dos conflitos sociais à medida que o poder político é redistribuído no “processo”.

Sob as rubricas do “ecologicamente correto”, tem-se o caráter mimético assumido pela renda da terra mediante a inauguração de novas modalidades de uso e ocupação do solo no entorno de Unidades de Conservação – os “Paraísos do Capital”, metáfora inteligentemente criada pelo autor para ilustrar o processo em que a terra incorpora a capacidade de produzir renda mesmo que não seja utilizada

diretamente via processos produtivos agrícolas. Esta inédita “renda da natureza” observada pelo autor põe em relevo a contribuição de sua obra, não obstante o último capítulo mostre como a transição dos critérios de valorização da terra suscita a humanização da natureza via a desumanização do homem.

O estudo histórico e etnográfico exposto no capítulo 2 apresenta ao mundo uma Serra de Ibitipoca nunca antes vista, reposicionando-a no mapa da história colonial de Minas Gerais. Mas a proposta do texto vai além. A discussão é incrementada com inéditas fotografias de época, garimpadas dos arquivos e dos “fundos de baú” de moradores da Serra e de expedicionários. Outra contribuição fundamental deste trabalho está no registro dos conflitos entre a perspectiva preservacionista do IEF/MG *versus* a necessidade de sobrevivência de toda uma geração camponesa que habita o entorno do Parque Estadual do Ibitipoca. Ao ampliar a perspectiva histórica de sua análise, o autor registra fatos que, indubitavelmente, são marcos na história da conservação ambiental de Minas Gerais. Sua “alma de antropólogo” fez com que buscasse nos “bastidores da memória” dos camponeses de Ibitipoca as respostas para explicar o atual contexto de transição socioeconômica verificado no entorno do Parque.

Flutuando entre o rigor dos estudos corográficos clássicos e a poesia picante de sua escrita, esta obra traz à apreciação do grande público conhecimentos geográficos e históricos até então insuspeitáveis. Um mergulho na história ambiental de Minas Gerais e na memória da cultura camponesa – temáticas pouco exploradas pelos pesquisadores mineiros, mas que o autor desenvolveu com perícia, dedicação e teimosia necessárias ao enfrentamento de um ente empírico tão provocativo.

A princípio, poucos deram créditos ao projeto de pesquisa por ele apresentado em 2007. Naquele momento, nada poderia ser mais desafiador a um jovem pesquisador em início de carreira. Mas eis que o tempo revelou à comunidade acadêmica uma criativa forma de se fazer ciência (ou seria poesia?). O livro soube dar forma aos dilemas vividos por toda uma geração de agricultores ao traduzir em palavras a alma do campesinato de Ibitipoca.

A riqueza dos fatos políticos registrados impressiona, bem como as articulações entre os episódios narrados. O autor foi garimpar nas sertanias de Ibitipoca uma riqueza de dados, pistas, detalhes das informações que evidenciam a paixão do pesquisador por aquilo que faz. O livro revela que poucos parques de Minas apresentam uma história tão rica e plural quanto o da Serra de Ibitipoca – região considerada pelo autor um dos últimos refúgios da cultura caipira no eixo sudeste de Minas Gerais.

Estou certa de que a publicação deste trabalho causará grande repercussão na comunidade acadêmica. Destaco, em especial, três avanços inéditos para o estudo da temática em Minas Gerais:

- i) O diagnóstico da transição dos critérios de valorização da terra e a subsequente utilização da “renda da natureza” como reserva de valor (o “Paraíso do Capital”).*
- ii) O tratamento dado às questões de gênero, com uma nova ótica sobre o papel social da mulher rural num contexto de reestruturação produtiva (ver Cap.3).*
- iii) O levantamento dos processos econômicos e sociais que estão por trás da implantação e do uso turístico de parques em Minas Gerais.*

Posso dizer que orientar um pesquisador assim (no mestrado e doutorado!) foi um grande desafio, mas, ao mesmo tempo, uma satisfação. Como fundadora do Núcleo de Pesquisas Terra & Sociedade (UFMG)¹, mulher, educadora e defensora da agricultura familiar no Brasil, é com enorme contentamento que apresento ao grande público mais um resultado das pesquisas desenvolvidas por um membro formado no seio de nosso núcleo de pesquisa – e que agora dá continuidade aos seus projetos na Universidade Federal de Ouro Preto.

Belo Horizonte, 12 de fevereiro de 2010.

Drª Maria Aparecida dos Santos Tubaldini

Professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais; fundadora do Núcleo de Pesquisas Terra & Sociedade (IGC-UFMG); pós-doutora em Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade de Lisboa; doutora em Geografia (UNESP).

¹ Terra & Sociedade: Núcleo de Pesquisas Avançadas em Geografia Agrária, Agricultura Familiar e Cultura Camponesa. Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (IGC-UFMG), sala 3041.

O turista chegou acabando, implantou outra criação, outro desenvolvimento popular no lugar. O povo está usando muita droga, mudou tudo, não tem mais mutirão, não tem nada... nem gente pra trabalhar na roça mais não tem. O povo mudou pra cidade, civilizou, os mais velhos estão acabando...

(lavrador aposentado, 79)

Aí quer dizer que era um tipo de medo que o povo tinha mesmo, né? E era o turista... Tinha medo e vergonha de até informar as coisa pra eles. Porque nunca mexeu com aquele tipo de gente, né, é só criado aqui no arraial, na roça, o povo fica meio acismado não fica?

(ajudante de serviços gerais, 53)

Quando criou o Parque, o povo chegou a achar bem ruim, né? Depois que criou é que eles anunciaram... A reação foi por conta do gado, pois ficou proibido pôr o gado lá e apanhar macela... logo o fiscal tomou a frente e disse que não podia apanhar, não podia deixar fogo, medo de fogo... A Serra Grande fez falta, né, porque a gente cortava mourão, buscava carro de candeia, apanhava macela pra encher almofada e vendia até macela pra fora...

(agricultora, 92)

Na lavoura não tem mão de obra, está sem custeio o sítio. Depois que entrou esse turismo, tudo mudou. Por exemplo, aqui tem muita terra pra vender: pedacinho, pedaço... e os poderosos estão comprando as terras. E o povo está só vendendo, só vendendo... porque não tem dinheiro. Está só bom pra vender, quando acha um que dá valor. Mas como é que eu vou mudar? Eu ainda não perdi a instrução da vida. Se eu sair daqui eu morro, ué...

(agricultor aposentado, 76)

Eu cheguei aqui eu nunca tinha visto um fogão a lenha pessoalmente, eu nunca tinha tocado num cavalo... Tudo para mim era novidade, tudo era lindo, tudo era uma coisa completamente fora do que eu já tinha vivido. As pessoas eu achei de uma simplicidade... e tudo isso me comoveu muito. Você chegar na casa de não sei quem e senta, come uma broa, toma um café... uma pessoa que nunca me viu na vida eu entrar na casa dela e ser recebida como uma rainha e sem ela saber quem eu era, de onde eu vinha, se eu era do bem ou do mal...e lá em São Paulo a gente anda tão armado constantemente... E de repente eu me vi num lugar onde eu estava completamente desarmada, podendo ser o que eu de fato era. Então isso me encantou...

(turista paulistana, 52, frequenta Ibitipoca há 33 anos)

INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos 40 anos, mais de 200 pesquisas foram realizadas no Parque Estadual de Ibitipoca: suas rochas, seu relevo, suas águas, seu clima e suas grutas vêm sendo incessantemente estudados. Da mesma forma, desde o século XIX, com o naturalista francês Saint-Hilaire, um número considerável de pesquisadores ligados às ciências biológicas se propuseram a examinar a fauna e a flora deste que chegou a ser o 4º parque mais visitado do Brasil¹. Tais cientistas catalogaram, na Serra, centenas de espécies animais e vegetais, estudaram o seu habitat, sua alimentação, seus sistemas reprodutivos, etc. Porém, até o momento, nenhuma pesquisa em Ibitipoca teve o “bicho-homem” da Serra como foco de análise. Pouco se sabe sobre o camponês que habita a Serra de Ibitipoca: suas práticas culturais, seu meio de vida, suas interações ecossistêmicas e suas estratégias de reprodução social são, ainda hoje, desconhecidos (ignorados?) pelos acadêmicos e até mesmo pelos órgãos públicos.

Ocorre que a dinâmica da funcionalização econômica ao longo das três últimas décadas vem delineando a lógica da *produção da não-existência*² desse camponato: com o advento do turismo, convencionou-se que a reestruturação da esfera produtiva na Serra se daria em bloco e que, inevitavelmente, as formas de ser e de viver desse grupo social estariam fadadas a um fim.

E esses não são fatores “naturais” ou extra-humanos, mas questões que se impõem pelo e para o próprio homem que hoje habita o entorno do Parque, desumanizando-o. O enfrentamento das circunstâncias de vida no entorno dessa Unidade de Conservação engendra assim estratégias de conformação e resistência a emergir do tecido social. Na outra face do Janus³, insurge o turista como ser humano reduzido àquilo que ele pode pagar. Sob as rubricas do “ecologicamente correto”, tem-se o visitante que, alienado de si, amplifica a atribuição de sentidos ao “Paraíso do Capital”.

¹ Dados relativos ao ano de 2002, quando a visitação do Parque registrou o ápice de 51.521 pagantes. Após a limitação do número de visitantes pela portaria nº 36, de 03 de março de 2003 (IEF/MG), esse número decaiu consideravelmente. Mesmo assim, o Ibitipoca ainda figurava, em 2010, entre os mais visitados do país. Apesar de ser um dos menores parques de Minas em dimensão territorial, é o mais visitado dentre todos os parques estaduais geridos pelo IEF, e ainda, o que atinge o maior preço dos ingressos cobrados na portaria. Em 2007, início dos trabalhos de campo desta pesquisa, a entrada individual chegava a R\$ 15,00 por visitante nos fins de semana e feriados prolongados – o equivalente a US\$ 8,42. O preço do *camping* é também o mais caro dentre todos os parques do território mineiro – a diária por pessoa custa R\$ 20,00 (US\$ 11,24).

² expressão ora utilizada advém das teorizações de Souza Santos (2006), quando de sua crítica à razão metonímica.

³ Janus, na mitologia greco-romana, é o deus das transições – sendo representado com duas cabeças voltadas para direções opostas, simbolizando as diferenças, o passado e o futuro, os términos e os começos. Também é associada a ele a mudança entre a vida primitiva e a civilização, o campo e a cidade, etc.

Em certo sentido, a racionalidade hegemônica do *trade* turístico atualmente se esforça para produzir a não existência daquilo que não é compatível à sua funcionalidade produtiva e ao seu tempo linear. Nas páginas seguintes, pelo menos, o camponês de Ibitipoca terá o seu espaço, na qualidade de sujeito histórico do presente, com seus traços de um passado que se faz presente, seus dilemas atuais e suas aspirações para o futuro. Nossos esforços convergem no sentido daquilo que Sousa Santos (2006) sinalizara como proposição acadêmica: a pesquisa científica como instrumento para transformar as ausências em presenças. Com a palavra, o pesquisador e os motivos que lhe suscitaram a desenvolver seus estudos:

Nos últimos 6 anos, a Serra de Ibitipoca, sua gente, seus (des) encantos e seus enigmas fizeram parte da minha vida. A trajetória de pesquisa teve início quando fiz um estágio curricular no parque e produzi uma monografia de graduação pela UFOP. Curioso, então procurei saber da história desta Unidade de Conservação. Foi quando percebi que as pesquisas, assim como as ações prioritárias que visam à conservação ambiental, estavam circunscritas ao território do parque. Vasculhei pilhas e pilhas de relatórios e publicações, realizei entrevistas e observações sistemáticas para então concluir que muito se pesquisa sobre as características biofísicas de Ibitipoca, mas pouco ou nada se sabe sobre o “bicho-homem” da Serra. O campo fértil para minha pesquisa não estava dentro do parque, mas no seu entorno. Mesmo porque a população do entorno, no passado, usava as terras que hoje constituem o parque. **Para o IEF, o problema do parque morava ao lado, nas propriedades rurais. Para o camponês, o parque era o grande problema. Então eu não havia procurado um ente empírico no lugar “errado”. O fator político da dissonância é que estava fora do lugar.** A narrativa começava ali – não no parque, mas no que aquelas terras foram no passado: a “Serra Grande”. **Um mesmo espaço físico, duas realidades distintas e distantes.** A história começava na transformação da Serra Grande em parque, na memória camponesa sobre o processo de criação do parque. Até então, submergiam no imaginário local representações simbólicas de um grupo social e seus códigos distintos de apropriação coletiva de uma porção de terras devolutas. **Os arquivos oficiais do Estado silenciaram por quase de 4 décadas todo esse processo.** Nesta epopeia sem heróis, ressurgiu uma tal Serra Grande que virou parque. Em Ibitipoca, o homem rural simples retoma assim o seu lugar na história.

(BEDIM, Bruno P. *Diário de Campo*. Ibitipoca: 2005-2007)

Com a criação do Parque e seu subsequente uso público via turismo, o camponês foi empurrado para os bastidores da vida social de Ibitipoca. Aos olhos do Estado e até mesmo dos que se dizem “planejadores turísticos”, o campesinato de Ibitipoca é uma alternativa não-credível do que existe, um fragmento da experiência social não socializado pela racionalidade dominante que atualmente conduz o processo econômico local; um modo de ser e de viver no entorno do Parque que é estrategicamente desqualificado e tornado invisível.

No território circunscrito ao perímetro do Parque Estadual do Ibitipoca,

tem-se uma efetiva contribuição do IEF no sentido de preservar, proteger e asilar exemplares da fauna e da flora ameaçados de extinção. Nesse entorno, contudo, assiste-se ao exílio involuntário do “bicho-homem”, o camponês da Serra atingido por processos desumanos que expropriam suas terras e/ou exploram sua força de trabalho. Nos limites de um parque, a voracidade ilimitada do capital se revela: a linha tênue do aceiro demarca também a fronteira abstrata entre o que é legal e o que é justo. Pela humanização da floresta as vias da contradição providenciam a desumanização do homem.

Mutatis mutandis, o Parque Estadual do Ibitipoca é um pedaço de terra que subjaz à história recente do capitalismo sobre o planeta. É a intervenção da espécie humana sobre a sua natureza externa a construir uma outra natureza, pretensamente conservada, resguardada dos mecanismos destrutivos do capital. Basta lembrar que foi a exploração econômica dos recursos naturais pelas sociedades modernas que suscitou – mediante a conjuntura capitalista que envolve a dominação racional do “mundo natural” – o avigoramento das demandas sociais pela criação de áreas protegidas, as quais têm se destacado como estratégia de conservação dos patrimônios naturais, à medida que os principais ecossistemas do planeta encontravam-se ameaçados.

Mas isso não evitou que as próprias Unidades de Conservação se configurassem como espaços-mercadoria e se inserissem na lógica de acumulação – os “Paraísos do Capital” –, tampouco que sua composição como categoria jurídica de organização territorial desencadeasse processos de expropriação e violência simbólica para com as populações locais.

Um parque aberto à visitação pública, em certo sentido, é um espaço organizado e apropriado a partir de demandas externas a ele, articulando a si a lógica da simulação, um espaço diferenciadamente produzido para ser consumido sazonalmente pelo visitante. A racionalidade do “uso” desses recursos naturais por populações urbanas, subjugadas ao modo de produção e às ideologias e aos aparatos políticos dominantes, engendram a transformação das práticas sociais de apropriação da natureza. O Parque Estadual do Ibitipoca, assim, incorpora o mimetismo inerente às sociedades capitalistas; ele é um expoente contraditório de um modo de produção que tem uma capacidade muito grande de resistir e de se amoldar a diferentes situações.

Os aspectos discutidos estão ligados à reestruturação da esfera produtiva, ao aumento da complexidade da vida social com o advento do turismo e à análise das características atuais como resultado de processos sincrônicos e diacrônicos de produção do espaço analisado. A partir do momento que tais fatores são conhe-

cidos, torna-se possível formatar instrumentos de planejamento que contribuam para a conservação da natureza e das tradições culturais dos lugares, a melhoria da qualidade de vida dessas populações e a contenção do êxodo rural.

Em Ibitipoca, nos deparamos com fragmentos de uma realidade rural que se transforma: seus homens, suas mulheres, suas lutas, suas técnicas e práticas culturais, suas formas de resistência e reprodução social num ocidente cada vez mais marcado por fenômenos globais, tecnicidades, mudanças. Veremos também a emergência do turismo a inaugurar novas formas de intercâmbio material entre o homem e a terra, já que sua prática altera substancialmente a interação natureza-homem, *inserindo mudanças qualitativas em nível das relações de trabalho*, tendo em vista que a natureza preservada é um importante atrativo turístico. Diante disso, assiste-se à emergência de uma nova forma de incorporação do trabalho humano ao espaço: **a dimensão estética da paisagem como força produtiva.**

O *ethos* camponês, por sua vez, (re)constrói na Serra o espaço de sua própria diferença; o compartimento de um outro tempo que se faz presente; a enunciação dos enigmas de um futuro incerto pois envolto pelos cercos e desafios de um modo de vida confrontado aos movimentos mais amplos de expansão do capital. A noção de “conservação cultural”, assim, insurge como demanda social dessa pesquisa, já que não apenas registraremos aspectos culturais desse grupo social e suas respectivas práxis de manejo dos recursos ambientais disponíveis, bem como discutiremos, ao final, possíveis alternativas de permanência dessa população no campo e de conservação de suas tradições.

Mas como interpretar as transformações observadas em Ibitipoca? O que tomar como quadro de referência? Como descrever e analisar as mudanças que o fenômeno turístico confere ao lugar, compreendendo suas condições e antecedentes?

Primeiramente, não podemos pensar o turismo e a agricultura em Ibitipoca “isoladamente”; seria um exercício de arbitrariedade ignorar os contextos mais amplos da sociedade em que o camponês se insere – mesmo porque os “processos globais” hoje batem à sua porta. Propõe-se, então, uma análise bipolar dos processos que permeiam a relação Turismo/Agricultura – os impactos daquele sobre esta e vice-versa. Não nos questionamos apenas sobre como o turismo suprimiu a vida rural em Ibitipoca, mas, sobretudo, em que medida o modo de vida camponês impõe limites à expansão do turismo na Serra. O pretense “Paraíso do Capital” sinaliza assim os seus limites e dissonâncias.

No mesmo sentido, para não se reduzirem as análises a “localismos”, o enfoque da problemática deve partir tanto da análise da dinâmica interna da unidade

de produção familiar camponesa e seus reflexos no mundo exterior (“do camponês para fora”) quanto da incidência do fenômeno interventor (turismo) sobre os camponeses (“de fora para dentro”). Nesse sentido, temos questões aparentemente locais inseridas e produzidas no e pelo processo social que lhes dá sentido.

A partir dessas considerações, o presente livro discute a transformação nas condições da existência humana na Serra de Ibitipoca a partir da análise de 3 aspectos de sua organização: i) a reestruturação da esfera produtiva; ii) a chegada de novos atores sociais; iii) os dilemas camponeses do presente. Para tanto, são comparados dois momentos da dinâmica socioeconômica – antes e após a criação do Parque e do subsequente advento do turismo na Serra. A partir desse pressuposto é que são analisadas as mudanças que o turismo confere ao lugar em termos comparativos.

Sendo assim, serão diagnosticadas trajetórias e estratégias familiares em face das situações de mudança – a interconexão de casos aparentemente isolados de expropriação e reestruturação fundiária; a interdependência dos grupos conflitantes; a continuidade e/ou a ruptura na transmissão, ao longo das gerações, do patrimônio sociocultural que sustentava a dinâmica eminentemente agrária de outrora.

Nas últimas décadas, inúmeras pesquisas se propuseram a apreender e a interpretar os significados econômicos das múltiplas funções que o fenômeno turístico vem apresentando na contemporaneidade. Contudo, pouca atenção tem sido despendida para analisar os processos sociais desencadeados pelo turismo nos lugares rurais, à medida que seus desdobramentos sociais se expandem por territórios até então voltados a funções eminentemente agrícolas.

Considerando a trajetória histórico-social de implantação e o uso público do Parque Estadual do Ibitipoca, a pesquisa discute os subsequentes processos socioeconômicos derivados da apropriação de seu entorno “rural” pelo turismo – enfocando o movimento processual de transformação de espaços até então caracterizados por atividades agrícolas de subsistência e peculiares formas de organização social. Partimos de uma análise sincrônica (antes do turismo e a partir de sua gênese) e, sob a perspectiva processual, a contextualizamos em termos diacrônicos, já que os arranjos atuais resultam de movimentos que ocorreram no passado e que, apesar de não os vemos mais, estão atuando sobre o fragmento da realidade que tomamos em separado para estudar.

O contexto socioeconômico da Serra de Ibitipoca começa a se redesenhar antes mesmo da criação oficial do Parque Estadual do Ibitipoca em 1973 – que, aliás, se deu por iniciativa exterior à população local. A notável beleza cênica de

suas paisagens aliada à riqueza histórico-cultural de seu território lhe conferem um grande potencial turístico, que desde então atrai milhares de visitantes anualmente. Por conseguinte, foi engendrada uma série de tensões estruturais no interior de um movimento processual de transformação econômica e social.

Mas... que tipo de transformações são essas e como podem ser explicadas? Em que sentido e para quais grupos humanos se inclinam as mudanças observáveis dessas estruturas?

Contudo, não se trata aqui de apenas discutir as mudanças adaptativas que um fenômeno social – o turismo – causa às populações locais, mas de percorrer o caminho oposto, conforme a proposta metodológica levantada por Martins (1993, p.64), conferindo aos camponeses em questão a condição de sujeitos do processo histórico e social – o que dispensa eventuais vitimizações.

A pesquisa, *a priori*, parte de uma pesquisa etnográfica no núcleo campestre original – os chamados “nativos” –, enfocando o período que precedeu a criação do parque, levantando aspectos do modo de vida camponês, manifestações culturais (mitos e ritos) e formas de organização social (regras de parentesco, formas solidárias de trabalho, relações vicinais, etc.). A partir daí, discutiremos a estrutura diacrônica da mudança social provocada pelo turismo em Ibitipoca, tendo em vista que todas as épocas estão encadeadas umas às outras, ligando o estado presente (o que vemos, hoje) a todos aqueles que o precederam.

No Capítulo 2, as *Memórias da Serra Grande* revelam o camponês como experiência precursora a congregar formas de vida social e de organização do espaço; sociabilidades pretéritas que ainda se fazem presentes na trama social do entorno do Parque Estadual do Ibitipoca. São expostos alguns espectros da agricultura camponesa praticada em Ibitipoca como expressão da vida de um grupo humano que estabelece meios de manipulação da natureza de forma a alcançar a satisfação das necessidades elementares à sua existência.

O paradigma filosófico-metodológico a nortear o estudo é o materialismo dialético, tendo em vista o contexto de transformação dos meios de produção e a reconfiguração da estrutura ocupacional na Serra de Ibitipoca⁴. É a partir desses pressupostos que reconstruímos, no Capítulo 2, a atmosfera social que envolve os

⁴ Para Marx, ao produzir seus próprios meios de existência, os homens produzem também as bases de sua vida material. Daí a modificação – e produção – dos espaços pelos homens no curso do movimento dialético da história, transformando a sua natureza exterior e a si próprios pelo intermédio de seu trabalho. Nesse contexto, as sucessivas interações entre os sujeitos sociais e a natureza material do espaço fazem com que vida e coisa se confundam – o próprio homem como matéria-espaco em movimento. A produção do espaço, por sua vez, transcende ao mero conceito clássico de produção, incorporando, segundo Lefebvre (2006), produção e reprodução de relações sociais. O “exagero material”, por vezes apropriado pelo marxismo vulgar, requer aqui um novo tratamento, e nele se incluem as relações sociais como expoentes da dimensão do uso.

usos da Serra Grande por um dado grupo camponês e seus códigos distintos de apropriação coletiva da terra – recolocando na história o papel do Estado como agente a intervir pela violência simbólica do processo de criação do Parque e do seu subsequente “uso público” (leia-se exploração econômica via turismo).

A criação do Parque do Ibitipoca fez-se pela intervenção na trajetória de um grupo social que viu as bases materiais de sua existência ameaçadas por agentes externos ao seu mundo: a **violência simbólica do Estado a preencher com turistas o lugar do camponês**. Que contexto é esse em que árvores e bichos são exaltados enquanto ícones de fetichismo do espaço como mercadoria reproduzível, ao passo que o camponês é varrido de sua terra como se fosse um bicho?

A chegada do *outsider* em Ibitipoca e a concomitante implementação do turismo na região implicam a reestruturação da esfera produtiva, indicando a gradativa ascensão a um estágio não agrícola, de prestação de serviços pessoais, ao passo que resistem, simultaneamente, reminiscências das formas de vida social geradas num período anterior – constituindo, tais movimentos, uma mesma unidade, um mesmo processo, envolto pela interconexão de individualidades históricas de expropriação e de interdependência dos grupos conflitantes. Essas constatações, de certa forma, remetem à perspectiva lefebvriana de embaralhamento do tempo na modernidade, conferindo aos fenômenos estudados a qualidade de **simultâneos**.

A gênese do turismo em Ibitipoca representa, em certo sentido, um “ponto de ruptura” e um fator inaugurador em relação a um “passado” eminentemente camponês que se atualiza no presente. Tudo porque, no atual contexto “turístico” de Ibitipoca, assiste-se à permanência (resistência?) de estruturas sociais geradas num período anterior, notadamente marcadas pelo modo de vida camponês e suas variantes culturais e socioeconômicas. Tal perspectiva diacrônica nos permite dilatar a visão dos fenômenos estudados, contrastando aquilo que podemos observar em termos empíricos com o próprio processo histórico e social desenvolvido localmente. É esse o principal enfoque do Capítulo 3.

Sendo assim, a pesquisa traz, no Capítulo 4, a análise dos processos que envolvem a expropriação de terras camponesas a partir de sua incorporação como espaço-mercadoria a ser consumido na lógica de reprodução do capital. Venerado, despedaçado e vendido, o “Paraíso do Capital” expõe as chagas de um sistema que se apropria das desigualdades do desenvolvimento para se reproduzir, submetendo o uso dos recursos naturais aos termos da troca – o “paraíso” como privilégio para quem pode pagar por ele. Mas e o custo social desse processo? Quem paga?

Ao final do Capítulo 4, o suprassumo do movimento de expansão do capital no entorno do Parque é exposto a partir da constatação empírica da emergência

de **uma nova modalidade de uso e ocupação do solo no entorno de Unidades de Conservação no Brasil, na forma peculiar assumida pelos processos recentes verificados no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca: um grande grupo empresarial a constituir uma nova forma de apropriação da renda da terra, imobilizando grandes extensões territoriais e conservando os seus atributos ecológicos como forma de lhes atribuir um sobrevalor** – já que a natureza preservada atualmente se apresenta como força produtiva em potencial. A (re)distribuição do custo social da renda da terra incorpora, aqui, uma dimensão socio-ambiental que pode permitir ao capitalista a sua *posteriori* utilização como reserva de valor: eis a interface especulativa do “Paraíso do Capital”.

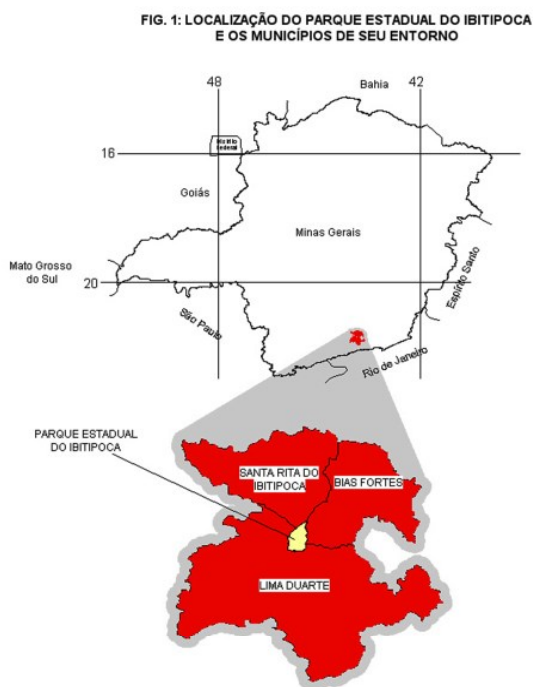


FIGURA 1 – Localização do PEIb e os municípios do seu entorno.

A complexidade de tais problemáticas, de fato, aponta inúmeros temas a serem explorados. Propõe-se, contudo, repensar as intervenções do fenômeno turístico nos destinos visitados, recolocando os eventuais papéis que as populações locais e seus respectivos meios de vida têm sobre a expansão do turismo pelos territórios e vice-versa. Nessa perspectiva, torna-se oportuno delinear estudos que

investiguem os desdobramentos sociais dessa “atividade” em comunidades rurais⁵ receptoras, privilegiando-se o estudo do turismo como fenômeno sociocultural, enfocando aspectos como a relação entre os visitantes e os visitados (populações locais), bem como as consequências daqueles sobre estas – e vice-versa –, a partir da ideia de que as populações afetadas impõem limites e obstáculos ao desenvolvimento do turismo, à medida que “o processo econômico encontra pela frente barreiras sociais e ideológicas que conformam a reprodução do capital e as relações de poder dele originadas”⁶.

Os desdobramentos sociais do turismo nos lugares não suscitam apenas problemas históricos, a pesquisa de suas origens ou antecedentes. Em Ibitipoca, o fenômeno turístico não define apenas a transformação social refletida em determinada época e num dado espaço, mas uma dimensão que pertence à reconstrução de um tempo histórico, um fator inaugurador que implica não a ruptura do tempo presente, mas continuidades descontínuas, mudanças. Tem-se como premissa o caráter originalmente processual do turismo, concebendo-o na qualidade de fenômeno que não se explica pela sua própria manifestação. Para entendê-lo, faz-se necessário analisar a partir de seu conteúdo e temas específicos, olhar além de um ambiente disciplinar particular.

É numa construtiva “sinergia interdisciplinar” que a Sociologia, a História, a Geografia, a Economia Política, a Antropologia e as Ciências Ambientais se encontram e se complementam neste livro. É no alargamento dos horizontes científicos que buscamos subvenção teórica e empírica para a orientação prática desta pesquisa; a interpretação de um ente empírico não planejado como forma de subsidiar o seu planejamento futuro.

Neste percurso, há a tentativa de se esquivar das fórmulas e modismos acadêmicos em voga; a proposição da “ciência em poesia” como contraponto – e complemento – às convencionais ladainhas acadêmicas contemporâneas. Cômico de suas próprias limitações, este trabalho pretende traçar uma narrativa científica sobre o “real” que incorpore a poeira das estradas de chão de Ibitipoca ao invés de simplesmente juntar poeira nas prateleiras da biblioteca universitária. Em última instância, é uma contribuição que, apesar de limitada, traz um saber camponês para se somar às miríades de teses e livros científicos. Tudo porque a pesquisa transcorre às pretensas fronteiras da ciência para se juntar ao cotidiano do homem do campo e traduzir em narrativa os fragmentos de seu mundo prático, objetivo – a percepção

⁵ A expressão “comunidade rural” ora utilizada tem por base as reflexões de John Comerford (2005, p.112), segundo o qual o termo se refere a um grupo que se organiza a partir de “relações de proximidade e solidariedade, em que sobressaem a importância de parentesco, vizinhança, cooperação no trabalho e co-participação nas atividades lúdico-religiosas” – características diagnosticadas em Ibitipoca – MG.

⁶ Martins (1993, p.66).

camponesa sobre os fenômenos pesquisados como possibilidade de compreensão do “real”; o valor heurístico do *ethos da terra* acumulado ao longo das gerações. Nós, acadêmicos, temos muito a aprender com eles. Não podemos – nunca – esquecer que a ciência é apenas uma forma de apreensão da realidade. Há outras.

O processo de intervenção social do turismo em Ibitipoca é *desigual e combinado* não apenas porque ele não se dá pelo princípio da igualdade, mas, sobretudo, porque ele não contradiz a lógica de reprodução do capital. As forças produtivas verificadas na Serra não somente intervêm como recriam modos de organização social. Turismo e Agricultura, como esferas produtivas diferenciadas, suscitam a coexistência, a (des)integração ou a superposição de distintas formas de relações de produção, engendrando e acentuando **desigualdades** a partir dos diferenciados ritmos de desenvolvimento.

Nessa perspectiva, a desigualdade do desenvolvimento em Ibitipoca se apresenta como funcional à reprodução do capitalismo, uma vez que resguarda espaços para onde o capital futuramente terá condições de se expandir e se valorizar. Talvez isso explique o acentuado interesse de grandes empresas de construção civil pela aquisição de terras no entorno do Parque: medida compensatória ou capital especulativo? Em ambas as alternativas, o que se vê é **o caráter subversivo da renda da terra a imobilizar uma parcela considerável de recursos ambientais via monopolização territorial.**

Nossos estudos indicam que o turismo, como processo de intervenção socioeconômica, produz seus efeitos no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca, suprimindo as formas de reprodução da vida rural, porém, sem destruí-las. Ao contrário, trava com elas relações contraditórias, já que a possibilidade histórica da existência de “enclaves camponeses” nesse espaço é permeada por contradições internas do processo de sua própria transformação. Por conseguinte, tem-se um movimento gradativo de mudança social que se traduz em estratégias familiares que mistificam formas de exploração do trabalho (ou ausência de), sem, contudo, extinguir as unidades familiares de produção – mas sim diversificando suas estratégias de reprodução social.

São essas as “evidências empíricas” que nos levam a conceber o turismo como processo de intervenção socioeconômica não planejada e não intencional, cuja manifestação subjaz uma “(des)ordem oculta” a produzir conformações específicas derivadas da ação social no tempo – estruturas intangíveis ajustadas à determinada época e refletidas no espaço que as rebate. Depositam-se aí o nosso esforço em captar e entender a complexidade do fenômeno turístico e seus processos complementares, cuja dinâmica ainda carece de investigação.

O interesse em focar o estudo nesse tema também surgiu com a necessidade de se conhecer melhor a relação entre a criação de Unidades de Conservação e o processo de transformação, pelo turismo, dos espaços rurais adjacentes a essas áreas. Tendo em vista que a bibliografia de pesquisas que contemplem abordagens socioantropológicas envolvendo turismo e populações rurais apresenta-se incipiente no Brasil – uma vez que o objeto dos estudos turísticos está quase sempre centrado no turista e nos interesses da indústria que vive das viagens⁷ – propõe-se um olhar dos “indivíduos visitados” sobre os processos em questão. Se há pouca reflexão teórica acumulada sobre o assunto, apresenta estudo de caso que se abre à realidade socioeconômica, levantando questões e problematizando-as a partir da natureza transescalar dos fenômenos observados no “*microcosmo*” social da Serra de Ibitipoca.

Ao intervir direta ou indiretamente nas dinâmicas socioambientais de seu entorno, as Unidades de Conservação da Natureza representam muito mais do que simples categorias jurídicas de organização espacial – sendo necessário olhar para além de suas fronteiras. Compreender esses processos socioculturais desencadeados em espaços limítrofes às áreas naturais protegidas equivale a reconhecê-las como fenômeno de cultura, fenômeno com espírito social, cujo viés ambiental e econômico são tão representativos quanto os demais – e cuja vertente funcional tende a transformar as suas adjacências em territórios de lazer socialmente construídos.

A partir do momento em que tais mecanismos de intervenção são conhecidos, podemos ampliar o entendimento sobre os fenômenos socioambientais e sobre as sociedades que os produzem, aumentando o nosso poder de atuar sobre a realidade ambiental pelas ações que visem aos tão anunciados princípios de sustentabilidade, analisando-os, compreendendo-os e transformando-os no sentido da sua humanização. O conhecimento de tais processos pode ser extremamente útil aos propósitos de se produzir conhecimento em ciências humanas e sociais.

Paraíso? Para quem? É na efervescência empírica de Ibitipoca – onde **a população local e o Parque constituem-se estrangeiros entre si**; em que o turista é o estranho elemento a intervir sobre espaços e culturas – é nesse contexto que buscamos subsídio empírico para o entendimento da transformação do cotidiano social incerto e, muitas vezes perverso, ao qual estão submetidas as populações locais impactadas pelo turismo. E esse não é um contexto *nonsense*, sem lógica. É o mundo da lógica da contradição. Olhemos para essas diferenças.

⁷ Krippendorff (2003, p.68).

Nossa expectativa é que este estudo se apresente como modelo explicativo em pequena escala – como um paradigma empírico, pronto para ser testado, ampliado e, se necessário, revisto pelas investigações correlatas em maior escala. Dessa forma, os resultados obtidos poderão ser aplicados como “gabarito” a ser comparado a configurações⁸ mais complexas de outros estudos envolvendo a temática em questão.

Nas páginas a seguir, nossos esforços de investigação tentarão captar e entender, de forma mais aprofundada, como o camponês vivencia essas estruturas, conformando-se e/ou resistindo a elas; expressando suas visões de mundo; suas aspirações e estratégias; sua capacidade de adaptação em face das novas formas de (re)produção ou sua marginalização nesse processo; o estabelecimento de novas redes de solidariedade e a construção de alternativas de organização da vida social.

Assim, **a mudança como processo** se torna a preocupação teórica e empírica dominante na pesquisa. É essa a contribuição que apresentamos. Que este estudo subsidie outros; e que esses outros discutam formas de se planejar o “processo” (ele é planejável?), ou, ao menos, atenuá-lo. É isso o que nos move a olhar para a Serra de Ibitipoca e ver ali a possibilidade de elevação física e espiritual do homem.

⁸ Neste sentido, ver Elias e Scotson (2000).

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Desliga esse troço aí rapaz [gravador]. Aqui a palavra de um homem vale mais que esse trem aí. [...] Eu vivo uma vida rural, num meio completamente diferente que embrutece até a gente e faz a gente esquecer até da língua portuguesa... porque a gente é produto do meio...então a gente convive num meio e vai esquecendo das coisas...

(agricultor entrevistado, 83)

O depoimento acima, em certo sentido, anuncia alguns parâmetros do “real” do grupo humano estudado em Ibitipoca. Tanto a percepção do agricultor sobre sua própria vida quanto a postura por ele assumida durante o processo de entrevista são fatores que devem ser problematizados pelo pesquisador. Em ciência, não se pode fazer livre interpretação, mas, sim, estabelecer critérios de análise a partir do escopo e dos objetivos do projeto de pesquisa. Só assim os “critérios de cientificismo” se expressam.

O objetivo último desta pesquisa é gerar inteligibilidade sobre um fragmento do “real” estudado na Serra de Ibitipoca; investimos num “objeto” recortado com a expectativa de criar maior previsibilidade sobre os fenômenos empíricos estudados.

Em última instância, todo pesquisador é um cientista em formação, um mero trabalhador braçal que se apropria de ferramentas analíticas e as articula com os dados empíricos coletados, com as observações registradas em seu caderno de campo, com os cruzamentos analíticos que estabelece no intuito de conduzir uma narrativa científica sobre o real. A este ser em formação composto por músculos e neurônios, a metodologia se apresenta como um guia que *a priori* se incumbe de administrar e vigiar a investigação empírica. Não se trata de pôr em causa tudo o que na pesquisa parece evidência, mas sim de reconsiderar os fundamentos da “verdade” ora apresentados⁹.

Etimologicamente, metodologia significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para se fazer ciência¹⁰, o percurso metodológico percorrido pelo pesquisador na sua tarefa de demonstrar ao outro como ele guiou a sua própria razão¹¹ ao conduzir uma narrativa científica sobre o “real”. E, conforme ressalta Morin (1986, p.14), para se alcançar a produção do conhecimento antes deve-se situar, refletir, interrogar a realidade estudada por meio do reconhecimento das

⁹ Sobre as (in)verdades da ciência, ver Morin (1986).

¹⁰ Demo (1985).

¹¹ Descartes (1973).

condições, limites e possibilidades tanto do pesquisador quanto da pesquisa em si. Assim, neste capítulo, faz-se um esclarecimento acerca dos meios e das circunstâncias que alicerçam as inferências e condicionam os resultados obtidos, ponderando os próprios conhecimentos aqui expostos: a *“verdade” transforma-se, enfim, em pergunta*. Eis, pois, a incorporação do desafio de o pesquisador assumir por si próprio os meios da vigilância de seu trabalho científico (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2004).

Do ponto de vista do método, ao confrontar um determinado ente empírico, o pesquisador tende a articulá-lo a “tipos ideais”, abstrações que só existem no mundo das ideias (Ex.: conceito de camponês, etc.). A partir de tais pressupostos, torna-se possível discutir os conceitos e dizer em que medida a realidade observada se aproxima ou se afasta deles. No campo científico, portanto, os conceitos são apenas conceitos; e os modelos teóricos não têm correspondência objetiva na realidade empírica. Os fragmentos do “real” constatados em Ibitipoca, por sua vez, não apresentam tipos “puros”.

A “realidade Ibitipoca” é muito mais do que aquilo que o pesquisador capta; o ente empírico é sempre mais do que os dispositivos de percepção humanos. Nenhum cientista social possui os atributos perceptíveis para captar a realidade de fato – aliás, segundo Marx (1980), toda ciência seria desnecessária se nós tivéssemos a capacidade de captar o real tal qual ele é.

Serra, eu vou explicar você
 Contar aos outros como fiz
 Quando guiei minha razão por aí
 Menor que um grês talvez
 O fragmento que vi
 Desse monte (de dúvidas)
 Em pedras de alquimia
 Anotei, coletei, ibitipoquei
 Fiz ciência em poesia
 Resta dizer como foi
 Na metodologia¹²

¹² BEDIM, Bruno P. Diário de Campo. Ibitipoca, jun. 2007.

CONFRONTAÇÕES DA “MATÉRIA”

O materialismo dialético é o paradigma filosófico-metodológico utilizado para se conhecer e discutir os fenômenos estudados em Ibitipoca, contrastando-os com as eventuais “leis” que regem as sociedades humanas. Trata-se de uma perspectiva filosófica de entendimento do mundo que pode nos auxiliar na interpretação ora proposta. Acreditamos ser este um instrumento valioso para a compreensão das realidades pesquisadas, no sentido de se conduzir uma narrativa científica sobre o real. Por sua vez, o materialismo dialético se expressa como matriz filosófica a sustentar um método de análise – o materialismo histórico – fonte da qual a pesquisa também “bebe”. Seu emaranhado de conceitos e teorias congrega um valor heurístico muito forte no sentido de se traçar um caminho inteligível aproveitando-se suas categorias analíticas.

Tal conjunto de raciocínios se baseia na premissa de que as formas de pensamento são decorrentes da produção da vida material. Sua elaboração é atribuída a Marx e Engels (1984; 1987) e encontra-se focada num viés antropológico – o ser humano como bicho no mundo, a nossa viagem como espécie biológica sobre a Terra. A apropriação dessa perspectiva conduz grande parte da narrativa exposta neste livro.

A princípio, a seguinte problemática insurgiu: **Como se configuram, atualmente, os espaços rurais adjacentes ao Parque? Como se dá a produção dos meios de vida na Serra de Ibitipoca em face da intervenção de uma nova esfera produtiva (turismo)?** Num primeiro momento, esse é o fragmento da realidade que nós tomamos em separado para estudar. Não se trata de uma leitura facilmente esgotável. Acreditamos que o materialismo dialético, como perspectiva filosófica de compreensão do mundo, pode nos auxiliar na interpretação dos processos socioespaciais a serem analisados; um subsídio filosófico-metodológico à interpretação da organização espacial da vida social. Nessa perspectiva, nos propomos ao enfrentamento das questões que permeiam a **produção do espaço pelos homens na sua relação com outros homens e com o próprio espaço geográfico.**

Conforme Marx e Engels (1984), o que modifica a natureza é o modo de estar no mundo do homem. A partir dessa constatação, podemos observar como as diferentes sociedades produzem a sua cultura material e imaterial. Além de Marx e Engels, utilizações apropriadas das perspectivas teóricas apresentadas por Norbert Elias (1998), Chayanov (1974), Martins (1993; 1975) e Lefebvre (1969; 1971), dentre outros, permitiram o desvelamento das estruturas que compõem a cena do entorno do Parque do Ibitipoca, bem como dos sentidos das ações sociais dos diferentes agentes que disputam os recursos lá disponíveis.

OS CAMINHOS METODOLÓGICOS NA SERRA

O “percurso etnográfico” foi a janela pela qual pudemos enxergar as estruturas, os processos, as representações e o universo simbólico pesquisados. Além da pesquisa documental, relatos orais e elementos iconográficos, foram utilizados como fonte – cujo tratamento requer critérios de cientificismo para a sistematização das análises na tarefa de construirmos uma interpretação – uma narrativa sobre as diferentes conformações socioespaciais, tipificando-as, situando-as em seus respectivos contextos locais e verificando a ocorrência (ou não) de traços comuns entre elas.

As fotografias são entendidas como documentos históricos cuja análise pode auxiliar na interpretação da realidade – seja pelos registros das cenas do cotidiano, seja pela linguagem expressa na disposição dos objetos no espaço. Os elementos iconográficos ora analisados são concebidos como formas de registros visuais socialmente produzidos, portanto, subentendem intencionalidades e significados. Durante o processo de trabalho de campo, foi solicitado às famílias o acesso aos eventuais acervos fotográficos de que dispõem, no sentido de se proceder à observação e à interpretação das culturas visuais. Acontece que são raras as fotografias de Ibitipoca relativas aos períodos que precedem à década de 1980 – o que, por si só, já é um dado. Ao se apropriar desse material e procurar estabelecer a sua datação e sistematizar a sua análise, o pesquisador agrega a ela uma outra intencionalidade – já que ele tem objetivos específicos a conduzir a sua apreciação.

Em 2005, produzimos uma monografia sobre os conflitos de poder e os antagonismos intergrupais no arraial de Conceição de Ibitipoca (BEDIM, 2005). Dois anos depois, trouxemos um novo projeto de pesquisa, novas problemáticas e uma área de estudo ampliada para todo o entorno do Parque. Mas nos deparamos também com o reexame do material colhido em 2005 com novos olhares sobre velhos problemas e aspectos insuspeitados da pesquisa revelados a partir de entrevistas realizadas anteriormente. Essa re-análise é também uma autocrítica, constitui-se como parte integrante da construção metodológica e, assim como o ente empírico analisado, também possui um movimento dinâmico, dialético, refletindo-se na pesquisa e no pesquisador: **a produção do conhecimento como processo**. Parafraseando Malinowski (1980, p.49), consideraremos tal contexto como sendo uma “dupla fertilização de trabalho construtivo”, já que temos também um pesquisador em movimento, uma realidade social que se transforma, paradigmas acadêmicos que não congelaram no tempo. O próprio pesquisador hoje se vê em Ibitipoca como um “forasteiro”, o estranho, o corpo que jamais poderia ser considerado neu-

tro – pelo contrário: essa sua condição também é um dado, um elemento a ser problematizado e equacionado nas análises, o pesquisador como elemento perturbador do cotidiano.

Então chegamos ao que Malinowski (1980, p.55) denomina de *os imponderáveis da vida real*, ou seja, “uma série de fenômenos de grande importância que não podem ser registrados por perguntas ou em documentos quantitativos, mas devem ser observados”, analisados subjetivamente – elementos esses que, uma vez incorporados na vida cotidiana, geralmente são sentidos com menos intensidade pelos indivíduos que os cumpre, embora possam se revelar ao pesquisador como fator de estranhamento. Entre os *imponderáveis* a serem observados, em Ibitipoca, incluem-se as relações de parentesco, a interação do camponês com a terra, a rotina de um dia de trabalho, o movimento de turistas na Serra e seus respectivos desdobramentos no plano social; a relação da mulher rural com o espaço do entorno de sua casa; o constante fluir do cotidiano; os conflitos entre “nativos” e “forasteiros” e suas sutis mas não menos importantes estratégias de poder em nível local; a maneira de se preparar as refeições; a espacialidade inerente à cena de uma típica cozinha camponesa; o ritmo de vida dos atores pesquisados; as vaidades e as ambições pessoais refletidas nos acontecimentos – como o movimento pró-emancipação observado em Conceição de Ibitipoca, etc. Esses fenômenos foram registrados a partir de observação sistemática, anotados no diário de campo e, *a posteriori*, categorizados para análise. Entre as técnicas de observação direta e coleta de dados, foram aplicados entrevistas e questionários semiestruturados nas propriedades rurais situadas no *buffer* de amostragem (Mapa 2).

O recorte espacial insurgiu como um desafio à pesquisa, já que ela teria que identificar e mapear a distribuição espacial das propriedades rurais e dos meios de hospedagem e estabelecimentos comerciais amostrados. Para tanto, estabelecemos um *buffer zonal*, cujos parâmetros demandaram, em princípio, a delimitação de um contorno circundante aos limites territoriais do Parque, o qual abrange um raio de 5 km a partir da fronteira da Unidade (mapa 1). Esse contorno zonal se desdobra por porções dos municípios de Lima Duarte, Santa Rita do Ibitipoca e Bias Fortes (MG)¹³.

Em seguida, foram mapeadas as principais vias de acesso dos visitantes ao Parque e sua respectiva portaria. Ao recorte espacial resultante dessa delimitação chamaremos de ENTORNO IMEDIATO. A partir dessas representações, obtivemos melhor visualização de como os fenômenos estudados interagem na estrutura espacial do ente empírico analisado.

¹³ Conforme se vê no mapa 1, a porção territorial do município de Bias Fortes incorporado no recorte espacial desta pesquisa é ínfima e abrange apenas uma parcela de terras circunscritas ao limite leste do parque.

Problema primeiro: O que é “Serra de Ibitipoca”? Quais parâmetros orientam o recorte espacial da pesquisa? Parece um exercício de arbitrariedade dizer onde a Serra “começa” e onde ela “termina”, já que o espaço vivido transcende à geomorfologia; a realidade física da paisagem sucumbe ao imaginário humano; o símbolo não necessariamente requer fronteiras fixas. Temos, como pressuposto, que pelo menos duas representações possíveis sobre um dado espaço (físico e simbólico) estão presentes no espírito da pesquisa. Todo e qualquer recorte, embora necessário, ficará aquém da complexidade do fenômeno estudado, mas delimitar é preciso.

A definição do recorte espacial considerou ainda a pretensão inicial de se abranger as seguintes “comunidades rurais” e seus respectivos arraiais-sede: 1) Conceição do Ibitipoca (entorno sudoeste); 2) Mogol (entorno sul); 3) Moreiras (entorno norte e noroeste). A distribuição espacial da amostragem se deu a partir das 3 principais estradas de chão que circundam os limites do Parque, concebendo o território do PEIb como um monumento configurador do espaço; uma referência espacial da pesquisa.

Mas o Parque não é a Serra, embora abranja parte considerável da elevação física. A Serra contém o Parque e algo mais. O Parque é um território institucionalizado pelo Estado e abrange a Serra, ao passo que a Serra contém o Parque. E ainda: a Serra se traduz a partir da interação simbólica entre o homem e o lugar do homem; o camponês e seu espaço vivido; o poder e o contrapoder existentes no Parque e fora dele.

Aliás, a própria noção de *Serra* é, do ponto de vista geográfico, imprecisa, sendo este um termo usado no Brasil de forma ampla, generalizada (GUERRA; GUERRA, 2003). A princípio, tem-se a Serra de Ibitipoca que está nos olhos de quem a vê, de quem a vive. É essa a Serra que se eleva à medida que o significado se faz presente; sua dimensão simbólica transcende às fronteiras impostas pelos mecanismos reguladores do Estado ou ao pretense recorte espacial delimitado por qualquer pesquisador. Mas a Serra é ainda território (parque), é lugar (símbolo), é abstração (espaço). E é assim, desafiando os conceitos geográficos, que suas evidências empíricas se revelam.

No plano simbólico, a Serra vai até aonde a percepção do observador alcança. É essa a Ibitipoca que está nos olhos de quem a vê. O relevo se eleva à medida que o significado se faz presente. Tem-se, pois, um monumento configurador do espaço; uma referência espacial regional. De qual região? A região da Serra, ora! A região que não existe nos mapas institucionais, mas que está no limiar do horizonte que se avista lá do alto, ou então, num movimento oposto, a região que se

compõe dos mares-de-morro de onde é possível avistar o alto da Serra: “*Passou por aqui e viu uma Serra Grande? Então você está nas bandas da Ibitipoca*” – afirmou um velho camponês. O horizonte que se avista é o sentido de lugar. O lugar Ibitipoca. Olhar vivido que constrói a Serra; lugar da Serra que abriga a vida.

Portanto, parâmetros do espaço vivido também foram levados em consideração para se definir o recorte espacial enfocado. A princípio, as relações de compadrio, vicinais, e as duas paróquias existentes na área de estudo foram critérios possíveis: Em qual igreja as famílias frequentam a missa? Onde os sujeitos entrevistados foram batizados? A que comunidade se sentem pertencidos? Em qual vila se dão as suas redes de sociabilidade? Quem é o povo do lugar? Como eu sei que estou na Serra de Ibitipoca? Onde você nasceu, camponês?

Arelada a tais critérios, somamos ainda a área que abrange a zona de amortecimento do Parque. O *buffer* expresso no Mapa 1 possui um diâmetro de aproximadamente 10km e abrange desde a área de influência direta do Parque quanto à extensão de terras que se funcionalizam em relação ao turismo. Esquemmatizando:

SERRA DE IBITIPOCA = RECORTE ESPACIAL DA PESQUISA

SERRA DE IBITIPOCA = HISTÓRICO TERRITÓRIO CAMPONÊS
CIRCUNSCRITO À ZONA DE AMORTECIMENTO DO PARQUE E
SUBMETIDO A RECENTES PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO

SERRA DE IBITIPOCA = TERRITÓRIO HISTÓRICO CAMPONÊS +
PARQUE + ÁREA DE INFLUÊNCIA DO TURISMO DO PARQUE



SERRA DE IBITIPOCA = TERRITÓRIO HISTÓRICO CAMPONÊS
SOB INFLUÊNCIA DO TURISMO DO PARQUE

BUFFER DE AMOSTRAGEM = TERRITÓRIO HISTÓRICO CAMPONÊS –
PARQUE + ÁREA DE INFLUÊNCIA DO TURISMO DO PARQUE

Reunimos o maior número possível de testemunhos documentais, visando ao embasamento das análises. Eis algumas das fontes primárias que sustentam a pesquisa: levantamento documental junto ao Arquivo Público Mineiro, à Prefeitura e à Câmara Municipal de Lima Duarte, ao IEF/MG, aos órgãos: IBGE, IGA, Emater, Epamig, IEF/MG, Tribunal Regional Eleitoral, Fundação João Pinheiro, Cemig, Associação de Moradores e Amigos de Ibitipoca e demais instituições correspondentes. Em função de intempéries políticas entre o distrito de Conceição de Ibitipoca (que está em processo de emancipação) e a prefeitura de Lima Duarte, os funcionários desta estavam receosos em dar informação acerca do município, alegando medo de sofrer algum tipo de retaliação.

Por motivos similares, o acesso aos dados relativos ao Cadastro de Produtor Rural da Secretaria de Estado da Fazenda de MG (regional Lima Duarte) foram negados. Já na Emater de Lima Duarte – cuja atuação em Ibitipoca é ainda incipiente – encontramos apenas algumas poucas análises de solo realizadas em 2006.

Em relação à questão fundiária, foram realizadas duas consultas ao Cartório de Registro de Imóveis, com vistas a investigar o histórico fundiário do Parque. Os arquivos do Instituto Estadual de Florestas também foram pesquisados, no sentido de se esgotarem as referências documentais-arquivísticas disponíveis na biblioteca do IEF acerca do Parque Estadual do Ibitipoca. Para ter acesso a tais arquivos, bem como garantir o direito de pernoitar dentro dele, registramos o projeto de pesquisa junto a esse órgão, conseguindo assim uma licença de pesquisa a partir de março de 2007. Os funcionários do IEF, a quem registramos os nossos agradecimentos, foram bastante receptíveis. Ao todo, foram consultados cerca de 320 documentos oficiais e reportagens acerca do histórico do Parque – material que embasa, principalmente, as análises do Capítulo 2.

Dentre as técnicas de observação e coleta direta de dados, foram aplicadas entrevistas e questionários semiestruturados em 30 propriedades rurais situadas no entorno do Parque – conforme veremos no Mapa 2.

Adotamos ainda uma pesquisa etnográfica no núcleo camponês, levando em conta o seu modo de vida, suas manifestações culturais e suas formas de organização social e espacial (Cap.2). O objetivo foi reconstruir, na medida do possível, a atmosfera social do período que precedeu a criação do Parque, analisando a mobilidade intergeracional do grupo pesquisado, suas estratégias e suas expressões de conformidade e/ou resistência.

Além dos 30 questionários, foram realizadas 33 entrevistas dirigidas baseadas no método história oral, com os respectivos procedimentos de validação dos instrumentos de pesquisa – já que a crítica dos dados requer a crítica dos instru-

mentos. A essas entrevistas foram somadas outras 10 realizadas anteriormente, quando da realização da monografia (BEDIM, 2005), totalizando 43 documentos orais e escritos produzidos como fontes primárias da pesquisa. Para a realização das entrevistas, utilizamos amostras intencionais¹⁴ – ou estratégicas, em que sujeitos foram cuidadosamente escolhidos em função de sua representatividade em face de algum episódio pesquisado. Para a reconstrução do processo histórico de criação do Parque, por exemplo, privilegiaram-se, logicamente, os mais velhos, aqueles que estavam vivos à época e que tiveram seu gado expulso das áreas de pastagem de uso coletivo – as memórias do campo a refletirem os domínios do espaço geográfico que se realizam no plano simbólico.

O objetivo, no caso, era de se extrair do depoimento individual as marcas do meio social em que o sujeito vive. Nesse sentido, são analisados não apenas os fatos narrados em si, mas as construções sociais e representações dos episódios contados, bem como as relações sociais que os procederam¹⁵ – refletimos sobre quem diz, por que diz ou deixa de dizer, e por que diz do jeito que diz.

Coube ainda ao pesquisador o rigor metodológico para que não se inclinasse por “armadilhas êmicas”, evitando assumir o discurso do outro como verdade, mas articular, contudo, as devidas precauções para não se tornar refém da narrativa alheia, no sentido de reconhecer que a oralidade – assim como a escrita – reproduz ideologias. Vale ressaltar que os relatos orais são versões, olhares sobre fatos ou processos, verdades temporárias do ponto de vista dos envolvidos (NEVES, 2000). Ademais, o pesquisador esteve cômico de que nesse processo (trans) criava um texto, uma representação da representação.

Isso significa que o pesquisador teve o cuidado de não se deixar levar pela narrativa dos sujeitos entrevistados, mas sim problematizou – e assumiu – a construção metodológica do trabalho, tendo em vista que, conforme Bourdieu (1998), o resultado é produto da nossa reflexão; o resultado não tem vida própria, ele não se produz sozinho, sendo que todo documento – oral ou escrito – tem um viés subjetivo. Assim sendo, a “objetividade” não está nesse ou naquele instrumento ou técnica, mas na forma com que o pesquisador trabalha os seus dados. A observância de tais pressupostos contribuiu para conferir estatuto de cientificidade à pesquisa oral aplicada aos nossos estudos.

Optou-se por não identificar nominalmente alguns entrevistados, mesmo aqueles que assinaram o termo de cessão dos direitos autorais e cujo depoimento oral possui relevância a título de documentação histórica específica (ex-prefeitos,

¹⁴ “Trata-se de um pequeno número de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas representam em relação a um determinado assunto” (THIOLLENT, 2003, p.62).

¹⁵ Conforme proposta metodológica de Paul Thompson (1992).

ex-administradores do Parque, etc.). Os demais entrevistados estão referenciados pela autoidentificação de seu exercício profissional, seguido da idade que possuíam quando da realização das entrevistas. Ex: (Lavrador aposentado, 79); (Agricultor, 92); (Agricultor e pedreiro, 28), etc.

AMOSTRAGEM, TRATAMENTO E COLETA DE DADOS

A condição para participação de uma propriedade rural na amostra é a sua caracterização como unidade camponesa de produção, respeitados os pressupostos teóricos apresentados por Chayanov (1974). A aplicação dos questionários se deu a partir do processo espacial aleatório, por meio de entrevistas diretas com os componentes das unidades camponesas de produção, onde foram aplicados 32 questionários – dos quais, dois foram descartados por não compreenderem os pré-requisitos da amostragem. A formatação das questões se deu a partir do escopo do projeto de pesquisa, de forma a abranger as suas hipóteses.

Em março de 2007, efetuou-se um trabalho de campo prévio de 4 dias, ocasião em que o pesquisador¹⁶ percorreu 100% das estradas que compreendem o recorte espacial adotado nesta pesquisa – abrangendo, pois, do arraial de Moireiras ao Mogol. Nesse campo de reconhecimento, foram definidos os critérios de amostragem, e ainda, equacionados fatores como segurança, custos da pesquisa, período mais favorável à coleta de dados e tempo disponível do pesquisador.

Como este é o primeiro trabalho acadêmico a focar as populações humanas do entorno rural do Parque¹⁷, e ainda, como o recorte da pesquisa abrange porções territoriais de 3 diferentes municípios, havia pouca informação prévia sobre o espaço que abrange o *buffer* delimitado (Mapa 1). Os dados setoriais dos censos do IBGE pouco adiantaram – já que a Serra de Ibitipoca, por ser um contraforte da Mantiqueira, se apresenta como elevação isolada cujo histórico de ocupação e uso destoa do contexto regional (Cap.2). Por suas características fisiográficas, é ainda monumento espacial configurador de fronteiras territoriais intermunicipais – tangencia 3 diferentes municípios (Figura 1).

A única informação preliminar a lançar luz sobre as propriedades rurais da área foi uma entrevista efetuada nesse campo prévio com um engenheiro

¹⁶ Talvez esse tenha sido um dos trabalhos de campo mais emocionantes. Não apenas pela tempestade de raios e granizo que surpreendeu, mas sobretudo pela riqueza de outros imprevistos – incluindo carro atolado, vacas avançando sobre o automóvel, anfíbios (pererecas) invadindo o veículo e uma série de peripécias inarráveis (rs.).

¹⁷ Antes, porém, uma pesquisadora (RODRIGUES, 2001) havia pincelado algumas pistas acerca da agricultura praticada em Ibitipoca. Contudo, sua pesquisa, apesar de interessante, se ateve ao perímetro “urbano” do arraial de Conceição de Ibitipoca.

agrônomo que já havia trabalhado na Emater de Lima Duarte. Confrontamos as informações levantadas com as observações que realizamos *in loco* e chegamos à estimativa de que, no recorte espacial, existam cerca de 80 unidades camponesas de produção. Por conseguinte, definimos uma amostra espacial aleatória que abrangesse cerca de 40% do universo total de unidades camponesas de produção circunscritas ao recorte espacial estudado.

Quanto aos bairros rurais, constatou-se que suas nomenclaturas popularmente reconhecidas e utilizadas pelos agricultores estão, via de regra, articuladas a topônimos específicos que traduzem características fisiográficas dessas áreas. Ex: Morro do Paiol, Várzea do Tanque, Grota do Canal, Córrego Dantas, Retiro das Pedras, Serrinha, etc. Mas há as zonas fisiográficas que, apesar de geograficamente distintas entre si, não possuem a toponímia correlacionada. Ex: Clementes (um bairro rural num terreno em forma de anfiteatro); Engenho (várzea); Ponte Alta (média encosta), etc.

Espacialmente, a amostragem abrange os seguintes bairros rurais listados a seguir. Entre parênteses, está o número de unidades camponesas de produção amostradas por zona fisiográfica, seguidas de sua respectiva localização geográfica em relação ao Parque:

- Moreiras (2, norte)
- Ponte Alta (2, noroeste)
- Serrinha (2, oeste)
- Fiscal (2, oeste)
- Tanque/Encosta (3, oeste)
- Tanque/Várzea (5, sudoeste)
- Clementes (1, oeste)
- Retiro da Pedra (2, oeste)
- Cachoeirinha (2, sudoeste)
- Córrego Dantas (1, sudoeste)
- Morro do Paiol (1, sul)
- Grota do Canal (1, sul)
- Andorinhas (2, sul)
- Engenho (2, sul)
- Mogol (2, sudeste)

A porção nordeste do entorno foi excluída da amostragem, por compreender uma área de difícil acesso (ver legenda acinzentada no Mapa 2) tendo em vista as res-

pectivas impedâncias ambientais que lhe tangenciam, representadas pelas escarpas abruptas que dividem os municípios de Lima Duarte e Bias Fortes. Além do mais, essa parte do entorno do Parque não possui estradas automotivas. A única opção seria percorrer suas trilhas a cavalo, o que, além de arriscado, despenderia muito tempo.

O tamanho das propriedades rurais amostradas oscila entre 0,5 e 108 ha, motivo pelo qual estabelecemos uma divisão de classes fundiárias de forma a alcançar 7 intervalos estratificados cujas frequências pudessem ser facilmente detectadas e, ainda, que representassem as eventuais regularidades espaciais via agrupamento das propriedades rurais afins (Tabela 11). Os detalhamentos da espacialidade inerente a essa estratificação serão desenvolvidos no Capítulo 4.

As coordenadas geográficas das unidades amostradas foram capturadas pontualmente via aparelho GPS, a partir da localização da casa-sede das propriedades rurais, assim como os 16 meios de hospedagem e estabelecimentos comerciais pesquisados. Após percorrer as unidades amostradas e coletar suas respectivas coordenadas pelo GPS, procedeu-se à categorização dos dados e à representação gráfica pontual das unidades pesquisadas. Foram confeccionados três mapas, todos concebidos pelo próprio pesquisador, muito embora o arranjo artístico tenha sido realizado por um desenhista, já que o autor possui limitações para manejar e combinar as cores que o tratamento cartográfico requer.

A altitude das unidades amostradas oscila entre 820m e 1400m, mas há pontos do recorte espacial da pesquisa que alcançam 1784 m – o Pico da Lombada, situado numa tradicional área de pastagem comunal de invernada do gado. A partir de 1973, foi incorporado ao território do Parque Estadual do Ibitipoca.

No total, foram realizados quatro trabalhos de campo entre os meses de março e agosto de 2007, totalizando 29 dias de permanência na Serra. Dentre os instrumentos utilizados para auxiliar a coleta de dados, destacam-se gravador digital; gravador analógico; automóvel; fitas cassetes; 02 diários de campo, máquina fotográfica digital; aparelho GPS; folhas topográficas; e doses conjugadas de paciência e coragem. Os dados das entrevistas e questionários foram, todos, coletados *in loco* pelo próprio pesquisador.

Os relatos orais, como produto de um método específico, só adquirem pleno sentido se devidamente esclarecidas as circunstâncias em que são criados, pela crítica das condições de obtenção dos dados. A princípio, deve-se compreender que a própria problemática, via de regra, é imposta pelo pesquisador e não pelo sujeito entrevistado – o que já compromete e aniquila a perspectiva de pretensa “neutralidade”; uma vez que o roteiro submete o entrevistado à estruturação de problemas que não foram criados por ele, podendo ocasionar respostas reativas (THIOLLENT, 1985, p.23).

Na situação de entrevista, privilegiou-se a memória do entrevistado. Entretanto, Alberti (1990, p.5) alerta que “a presença e a interação do entrevistador acrescentam-lhe outra(s) biografia(s) e outra(s) memória(s)”. Ademais, a possível distância social e cultural entre os universos do pesquisador e dos camponeses exige um esforço extra, bem como um questionário e uma linguagem acessível ao entendimento de ambos os universos. Assim, para que houvesse uma adequada interpretação das perguntas e respostas, entrevistador e entrevistado deviam conferir à pergunta a mesma significação e a mesma função¹⁸.

A confecção do roteiro, por sua vez, deu-se após visitas de campo preliminares. Os assuntos foram ordenados por temáticas, cujos tópicos correspondem às hipóteses da pesquisa, as quais foram indiretamente repassadas aos entrevistados, ora como temas abertos, ora sob a forma interrogativa, quando o questionamento fosse muito específico ou, eventualmente, para facilitar a verbalização.

A natureza das questões, o envolvimento do entrevistado no assunto, a contaminação das perguntas¹⁹, e a postura do entrevistador durante o processo de entrevista são apenas algumas das eventuais fontes de distorção submetidas à vigilância metodológica do pesquisador. Durante as entrevistas, há a busca pelo vernáculo, que é a fala espontânea, muito embora a entrevista seja um encontro de subjetividades e uma situação social artificialmente construída²⁰. O diário de campo apresenta o registro das condições em que as entrevistas ocorreram. A partir dessas considerações metodológicas, o propósito de salvaguardar a dimensão e a consistência do que é revelado constituiu o corpus lbitipoca por suas múltiplas versões.

Após coletados, os dados foram categorizados, agrupados em temáticas específicas e submetidos à análise. As entrevistas foram devidamente transcritas. No intuito de se evitar a transcrição caricata da fala dos atores rurais, procedeu-se ao seguinte critério: manutenção dos “erros” de concordância verbal ou nominal e correção/adequação ortográfica de eventuais “distorções” percebidas na pronúncia (Ex: “nós foi”) e, ainda, transcrição *ipsis litteris* de interjeições e/ou expressões regionais (Ex: “sô”; “ué”; “uai”; “divuçã”; “a gente conveve”; etc.) – salvaguardando, assim, os aspectos identitários observados na dinâmica oral sem, contudo, ridicularizar a linguagem dos agentes²¹.

Ademais, um fator a ser problematizado: o pesquisador foi e é um elemento exterior ao universo dos entrevistados, um componente a interagir temporariamente no cotidiano das comunidades rurais pesquisadas, um *outsider* socialmente

¹⁸ Bourdieu (1985b).

¹⁹ Segundo Thiollent (1985, p.32) “o efeito de contaminação consiste no condicionamento da resposta a uma pergunta em função das perguntas imediatamente anteriores”.

²⁰ Para mais aprofundamentos sobre a subjetividade da situação de entrevista, ver Bourdieu (1998).

²¹ Nesse sentido, ver proposta metodológica de Whitaker et al (2000) e, ainda, Bedim (2006b).

condicionado como tal. Nesse sentido, mais uma questão: Quais os eventuais desdobramentos locais da interação entre entrevistador e entrevistados? A princípio, acredita-se que a seleção de determinados sujeitos – em detrimento de outros – possa conferir-lhes um maior *status* dentro de determinada estrutura social, uma vez que, constatou-se, em Ibitipoca, a existência de “porta-vozes oficiais” – sujeitos historicamente privilegiados por pesquisadores e jornalistas, os que, via de regra, são entrevistados; aqueles que geralmente são apontados e reconhecidos pela maioria dos camponeses como “os que sabem falar”. Ademais, o fato de o pesquisador introduzir problemáticas nunca dantes levantadas pelos agentes entrevistados pode neles despertar reflexões – e quiçá futuras ações – acerca dos problemas suscitados pelo pesquisador.

Os agentes entrevistados compreendem tanto os moradores do arraial de Conceição de Ibitipoca quanto os camponeses do entorno do Parque. Tendo em vista a variedade populacional, os seguintes grupos (Gn) foram previamente estabelecidos:

G1 – O primeiro grupo compreende os camponeses remanescentes do antigo núcleo campesino, com idade igual ou superior a 60 anos e que, preferencialmente, não tenham envolvimento profissional com a atividade turística.

G2 – O segundo grupo é composto por proprietários de empreendimentos atrelados ao turismo, como meios de hospedagem, restaurantes, bares, etc.

G3 – O terceiro grupo compõe-se dos moradores entre 40 e 60 anos que trabalham direta ou indiretamente com o turismo.

G4 – O quarto grupo engloba as mulheres que trabalham direta ou indiretamente com o turismo.

G5 – O quinto grupo compreende os chamados “forasteiros” – moradores provenientes de outras regiões, estabelecidos em Ibitipoca e que trabalham com o turismo.

G6 – O sexto grupo abrange camponeses com idade entre 18 e 40 anos, com baixo grau de contato com os turistas.

G7 – Jovens abaixo dos 24 anos que trabalham com turismo ou agricultura.

G8 – Agentes com alguma representatividade política local (sujeitos ligados à AMAI, ao IEF, etc.).

O estabelecimento dessas categorias demandou um levantamento preliminar desse contexto socioeconômico e cultural, e foi conduzido de acordo com os objetivos expostos no escopo do projeto de pesquisa. Para minimizar as eventuais distorções relacionadas com as preferências pessoais do investigador para com os agentes amostrados, realizou-se uma sondagem prévia dentro das comunidades analisadas, onde os próprios moradores indicaram potenciais informantes. Uma vez separados em grupos estratégicos, a seleção se deu de forma aleatória dentro dos respectivos grupos que envolvessem o fator etário (G1, G3, G6 e G7). Nas demais categorias, a escolha se deu apenas pela representatividade social dos colaboradores quanto à temática a ser investigada.

PARTE I

INTERFACES TEÓRICAS

DA PESQUISA

...as teorias dos teóricos só revelam seu sentido (desde que o tenham) se encararam como tentativas ordenar o desordenado, simplificar o complexo, des-temporalizar o temporário – sendo o ordenado, o simples, o extra-temporal a “teoria”, e sendo o desordenado, o complexo, o ligado à história a experiência em que eles, como os habitantes de seu tempo e lugar, estão imersos.

Bauman, 1998, p.106



METAMORFOSES NO TEMPO: A HUMANA NATUREZA DA MATÉRIA EM MOVIMENTO

A mudança pode operar-se em nós num ritmo lento, mas nem por isso é menos contínua “no tempo e no espaço”: todos envelhecemos cada vez mais, todos fazemos parte de uma sociedade em evolução, e todos somos habitantes desta Terra que não para de se mover.

Norbert Elias, 1897-1990

1.1 FORÇAS PRODUTIVAS, ESPAÇO E MATERIALISMO DIALÉTICO

No curso da história, a condição de heterotrofia da espécie humana a levou a produzir os seus próprios meios de existência, sua vida material propriamente dita. Tal concepção histórica se fundamenta na modificação das bases materiais da natureza pela ação do homem, levando-o a se distinguir das outras espécies animais. Esse entendimento baseia-se nos escritos de Marx e Engels (1984, p.44) e é comumente denominado de materialista ou naturalista. A partir dessa acepção, têm-se duas “metamorfoses” que definem a própria história: i) A transformação da natureza exterior pelo homem; ii) A transformação do próprio homem pelo fato de ele criar suas próprias condições de existência transformando a natureza²².

Os desdobramentos dessas relações criadoras entre homem e natureza e a subsequente transformação da própria espécie humana no curso do tempo se dá a partir de um processo dialético, (re)criador, já que o homem cria o seu meio para si ao recriar a si mesmo. Essa *dialética da espécie natural* traduz-se no reconhecimento pelo homem de sua própria essência ao realizar as suas metas e materializá-las no espaço que o cerca e incorpora, produzindo-o e sendo produzido por ele. Por conseguinte, o fundamento da história é o próprio homem, toda relação humana e toda atividade humana a prosseguir com seus objetivos sobre a Terra.

Em suas práticas cotidianas, os diferentes indivíduos e grupos humanos se

²² “...a identidade entre o homem e a natureza aparece de modo a indicar que a relação limitada dos homens entre si condiciona a relação limitada dos homens com a natureza, exatamente porque a natureza ainda está pouco modificada pela história” (MARX; ENGELS, 1984, p.44).

territorializam por diversificadas formas de apropriação do espaço social, de forma simbólica e/ou material. Segundo Halbwachs (1990, p.133), “quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem”. Assim, as sucessivas interações entre os sujeitos sociais e a natureza material do espaço fazem com que vida e coisa se confundam – o próprio homem como matéria-espaço em movimento.

No curso do tempo, o espaço socialmente produzido é resultado do trabalho do homem a transformar a natureza e a si próprio, numa contínua interação que pressupõe diversificadas formas de apropriação da natureza pelo homem no fluxo do devir, imprimindo aos recursos naturais formas e conteúdos úteis à sua reprodução social. Nesse processo, o ser humano antropomorfiza a sua natureza externa (ambiente) e, por conseguinte, transforma a sua própria “natureza interna”.

A relação homem-natureza, assim, se dá a partir de *processos de trabalho*, cujo viés teleológico²³ confere à natureza a condição de objeto e meio de trabalho do homem. A apropriação e a transformação dos objetos (recursos naturais) visam, pois, à satisfação das necessidades humanas, processo pelo qual são produzidas riquezas.

Conforme Enrique Leff (2000, p.112), a apropriação dos recursos naturais por um dado grupo social se dá a partir da intersecção de um conjunto de valores culturais que definem e são definidos pelas práticas produtivas das diferentes formações sociais, abrangendo desde a significação social dos recursos naturais disponíveis – simbolização do ambiente de vida – incluindo ainda práxis de manejo e formas não convencionais de organização econômica. Assim, “a organização cultural de uma formação socioeconômica é um tecido de valores, de formações ideológicas, de sistemas de significação, de práticas produtivas e de estilos de vida, num contexto geográfico e num dado momento histórico”.

A cultura, por sua vez, orienta e é orientada pela forma de uso dos recursos, denotando diferentes sistemas sociais de relações de produção²⁴. Como exemplo, tem-se a racionalidade do uso dos recursos naturais por populações camponesas – subjugadas ao modo de produção e às ideologias e aparatos políticos dominantes

²³ A teleologia se refere à qualidade do homem em possuir consciência de seus atos, o que o difere, pois, das demais espécies do reino animal. Nesse sentido, os outros animais realizam atividades, mas só o homem trabalha (MARX; ENGELS, 1984).

²⁴ “Com a conformação do Modo de Produção Capitalista, as tendências dos processos ecológicos e culturais articulam-se, são assimiladas ou transformadas pela sobre-determinação que lhes impõe a racionalidade econômica de uso dos recursos. Neste sentido, é necessário articular o Materialismo Histórico com a Antropologia e a Ecologia, para estudar os processos de transformação dos sistemas ecológicos e culturais, através das práticas produtivas que induziu a exploração capitalista dos recursos naturais e da força de trabalho das diferentes formações sociais” (LEFF, 2000, p.107-8).

–, a engendrar a transformação das práticas sociais de apropriação e uso dos recursos e seus determinantes culturais²⁵.

Ao condicionar a relação entre os homens, o desenvolvimento das forças produtivas (re)produz realidades sociais e ambientais adversas. No cerne desse processo, o binômio tempo-espço expressa a interação de categorias que definem a influência mútua entre homem e natureza, no bojo de um movimento histórico socialmente condicionado.

Desde os tempos remotos, a agricultura é um dos estágios mais primitivos de intercâmbio material entre homem e natureza, cuja prática permitiu a fixação do homem à terra, em contraponto e complemento às práticas essencialmente itinerantes de coleta e caça dominantes até então²⁶.

Não obstante isso, Gonçalves (2004, p.26) observa que tais mudanças contextualizam a “revolução neolítica”, donde provém a oposição entre natureza e cultura, sendo a agriCULTURA um marco histórico a incorporar o espírito de dominação do homem sobre a natureza – fator que possibilitou o sedentarismo dos povos, o seu estabelecimento em determinados territórios e a subsequente dominação das paixões e instintos humanos a partir da formação das civilizações e dos mecanismos reguladores do Estado.

Nesse sentido, Costa e Moraes (1999, p.76) sublinham que a fixação de grupos humanos em determinadas áreas, via agricultura, alterou substancialmente a interação homem-natureza, inserindo mudanças *qualitativas ao nível das relações de trabalho* – tendo em vista que “a natureza, em particular nas chamadas sociedades agrícolas antigas, aparece agora não apenas como objeto de trabalho, mas principalmente como meio de trabalho, cuja maior expressão empírica é o próprio solo agricultável” (*ibid.*). Diante disso, tem-se um aumento da incorporação do trabalho humano ao seu espaço de vivência, incluindo o desenvolvimento de novas técnicas de cultivo, instrumentos de trabalho, domesticação de animais, etc., denotando, pois, aprimoramentos consideráveis na estrutura produtiva agregada ao solo.

Já Oliveira Jr. (1989, p.6) destaca que o surgimento da agricultura se deu a partir do momento em que os agrupamentos humanos reuniram “uma série de condições, historicamente suficientes, para tirar proveito das potencialidades de um meio natural determinado”. Os primeiros vestígios de práticas agrícolas, em ter-

²⁵ Para a análise de tais processos, Leff (2000) propõe a conjugação entre os aparatos teóricos do materialismo e suas interfaces dialógicas com diferentes ciências sociais, articulando, por exemplo, elementos da antropologia e ecologia para se atingir a “racionalidade econômica” de apropriação dos recursos naturais de um dado território.

²⁶ Oliveira Jr. (1989) destaca a não existência de uma sucessão de etapas que permitam precisar em qual período se deu a transição efetiva das atividades de caça e coleta à agricultura. Contudo, o autor pontua que tal transição tenha demorado aproximadamente mil anos para se efetivar.

mos arqueológicos, são datados aproximadamente em 10 mil anos, no máximo²⁷. Dentre os elementos que contribuíram para a consolidação da agricultura como prática social predominante, tem-se a sedentariedade – ou melhor, o desenvolvimento de uma economia sedentária de coleta intensiva – e a subsequente domesticação de espécies animais e vegetais (em especial, cereais). Uma vez esgotados os solos agricultáveis, as populações se viam induzidas a migrar para novas áreas de cultivo, quando, não raro, se deparavam com um meio florestal que era submetido ao fogo e à derrubada de novas matas, como forma de manejo *naturalmente cultural* dos recursos.

Ao encontrar formações florestais como ecossistema natural a ser transformado, as populações humanas intervieram até mesmo sobre florestas densas no intuito de abrir clareiras e assim permitir que os raios solares alcançassem a terra em que germinariam as sementes. Dessa forma, desenvolveu-se um *sistema agrário de florestas*²⁸ dirigido ao rendimento constante das lavouras a partir de técnicas de manejo que visavam à manutenção da fertilidade do solo – evitando-se a redução de sua biomassa. Contudo, a pressão demográfica crescente sobre essas áreas levou à progressiva degradação de sua capacidade de produção. Uma vez impossibilitadas de se reconstituírem, muitas florestas foram reduzidas a formações residuais, processo que marca o primeiro dilema ambiental da humanidade:

A luta daquelas sociedades contra a diminuição do rendimento das culturas se fez em detrimento da floresta. Houve uma extensão progressiva das plantas cultivadas para compensar a perda de fertilidade do solo. Com a diminuição do tempo de pousio, a floresta não pôde mais se reconstituir, degradando-se (OLIVEIRA JR. 1989, p.20).

Como se vê, o estabelecimento de conflitos envolvendo práticas agrícolas e a devastação dos recursos florestais advém de estágios anteriores ao desenvolvimento das sociedades diferenciadas, a partir de uma combinação de elementos que possibilitaram a emergência da agricultura como atividade indispensável à formação socioeconômica e territorial das primeiras civilizações.

Por conseguinte, inicia-se a organização social voltada para a produção material da vida rural e a diversificação das atividades produtivas em face da divisão social do trabalho no campo. Tal artifício permite a produção de excedentes, isto é, uma certa quantidade de produtos agrícolas além das necessidades imediatas das sociedades agrárias, portanto, disponíveis para a troca.

²⁷ O que, de certa forma, confere *status* de antiguidade à agricultura. Contudo, conforme pondera Oliveira Jr. (op.cit.), se levarmos em conta o tempo de existência da espécie humana (1 milhão de anos), a agricultura pode ser considerada um fenômeno relativamente recente.

²⁸ OLIVEIRA JR., Paulo H. B. A história da agricultura através do tempo. Rio de Janeiro: FASE/PTA, 1989.

Ainda hoje, o agricultor, o *sitiante* e o camponês são considerados agentes de intervenção direta sobre a natureza, cujas interações dialógicas são materializadas na relação homem-terra, não opondo e sim articulando o homem rural aos meios de que dispõe para produzir. E essa “produção” não se encerra em fins alimentares ou mercadológicos, já que bens simbólicos, ritualísticos, são igualmente produzidos. Uma vez transformada a terra, o homem também se transforma. Essa *reflexividade natural* não se desvincula da concepção dialética da história²⁹. A vida rural e a mercadoria são produzidas simultaneamente, estão envoltas por um mesmo processo. Mais que alimentos ou mercadoria, produzem-se espaços de vivência, relações sociais, regras de parentesco, sistemas de manejo. Produz-se um *ethos* camponês, *campesinidades*; produz-se a vida e suas contradições materiais.

A compreensão da dialética e da transformação da sociedade capitalista demanda o entendimento da história e do processo de acumulação e reprodução do capital no tempo e no espaço. A sociedade civil, para Marx e Engels (1984), se constitui a partir do condicionamento que as forças produtivas de períodos anteriores impõem às formas de intercâmbio entre os indivíduos e grupos sociais. O ser social humano, por sua vez, determina a sua consciência. A explicação dessa consciência se dá a partir das contradições da vida material, dos conflitos que envolvem as relações sociais de produção e as forças produtivas (*ibid.*).

Ao discorrer sobre o Materialismo Dialético, Marx não busca leis naturais e invariáveis, pois, segundo ele, todos os fenômenos sociais, todas as chamadas leis da sociedade são produtos da ação humana e, portanto, podem ser transformados por essa ação. Não são leis eternas, absolutas ou naturais, são leis que resultam da ação e da interação, da (re)produção da sociedade pelos indivíduos e, portanto, podem ser transformadas pelos próprios indivíduos. Conhecidas essas leis históricas, é possível examinar detalhadamente as consequências por meio das quais elas se manifestam em determinado período histórico da vida social, produzindo e sendo produzidas no e pelo espaço geográfico.

Marx, ao elaborar a concepção materialista da sociedade, parte das seguintes premissas:

1ª) Não há separação entre sociedade e natureza. Os seres humanos são parte do mundo natural, base real de todas as suas atividades. A produção e a reprodução da vida material, pelo trabalho e pela procriação, são assim relações ao mesmo tempo natural e social.

2ª) Marx parte de uma concepção naturalista, vitalista e não de uma metafísica. Para se manterem vivos, o homens têm que se alimentar, construir abri-

²⁹ Conforme observa Ianni (1985, p.35), para Marx a historicidade é dada a partir da confrontação dialética entre as relações de produção e o desenvolvimento das forças produtivas, sendo que “a historicidade do regime capitalista não é aquela que aparece na sucessão temporal, ou cronológica, dos acontecimentos, relações, processos ou estruturas”.

gos, roupas, sem os quais não poderiam existir. Para tanto, eles se associam a outros homens, daí o motivo pelo qual Marx não separa o indivíduo da sociedade.

3ª) A relação entre a sociedade e a natureza é um intercâmbio que se desenvolve historicamente por meio do trabalho humano e que, ao mesmo tempo, cria e transforma as relações entre os seres humanos. A (re)produção da vida material, por sua vez, se dá pelos *processos de trabalho* (MARX, 1980).

Nos textos de Marx (1974; 1980) tem-se a ideia de uma contradição entre as forças produtivas e as relações de produção como condutoras da dinâmica do modo de produção capitalista. Essa contradição explicaria a existência da história como uma sucessão de modos de produção, já que leva ao colapso necessário de um modo de produção e a sua consequente substituição por outro. A bipolaridade forças produtivas/relações de produção está por trás de qualquer modo de produção e subjaz a todo o conjunto de processos sociais e não apenas aos processos econômicos. Essa interdependência entre forças produtivas e relações de produção é descrita de modo sintético pelo próprio Marx (1974) na *Contribuição à Crítica da Economia Política*³⁰. Isso significa dizer que as relações de produção condicionam o desenvolvimento das forças produtivas. Essas, por sua vez, reagem sobre as relações de produção, de forma que o efeito das relações de produção nas forças produtivas é multiplicado ao passo que o efeito das forças produtivas sobre as relações de produção é atenuado. Isso se explicaria pelo fato de que a racionalidade humana tende a buscar os meios de superação das limitações das forças produtivas. No caso específico de Ibitipoca, isso foi exposto a partir do entendimento de que o turismo representa um acréscimo de novas formas de racionalidade ao processo produtivo com vistas à ampliação dos meios de subsistência e como impacto de movimentos mais amplos da expansão do capital. Uma espécie de efeito demonstração da assimetria entre relações de produção e forças produtivas que é o alicerce dessa abordagem teórica.

³⁰ "Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção, essas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais.[...] O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral da vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência.[...] É preciso explicar essa consciência a partir das contradições da vida material, a partir do conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção" (MARX, 1974, p.135).

TABELA 1
Mudanças qualitativas ao nível das forças produtivas, de acordo com
as atividades econômicas pesquisadas na Serra de Ibitipoca

| Agricultura | Turismo |
|--|--|
| Material | Imaterial |
| Fertilidade | Atratividade |
| Setor Primário | Setor Terciário |
| O solo agricultável como força produtiva | A dimensão estética da paisagem como força produtiva |
| Produção diretamente ligada ao tempo cíclico/ maior interdependência de fenômenos naturais | Produção de serviços vinculada a ritmos diferenciados da experiência do tempo (seriado). Esfera produtiva engendrada pelo uso do tempo de não trabalho |

Elaboração: Bruno Bedim (2010)

Por conseguinte, o conceito de forças produtivas de Marx abrange a força de trabalho e os meios de produção, o que inclui o próprio espaço geográfico. O desenvolvimento das forças produtivas então tem relação direta com os fenômenos histórico-geográficos do desenvolvimento econômico, científico e tecnológico, etc. Podemos dizer que, para Marx e Engels (1984), as condições materiais condicionam as demais relações sociais e que, para viver, os homens têm de inicialmente transformar a natureza. Nesse sentido, o estudo do espaço geográfico pressupõe, como ponto de partida, o conhecimento das relações sociais que os homens estabelecem entre si para utilizar os meios de produção e transformar a natureza e a si próprios.

No curso do tempo, o espaço socialmente produzido é resultado do trabalho humano a transformar a natureza e a si próprio, numa contínua interação que pressupõe diversificadas formas de apropriação da natureza pelo homem no fluxo do devir, imprimindo aos recursos naturais formas e conteúdos úteis à sua reprodução social (SANTOS, 1985). A relação homem-natureza, nessa perspectiva, se dá a partir de processos de trabalho, cujo viés teleológico confere à natureza a condição de objeto e meio de trabalho.

Como visto, as condições materiais condicionam as demais relações sociais e que, para viver, os homens têm que, a princípio, transformar a natureza. No contexto que envolve a interface entre a agricultura e o turismo no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca, tal composição pode ser exposta a partir do entendimento de que o turismo representa um acréscimo de novas formas de racionalidade ao

processo produtivo – a inauguração de novas modalidades de intercâmbio material entre homem e natureza. Nesse sentido, **a dimensão estética da paisagem afirma-se como força produtiva, já que a atratividade das formas naturais se apresenta como fator histórico-geográfico de desenvolvimento econômico e social.** O turismo, por sua vez, é uma forma de intercâmbio material entre homem e natureza, o qual, se comparado com a agricultura, altera substancialmente tal interação ao inserir *mudanças qualitativas ao nível das relações de trabalho*, tendo em vista que a natureza preservada se configura como um importante atrativo turístico (BEDIM, 2008). Diante disso, tem-se uma nova forma de incorporação do trabalho humano ao espaço.

As forças produtivas verificadas em Ibitipoca não apenas intervêm como recriam modos de organização social. Turismo e agricultura, como esferas produtivas diferenciadas, suscitam a coexistência, a (des)integração ou a superposição de distintas formas de relações de produção, engendrando e acentuando desigualdades a partir dos diferenciados ritmos de desenvolvimento.

Da articulação produtiva que define a prestação de serviços diretos ou indiretos ligados ao turismo às formas mais elementares de interação entre o homem e a terra (o camponês e seus meios de produção), eis as esferas produtivas que compõem o atual conjunto histórico de Ibitipoca, contexto permeado por permanências e mudanças, diferenças e contradições.

Fenômenos sociais, costumes, espaços, indivíduos e grupos humanos possuem ritmos diferenciados de transformação na história, assim como a formação econômico-social que os envolve. Daí a necessidade – e o desafio – de se transcender à análise sincrônica do caso Ibitipoca.

Por sua vez, a Serra de Ibitipoca abrange uma multiplicidade de tempos, da qual nós só registramos alguns fragmentos e onde os diferentes eventos são produzidos não apenas pelas demandas do tempo presente e, sim, pela co-ação de um passado que se atualiza, resiste, coexiste. A nossa práxis interpretativa, por sua vez, pode apoiar a releitura dos “vestígios históricos” de uma memória relacionada às várias inserções sociais e espaciais dos diferentes sujeitos com os quais lidamos em nossas pesquisas. O entrelaçamento entre memória, espaço e sociedade, assim, articula elos capazes de tornar os homens sujeitos de seu tempo.

Tais consignações movem o nosso esforço metodológico no sentido de situar a produção do “espaço turístico” no fluxo do devir – já que a determinação do tempo, assim como os processos de produção do espaço, têm funções sociais precisas. Tanto o tempo quanto o espaço não independem da realidade humana: a produção do espaço turístico é, pois, construção das representações humanas no

curso do devir. A partir da problematização dos “tempos da pesquisa”, podemos interpretar as transformações observadas em Ibitipoca, situar quadros de referência na história e, ainda, descrever e analisar as mudanças que o fenômeno turístico confere ao lugar, compreendendo os seus antecedentes, as suas condições e as possíveis tendências de seu desenvolvimento.

Por sua vez, o turismo em Ibitipoca traduz a relação dialética entre ciclo e série a partir da experimentação de ritmos diferenciados de tempo, já que, assim como o tempo cíclico-sazonal do universo camponês, o tempo do turismo é permeado pela sazonalidade da demanda – uma vez que ela se distribui irregularmente no tempo, concentrando o fluxo de turistas em determinadas épocas do ano. A marcação do tempo, na agricultura, advém do ciclo das lavouras temporárias, das invernadas do gado, da rebrota das pastagens. A marcação do tempo, no turismo, se atrela diretamente ao calendário urbano-industrial, ao tempo de não trabalho do turista, à incidência de feriados prolongados e ao ritmo da esfera produtiva nas grandes metrópoles.

Para o camponês, contudo, um feriado nacional pode não significar muita coisa. Suas tarefas diárias nem sempre são diretamente afetadas pelo calendário nacional, salvo quando se trata de um dia santo que envolva algum ritual ou crença do catolicismo popular. Mas o próprio calendário litúrgico pode sofrer alterações³¹ para se adequar ao ritmo cíclico que permeia o universo camponês. Eis um exemplo constatado: No calendário católico convencional, o dia de Santa Cruz é celebrado no mês de agosto. Em Ibitipoca, contudo, a data foi realocada para maio, coincidindo assim com a época da florescência da macela, a qual era coletada pela população rural nos campos de altitude da Serra – local onde o Terço de Santa Cruz é rezado³². Maio é também o mês que marcava o fim do período de invernada do gado nas pastagens extensivas das terras devolutas da Serra, quando os *sitiantes* da região recolhiam o gado de volta às suas respectivas propriedades rurais.

Ao camponês de Ibitipoca, de pouco importa, por exemplo, o dia mundial do trabalho, 1º de maio. Via de regra, esse agricultor desconhece catraca/ponto eletrônico ou quota de produtividade diária. Ele é seu próprio patrão e determina o seu tempo de trabalho na terra. O 1º de Maio para o camponês de Ibitipoca é um dia como outro qualquer, em que é preciso alimentar os animais, aguar as plan-

³¹ “As regularidades da natureza e as regularidades da religião combinam-se em função do trabalho rural, da atividade humana sobre a natureza. Cada passo do primeiro ciclo é referido aos momentos do segundo, em explicando o outro” (MARTINS, 1974, p.28).

³² Em 1973, toda essa área foi transformada em Parque Estadual; os usos tradicionais que a população local tinha desses campos de altitude foram proibidos pelo Estado.

tas, apanhar lenha, consertar cercas ou pastorear o rebanho³³. O leite no úbere das vacas não pode esperar o feriado passar, sob pena de prejuízos. Ao contrário do tempo de não trabalho dos turistas, o cotidiano camponês, assim, é relativamente independente do calendário convencional de uma metrópole ocidental, ou ainda, mais especificamente, do país.

Tais constatações revelam não apenas o quão significativo é a religião para a cultura camponesa, bem como reforçam a crença do homem rural nos “poderes sagrados” da natureza e sua respectiva devoção a elementos marcantes da paisagem natural – tal qual o Paredão de Santo Antônio, o Morro do Cruzeiro e o Pico do Pião, em Ibitipoca.

1.2 IMAGENS DO TEMPO



Situado nas dependências do Parque Estadual do Ibitipoca. Construído sobre uma Rosa dos Ventos, seu tempo cósmico é marcado por fatores naturais, como as estações do ano, a inclinação da Terra e os ângulos de incidência dos raios solares sobre o seu ponteiro. Tal mecanismo de medição do tempo possui estatuto de antiguidade, sendo proveniente das mais remotas civilizações. O relógio equinocial metaforiza, aqui, a memória do espaço como um processo social representado imagetivamente, captando a confluência dos tempos históricos que permeiam os fenômenos observados na Serra de Ibitipoca.

FIGURA 2 – Relógio Equinocial - Foto: Bruno Bedim, março/2007.

³³ Entre 24 de abril e 06 de maio de 2007, efetuamos trabalhos de campo em Ibitipoca, quando foram produzidas tais observações. Ao camponês de Ibitipoca, o dia mundial do trabalho (1º de maio) pouco altera sua rotina, ao passo que, dois dias seguintes a essa data – 03 de maio, quando é celebrado o terço de Santa Cruz, na Serra – suas atividades são parcialmente paralisadas em respeito ao dia santo.



FIGURA 3 – Viagens no tempo - Foto: Bruno Bedim, maio/2007.

Um grupo de turistas observa a sombra projetada pelo ponteiro do relógio equinocial numa manhã de outono. Em Ibitipoca, esse instrumento de medição do tempo capta o tempo cíclico e o informa, em termos seriados, aos visitantes do Parque, os quais estão em gozo de seu tempo de não trabalho e, dialeticamente, determinam o tempo de trabalho da população rural local que lhes presta serviços diversos. O turismo, assim, altera o uso e o sentido do tempo camponês à medida que as inovações nos mecanismos de comunicação e transporte reduziram as distâncias globais, sob signos de modernidade a imprimir velocidade ao tempo.

Plantado sob a técnica milenar da coivara, no mês de fevereiro, durante a lua crescente, e dias antes do início da quaresma. Diretamente ligado ao tempo cíclico, o seu plantio se dá entre fevereiro e março – aproveitando-se as últimas chuvas do verão –, para ser colhido em junho ou julho e, assim, abastecer a família camponesa nos períodos de seca. Entorno sul do Parque. Tais ritmos diferenciados da experiência do tempo estão atrelados às relações sociais de produção, mesmo que se tratem de esferas produtivas engendradas pelo uso do tempo de não trabalho, tal qual é o tempo apropriado pelo lazer e o turismo na contemporaneidade.



FIGURA 4 – Roçado de feijão-da-seca
Foto: Bruno Bedim, abril/2007.

Para Chayanov (1974), é o camponês quem determina por si mesmo a intensidade e o tempo de seu trabalho, sendo que as relações sociais de produção local influenciam a sua produtividade e a sua remuneração, e que a exploração da unidade familiar de produção está diretamente vinculada ao tipo de atividade e cultivo realizados, e ao tempo-espaco em que ela se insere. Nessa perspectiva, a parte do tempo de trabalho que o camponês dispõe nas atividades de manutenção de sua unidade de produção é essencial no processo de compreensão da diferenciação demográfica da unidade econômica camponesa (a correlação entre o tamanho da área que se dispõe para trabalhar e o tamanho da família).

Uma interpretação possível do “tempo camponês” permite-nos deduzir que tais pressupostos estão vinculados ao reaparecimento regular de certos modelos sequenciais, como os ciclos das estações do ano, em que representações simbólicas são menos dependentes do tempo do relógio e os acontecimentos do cotidiano rural servem como quadro de referência – diferindo, pois, dos quadros temporais urbano-industriais dos turistas.

Os processos sociais de produção do espaço têm no tempo o seu pressuposto fundamental, daí a importância da dimensão histórico-temporal nesta pesquisa, já que busca-se em períodos precedentes ao turismo a explicação para muitos dos fenômenos que compõem o conjunto histórico em questão. Isso, porém, não implica dizer que os arranjos atuais sejam explicados simplesmente pelas condições do passado, já que um mesmo componente do espaço pode possuir diferentes significados no decurso do tempo.

O binômio tempo-espaço, nesse sentido, pode situar a produção do espaço da Serra de Ibitipoca no fluxo do devir, já que tanto o tempo quanto o espaço não independem da realidade humana. Segundo Elias (1998), aliás, a determinação do tempo tem funções sociais precisas. E, se o sujeito não se apresenta sozinho diante do mundo, pode-se conceber a produção do espaço como construção das representações sociais humanas no curso do tempo – já que somos, pois, apenas um prolongamento não planejado de sociedades anteriores à nossa. Assim, os fenômenos sociais presentes e futuros só podem ser compreendidos e explicados a partir de remissões às estruturas das sociedades do passado.

Sendo assim, tem-se como pressuposto que o turismo na Serra de Ibitipoca:

- i) É um processo de intervenção social que se estende por um dado espaço de forma não planejada e não intencional, produzindo-o e transformando-o, a partir de uma sucessão estruturada de mudanças no curso do tempo. Sendo assim, a atividade turística pode até ser planejada, mas os processos sociais derivados dela não o são – escapando, pois, ao controle humano imediato;
- ii) Afigura-se na especificidade dos mecanismos históricos e sociais de produção do espaço analisado.

Para os propósitos desta pesquisa, não basta, pois, reconstruir a atmosfera de um outro tempo que se faz presente. Sendo assim, não serão retratados apenas dois fragmentos de Ibitipoca (antes do turismo e a partir de sua gênese), mas sim o padrão de interdependência do “presente” eminentemente “turístico” em relação a um “passado” predominantemente “camponês” que ainda está atuando sobre os espaços, indivíduos e grupos.

As demandas das populações urbanas em visitar as áreas naturais protegidas contraditoriamente expressam a própria dualidade homem-natureza, em que a busca por imagens nostálgicas relacionadas a esses destinos turísticos representa

a busca pelo “*paraíso perdido*” no imaginário ocidental, em contraposição à degradação da qualidade de vida nos grandes centros urbanos. Assim, novas demandas sociais induzem à procura por “refúgios naturais” como alternativa à fuga do cotidiano das metrópoles, sendo que a especificidade do “mundo natural” é definida em oposição à imagem da civilização e suas representações construídas a partir de olhares “civilizatórios” sobre o “selvagem”. Na contemporaneidade, sob tal perspectiva dicotômica, o turismo em áreas naturais protegidas recolocaria o indivíduo em contato com o *paraíso perdido*, materializando – e vendendo – a ideia do retorno às origens humanas. Contraditoriamente, busca-se na idealização do “natural” as respostas para muitos dos dilemas civilizatórios.

Assim como nas demais esferas produtivas da sociedade, no contexto turístico assiste-se ao poder de intervenção da indústria cultural ao especular ideologicamente sobre as massas. O espaço funcional ao turismo, uma vez imerso e apropriado por tais mecanismos, torna-se rele mercadoria cujo uso se orienta no sentido de sua valorização, donde os detentores de poder articulam novas possibilidades de se efetivar a acumulação do capital³⁴. Nesse processo, segundo Theodor Adorno (1967), o consumidor não é sujeito da indústria cultural, mas antes o seu objeto. A adaptação das massas a tal contexto as relega a um fator secundário no cálculo do sistema.

Consequentemente, tem-se a estandardização dos lugares turísticos, a racionalização das técnicas de atendimento ao turista e prestação de outros serviços pessoais³⁵; padrões mass media na divulgação de diferentes destinos. Nos domínios da “economia psíquica das massas” (ADORNO, 1967), a indústria cultural traduz-se como elemento de mentalidade dominante, reduzindo, por exemplo, a Serra de Ibitipoca ao seu apelo estético – espaço assimilado, fetichizado e produzido a partir de uma lógica externa a ele –, a Serra formatada e “empacotada” a partir da “precisão fotográfica” dos anúncios que divulgam e vendem o *produto Ibitipoca*.

Nessa perspectiva, os espaços funcionais ao lazer e ao turismo são incorporados ao mundo da mercadoria e se transformam em objeto de especulação – não se desvinculando, pois, dos processos produtivos – uma vez que o capitalismo, segundo Lefebvre (2003), não se limita a integrar o espaço preexistente a partir de sua própria extensão. Ao contrário, o sistema cria setores novos, produz e vende lugares novos, os quais se inserem na sua expansão: “o espaço inteiro torna-se o lugar da reprodução das relações de produção” (ibid., p.24).

Sendo assim, tem-se o “consumo do espaço” como expressão contraditória

³⁴ Deve-se destacar que, conforme Adorno (1967) num dado momento de seu desenvolvimento, a indústria cultural se vê absolvida da necessidade de perseguir o lucro para o qual nasceu.

³⁵ “Hoje como ontem a indústria cultural consiste em “serviços” a terceiros e assenta a sua afinidade com o velho processo de circulação do capital – com o comércio – de que se origina” (ADORNO, 1967, p.2).

de tal processo, à medida que as cidades estendem os seus “tentáculos” até as mais remotas áreas – produzindo, assim, os lugares funcionais ao lazer e ao turismo. Por conseguinte, tem-se a conjugação entre a ordem do espaço e a ordem do tempo; as relações de propriedade e a existência das “contradições do espaço”, submetendo assim a apropriação pelo uso aos termos da troca.

Como contraponto à massificação dos espaços turísticos, novas modalidades emergiram nas últimas décadas, a partir da necessidade de se buscar novas alternativas ao uso do tempo livre. Nesse contexto, a visitação pública em Unidades de Conservação vem se destacando como opção para a prática do turismo em áreas naturais – muitas vezes confundido com o chamado “ecoturismo”³⁶ – produzindo modalidades que, eventualmente, se traduzem em segmentos de mercado³⁷.

Num contexto de transformação dos meios de produção – como observaremos na Serra de Ibitipoca – tal aspecto de organização social não poderia ser desconsiderado. Com a crescente exposição das belezas da Serra na mídia nacional, aquece-se o processo de especulação imobiliária, que por sua vez traz novos significados e configurações àquele espaço: se antes o poder estava associado à posse de terras férteis e agricultáveis, com o turismo outros parâmetros de poder e valorização da propriedade rural emergem; as unidades fundiárias que possuem os melhores atrativos turísticos, bacia visual panorâmica ou localização estratégica exponenciam o seu preço³⁸. Terrenos de alta declividade dantes

³⁶ O Embratur – Instituto Brasileiro de Turismo – define que o “Ecoturismo” consiste num “segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas”. (BRASIL, 1994). Esse modo de praticar o turismo vem apresentando o maior crescimento nos últimos tempos, aumentando assim a demanda por destinos que contemplem áreas naturais protegidas. Paulo dos Santos Pires (2002, p.126), contudo, expõe as discrepâncias que envolvem as apropriações do termo “ecoturismo”: “As controvérsias sobre a correta utilização da terminologia e a interpretação de seu significado são amplamente constatadas, a começar pelo próprio meio acadêmico, até porque, muitas vezes, é nele que os conflitos e problemas gerados na dinâmica dos acontecimentos e na profusão de realidades que os envolve vão desembocar, em busca de respostas e orientações supostamente isentas e soberanas”.

³⁷ O chamado “turismo alternativo” emergiu como contraponto ao turismo convencional de massas. Suas variantes comportamentais e mercadológicas insurgiram como novas modalidades de turismo nos últimos 40 anos. Pires (2002) registra a existência de, ao menos, 60 terminologias diferentes para denominar o chamado “turismo alternativo”. Já entre as denominações que se propõe a classificar o turismo com enfoque na natureza, na sustentabilidade e na conservação ambiental, têm-se 33 termos, dentre eles: Turismo Sustentável, Turismo Ecológico, Ecoturismo, Turismo na Natureza, Turismo Ambiental, Turismo Eco-rural, Turismo Verde, etc. As observações de Pires (2002) e Beni (2002), contudo, apontam que a definição e o uso de tais termos ainda não atingiram um mínimo consenso acadêmico desejável, sendo comuns confusões e generalizações na apropriação de tais nomenclaturas.

³⁸ Assim é descrita a especulação fundiária, nas palavras de um entrevistado camponês: “Mas o turismo nessa parte ajudou muito, desenvolveu muito. E por aqui valorizou muito as terra, Nossa Senhora – a terra está num valor doido aí” (lavrador aposentado, 79).

desprezados por serem pouco favoráveis à atividade agropecuária de repente são sobrevalorizados a partir de uma demanda externa à população local³⁹.

Num *microcosmo* chamado Ibitipoca, as contradições engendradas pela reestruturação da esfera produtiva, por um lado, indicam a ascensão a um estágio não agrícola, de prestação de serviços pessoais, ao passo que resistem, simultaneamente, resquícios das formas de vida social geradas num período anterior – constituindo, tais contradições, uma mesma unidade, um mesmo processo. Tais movimentos, tais transformações, remontam às engrenagens da modernidade e seus desdobramentos. É possível que essas constatações, de certa forma, remetam à perspectiva lefebvriana, segundo a qual o tempo de reprodução do capital e seus desdobramentos sociais induzem ao embaralhamento do tempo na modernidade.

Essa confluência de tempos a um só tempo articula, num único processo, pares de elementos aparentemente contraditórios como rural/urbano, velho/novo, natural/cultural, atraso/progresso, etc. Nessa acepção, o rural e o urbano se interceptam e se complementam; o velho se atualiza e com o novo coexiste; o natural é culturalmente produzido e o cultural naturalmente recriado; o atraso compõe e produz o moderno como componentes de um mesmo movimento processual.

1.3 CONFLITOS NO PARAÍSO DO IMAGINÁRIO OCIDENTAL

Eu quero conhecer um paraíso inteiro e uma Terra inteira.
(Henry Thoreau, 1817-1862)

A relação homem-natureza e seus significados acompanham a humanidade desde os seus primórdios. As diferentes acepções sobre o mundo natural, por sua vez, variam de acordo com as tendências históricas e os respectivos contextos sociopolíticos de cada tempo e espaço. Da Grécia Antiga à contemporaneidade, do Alcorão ao Novo Testamento, de Engels a Carlos Drummond de Andrade, a busca pelo sentido da natureza desafia pensadores de diferentes eras.

Em Descartes (1973), por exemplo, tem-se o esboço de uma visão antropomórfica do tema, uma vez que a concepção da natureza se dá a partir de suas exterioridades – um sistema de leis sem orientação mas capaz de manter o equilíbrio do universo. Concebida à imagem e semelhança de Deus, a natureza e seus dons (leis) estabelecem uma conservação da “ordem cósmica” entre os diferentes

³⁹ Somando-se a esse contexto o fato de que a porção de terreno agricultável para cada família se encontrava cada vez menor em função das partições fundiárias decorrentes de parcelamentos de caráter hereditário, parte da população local não vislumbrou outra opção senão lotear suas terras e vendê-las para quem intencionava estabelecer empreendimentos turísticos ou construir casas de veraneio na Serra.

elementos que a compõem. Para Merleau-Ponty (2000, p.4), o “natural” é o não construído, o não instituído, o que sustenta um sentido sem, contudo, que esse sentido seja atribuído pelo pensamento: “A natureza é um objeto enigmático, um objeto que não é inteiramente objeto; ela não está inteiramente diante de nós. É o nosso solo, não aquilo que está diante, mas o que nos sustenta”. Dessa forma, a relação homem-natureza era concebida como *fenômeno da história natural*.

Ao longo da história ocidental, o entendimento humanista do “mundo natural” propicia ao homem – numa ilusão emancipatória – se apartar da natureza: negando sua condição animal torna-se *sujeito*, o “ser pensante”, enquanto que o mundo, o seu *objeto*. O pensamento kantiano se destaca nessa corrente, em oposição à concepção cartesiana: nesse sentido, a natureza não é mais construída ou ordenada por Deus, e sim, pela razão humana. O universo “natural”, a partir daí, é reordenado à maneira antropocêntrica. Tal viés gera uma estranha dicotomia, posto que o ser humano integra o próprio meio “natural” e com ele coexiste. Para Kant, a natureza e o espírito humanos são distintos, sendo a natureza aquilo que o homem pode apreender.

Entre os séculos XVII e XX, muitas sociedades endeusaram os avanços tecnológicos como mecanismos de ampliação das formas elementares de dominação do homem sobre a natureza. Dessa época, cabe ressaltar que a revolução científica, a crença no “progresso” e seus respectivos valores antiecológicos são apontados como a principal causa da degradação ambiental do planeta. Em certo sentido, a natureza é aqui vista como produto e condição do desenvolvimento humano (FOSTER, 2005).

Em meados do século XIX, contudo, acentuam-se os pontos de vista antianthropocêntricos – com destaque para o darwinismo emergente e sua respectiva “revolução evolucionária” – criando assim os alicerces teórico-ideológicos da ecologia moderna. Na concepção evolucionista, a natureza seria anterior ao homem, pois a partir da “evolução natural” dos organismos vivos é que o *Homo sapiens* tomaria um lugar na existência. Ao afirmar, em 1871, que homem e chimpanzé descendiam de um ancestral comum, Charles Darwin escandalizou o mundo, já que a humanidade, desde a Antiguidade Clássica, cultivava uma concepção do homem como ser distinto, superior em relação aos demais. No Renascimento, essa concepção antropocêntrica é retomada e mesclada aos ideais cristãos. A cultura judaico-cristã reafirma o homem como ser superior aos demais, haja vista que, na Sagrada Escritura, especificamente na narrativa da criação do mundo expressa no Gênesis, o homem é posto como coroa da criação – a última criação divina. Nessa condição, o homem não está preso a uma forma, ele pode ser o que ele quiser ser, em destaque.

Dos arautos da modernidade, emerge a visão romântica sobre o mundo natural, contexto que levou um dos fundadores do ambientalismo moderno, Henry Thoreau⁴⁰, a exprimir suas sensações conflitantes em relação à coexistência do “selvagem” e do “social”, já que a preservação do mundo estaria na “natureza bravia”, virgem. Tem-se, na sequência, a representação idílica de um mundo preenchido com florestas inóspitas e selvagens; matas primitivas e sua atmosfera sagrada; topografias sobrenaturais⁴¹ e seu apelo paisagístico como um contraponto à civilização ocidental e sua crescente industrialização.

Aquela era a terra da qual ouvimos falar, feita de caos e noite antiga. Ali não havia jardim [cultivado pelo] homem, e sim o globo virgem. A matéria vasta e terrível. [...] É inútil sonhar com a rusticidade distante de nós. Isso não existe. O que inspira tal sonho é o charco que há em nosso cérebro e em nossas entranhas, o vigor primitivo da natureza existente em nós (THOREAU *apud* SCHAMA, 1996, p.566-573, *passim*).

Percebe-se, em Thoreau, a tentativa de “naturalizar” o homem recolocando-o em contato com o mundo natural – pensamento que alicerçou a criação de muitos parques urbanos no século XIX. Ora, se era necessário aproximar o homem da natureza para assim estimular os seus instintos primitivos, isso quer dizer que o homem, por si só, não constituía a própria natureza?

A incompatibilidade entre história e natureza⁴² no discurso de Thoreau é evidente, já que, segundo esse representante da primeira geração de ecologistas, a civilização amansa e subjuga o “mundo natural” ao lidar com ele. Nessa conjuntura histórica, avigoram as demandas sociais pela criação de áreas protegidas, uma vez que visitar a “natureza selvagem” seria um *antídoto* para os venenos da sociedade industrial (SCHAMA, 1996). Por conseguinte, paisagens idílicas deveriam ser contempladas pelas populações urbanas como forma de atenuar a emergente “alienação metropolitana”. Nesse contexto, era importante evitar que a “pureza natural” dos parques estivesse “contaminada” pela exploração social da natureza praticada pelas sociedades ocidentais. Ademais, conforme destaca Merleau-Ponty (2000), o legado da cultura judaico-cristã confere conotação sagrada (paraíso) aos espaços inalterados pelas mãos do homem, o que explica o fato de os primeiros parques públicos urbanos serem concebidos como “um pedaço de terra criado pela imaginação oci-

⁴⁰ Referência ao diário de Henry David Thoreau, manuscrito em 1856 e citado por Schama (1996).

⁴¹ “A natureza é mágica” – já afirmava Thoreau.

⁴² Nesse sentido, Schama (*op.cit.* p.567) pontua que “Thoreau achava necessário reprimir seus sentimentos conflitantes em relação à coexistência do selvagem e do social. A postura profética da primeira geração de ecologistas, sobretudo na América, exigia que se rejeitasse a ambiguidade como uma nódoa moral. Como todos os revolucionários, eles exultavam ao ver o mundo de pernas para o ar, ao proclamar a cultura rameira e natureza virgem”.

dental: um pequeno espaço fértil no qual nossa cultura visualizou suas matas, águas e rochas, no qual os mitos mais primitivos se insinuaram”⁴³. A dominação da natureza pelo homem, nessa perspectiva, equivaleria ao pecado original da civilização.

Como estratégia para preencher o vazio da vida moderna, criaram-se os mitos da natureza virgem, evocando a veneração estética das paisagens como meio de se conferir uma forma natural às ideias dominantes de uma dada época – influenciando diretamente o desenvolvimento do pensamento ecológico (então embrionário).

Contudo, no *Manifesto Comunista*, Marx e Engels (1987) atacam a noção de “natureza intocada”, entendendo-a como alienação dos seres humanos perante a natureza – visão que, segundo os autores, deveria ser superada, assim como o antagonismo entre a cidade e o campo.

... esta não era uma posição que defendia que a natureza devesse ser mantida intocada pelos seres humanos. Marx e Engels já haviam rejeitado noções puramente “sentimentais” da natureza, fundamentadas na noção de que a natureza ainda estava intacta e poderia ser mantida intocada (FOSTER, 2005, p.194-5).

Ao denunciarem o capitalismo como sistema de exploração dos homens e da natureza, Marx e Engels (1987, p.107) reiteram que as condições capitalistas de produção pressupõem a sujeição das forças da natureza ao homem. Sendo assim, o sentimentalismo reacionário que permeava a relação homem-natureza deveria ter sua conotação idílica superada – como meio de tornar a realidade social mais revolucionária. Ao observarem que a burguesia havia criado “forças produtivas poderosas e colossais”, e ainda, que elas representavam a “subjugação das forças da natureza pelo homem”, Marx e Engels admitiam as contradições ecológicas do capitalismo.

Segundo Foster (2005), tal contexto levava Marx a teorizar sobre a interação metabólica entre natureza e sociedade – propiciando, assim, o surgimento da perspectiva ecológica marxista, donde o homem deveria transcender sua alienação perante a natureza como alternativa de se criar uma “sociedade sustentável” em meio a um modo de produção que contradizia os fundamentos ecológicos. Diante disso, Foster (2005) observa a construção social de uma relação dialética entre duas correntes de pensamento diametralmente opostas: o antropocentrismo *versus* o ecocentrismo – de um lado, a dominação racional da natureza; de outro, a contemplação e a preservação romântica de um mundo natural intocado pelo homem, respectivamente.

⁴³ (Schama (*op.cit.* p.572).

A concepção materialista de natureza em Marx, por sua vez, se baseou no “metabolismo” expresso nos processos de trabalho descritos n’O Capital, cuja crítica à degradação ambiental não apenas precedeu mas, sobretudo, inspirou o movimento ecológico do século XX. Contudo, Marx observara uma “grave falha” na interação metabólica entre homem e natureza, já que as relações de produção capitalistas e a separação entre cidade e campo exponenciavam a insustentabilidade do sistema. Concomitantemente, suas críticas se dirigiram à emergente agricultura capitalista moderna, a qual, caracterizada pelo uso crescente de insumos químicos, expunha as chagas da relação conflitante entre o homem e a terra. Contudo, a “solução” de tal impasse teria como pressuposto fundamental a indissociabilidade entre homem e natureza.

A história pode ser examinada sob dois aspectos: história da natureza e história dos homens. Os dois aspectos, contudo, não são separáveis; enquanto existirem homens, a história da natureza e a história dos homens se condicionarão reciprocamente⁴⁴ (MARX; ENGELS, 1984, p.23-4).

Tendo em vista a crítica marxista à concepção do naturalismo como uma concepção da história, Lefebvre (1971, p.86) interpreta “o fim da natureza em Marx”, já que a partir daí a natureza passa a ser vista como um “ponto de partida (origem) da produção do ser humano por si próprio”. Por conseguinte, o mundo se apresenta como produto e obra das atividades humanas no/do espaço⁴⁵, ao passo que a natureza é, simultaneamente, “matéria e mãe do ser humano, origem e objeto de sua atividade criadora”. Sendo assim,

A natureza perde o seu lugar. Não é já o terreno da produção do “ser humano” por si próprio, produção pela qual o filho privilegiado emerge da Mãe-Natureza, já não é mais do que objeto da produção industrial [...]. Todavia, Marx não corta nunca o cordão umbilical que o une o “humano” (a produção e o produto) ao originário e original, ao inicial e ao terminal: a naturalidade. O laço adelgaça-se. Não desaparece. Não será contudo errado dizer que em Marx a Natureza também se define por um fim: o seu desaparecimento na e pela atividade produtora que a transforma (LEFEBVRE, 1971, p.87).

Nesse sentido, o “fim da natureza” marca o princípio da apropriação, pelo homem, do seu próprio ser – recriando a si mesmo ao criar o mundo que o cerca – inaugurando uma nova fase de inserção do ser humano na existência e suas interações dialéticas com o mundo natural. Do conceito de *produção*, emergem

⁴⁴ Embora esse trecho tenha sido suprimido dos manuscritos originais de A Ideologia Alemã, ele aparece como uma nota complementar à edição consultada – derivada das anotações de Marx e Engels.

⁴⁵ Henri Lefebvre entende ainda a perspectiva de rebatimento do espaço sobre o tecido social.

conflitos entre a materialidade e a naturalidade dos processos produtivos, ao passo que o seu teor histórico prevalece. Uma vez automatizada, a produção anula a natureza à medida que torna-se natureza – “uma antinatureza, a do ser que traz em si o princípio do seu movimento, que a si próprio se move: o autômato” (LEFEBVRE, op.cit.). Seguindo esse raciocínio, portanto, a natureza estaria condenada a desaparecer um dia.

O mito moderno da natureza intocada⁴⁶, por sua vez, seria uma forma de garantir a reprodução simbólica do mundo natural como tal, protegendo espaços inalterados pelas mãos do homem, onde, portanto, a natureza não chegaria a um “fim”. Tal conjunção histórica provém da renovação da noção de natureza na modernidade. Essa nova concepção, para Lefebvre (1969b, p.156), requer o entendimento da Terra simultaneamente como “condição de produção e produção de ação”, morada do homem e objeto de gozo; a noção romântica de natureza a ser transformada numa práxis inauguradora cuja representação une natureza e cultura, abstraindo suas eventuais contradições, sem naturalismos e sem artificialidades. No reino do capital e seus respectivos mecanismos de acumulação, a natureza é então capturada pela *mass media* e se torna mercadoria reprodutível. Por conseguinte, a relação homem-natureza deve ser entendida a partir de sua abstração dialética, donde novas formas de interação são (re)estabelecidas. Mas, no fundo, tem-se a presença idílica da natureza a elevar-nos ao retorno das nossas origens, ao reencontro com o “paraíso” perdido de onde saímos e para onde ansiamos voltar:

Nós, humanos, não nos curamos nunca da nostalgia, a do “ser”: mãe, mundo. E talvez não seja preciso curar, ainda que a nostalgia nos cause maus pedaços. Nós esperamos sempre que a história, a nossa, e a da humanidade, descreva um círculo, traga de volta o longínquo passado da inocência cósmica, ressuscite em nós o mundo perdido e esquecido[...]. O deserto atemoriza e atrai, como o oceano ou o abismo estrelado. E é no vazio interplanetário que nós percebemos enfim a Terra como “mundo”: o nosso, nosso *microcosmo*. O lugar onde falta o homem é também o lugar onde o homem começa, e se anuncia e se antecipa. (LEFEBVRE, 1969b, p.157-163, *passim*).

Assim, Lefebvre anuncia a concepção de natureza que nasce da modernidade – em que o domínio do homem sobre a natureza a metamorfoseia em “outra coisa”. O “paraíso”, se é que ele existe, estaria no “lugar onde falta o homem”, e é para esse lugar que o homem deve seguir para reconstituir-se. Nessa perspectiva, resguardar (idealizar?) espaços “livres” da interferência antrópica seria uma forma de reificar a dominação criadora da espécie humana sobre a natureza. Seriam esses os pressupostos ideológicos a suscitar a criação das primeiras áreas naturais protegidas?

⁴⁶ Diegues (2002).

Gonçalves (2004), por sua vez, observa que o conceito de natureza é socialmente construído, esboçando o caráter político-cultural dos movimentos ecológicos, a partir da institucionalização da “questão ambiental” emergente nos anos 1960 – contexto em que a própria “razão técnica” era questionada. Para o autor, os (des)caminhos do meio ambiente se dariam pelos artifícios da vida em sociedade, a começar pelo reconhecimento das diferenças a ela intrínsecas. Nessa perspectiva,

Homem e Natureza são concebidos como parte de um mesmo processo de constituição de diferenças. O homem é a natureza que toma consciência de si própria e esta é uma descoberta verdadeiramente revolucionária numa sociedade que disso se esqueceu ao se colocar o projeto de dominação da natureza (GONÇALVES, 2004, p.9).

Contudo, Diegues (2002) ressalta que o naturalismo do século XIX afastou o homem da natureza, reservando aos parques nacionais a idealização da não intervenção antrópica, desdobrando assim no mito de lugares paradisíacos a serem apenas reverenciados pelos homens, como estratégia para proteger a vida selvagem – no intuito de salvaguardar fragmentos do mundo natural em estado primitivo, portanto “livres” de qualquer ação humana. Isso explica em parte o fato de, ainda hoje, alguns ambientalistas defenderem a proibição da visitação pública às Unidades de Conservação, apontando o turismo como uma ameaça à vida selvagem e como mecanismo indutor de práticas depredatórias.

A criação de áreas protegidas tem se destacado como estratégia de conservação dos patrimônios naturais, à medida que os principais ecossistemas do planeta encontram-se ameaçados. Há uma combinação de fatores que explicam o aumento da preocupação mundial pelas áreas protegidas, como o aumento da devastação de florestas e a perda da biodiversidade – entre outros temas de estudos e debates frequentemente evocados no sentido de se configurar novos vínculos entre o homem e o meio do qual ele faz parte.

No Brasil, as Unidades de Conservação foram criadas a partir da transposição do modelo “preservacionista” de países desenvolvidos, quando “refúgios naturais” transformaram-se em Parques Nacionais⁴⁷ a partir de 1937. Contudo, a implantação de parques e reservas gerou inúmeros conflitos ao longo das últimas décadas, criando-se impactos negativos sobre o modo de vida de populações que tradicionalmente habitavam os territórios onde hoje se inserem grande parte

⁴⁷ Criado em 1937, o Parque Nacional do Itatiaia foi o primeiro do gênero no Brasil.

dessas Unidades – simplesmente porque algumas das práticas culturais desses povos não se encaixaram no conceito ocidental de manejo dos recursos naturais⁴⁸.

Diegues (2002, p.110) cita um relatório publicado pela UICN⁴⁹ em 1992, o qual assinala algumas experiências de populações humanas do entorno de Unidades de Conservação onde são permitidas, em caráter sazonal, algumas atividades como a extração de recursos naturais renováveis ou até mesmo o uso de pastagens temporárias⁵⁰, resguardados os tradicionais sistemas de manejo como medida compensatória pela perda de acesso a tais recursos. E acrescenta ainda que “no caso de uma desorganização cultural que possa ameaçar a integridade da Unidade, pode-se pensar em outras soluções, como incorporar a área e sua população em projetos de desenvolvimento rural, transformando a área dos moradores em *uso múltiplo*”.

Partindo de uma idéia urbana e lúdica de floresta, do rural e do que seja o meio ambiente, um paraíso intocado e intocável, destinado à contemplação e ao lazer humano, o conservacionismo foi pano de fundo ideológico das principais iniciativas apresentadas para a preservação do meio ambiente. Esse modelo de preservação acabou criando verdadeiras “ilhas de conservação” do meio natural, sem considerar questões sociais concretas no momento de sua delimitação, abrindo espaço para que os conflitos de ordem fundiária (e muitos outros) emergissem (SEVA, 2005, p.488).

Não obstante, Sabáh Aoun (2003, p.16) observa que as imagens nostálgicas relacionadas aos destinos turísticos representam a busca pelo “*paraíso perdido*” no imaginário ocidental, remetendo a “um lugar muito distante no espaço e remoto no tempo, representado pela imagem de um pedaço de terra, na forma de um jardim perfeito, o primeiro endereço residencial do homem”. O paraíso, assim, poderia ser representado a partir de visões arquetípicas, transcendendo aos relatos bíblicos do jardim das delícias, podendo incorporar a imagem de um feudo destinado “a uma sociedade eminentemente agrária” – como outrora foi a medieval –, ou então ser tropicalizado, como na época das grandes navegações. Na contemporaneidade, entretanto, o turismo recolocaria o indivíduo em contato com o *paraíso perdido*, materializando – e vendendo – a ideia do retorno às origens humanas:

⁴⁸ DIEGUES, A. C.. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: _____. (Org.). Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec/Nupaub-USP, 2000. p. 1-46.

⁴⁹ UICN – União Internacional para a Conservação da Natureza.

⁵⁰ Em relação ao uso e manejo de pastagens temporárias por populações locais, Diegues (2002) destaca, como exemplo, o caso do Parque Nacional de Chitwan (Nepal) e do Parque Nacional de Matabo (Zimbábue).

O paraíso no universo do turismo não é mais um sonho impossível ou outra utopia fantástica, inventada em pleno século XX. [...] A angústia do homem moderno e a complexidade dos cenários da vida urbana, entre outros fatores, fazem com que o homem institua, como sinônimo de sua libertação desse cotidiano indiferente e impassível, numerosos e variados lugares criados com essa finalidade (AOUN, 2003, p.26).

As demandas das populações urbanas em visitar as áreas naturais protegidas expressam a própria dualidade homem-natureza, em que a busca por imagens nostálgicas relacionadas a esses destinos turísticos representam a busca pelo “*paraíso perdido*” no imaginário ocidental, em contraposição à degradação da qualidade de vida nos grandes centros urbanos. Assim, novas demandas sociais induzem a procura por “refúgios naturais” como alternativa à fuga do cotidiano das metrópoles, sendo que a especificidade do “mundo natural” é definida em oposição à imagem da civilização, e suas representações construídas a partir de olhares “civilizatórios” sobre o “selvagem”. Tal oposição, contudo, não foge à perspectiva dicotômica observada por Martins (1981) ao analisar a relação cidade/campo – componentes de uma dualidade social – entendendo o rural como universo *sui generis*. Schama (1996, p.21), por sua vez, destaca que a ressignificação das paisagens rurais a partir de atores urbanos remonta ao século XVII, quando “a vida campestre devia ser valorizada como um corretivo moral contra os males da corte e da cidade”. Na contemporaneidade, sob tal perspectiva dicotômica, o turismo em áreas naturais protegidas recolocaria o indivíduo em contato com o *paraíso perdido*, materializando – e vendendo – a ideia do retorno às origens humanas. Ironicamente, busca-se na idealização do “natural” as respostas para muitos dos dilemas civilizatórios.

1.4 VIAGENS À NATUREZA DA ARTE



FIGURA 5 – O embarque para a Ilha de Citera (1717)

Um marco na pintura francesa do séc.XVIII, em que Jean-Antoine Watteau (1684-1721) retrata os encantamentos de uma viagem à “Ilha do Amor”. Entre cenas de mistério e idilismo, suas paisagens naturais são ao mesmo tempo artificializadas com a dramaticidade da presença humana. Watteau idealiza a natureza como palco para a teatralização do amor moderno. Em sua obra, está a aristocracia peregrina entre árvores que lembram mais um cenário teatral do que a composição de uma floresta.



FIGURA 6 – Festa num parque (1720-21)

Mais uma vez, Watteau evoca a idealização do romantismo moderno ao representar a “artificialização” do mundo natural pela presença humana. Nesta cena, a face aristocrática das mulheres em contato com a natureza reafirma o caráter elitista conferido aos primeiros parques europeus. O seu viés naturalista recria a mitologia moderna do “paraíso” a ser reverenciado pelas elites. Tal visão não é muito diferente dos fundamentos ideológicos do conservacionismo, modelo que no séc.XX pensou e criou os parques brasileiros como se fossem verdadeiros “refúgios naturais”.

Parede de um estabelecimento comercial em Ibitipoca, criação expressiva do artista plástico Edgar Cruz Moreira, cuja obra impressiona os turistas que visitam a Serra. Na pintura ao lado, em meio a uma paisagem dominada por lobos, tucanos, papagaios e cachoeiras, insurgem composições paisagísticas com ares “sobrenaturais”. Numa cena em que a natureza de Ibitipoca é reverenciada e seus ícones exaltados, a ausência do homem é reveladora. Estaríamos diante de mais um artifício de “fetichização” do espaço como mercadoria reprodutível? Seria essa a natureza de Ibitipoca idealizada pelos turistas, onde predominam árvores e bichos? Ou o “bicho-homem” teria também o seu lugar no imaginário dos visitantes?

FIGURA 7 – A natureza da serra e seus neomitos (2002)
Foto: Bruno Bedim (2005).

1.5 SINOPSE TEÓRICA DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA EM ÁREAS NATURAIS PROTEGIDAS

Considerando a perspectiva teórico-metodológica do materialismo dialético, serão situadas aqui algumas das contradições do turismo em Unidades de Conservação, delineando uma breve discussão filosófica sobre os avanços e as possibilidades de sua prática como instrumento mediador de uma possível revisão da relação homem-natureza. Considera-se o turismo como fenômeno social, materializando-se no espaço por um sistema de objetos articulados. Tem-se, como pressuposto, que o fenômeno turístico em Unidades de Conservação e seus desdobramentos se materializam nas práticas sociais na própria ação dos atores que neles estão inseridos.

Ao chegar ao “paraíso”, o turista se lança na “busca pela excitação” como forma de procurar alívio das repressões sociais que envolvem suas obrigações coti-

dianas como escola, trabalho e religião. Ao visitar um parque nacional, o indivíduo tende ao relaxamento das tensões às quais é submetido no processo de evolução social, liberando-se. Operários, mães, avôs, empresários, estudantes, advogados, maridos e esposas momentaneamente se absterem dos papéis que comumente representam em sociedade. Atualmente, contudo, as Unidades de Conservação estão cada vez mais atentas em estabelecer normas de conduta aos visitantes, impondo regras e restrições de uso dos seus espaços. Para o turista, tais regras, por vezes, conformam o retalhamento das formas de expressão do seu tempo livre.

Tipologias como “turismo de aventura” têm nas áreas naturais protegidas os seus espaços por excelência, muito embora releguem ao ambiente natural a condição de componente secundário. Uma interpretação possível das teorizações de Norbert Elias e Dunning (1992) revela que a “busca pela excitação” transcende às paisagens cênicas. A natureza sucumbe à emoção. O paraíso vira palco da adrenalina. A alegria e o perigo miméticos moram na beira do abismo, na escuridão da gruta, no rapel pela rocha, ou na prática do nudismo em cachoeiras. O apelo idílico da natureza já não basta. É preciso pecar no paraíso; desafiá-lo.

Ao turista, indivíduo em uso de seu tempo livre, são permitidas sensações que o mundo das obrigações não aceita, por isso sua importância no processo civilizador. Porém, ao contrário do que é vinculado nas propagandas das agências de turismo, o que se tem é o simulacro da aventura; o empacotamento das emoções sob a luz da indústria cultural e seu apelo imagético; atividades “de aventura” racionalmente pensadas onde os riscos tendem a zero; o fácil acesso à experiência turística “radicalmente segura”, confortável e amparada por recursos tecnológicos; a falsa aproximação do sentimento morte-vida que as telas de cinema e os jogos eletrônicos tanto espelham; a radicalização do simulacro de um produto turístico; a catarse pré-fabricada e paga a prestação.

Além de resguardarem a conservação dos ecossistemas em que se inserem, os parques são categorias de manejo cujo viés funcional os transforma em territórios de lazer historicamente instituídos. Ademais, a demarcação jurídica de porções territoriais como Unidade de Conservação e seu subsequente uso turístico potencialmente engendram processos pelos quais diferentes atores passam a disputar o controle dos recursos disponíveis em áreas dantes geridas pelas populações locais, onde diferentes representações, interesses e valores resultam em distintas formas sociais de apropriação do território – em torno dos quais orbitam forças políticas, simbologias e interesses conflitantes –, tendo-se em vista a observância da heterogeneidade social dos grupos que dele se apropriam.

Nessa perspectiva, torna-se oportuno discutir a problemática socioambien-

tal que envolve as diferentes práticas de apropriação social do território pelos grupos envolvidos no processo turístico em Unidades de Conservação e seu entorno.

i) Para os turistas, por exemplo, as Unidades de Conservação se apresentam como paisagem de consumo estético a ser visitada e fotografada, espaço de lazer e diversão – representando a fuga do cotidiano das grandes cidades e, muitas vezes, local de exacerbação dos prazeres. ii) Para os moradores de seu entorno, contudo, são lugar de moradia, devoção popular e práticas culturais tradicionais, onde determinadas “leis locais” devem ser respeitadas. iii) Contudo, há um outro grupo – os moradores recém-chegados ao entorno dessas áreas, muitos dos quais empreendedores – que veem nesses espaços uma oportunidade de exploração econômica, a partir da implantação de empreendimentos turísticos diversos. iv) Por outro lado, há ainda os interesses dos órgãos ambientais gestores dessas Unidades – que, por sua vez, tendem a defender a vertente “preservacionista” – buscando resguardar as características naturais dos ecossistemas que compõem os parques e seus respectivos entornos.

A princípio, pode-se afirmar que essas são as principais forças que atuam e se confrontam no campo dos conflitos ambientais que envolvem a *tríade turismo, áreas naturais protegidas e as populações locais* – onde diferentes representações, interesses e valores resultam em distintas formas sociais de apropriação do território. Mas essa problemática envolve ainda categorias mais amplas e atividades diversas.

As práticas culturais expressas nas variadas formas de uso e apropriação dos territórios rurais do entorno de Unidades de Conservação congregam, muitas vezes, diversificadas praxis crescentemente associadas às diferentes maneiras pelas quais o rural e o “mundo natural” são vistos, representados e apropriados pelas sociedades contemporâneas.

O que se assiste, a partir da criação de parques e reservas, é uma ressignificação de suas paisagens e de suas áreas limítrofes, em que novos valores estéticos insurgem em detrimento dos usos agrícolas até então dominantes. Na sequência, não raro assiste-se à crescente valorização de terras e aos emergentes mecanismos de especulação fundiária que circundam tais áreas, submetendo assim o valor de uso aos termos da troca. Dessa forma, áreas montanhosas historicamente ocupadas por populações camponesas se tornam, subitamente, vulneráveis a variados fatores de ação antrópica em face da mercantilização da natureza. Não obstante, Henri Lefebvre sinaliza:

Outrora, o ar e a água, a luz e o calor eram dons da natureza, direta ou indiretamente. Esses valores de uso entraram nos valores de troca; seu uso e seu valor de uso, com os prazeres naturais ligados ao uso, se esfumam; ao mesmo tempo em que eles se compram e se vendem, tornam-se rarefeitos. A natureza, como o espaço, com o espaço, é simultaneamente feita em pedaços, fragmentada, vendida por fragmentos e ocupada globalmente. É destruída como tal e remanejada segundo as exigências da sociedade neocapitalista. As exigências da recondução das relações sociais envolvem, assim, a venalidade generalizada da própria natureza. Em contrapartida, a raridade do espaço, nas zonas industrializadas e urbanizadas, contrasta com o vazio dos espaços ainda desocupados, os desertos terrestres e os espaços interplanetários; a carestia do espaço assim ocupado e rarefeito é um fenômeno recente, com consequência cada vez mais graves. Esse espaço, sendo lugar e meio da prática social na sociedade capitalista (isto é, da reprodução das relações de produção), assinala os seus limites (LEFEBVRE, 2003, p.25).

Nas últimas décadas, inúmeras pesquisas se propuseram a apreender e a interpretar os significados econômicos das múltiplas funções que o espaço rural vêm apresentando na contemporaneidade. O fato é que pouca atenção tem sido despendida para se analisar a importância das áreas rurais do entorno de Unidades de Conservação, concebendo-as como espaço social de trocas simbólicas, cuja diversidade provém da reprodução de suas próprias bases culturais.

A atual noção de conservação da natureza, contudo, destaca a importância das populações locais e seus respectivos meios de manifestação cultural, expressos nas variadas formas e processos espaciais. Uma leitura ambiental consistente, portanto, deve abranger as interações entre os diferentes elementos que organizam e definem o entorno de áreas naturais protegidas, incluindo a própria sociedade que o produz, as condições do meio físico, suas áreas de produção agrícola, modos de vida, paisagem rural e sistemas de cultivo, dentre outros. Nesse sentido, Abramo-vay (2000) propõe a incorporação dos temas de natureza ambiental às estratégias de desenvolvimento rural: “à medida que a noção de ruralidade incorpora o meio natural como um valor a ser preservado – e não como um obstáculo que o progresso agrícola deve fatalmente remover – vão ganhando força as políticas e as práticas produtivas voltadas para a exploração sustentável da biodiversidade” (ibid., p.9).

Os paradigmas que envolvem a gestão de Unidades de Conservação vêm sendo redefinidos e ampliados nos últimos anos, sendo que a ele, frequentemente, encontram-se associadas as ideias de território e populações locais – as quais, não raro, situam-se em zonas rurais. Por conseguinte, assiste-se ao reconhecimento da capacidade desses espaços em congregar funções relativas ao apoio à qualidade de vida e ao bem-estar social, estreitamente ligadas às experiências estéticas, culturais e de identidade que suas paisagens proporcionam. Assim, muitos territórios rurais limítrofes às Unidades de Conservação estão crescentemente associados a

atividades orientadas para consumo, tais como lazer, turismo, moradia, prestação de serviços pessoais e preservação da natureza. Por conseguinte, o contato entre diferentes atores sociais nessas áreas potencialmente provocam uma série de processos sociais – já que, conforme Wanderley (2000, p.99), há um confronto entre as “concepções distintas a respeito do que é o rural e os usos que podem ser dados aos espaços rurais”.

PARTE II

O ENTE EMPÍRICO IBITIPOCA: ESPAÇO ETNOGRÁFICO

Então eu me preocupo com as crianças... Como é que vai ser, tadinhos? Só se estudar pra ter uma vida melhor. A sugestão que eu tenho é só a de Deus: só Deus pra encaminhar... porque a gente está no fim aqui na roça. Mas a gente pede muito a Deus pra eles não entrar em mau caminho... mas só Deus pra encaminhar, porque hoje Ibitipoca está muito agitada: a juventude está roubando, fumando maconha, casais largando. Com esse turismo, aqui passa muita gente estranha que a gente não conhece...

(lavrador, 76)



MEMÓRIAS DA SERRA GRANDE: A VIDA RURAL EM IBITIPOCA ANTES DO TURISMO

"Tinha criação de boi, cavalo, leite, produção rural, plantio de arroz, milho, feijão, nada de indústria não tinha não; só produção natural. Era pessoal quase tudo do lugar, nunca veio outra pessoa de fora. [...] O lugar era muito estranho, a mata muito capoeirada e o capoeirado nem caminho tinha, meu filho. Essa Serra aí era a maior estrada de boi. Aqui vivia da produção do lugar. Tinha só a pequena produção: enxada, foice, o ordenado e lavoura. Plantava as horta na roça, colhia e comia. As mulheres fazia azeite, não tinha nem querosene não, uai. Azeite... apanhava a mamona, socava no pilão bem arrumadinho e fazia o azeite de mamona e botava nas candeia antiga".

(lavrador aposentado, 79)

De caráter etnográfico, este capítulo aborda a ocupação e uso da Serra de Ibitipoca ao longo do tempo, trazendo uma narrativa que abrange desde o território histórico dos índios Aracis à emergência do turismo nas últimas décadas do século XX. A ocorrência, na Serra de Ibitipoca, de peculiares formas históricas de apropriação e uso dos recursos naturais por camponeses exige uma preocupação para com a descrição e a conceituação deles no período que antecede o advento da atividade turística na Serra. A partir desse pressuposto é que serão analisadas, nos capítulos seguintes, as transformações que o turismo confere ao lugar, em termos comparativos.

São diagnosticados os usos comunais das pastagens de invernada da "Serra Grande" – terras devolutas que posteriormente foram transformadas em parque, seus sistemas de manejo pela população local, a caça, a coleta e os rituais lá realizados. Desvela-se, pois, a Serra que se faz de músculos, nervos, enxadas, bichos e homens a ecoar a melodia da terra: o jongo, seus enigmas e suas funcionalidades. Analisam-se as relações de produção ambíguas verificadas nesse campesinato – em parte capitalistas, em parte não capitalistas – já que formas coercitivas não monetárias se encontram conjugadas com relações de produção tipicamente capitalistas. Desse contexto, tem-se a produção da vida humana na Serra de Ibitipoca a incorporar formas solidárias de trabalho agrícola coletivo (mutirão), numa

época em que os interesses particulares e os da coletividade possuíam uma oposição menor que hoje. São abordados ainda aspectos da cultura camponesa e suas representações; a Serra de Ibitipoca como um ambiente de vida e de trabalho; os arraiais como forma espacial da vida social; as relações de compadrio, parentesco e vizinhança; lendas e “causos” de um outro tempo que se faz presente nas *“Memórias da Serra Grande”*.

2.1 DAS RAÍZES HISTÓRICAS DO POVOAMENTO À AGROPECUÁRIA

Um dos primeiros marcos da penetração dos bandeirantes⁵¹ na parte meridional do território mineiro, a história da ocupação colonial na Serra de Ibitipoca remonta ao final do século XVII. O ouro atraiu grupos vindos de Portugal, Rio de Janeiro e São Paulo, num contexto em que as “lavras de Ibitipoca” se tornavam conhecidas da Coroa portuguesa.

Até então, a região de Ibitipoca era habitada por povos indígenas que dali faziam seu território de vida desde o período pré-colonial. Ao elencar os principais povos “selvagens” que habitavam territórios das Minas Gerais, Senna (1937) faz referência à existência da tribo dos índios Aracis na Serra de Ibitipoca, desaparecidos desde o século XVIII. Os Aracis⁵² pertenciam à nação Tupinambá e teriam sido extintos – ou aculturados – no contato com os bandeirantes e seus respectivos focos pioneiros de colonização, havendo ainda a possibilidade de terem desaparecido nos conflitos com outros grupos indígenas que migraram de regiões litorâneas expulsos por colonizadores portugueses.

A primeira referência de Ibitipoca na história contextualiza-se na Bandeira do capelão Padre João de Faria Fialho, vigário de Taubaté, aproximadamente em 1692. Situada ao sopé da Serra, a vila de Nossa Senhora da Conceição de Ibitipoca⁵³

⁵¹ Os bandeirantes eram homens oriundos da Capitania de São Vicente (hoje São Paulo) que adentraram pelos sertões do Brasil entre o final do séc. XVI e o início do séc. XVIII, em expedições armadas – as Bandeiras – em busca de riquezas como ouro e pedras preciosas. As bandeiras tinham ainda a intenção de capturar índios para escravizar.

⁵² Os índios Aracis são também conhecidos como Araris, ou ainda, Ararés. De acordo com Ana Paula Oliveira (2004, p.8), os grupos dos Aracis são citados na bibliografia etno-histórica como sendo os “moradores da extensa área que vai da Serra de Ibitipoca até a região do atual município de Barbacena”.

⁵³ Existem divergências quanto ao significado da palavra “Ibitipoca”. Os indianistas relacionam “Ibitipoca” com os toponímios tupis “ibi” (pedra) e “oca” – casa/gruta. Costa (1970, p.250), por sua vez, faz a seguinte consideração etimológica sobre o termo: “Etim. Corr. YBYTY – POCA, a montanha partida, ou furada, o vulcão (37); IBITU, vento; POG, estalo, estouro, estrondo, ribombo, estridor, barulho de coisa que rebenta, voz onomatopaica”. Tem-se, portanto, os seguintes significados possíveis: “casa de pedra”, “Serra de pedra que estala”, ou ainda, “Serra furada ou partida”. Em relação a toponímia do arraial de Conceição, cabe ressaltar a junção da nomenclatura religiosa à denominação indígena de caráter geográfico, produzindo a titulação de Nossa Senhora da Conceição de Ibitipoca – tal aliança entre termos indígenas e católicos é observável na composição toponímica de diversas vilas setecentistas das Minas. Nesse sentido, ver IEF e Brandt (1995, p.13).

compreende assim uma das povoações mais antigas de Minas. Sua localização estratégica junto à principal via de acesso do litoral sul do Brasil às Minas Gerais fez com que o arraial se destacasse como base de apoio aos viandantes que perpassavam pela região.

Uma carta de Bernardo Corrêa⁵⁴, de 29 de julho de 1694, endereçada ao então governador e capitão geral do Estado do Rio de Janeiro, trazia um roteiro das minas recém-descobertas, narrando sobre os achados do Padre Vigário João de Faria e seus parentes – tomando a Estrada Real do Sertão, descendo de Taubaté, de onde seriam 10 dias de jornada para a porção norte sobre o monte da Amantequira (hoje Mantiqueira):

Trouxe a amostra delle a esta cidade, e das campinas de Amantequira 5 dias de jornada correndo para o mesmo Norte, e estrada G.....tão, fica o serro da Boa Vista donde começam os Campos Geraes té confinar com os da Bahia advertindo que a dita Boa Vista serão 15 dias de jornada ouço menos com cargas ao Rio Grande, cujas cabeceiras nascem dos morros, e serros de Juruoca, defronte dos quaes até o Rio dos Guayanás, **e um monte chamado Ebitipoca, tem 10 léguas de comprido pouco menos**.....de cascat.....do, e defronte do mesmo serro Juruoca p.....min...de O.... pouco mais ou menos estão umas serras escavadas nas quaes achou o Padre Vigário Faria, safiras.....em viveiros de pedras cravadas [...] (ARQUIVO BIBLIOTECA NACIONAL, 1929, p.206, grifo nosso).

A descoberta de ouro na região – com abundância de terras e águas auríferas – rapidamente atraiu levas de colonizadores, que em grande número vieram dos centros emigratórios do Rio de Janeiro, de São Paulo e do velho Portugal. Como parte do processo colonizador, em 1715 dezenas dos principais moradores da região de Ibitipoca já pagavam onerosos tributos à Fazenda Real pela posse de extensas glebas, datas minerais e 73 escravos, tornando o distrito um dos importantes centros de colonização da Capitania.

Contudo, o apogeu do ouro foi breve, estafando-se em três ou quatro décadas as principais reservas auríferas⁵⁵. Na verdade, as reservas não se esgotaram absolutamente, já que, conforme veremos a seguir, Silveira (1923) registrara via material iconográfico, em 1912, garimpeiros bateando ouro no Ribeirão do Salto, em Ibitipoca. Ocorre que, em meados do século XVIII, a escassez e as dificuldades encontradas na mineração resultaram numa equação econômica desfavorável aos mineradores, em que o lucro obtido com o ouro descompensava o custo de sua

⁵⁴ Carta de Bernardo Corrêa de Sousa Coutinho, escrita no Rio de Janeiro em 29 de julho de 1694, e endereçada a D. João de Lancastro – Governador e Capital Geral do Estado. In: Documentos Históricos (1675 – 1709). Correspondência dos Governadores Geraes: Provisões 1664 – 1668. v. XI da série e IX dos Docs. da Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro, 1929.

⁵⁵ Cf. Delgado (1962). Contudo, ao contrário do que o autor insinua, as reservas auríferas de Ibitipoca não se “esgotaram” no século XVIII.

extração. Diante de tais circunstâncias, a maioria do contingente minerador de Ibitipoca possivelmente se deslocou para outras regiões.

Localizada numa região povoada “à revelia da lei”⁵⁶ devido à desobediência das restrições de ocupação impostas pela Coroa portuguesa em face da sua posição geográfica estratégica, logo a Serra de Ibitipoca se consolidou como rota de contrabando do ouro, em virtude de extravios que estariam sendo praticados por “secretas veredas abertas naqueles sertões”. Por conseguinte, em 1755 foram aquelas áreas interditas ao povoamento e à mineração. Tal situação continuou inalterada algumas décadas, até que, em 1781, o então governador de Minas Gerais, Dom Rodrigo José de Menezes, foi conferir e investigar *in loco* as notícias que ventilavam por Vila Rica a respeito dos extravios da Serra de Ibitipoca, bem como providenciar soluções. Na ocasião, o governador realizou a concessão de sesmarias aos colonos, despachando mais de oitocentos requerimentos e legalizando a situação fundiária daquelas zonas⁵⁷. Eis um trecho de uma carta dirigida pelo próprio Dom Rodrigo ao Ministro do Ultramar da Rainha Dona Maria I, Martinho de Melo e Castro:

[...] Hum exercito bem disciplinado não seria suficiente para espoliar aqueles habitantes dos seus respectivos domicilios. A humanidade se revoltaria de se fazerem tantos infelices, quando podem ser úteis a si, e ao Estado. A Politica pede se conservem Vassalos Laboriosos, que não carregão o Pais com o pezo da Sua inutilidade, antes pelo contrario trabalham para o bem comum. A minha obrigação exige que eu acautele os extravios, e promova os Regios interesses, que nesta Capitania consistem principalmente em extrair ouro da terra [...]. Por esses motivos, para mim os mais concludentes, me rezolvo a partir daqui a poucos dias para o referido Distrito, **afim de nele fazer huma Legal repartição de Terras de agricultura e Datas Minaeraes ao mesmos que sem Título algum as estão possuindo, e outros que se apresentarem para o mesmo afim**, e tenho grandes esperanças que este novo estabelecimento, virá a ser dos mais florescentes desta Capitania pela sua cuitação, fertilidade das terras e riqueza dos córgos... (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO *apud* DELGADO, 1962, p.23-24, grifo nosso).

A distribuição de tais glebas em Ibitipoca era conveniente à Coroa portuguesa, uma vez que os colonos assentados em troca lhe retribuiriam com a vigi-

⁵⁶ A localização geográfica da Serra de Ibitipoca é privilegiada em relação à bifurcação entre o Caminho Novo e o Velho, apresentando ainda vias de escoamento para o litoral de São Paulo. Tal posicionamento estratégico fez com que esses “sertões da Mantiqueira” fossem considerados pela Coroa portuguesa como uma área de ocupação e exploração econômica restrita. Contudo, conforme destaca Rodrigues (2003, p.253), “ao longo do século XVIII, essa região foi ocupada fortuitamente e à revelia da lei”.

⁵⁷ Há uma outra fonte que confirma a distribuição de sesmarias na região: “Na secretaria provisória de governo que instalou naquele sertão, recebeu mais de oitocentos requerimentos solicitando a repartição das terras agrícolas e minerais da Mantiqueira. Para que todas as petições fossem legalmente despachadas, o governador levou em sua expedição o ouvidor-geral da comarca de Rio das Velhas, o doutor Luís Beltrão de Gouveia e Almeida, para auxiliá-lo na árdua tarefa de atender a população” (RODRIGUES, 2003, p.263).

lância daquelas áreas, além de criar condições favoráveis para que eles retirassem da terra o seu próprio sustento. Ao repartir “terras de agricultura” aos colonos⁵⁸, a Coroa não apenas lhes assegurava os meios de sua subsistência, como também evitava que eles despendessem tempo e trabalho nas atividades da mineração.

Tornando-se úteis a si próprios e à Colônia, os agricultores-colonos de Ibitipoca deveriam se tornar gratos à Coroa, uma vez que o Governador deles esperava retribuição pela distribuição das terras, ou seja, que eles se tornassem aliados de Portugal e vigiassem as cercanias de Ibitipoca contra a então emergente rota de contrabando do ouro. Nessa perspectiva, até os menos abastados receberam meia sesmaria cada um:

Para que os pobres não ficassem desconhecidos que huma exclusão total lhes não fizesse mais sensível a sua infelicidade e que por não terem escravos, nem o dinheiro necessario para as despesas que trás consigo huma sesmaria formal, ficassem excluidos daquelle beneficio, sómente quando ás terras de cultura, mas até qui não praticallo de lhes conceder meya sesmaria a cada hum, no que além de beneficiar os Vassalos de S. Mag.e achei que concorria para os Seus Regios Interesses, ocupando individuos inuteis, e peizados ao Estado, que com o seu braço, e de seus filhos, trabalham com mais eficacia que os Escravos... (ibid., p.24).

Dessa forma, estabelecia-se, num primeiro momento, a situação fundiária da região. Segundo consta no documento histórico supracitado, ao “excluírem-se as terras de cultura” dos mais pobres, a estes se destinariam as terras menos férteis e produtivas que coincidentemente perfazem as zonas de maior altitude e declividade acentuada – portanto terrenos acidentados e menos propícios à agropecuária – estando os primeiros “colonos” circunscritos àquela área serrana. Tal fato histórico, *mutatis mutandis*, propiciaria a existência de uma “brecha camponesa” em Ibitipoca, tendo em vista a distribuição de porções territoriais pela Coroa portuguesa: abria-se a possibilidade de o assentado autossuprir-se, e ainda, estabelecer nessas terras uma pequena produção agrícola de caráter mercantil para o abastecimento interno da Colônia.

Conforme destacam Guimarães e Reis (1987, p.91), as rotas compreendidas entre o Rio de Janeiro e as Minas se caracterizavam pela existência de vilas/paragens que serviam como pontos de pouso para os viandantes, sendo que “a ocupação desses caminhos garante, por um lado, a subsistência dos viajantes, e por outro

⁵⁸ Tendo em vista a eminente concentração de terras e as “dificuldades em se controlar” o contrabando na região, Rodrigues (2003, p.259) pontua que, para a Coroa portuguesa, “a melhor solução para aquela situação irreversível seria repartir as terras agrícolas e minerais, pois isso poderia levar à diminuição dos descaminhos do ouro, uma vez que a região passaria a ser conhecida das autoridades, promovendo os régios interesses e permitindo a cobrança de impostos das lavras exploradas por aqueles moradores, além de desenvolver a agricultura de abastecimento”.

lado a segurança da circulação”. A movimentação de pessoas por essas passagens, devido à sua intensidade, criava um mercado para os produtos agrícolas locais – incentivando assim a formação de roças, a criação de gado e a respectiva fixação de sesmeiros a explorarem a terra.

No entanto, mediante as evidências do contrabando praticado pelos caminhos da Serra, proibições sucessivas da Coroa impediram a abertura de novos itinerários que tangenciassem Ibitipoca, bem como ordenavam a obstrução das estradas vigentes. Esse é um dos fatores a indicar o relativo semi-isolamento geográfico e cultural⁵⁹ ao qual a população de Conceição de Ibitipoca conviveu durante muitos anos e que está relacionado ao surgimento de ordens régias a proibir a abertura de novos caminhos que perpassassem pela Serra, fechando ainda os já existentes:

Apparecerão frequentes ordens régias proibindo que se abrissem caminhos entre o paiz das minas novamente descoberto, e as provincias de Rio de Janeiro e de São Paulo, para atalhar contrabando douro em pó. Os faisqueiros que residiam nos sitios então conhecidos com os nomes de Ibitip-Oca e d' Ajuru-Oca, deixarão fechar seus caminhos existentes, porém abrirão veredas só delles conhecidas, e por meio delas se comunicavão com os que vivião nos montes... (MILLIET DE SAINT-ADOLPHE, 1845, s.p., grifo nosso)⁶⁰.

De acordo com Muls (1990, p.99), em certas regiões mineradoras a queda na produção aurífera ocasionava, *a priori*, a desorganização da economia local, provocando o “isolamento” e a “estagnação” de determinadas áreas. Porém, a aparente inércia econômica teria se dado apenas temporariamente nos eixos meridionais de Minas Gerais, já que a expansão dos mercados do Rio de Janeiro e de São Paulo se configurava um estímulo à produção agropecuária⁶¹. Nesse contexto, a população de Ibitipoca dedicou-se a outras atividades econômicas como a pecuária e a lavoura – milho, raízes, feijão, café e cana-de-açúcar – originando engenhos que perduraram até fins do século XIX. Não obstante isso, Delgado (*op.cit.*, p.25) interpreta que nesse período “definiam-se a vida social e econômica do povoado, suas principais famílias, suas atividades e localizações”.

⁵⁹ Para Levi-Strauss (1976b, p.56) “as sociedades humanas nunca se encontram isoladas”, tampouco nenhuma cultura se desenvolveu a partir do isolamento total das demais. Contudo, o afastamento geográfico, as peculiaridades do meio em que se inserem e as circunstâncias que elas encerram em relação ao resto da humanidade propiciam a elaboração de culturas diferenciadas. Sendo assim, adotar-se-á, neste trabalho, o termo “semi-isolamento” ao se referir às circunstâncias de afastamento geográfico-cultural vislumbrado outrora pela população em análise.

⁶⁰ MILLIET DE SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Dicionário Geográfico Histórico e Descritivo do Império do Brasil. Paris: [s.n.], 1845.

⁶¹ “...o deslocamento dos fatores de produção mineradora possibilitou a expansão da agropecuária, com a ocupação de novas fronteiras” (MULS, 1990, p.99).

Deslocada dos domínios da grande lavoura, a agricultura de subsistência⁶² (economia de excedentes) praticada em Ibitipoca formou-se numa conjuntura em que a atividade mineradora de outras regiões gerava a demanda social pela produção agrícola de consumo interno da colônia – ocasião em que algumas regiões de Minas alcançavam relativa autonomia de seu próprio abastecimento. De acordo com Prado Jr. (2000), esses pequenos nichos agrícolas garantiriam, assim, o provimento de gêneros alimentares a abastecer tanto os grandes núcleos de povoamento (como o Rio de Janeiro) quanto os centros de extração do ouro:

Este tipo de agricultura de subsistência autônoma, isto é, separada dos domínios da grande lavoura e especializada em seu ramo, encontra-se também, em proporções apreciáveis, em Minas Gerais. A maioria da população dos distritos mineradores, e é ainda assim no alvorecer do séc.XIX apesar da decadência da mineração, ocupa-se aí na extração do ouro e diamantes, que, ao contrário da grande lavoura, não permite este desdobramento de atividades que encontramos nesta última, e que torna possível aos indivíduos nelas ocupados dedicarem-se simultaneamente a culturas alimentares de subsistência. O trabalho das minas é mais contínuo e ocupa inteiramente a mão de obra nela empregada. Sob este aspecto, as populações mineradoras se assemelham às urbanas. Tal fato provocou em Minas Gerais, mais densamente povoada que outros centros de extração do ouro, **o desenvolvimento de certa forma apreciável de uma agricultura voltada inteiramente para a produção de gêneros de consumo local** (PRADO JR., *op.cit.*, p.162, grifo nosso).

⁶² Por agricultura de subsistência entende-se aquela destinada ao consumo e à manutenção da própria colônia, caracterizada por diversos tipos de estrutura agrária (PRADO JR., 2000). Contudo, a noção de “economia de subsistência” não é adequada ao tratamento teórico-metodológico que este trabalho requer, motivo pelo qual trataremos, nos capítulos seguintes, de **“economia de excedentes”**, tal qual exposto nos termos de Martins (1975, p.12): “O excedente não é o produto que sobra do consumo, mas o produto dos fatores de produção excedentes dos que foram utilizados na subsistência (no caso, a mão de obra e a terra com suas pastagens naturais”.

Esse tipo de agricultura, geralmente praticada em “solos inferiores ou cansados”, constituiria um dos fatores da chamada produção de subsistência, de ordem secundária mas funcional à manutenção da colônia. Desse contexto, nas palavras de Prado Jr. (*op.cit.*, p.160), “é o próprio lavrador, modesto e mesquinho, que trabalha”. As fontes históricas analisadas apontam a Serra de Ibitipoca como área abastecedora do Rio de Janeiro, reforçando a hipótese de que as culturas alimentares de subsistência com respectiva comercialização de seu excedente encontraram nesses altos de serra o seu espaço. Tudo porque, mediante a rota de contrabando instaurada em Ibitipoca ao longo do séc.XVIII, a própria Coroa portuguesa incentivara a produção agrícola na região a partir da distribuição de terras a contingentes livres pobres⁶³.

Com o propósito de investigar o contrabando do ouro e estabelecer os limites da capitania, o governador general Luiz Diogo Lobo da Silva visitou o arraial de Conceição de Ibitipoca em 1764: o governador “veio a Ibitipoca examinar terras minerais, e aí proibiu que se derribassem [*sic.*] as matas, que impediam o livre trânsito dos extraviadores...”⁶⁴. Tal proibição, por um lado, concorreu para com a preservação dos recursos naturais da Serra de Ibitipoca, um dos prováveis motivos pelo qual o território onde atualmente se localiza o Parque tenha conservado tamanha biodiversidade. Por outro lado, essas mesmas ordens régias restringiam a abertura de novas vias de acesso⁶⁵ e ligação com outras localidades, imprimindo à população estabelecida na Serra condições ainda mais rudimentares de existência: “Estavam os povos circunscritos à região serrana e suas vizinhanças, mantendo-se desconhecido e inexplorado o sertão da Mantiqueira sul” (*ibid.*, p. 22). Por sua vez, Muls (1990, p.97) registra que essa “política de proibição de abertura de picadas e utilização de caminhos” teria dificultado, em Minas Gerais, o desenvolvimento mais expressivo do setor agropecuário, e, ainda, que, apesar dos esforços, tais medidas restritivas⁶⁶ da Corte portuguesa nem sempre alcançavam os efeitos desejados.

⁶³ “É interessante observar que a população mais pobre, residente nos sertões proibidos, estaria excluída da repartição daquelas terras, uma vez que não possuía recursos para custear as despesas do processo de concessão nem escravos para trabalhar a terra, pois estes eram os requisitos necessários às doações das cartas de sesmaria. Para evitar qualquer mal-estar e balbúrdia que poderiam ser gerados entre as pessoas que o seguiram, **o governador determinou que fosse distribuída, mediante requerimento, meia légua de terra de cultura às pessoas que comprovassem poder lavrá-las com seus próprios braços e com os de seus filhos e parentes (agregados)**”. (RODRIGUES, 2003, p.263-264, grifo nosso).

⁶⁴ DELGADO (*op.cit.*, p.112).

⁶⁵ “A severa política de fiscalização imposta pelas autoridades metropolitanas, que se concretiza nas proibições de comércio, no fechamento dos caminhos, nos inúmeros registros implantados ao longo das estradas e nos pesados tributos, multas e penas, leva à criação de uma rede de atalhos e caminhos clandestinos pelos quais se desenvolvia um intenso contrabando: de ouro, de gado, de escravos e de outros produtos...” (MULS, 1990, p.96).

⁶⁶ De acordo com André Rodrigues (2003, p.257), a Coroa portuguesa “considerava crime de lesa-majestade a abertura de vias de comunicação (que não fossem autorizadas pela metrópole), por recear o extravio dos quintos”.

Contudo, no caso específico da Serra de Ibitipoca, as restrições impostas pela Coroa encontram-se conjugadas a concessões feitas pela própria metrópole, *a posteriori*: se, por um lado, ordenava-se o fechamento dos caminhos do contrabando, por outro lado a concessão de sesmarias aos colonos possibilitou a expansão da agropecuária na Serra. Apesar de controversa, essa intervenção da Coroa portuguesa em Ibitipoca no final do século XVIII favoreceu o deslocamento dos fatores de produção, abrindo espaço para a conformação histórica do campesinato na Serra – já que as terras de cultura concedidas aos “colonos” em 1781 garantiriam às famílias de homens livres pobres⁶⁷ a posse dos seus próprios meios de produção.

Um morador da Fazenda do Engenho – o cabo de esquadra José Delgado da Motta – foi quem auxiliou o capitão geral Dom Rodrigo de Menezes a elaborar a relação dos sesmeiros quando da concessão de terras pela Coroa portuguesa em 1781. Em 1822, nascia em Ibitipoca, na mesma fazenda, o filho de José Delgado – Francisco Delgado Motta⁶⁸ –, o qual participou da Revolução Liberal de 1842, compondo “tropas imperiais” na incursão até a batalha final de Santa Luzia, vencida pelas tropas do Barão de Caxias⁶⁹ (DELGADO, 1962, p.152)⁷⁰. Após o combate, Francisco Motta teria retornado – a pé – até a antiga sede do Engenho, na Serra de Ibitipoca, onde fora recebido por familiares:

Sua chegada à Fazenda do Engenho, onde o esperava D^a Inácia, a mãe saudosa, revestiu-se de episódios comoventes. Achegando-se à Casa Grande e não desejando ser visto naquela aparência, cabelos e barbas crescidos, vestes e frangalhos, ocultou-se no arvoredor e, avistando uma escrava, chamou-a a avisar na Casa. Avisada a “sinhá”, atendeu-o prontamente, recebendo-o com uma festa que faz lembrar a volta do filho pródigo, abatendo animais e preparando iguarias deliciosas, com grandes alegrias e celebrações que se prolongaram por vários dias, das quais participou toda a redondeza... e o mesmo se fez a seu irmão Joaquim. A bondade, naquela casa, não tinha limites (*ibid.*).

⁶⁷ A ocupação da região de Ibitipoca e a subjacente apropriação das terras proibidas dos Sertões da Mantiqueira se deu num contexto controverso, em que, segundo Rodrigues (2003, p.265, grifo nosso), é constável a “atuação de interesses privados na ordem pública”. Após grandes potentados penetrarem na região e nela estabelecerem explorações econômicas agropecuárias, “povos foram ‘furtivamente’ introduzindo-se naquelas paragens. **Essa população pobre, muitas vezes tangida pelo refluxo do ouro, desenvolvia e estimulava constantemente a produção agrícola local e a procura por terras.**”

⁶⁸ Filho de José Delgado Motta, que desde 1806, pelo menos, fixara residência na Fazenda do Engenho.

⁶⁹ Na verdade, o Barão de Caxias só foi elevado ao *status* de Duque de Caxias em função da vitória de sua tropa nesse episódio da Revolução Liberal.

⁷⁰ De acordo com Delgado (*op.cit.*, p.152), o acompanharam o seu irmão Joaquim D. Motta e seu cunhado tenente-coronel João de Deus Duque, encarregado por Carta Imperial de Dom Pedro II de recrutar soldados.

Nesse relato, tem-se ideia do universo cultural que permeava as condições de vida numa típica fazenda do sopé da Serra de Ibitipoca. O fazendeiro em questão – Francisco Delgado Motta – morreu em 1904 nessa mesma propriedade rural em que nascera (Engenho). Consultamos uma nota que descreve as condições em que se deu o seu enterro, a qual traz indícios que caracterizam como “pobre” a população rural da Serra de Ibitipoca à época. Na ocasião, os camponeses teriam descido a Serra para acompanhar o funeral. No relato eles são correlacionados à condição de inferioridade socioeconômica: “a pobreza desceu em peso daquelas serras [...] para trazer seu derradeiro adeus e suas homenagens...” (ibid., p.158).

Além de Francisco Delgado, em Ibitipoca nascera outra figura cujo reflexo político transcendeu às escarpas da Serra para compor a história do Brasil: Padre Manuel Rodrigues da Costa⁷¹. Nascido em Conceição de Ibitipoca em 1754, participou da Inconfidência Mineira (1789) – movimento conspiratório contra a Coroa Real. Em fevereiro de 1791, seu nome foi correlacionado na lista dos conjurados. Em função das acusações, foi condenado ao exílio na África (Cabo Verde), para onde embarcou em 1792, por sentença de condenação dos réus eclesiásticos. Em 1801, conseguiu sua liberdade e retornou ao Brasil, fixando-se novamente numa fazenda – só que na região de Barbacena⁷² –, onde hospedara Dom Pedro I (1826) e Saint-Hilaire (1817). O cônego Manuel teria participado ainda das articulações da Revolução Liberal de 1842, compondo as chamadas “forças revoltosas centrais” que confrontaram as tropas do Império. Nesse contexto, o historiador Eduardo de Menezes (1913) cita a participação do temido “Batalhão de Ibitipoca” na Revolução Liberal.

Ainda na segunda metade do século XVIII, em 1768, era construída a nova Matriz de Conceição de Ibitipoca, patrimônio arquitetônico em estilo rococó que nos dias atuais é atrativo turístico singular. Segundo Delgado (1962, p.112), essa igreja foi construída num período em que “progredia a região, através da mineração e da agricultura, criando-se fazendas e lavras que levaram fortuna a muitos pioneiros”. Ao citar um texto de Soares Ferreira, Delgado transcreve um trecho que faz alusão

... ao território da Borda que paulistas e portugueses, vindos pela garganta do Embaú (hoje Cruzeiro), aqui se estabeleceram com suas famílias e escravos, desbravaram estes sertões, dedicando-se a princípio à faina da mineração, e logo depois à lavoura e à pecuária que lhes eram mais rendosas pela recente abertura do Caminho Novo (ibid.).

⁷¹ “Sua fazenda, situada no Caminho Novo, era ponto de pousada e encontro de viandantes, entre os quais se incluía o Alferes da Cavalaria Joaquim José da Silva Xavier. [...] Em uma de suas viagens, vindo do Rio de Janeiro, em 1789, pernoitou Tiradentes na Fazenda do Registro e expôs a seu proprietário os planos de que vinha possuído após estender-se naquela cidade”. (ibid., p.221).

⁷² Barbacena se destacou como um ponto estratégico do partido liberal na província de Minas.

Em face da decadência da atividade mineradora em tempos setecentistas, Ibitipoca perderia, gradativamente, o seu poder político e econômico. Até as primeiras décadas do século XIX, o distrito de Conceição de Ibitipoca usufruía de algum prestígio alcançado no período anterior, o que possibilitou a sua elevação ao *status* de freguesia em 1818, por alvará régio – ocasião em que fora desmembrada de Barbacena⁷³. Contudo, tal circunstância privilegiada não perdurou por muito tempo, já que em 1832 transferia-se a sede da freguesia para Santa Rita – da qual a paróquia de Ibitipoca se tornara filial – após a compressão da esfera produtiva mineradora e a subsequente dispersão populacional⁷⁴. Aos que ficaram naquelas terras, restava-lhes delas extrair sua subsistência via atividades de teor agropecuário. Por conseguinte, há indícios⁷⁵ de que se encontrava constituído na Serra, por volta de 1845, um núcleo agrário que alternava a produção agrícola de subsistência com o cultivo do café⁷⁶:

Os [moradores] de Ibitipoca, falecendo-lhes o ouro das minas se entregaram à ociosidade e parte da população se dispersou por falta de conserto da igreja que se achava arruinada [...]. A população d'esta freguezia avaliada em outro tempo em mais de 2000 almas, apenas consta presentemente de 1200 habitantes entre os quais é raro se encontrarem mineiros, tendo-se quase todos convertidos ao amanho de terras e ao cultivo de cafeeiros, cujos produtos levam em machos até a cidade do Rio de Janeiro... (MILLIET DE SAINT-ADOLPHE, 1845, *op.cit.*).

Ironicamente, o documento supracitado registra que, um mês após ser destituída do posto de Paróquia Matriz e incorporada pela freguesia de Santa Rita, Conceição de Ibitipoca ganhara uma “escola de primeiras letras para meninas”. Porém, o módico educandário teria sido extinto ainda no século XIX, já que, de acordo com os entrevistados acima de 90 anos, Ibitipoca só voltaria a ter um estabelecimento de ensino primário em 1913, conhecido como Escolas Combinadas Conceição de Ibitipoca. Segundo relatos orais, na década de 1940, a escola contava

⁷³ Algumas fontes, contudo, sinalizam que a criação da freguesia de Conceição de Ibitipoca, por alvará régio, teria sido em 1820.

⁷⁴ A decadência socioeconômica e a dispersão populacional verificadas em Ibitipoca nos primeiros anos do século XIX são ainda perceptíveis no seguinte depoimento de Saint-Hilaire, em 1822: “Atravessamos primeiro a Vila de Ibitipoca, que conhecia mal, e julgava ainda mais insignificante do que realmente é. Fica [...] situada numa colina e se compõe de pequena igreja e **meia dúzia de casas que a rodeiam, cuja maioria está abandonada, além de algumas outras, igualmente miseráveis, construídas na encosta de outra colina**. Não espanta, pois, que inutilmente haja eu procurado, ontem, nesta pobre aldeia, os gêneros mais necessários à vida” (SAINT-HILAIRE, 1974, p.35, grifo nosso).

⁷⁵ MILLIET DE SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Dicionário Geográfico Histórico e Descritivo do Império do Brasil. Paris: [s.n.], 1845.

⁷⁶ Ainda hoje são encontrados, eventualmente, pés de café centenários em alguns remanescentes de matas localizados em propriedades rurais do entorno do Parque Estadual do Ibitipoca – como na Fazenda do Engenho, por exemplo.

com uns 60 alunos para apenas uma professora, e reunia crianças de toda a zona rural da região serrana comprimidos num único cômodo.

No final do século XIX (1881), era criado o município do Rio do Peixe – hoje Lima Duarte – o qual incorporou Conceição de Ibitipoca como distrito⁷⁷ – situação que permanece até então, muito embora o pequeno distrito lute há duas décadas para se emancipar, negando, ainda hoje, a municipalidade exercida pelo distrito-sede Lima Duarte, a qual fora legalmente instituída em 1881.

Desde o início do século XIX a região de Ibitipoca já atraía a atenção de cientistas e viajantes estrangeiros que se interessavam por sua biodiversidade, como é o caso do naturalista francês Saint-Hilaire que, ao percorrer a Serra para realizar os primeiros estudos de sua flora, teceu a seguinte descrição do arraial de Conceição de Ibitipoca em 1822:

...chegamos à Vila de Ibitipoca, situada num alto. Embora cabeça de um distrito que se estende até Rio Preto, consta esta vila de algumas casinhas apenas e do pior aspecto. Parei numa delas, onde vive, amontoada, numerosa família de mulatos, e perguntei onde morava a autoridade local. Responderam-me que numa fazenda situada a uma légua e meia daqui (SAINT-HILAIRE, 1974, p.32).

São comuns as fontes históricas que apontam a existência de grandes contingentes negros e mulatos em Ibitipoca. Os relatos de viagem de Saint-Hilaire (1974) e Álvaro da Silveira (1921) registram que a área onde atualmente se localiza o Parque serviu, num passado escravocrata, como abrigo para “negros fugitivos”. Álvaro da Silveira, aliás, efetuou interessantes registros do imaginário relativo à presença de escravos na Serra, relatando inclusive indícios de que as numerosas grutas inseridas no território onde atualmente se localiza o Parque dantes serviam de esconderijo para cativos⁷⁸:

A furna, com uma seção pouco variável e nunca inferior a 6 x 4 metros, atravessa de um lado a outro um maciço quartzitoso na extensão, aproximadamente, de 150 metros. [...] Os escravos, antigamente, aproveitavam essa vantajosa situação e faziam dessa furna magnífico esconderijo, quando fugiam da casa de seus senhores. Ao lado da entrada norte, vi ainda vestígios da cozinha – restos de fogão e paus apodrecidos nas camas dos desgraçados que faziam ali o seu quilombo (SILVEIRA, 1921, p.329-34, *passim*).

⁷⁷ Décadas depois, em 1920, há registros de que o distrito de Conceição de Ibitipoca possuía uma área de 186km². (DELGADO, 1962, p.322).

⁷⁸ A gruta descrita por Álvaro da Silveira atualmente se apresenta como um dos maiores atrativos turísticos do Parque, cujas histórias e lendas que a envolvem foram apropriadas pela “indústria do turismo”, que a divulga e “vende” como “Gruta dos Fugitivos”.

Os escravos de ascendência africana supracitados, provavelmente, constituíam a mão de obra nas fazendas da região de Ibitipoca. Delgado (1962, p.270), aliás, ressalta que “Lima Duarte foi um dos municípios onde o regime servil caracterizou-se pelo elevado número de escravos, empregados na mineração, na agricultura e em serviços domésticos”, sendo que o “o poderio econômico e a projeção social dos ‘senhores’ eram medidos pelo número de escravos que possuíam”.

Por sua vez, Vale (1986) traz algumas considerações acerca de indícios da remanescência de quilombos nas furnas de Ibitipoca, como refúgio para os cativos que se esquivavam dos domínios de fazendeiros – os proprietários de grandes extensões territoriais localizadas nas terras baixas próximas à Serra. Após escaparem, os fugitivos subiam a Serra visando aos “esconderijos naturais” caracterizados pela existência de dezenas de grutas rodeadas por territórios de caça e coleta: “Em tempos passados, estas sombrias galerias da Serra de Ibitipoca serviam de abrigos para os escravos dos grandes engenhos de cana de baixada que fugiam em busca de uma vida livre” (VALE, 1986, p.4).

Já a linguista Terezinha Resende (2003; 2006), baseada tanto em dados históricos sobre Ibitipoca quanto nos aspectos sociolinguísticos da população local, verifica indícios de *traços crioulos* no falar de um grupo social estudado na Serra⁷⁹, afirmando ainda que “houve na constituição remota desta comunidade a presença do branco, do negro e do índio. Isso remete consequentemente ao contato de línguas, ocorrido por meio da transmissão linguística irregular” (RESENDE, 2006, p.72).

Saint-Hilaire (1974, p.34) cita, por quatro vezes, o seu contato com negros ou mulatos em Ibitipoca, destacando o aspecto de simplicidade com que tais sujeitos viviam. O registro da existência de mulatos que viviam em situação “rudimentar” em Ibitipoca se repete em vários trechos: “Ao chegar, fui recebido por uma mulata vestida de saia e camisa de algodão muito sujos. Grande quantidade de bonitas crianças, trajadas do modo mais pobre, a rodeavam”. O botânico francês⁸⁰ observou, ainda, traços culturais e indicadores do modo de vida da população encontrada na Serra, à época:

... pus-me a conversar com a dona da casa e perguntei-lhe se não se aborrecia, só, no meio daquelas montanhas. Disse-me que ali estava apenas um ano, e nunca sentira um único momento de tédio. Os trabalhos caseiros, as galinhas e os animais domésticos tomam-lhe o tempo todo. Havia, além disto, sempre algo de novo em seu pequeno lar. Era preciso ora plantar, ora colher; nasciam-lhe criações; o marido e o filho mais velho saíam para caçar e assim traziam ora um porco-do-mato, cuja carne, assada, comiam todos, ora um gato selvagem. E com efeito mostrou-me muitas peles já curtidas de vários animais (*ibid.*).

⁷⁹ RESENDE, Terezinha Cristina Campos. O falar de Conceição de Ibitipoca: indícios de traços crioulos? *Papia: Revista brasileira de estudos crioulos e similares*, Brasília: Thesaurus Editora, n. 13, p.139-149, 2003.

⁸⁰ Devido ao teor corográfico presente em seus relatos de viagem, pode-se inferir que Saint-Hilaire não foi menos “geógrafo” ou “antropólogo” do que “botânico”.

Nesse trecho, é possível observar aspectos culturais relativos ao modo de vida daquela população⁸¹, incluindo hábitos alimentares, cuja fonte principal de proteína animal se constituía da caça e da criação de pequenos animais – porcos e galinhas. Outros alimentos como queijo, farinha, bananas, palmito e leite também compunham a dieta do ibitipoquense no início do século XIX. Consta-se ainda que, na Serra de Ibitipoca, o período de convivência mútua e interação entre animais selvagens e o camponês-caçador é, no mínimo, bissecular.

Saint-Hilaire descreve ainda o estado das moradias encontradas na região: “encontramos um casebre grosseiramente construído de taipa, coberto de sapé, e cujas entranhas são portas estreitas fechadas com couro. Se esta choupana apenas revela a indigência, sua situação foi bem escolhida...” (*ibid.*, p.34). Não menos raros são os registros de escravos que habitavam as fazendas, bem como de seus senhores⁸².

Embora se preocupe em verificar nas terras brasileiras estágios de “civilização” por comparações com a realidade europeia, Saint-Hilaire retrata aspectos sociológicos e geográficos de Ibitipoca – narrando ainda hábitos religiosos e costumes diversos – apesar de, por vezes, carregados de certo tom de exagero, preconceito e ironia – tal qual percebido no trecho citado, quando correlaciona a choupana dos camponeses de Ibitipoca à “indigência”. Nesse sentido, Carneiro (2001, p.234) alerta que “o caráter imperial e colonial dos viajantes produziu com seus relatos não apenas informações úteis para os projetos europeus de dominação como também fenômenos de transculturação”. *Mutatis mutandis*, os relatos de Saint-Hilaire são fontes imprescindíveis à nossa pesquisa. São esses mesmos registros que apontam, por exemplo, a emergência das atividades de teor agropecuário no século XIX, tendo em vista a decadência da exploração econômica mineradora⁸³ na região.

⁸¹ Matos (1979, p.139) registra a existência de 637 fogos (moradias) e 5461 almas (habitantes) na **freguesia** de Ibitipoca, referentes ao ano de 1826. Assim o autor descreve a vila de Conceição de Ibitipoca: “**Arraial** e cabeça de grande distrito situado na margem esquerda do rio do mesmo nome que entra na margem direita do Rio Grande junto à Serra da Mantiqueira a uma distância de 30 léguas da cidade do Ouro Preto e 57 do Rio de Janeiro. Tem igreja paroquial e 12 fogos. O **distrito** próprio de Ibitipoca dista 12 léguas da cabeça do termo. Possui 95 fogos e 727 almas” (*op.cit.*, p.105, grifo nosso). É válido observar a distinção entre os dados do distrito, do arraial e da freguesia de Ibitipoca, os quais foram levantados separadamente à época.

⁸² “Paramos numa fazenda cujo dono está ausente. Seus negros permitiram-nos, a princípio, que nos estabelecêssemos sob a varanda e à noite abriram-me a sala para que ali fizesse minha cama. Tive, por conseguinte, a ocasião de ver o interior e achei-o igual ao da maioria das habitações desta comarca, quer dizer, quase nu” (SAINT-HILAIRE, 1974, p.36).

⁸³ Uma outra fonte reforça tal tendência: “Confirmando a transferência da atividade econômica mineradora para aquela de teor agropecuário, encontram-se no livro Paroquial de Registro de Terras de Freguesia de Conceição de Ibitipoca (1855-1856) listadas dezenas de proprietários de glebas e escravos. Neste livro há referência a diversas fazendas destacando-se a “Fazenda do Tanque”, onde ficou hospedado o naturalista francês Saint-Hilaire, cujo proprietário era Antônio Martins Fagundes” (IEF; BRANDT, 1994b).

Uma constatação relevante é o fato de aquela família de “mulatos” supracitada estar estabelecida na área há apenas um ano⁸⁴, “só para construir choupana e formar plantação”, uma vez que o patriarca daquele grupo familiar julgava o lugar vantajoso para fixar-se, transportando para lá mulher e filhos (SAINT-HILAIRE, 1974, p.34). Ao que parece, as áreas serranas era o que restava para os menos abastados, devido, dentre outros fatores, às dificuldades de acesso e à indisposição do relevo às atividades agropastoris de maior rentabilidade – ainda mais na Serra de Ibitipoca, onde há predominância de campos rupestres sobre rochas quartzíticas⁸⁵.

Tal constatação reforça a ideia do antropólogo Diegues (2002) de que as populações humanas vinculadas às formas de produção com reduzida acumulação de capital ocupavam áreas de ecossistemas marginais, economicamente pouco rentáveis. Assim, esses núcleos populacionais situados em terrenos de elevada altimetria e declividade acentuada apoiar-se-iam em atividades de subsistência como caça, coleta, extrativismo vegetal e agricultura.

Ao longo do eixo Barbacena – Rio de Janeiro, tornar-se-iam essas áreas abastecedoras da colônia em gêneros de subsistência. Não obstante isso, Caio Prado Jr. (2000) destaca que, via de regra, esse tipo de agricultura se localizava relativamente distante do seu único mercado – as cidades – conformando, em certas áreas afastadas consideradas de “segunda ordem”, a fixação de contingentes rurais com as seguintes características:

...populações marginais de baixo teor de vida na maioria, aí se encontram só porque não acham lugar nas zonas de maiores perspectivas que são da grande lavoura. A mediocridade desta mesquinha agricultura de subsistência que praticam, e que nas condições econômicas da colônia não podia ter senão este papel secundário e de nível extremamente baixo, leva para elas, por efeito de uma espontânea seleção social, econômica e moral, as categorias inferiores da colonização. Não encontramos aí, por via de regra, senão um elemento humano, residual, sobretudo mestiços do índio que conservaram dele a indolência e qualidade negativas para um teor de vida material e moral mais elevado. Ou então, brancos degenerados e decadentes. Martius, o Príncipe Maximiliano e Saint-Hilaire, que percorreram essas regiões, deixaram delas um testemunho doloroso (PRADO JR., 2000, p.161-162).

⁸⁴ O que permite lançar a hipótese de que eles praticavam agricultura itinerante.

⁸⁵ Os solos da Serra são em grande parte originados de rochas quartzíticas, pouco desenvolvidos e de pouca espessura, onde ocorrem os campos rupestres, “formados por uma cobertura contínua de formação herbácea sobre afloramentos rochosos”, cobertos por gramíneas, ciperáceas, arbustos e ervas. (FJP, 2000, p. 74).

Embora o autor pontue uma tendência à maior concentração desses nichos agrícolas ao longo das faixas litorâneas, seria o caso de lançar, aqui, a hipótese de que essas culturas alimentares de subsistência também encontrassem nos altos de serra o seu espaço⁸⁶.

Ademais, têm-se na história de Ibitipoca episódios semelhantes aos observados em outras regiões de Minas Gerais e do Brasil: a ocupação inicial por populações indígenas, a chegada dos bandeirantes e a subsequente extinção e/ou aculturação dos contingentes nativos; a súbita ascensão e declínio da mineração do ouro; a emergência de novas atividades econômicas suplementares; visitas de naturalistas estrangeiros no século XIX; presença de refúgios quilombolas; ocorrência de expedições científicas no início do século XX. Enfocaremos, a seguir, o modo de vida de seu campesinato.

2.2 DAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO BASEADAS EM FORMAS COERCITIVAS AMBÍGUAS

Quem utilizava da Serra de Ibitipoca só trabalhava nas lavoura, no serviço de enxada, foice, batendo roça, trabalhava pros fazendeiro, e chegava em casa aos domingo assistia à missa, não tinha nem um rádio, não tinha uma ligação de nada, era incomunicável. Não tinha jeito, nem jornal, não tinha nem correio [...] Eles vivia do trabalho mesmo, suor. Alimentação doméstica produzida, criada da casa: produção natural. Pra fazer o plantio de arroz, feijão, milho, a batata, couve, tudo tem de cereais.

(lavrador aposentado, 79)

Com a abolição do regime escravocrata, em 1988, evidenciaram-se, em Ibitipoca, quatro tipos distintos de categoria social rural: os *colonos* (*agregados*), os *fazendeiros*⁸⁷ (senhor/patrão), os *camaradas* (diaristas e meeiros/parceiros; homens livres sem terras para plantar) e os *camponeses-sitiantes* (agricultores familiares que possuíam pequenas porções de terra e complementavam a agricultura de subsistência com uma produção mercantil simples).

⁸⁶ Vale destacar aqui as constatações de Shirley (1971, p.70) acerca de determinadas populações camponesas da Serra da Mantiqueira: "...geralmente nas regiões montanhosas, ou nas áreas isoladas menos desejáveis, longe das estradas, ficavam dispersos muitos bairros de caipiras sitiantes. Alguns destes dominavam, de fato, consideráveis extensões de terra, mas devido à natureza de sua cultura e economia, ocupavam-se pouco do comércio".

⁸⁷ Alguns indícios históricos lançam luz sobre a dimensão fundiária das fazendas de Ibitipoca, na segunda metade do século XIX. Em fev. 1856, a Fazenda da Tapera abrangia uma área total de aproximadamente 70 alqueires – entre áreas de cultivo e campos de pastagem. Localizada no distrito de Conceição de Ibitipoca, a Tapera era de propriedade de Manoel Theodoro Rodrigues. [Fonte: Livros paroquiais de Registro de Terras das Freguesias de Conceição de Ibitipoca, citado por Delgado (1962, p.266)].

2.2.1 ENTRE COLONOS, CAMARADAS, FAZENDEIROS E SITIANTES...

Nas primeiras décadas do século XX, a agricultura de subsistência da Serra de Ibitipoca possuía autossuficiência relativa, uma vez que havia a figura do “alto fazendeiro” e os poderes por ele concentrados, já que este era detentor de alguma representatividade política e de *status* social local. Enquanto que os pequenos proprietários de terra (sitiantes) se utilizavam da agricultura de subsistência (economia de excedentes), os poucos fazendeiros da região alçavam uma produção em escala relativamente maior, a qual implicava o emprego da mão de obra local intermediada pelas “relações de camaradagem” entre o “senhor/patrão” e os “colonos/agregados” e “camaradas”. Essas relações de produção incluíam a troca de trabalho por terra agricultável, alimentos, favores e/ou proteção – embora alguns camponeses eventualmente recebessem ocasionalmente uma contrapartida monetária pelo dia de serviço: o “jornal”⁸⁸.

A esses homens livres e pobres ligados à esfera produtiva agrícola restavam três colocações possíveis na escala social: i) Estabelecerem-se nas terras de outrem a partir de relações coercitivas não capitalistas (colonos/agregados); ii) Tornarem-se camaradas/diaristas e venderem seus braços diretamente ao fazendeiro, recebendo em troca uma diária (jornal) estipulada pelo próprio patrão; iii) Possearem novas terras, caso as encontrassem, e se fixarem como *sitiantes* a praticar uma produção de subsistência com baixo grau de inserção na economia de mercado.

Desse período, em Ibitipoca, as relações de produção incluem as relações de dominação presentes nas *figurações fazendeiro/camarada e fazendeiro/colono*. Essas relações de produção encontravam-se assentadas em formas coercitivas não capitalistas, em que os chamados colonos (homens livres sem terra para plantar) moravam de favor na terra alheia, devendo, em troca, retribuições morais e ocupacionais ao dono da terra. Nesse tipo de relação não há, portanto, o aluguel monetário da terra, tampouco o pagamento de salário, mas, sim, uma forma coercitiva de sociabilidade baseada em relações de compadrio e vizinhança que possibilita àquele que não detém os meios de produção produzir.

Naquele tempo não existia funcionário, existia colonos. Morava até uma porção: três, quatro colonos na fazenda. A família criava ali e trabalhava naquela fazenda. A relação era o seguinte: ele (patrão) tratava bem, remanescente do – 1950 para 1880, setenta anos né – ainda tinha bem aquele resquício da escravidão ainda. Então os colonos eram folgados? Não, eles eram pessoas apertadas que estavam sempre debaixo do domínio do proprietário da fazenda.
(produtor rural e dono de um camping, 73)

⁸⁸ Segundo depoimentos, o “jornal” consistia no pagamento diário aos “camaradas” de pequena quantia monetária estipulada pelo patrão.

O “colono” de Ibitipoca é uma categoria próxima ao que, em outras regiões do Brasil, é denominado de *agregado*. De acordo com Prado Jr. (2000, p.159), o *agregado* consiste numa forma pretérita fundamental à organização social da colônia, podendo assumir a conformação de um pequeno produtor rural autônomo – embora atrelado ao domínio do fazendeiro, já que subordina-se ao proprietário da terra. A relação de agregação acomoda, assim, um tipo de exploração agrícola diferente e separado da grande lavoura. O *agregado* é, ao mesmo tempo, ocupante da terra e trabalhador; estabelece com o proprietário fundiário relações típicas de “vassalagem” – as quais envolvem a prestação de pequenos serviços ao dono da terra como prerrogativa para explorar uma porção territorial sob o seu domínio.

Não obstante isso, o “colono”⁸⁹ de Ibitipoca perfaz muitas das características constitutivas do *agregado* clássico, incorporando ainda algumas peculiaridades – como o pagamento esporádico de diárias, somente aos domingos, caso trabalhasse nesse dia. No restante da semana, suas tarefas na propriedade incluíam o dispêndio de sua força de trabalho nas atividades e culturas do dono da terra, sem contrapartida monetária. A incorporação da mão de obra do colono/*agregado*, assim, não gerava nenhum vínculo ocupacional juridicamente reconhecido. Ademais, o colono⁹⁰ devia retirar a própria subsistência do pedaço de terra que dispunha sob o seu domínio, trabalhando ao mesmo tempo para si e para o patrono (proprietário fundiário). Ao fazendeiro de Ibitipoca, a conveniência desse tipo de relação de produção (e dominação) resultava na redução do custo de produção, já que o custeio da mão de obra não estava assentado no gasto contínuo de recursos monetários.

Embora os benefícios sejam aparentemente recíprocos, a relação estabelecida entre o colono e o patrono-fazendeiro conforma um processo de exploração estável da força de trabalho do colono, uma espécie de comensalismo em que o maior beneficiado é o dono da terra, sem que a outra parte seja diametralmente prejudicada.

⁸⁹ Interessante observar a utilização do termo “colono” em Ibitipoca para definir essa forma social. No Brasil, o sujeito rural incorporado nesse tipo de relação é geralmente denominado de “*agregado*”. Contudo, o termo “colono”, apesar de aparentemente regional, tem uma remota explicação histórica. De acordo com Queiroz (1973, p.16), desde os últimos tempos do Império Romano, a noção de “colono” era usada para definir o “homem livre ao qual foi entregue uma parcela que ele trabalha por sua própria conta, para seu sustento e da família, pagando ao senhor o aluguel da terra com parte da colheita. Rareando cada vez mais o braço escravo, devido a circunstâncias socioeconômicas da época, foram aumentando nas propriedades as parcelas arrendadas a ‘colonos’ que, também, cada vez mais, foram sendo denominados *parceiros* [...] Colonos e parceiros deviam ao senhor dias de trabalho...”. Ao contrário do “colono” romano, porém, o “colono” de Ibitipoca muitas vezes era o próprio ex-escravo ou o seu descendente que, uma vez “liberto” do cativo, via-se novamente preso aos domínios do fazendeiro, sob novas circunstâncias.

⁹⁰ Se um “colono” era o responsável por uma fazenda, por exemplo, às vezes o proprietário daquela área lhe concedia o direito de possuir quatro ou cinco vacas para o sustento familiar.

O colono era uma pessoa que morava na terra do outro. Pessoa que não tem terra, então morava na propriedade do outro. Não tinha esse negócio de cobrar, não tinha lei trabalhista. Aí morava na terra do outro e criava a família ali. Meava as coisas... Aqui tinha uma fazenda que tinha dois colonos, retireiros, criou 10 filhos cada um, era a maior fartura. E era só aos domingos que eles ganhavam para trabalhar. Durante a semana, eles tirava o leite – levantava de madrugada, no escuro – e ia trabalhar para ele no resto do dia. Fazer cerca, rapar curral. E eles usava fazer aquelas grotas de lavoura. A mulher ia lavar roupa... o colono era um meeiro que morava dentro da fazenda. Mas ganhava diária se trabalhasse.

(agricultora, 92)

A categoria social colono/agregado constatada em Ibitipoca se apresenta, assim, como resíduo de uma forma de organização agrária colonial, em que as transformações advindas com a abolição da escravatura conservaram características de períodos anteriores, reelaborando as condições de produção da vida material em novos termos.

As propriedades fundiárias localizadas nas terras baixas próximas ao sopé da Serra de Ibitipoca demandavam a ocupação de um contingente considerável de mão de obra e organização coletiva do trabalho. Nos interstícios das lavouras de subsistência praticadas nas terras altas de Ibitipoca, os camponeses ocasionalmente desciam para as propriedades situadas nas terras baixas localizadas no sopé da Serra para lá trabalharem como diaristas. Esse tipo de trabalhador era conhecido como camarada.

O camarada é o trabalhador da roça. Ele é diarista, não tem documento nem nada. Isso porque o produtor pequeno não tem como legalizar um camarada. Então paga o jornal, a diária. **Então a vida já foi muito escura.** Hoje é que tem direito.

(agricultora, 92)

No trecho acima, a agricultora recorre a um recurso sinestésico para contextualizar a condição adversa à qual o camarada era submetido. Ao afirmar que “a vida já foi muito escura”, a entrevistada expressa um sentimento ruim para com essas formas pretéritas de exploração do trabalho no campo.

Apesar de possuírem alguns traços em comum, o colono/agregado distingue-se do camarada por não receber pagamento diário de seu trabalho, e ainda, pelo fato de sua moradia localizar-se no interior da fazenda de outrem. Se, por um lado, o camarada podia vender livremente sua força de trabalho, por outro lado não havia a garantia de terras disponíveis para plantar o seu próprio sustento. Em contrapartida, o colono/agregado, apesar de dispor de um pedaço de terra para dela extrair sua subsistência, deveria estar continuamente à disposição do fazen-

deiro-patrono sem contudo receber recursos monetários pelo trabalho despendido – relação que corrobora para a sua perda de autonomia perante o dono da terra. Para resolver tal pendência, os camaradas eventualmente apelavam para o sistema de parceria⁹¹, plantando à meia com o fazendeiro sem contudo morar na propriedade deste. Essa forma de meação, porém, não lhes assegurava qualquer constância ou garantia de cessão temporária de terras de cultura nos anos subsequentes.

Na visão de Maria Sylvia de Carvalho Franco (1983, p.92), a composição do *agregado* como categoria social eventualmente abria espaço para a constituição de formas reelaboradas do modo de vida dos *caipiras independentes*, já que “as terras improdutivas podiam, sem prejuízo para o proprietário, ser cedidas de favor”, possibilitando a manutenção da autonomia relativa daqueles. Por conseguinte, ajustes sociais, relações de dominação pessoal e contingência permeavam as circunstâncias da agregação, cuja prática não necessariamente envolvia a exploração lucrativa do pedaço de terra destinado ao *agregado*. O camarada, ao contrário, representaria a assimilação do antigo caipira à dinâmica econômica da sociedade envolvente.

O camarada representa apenas a viabilidade de absorção do caipira ao setor da sociedade que está articulado economicamente, num processo que em larga medida é de perda dos atributos do tipo social anterior. O *agregado* ou morador, ao contrário, reelabora o antigo estilo de vida, embora carente de suas próprias bases: a livre disposição da terra e a participação em pequenos grupos sociais coesos (FRANCO, 1983, p.92).

Via de regra, os *camaradas* de Ibitipoca se concentravam no arraial da Conceição, em especial numa ruela denominada Curro Lava-Pés – pedaço da vila que teria catalisado parte da população liberta pela Lei Áurea de 1888. Após ocuparem essa porção do arraial de Conceição de Ibitipoca, as famílias de ex-cativos constituiriam a maior parte do contingente de agricultores livres pobres sem terras para plantar e que, devido às circunstâncias históricas de sua constituição, nada tinham a vender senão os seus próprios braços. Algumas trovas populares rememoradas pelos entrevistados ilustram bem as circunstâncias de vida desses camponeses à época:

*Por não haver mais escravo
Acabou-se a garantia
Por isso é que os fazendeiro
Trata de economia.*

*Triste vida do roceiro
Já não pode descansar
O diabo dos ladrão
Come sem trabalhar.*

(agricultor aposentado, 79)

⁹¹ “Plantava... a gente plantava roça. E meava no terreno das outras pessoas plantar também... porque a gente plantava no terreno dos outros; quem não tinha o seu terreno plantava no dos outros...” (lavradora aposentada, 58).

O camarada residente no Curro Lava-Pés e sua respectiva família dispunham sob sua posse apenas um pequeno lote de terra, onde estabeleciam cabanas de adobe e sapé rodeadas por um quintal destinado ao plantio de hortaliças, criação de pequenos animais e pomar. Os homens se empregavam como *camaradas* nas fazendas, recebendo pelo jornal – uma espécie de diária – ou empreitadas (tarefas). Já as mulheres eram conhecidas como “pretas-velhas” e, como forma de complementar a renda familiar, viviam da coleta de macela na área denominada Serra Grande. Foram elas diretamente atingidas com a criação do parque e a subsequente proibição da extração dessa flor nos seus campos de altitude. Por outro lado, a princípio o cercamento das pastagens comunais da Serra não prejudicou diretamente esses camponeses do Curro Lava-Pés, tendo em vista que não possuíam gado bovino. Entretanto, num segundo momento, quando os *sitiantes* foram impedidos de usar a Serra Grande como área funcional à pecuária extensiva, não vislumbraram outra alternativa senão ampliar as áreas de pastagem dentro da própria propriedade, reduzindo assim o espaço de que dispunham para ceder temporariamente para o camarada-meeiro estabelecer lavoura. Dessa forma, a implantação do Parque contribuiu para o enfraquecimento das relações de parceria/meação⁹² que amparavam os *camaradas* das comunidades rurais de seu entorno.

Ao analisar sociologicamente o campesinato brasileiro, Forman (1979) alerta para a dependência que permeia a relação patrão-empregado no Brasil rural, a qual submetia o camponês a uma série de relações de trocas desiguais. Mas como se dava essa relação de “patrão-dependência” (fazendeiro/camarada) em Ibitipoca? Quem nos traz evidências é um lavrador aposentado, 79 anos, ao narrar que

... o patrão era muito respeitado, os camarada⁹³ respeitava ele muito, dava todo o apoio para o proprietário, o dono, o patrão. Em troca, o patrão⁹⁴ dava pra eles o que é necessário, pagava o ordenado direitinho – que não existia salário na época, né – então pagava eles o jornal do dia, que chamava jornal né... pagava direitinho. Jornal é o preço total – era dois mi réis, um mi réis [...] Pagava o jornal direitinho, chegava nos tempo das colheita era muita lavou-

⁹² A meação é uma variante do sistema de parceria comumente encontrado em zonas rurais, em que o agricultor sem terras para plantar (meeiro) estabelece lavouras na propriedade de outrem. A metade da produção agrícola resultante é então entregue pelo agricultor/produzidor direto (meeiro) ao dono da terra.

⁹³ Os termos “camarada” e “colono”, nesse contexto, referem-se ao trabalhador que compunha a mão de obra rural e estava submetido à relação de “patrão-dependência”. Interessante salientar que Candido (2003, p.138), ao estudar o caipira paulista nos anos 1950, observara essas mesmas designações, com a peculiaridade de que o “camarada caipira” era pago por mês trabalhado, embora recebesse do patrão “regalias” semelhantes às observadas em Ibitipoca, como que por recompensa à sua dedicação.

⁹⁴ Segundo relatos, a proteção do patrão para com o “camarada” abrangia a cobertura de eventuais crimes cometidos por este a mando daquele: “o patrão protegia o máximo. Acoitava ele, escondia ele, não deixava ele apresentar ao público, não deixava faltar nada pra ele até passar um certo período” (lavrador aposentado, 79).

ra... o colono e os camarada que não tivesse quase nada se precisava de milho ele [patrão] mandava levar. De milho, os cereais da alimentação. Não tinha conforto nenhum não...

No relato descrito, o entrevistado não se inclui nem como “patrão”, nem como “camarada”, tampouco como “colono”. Ao contrário, o sujeito conduz sua narrativa em terceira pessoa, como se pertencesse a uma outra categoria. E, de fato, ele constitui uma outra dimensão da organização social da vida rural de Ibitipoca: um *sitiente*⁹⁵. Sua família provém de um estrato intermediário, camponeses livres pobres advindos das redondezas da fazenda do Yeiê Vermelho (hoje entorno norte do Parque, no município de Santa Rita do Ibitipoca). No final do século XIX, seus pais possuíam uma parcela de terras devolutas nas faldas da Serra (hoje limítrofe ao Parque, entorno sudoeste). Desde então, possuíam o domínio de um sítio com 20 hectares de terras não muito férteis, num terreno acidentado fronteiro à Serra Grande, onde ele e seus dez irmãos nasceram e foram criados. Dessa família de onze filhos, o entrevistado é o único ainda vivo. Sem herdeiros e dependendo do fundo de aposentadoria rural para viver, vendera recentemente suas terras a um empresário italiano que possui pousadas na Serra – sem, contudo, abrir mão do usufruto delas. Ele vendeu as terras, mas não se desfez delas. Enquanto viver, poderá viver ali. E isso, segundo ele, lhe basta.

A essa categoria, chamaremos de *sitiantes* – camponeses livres pobres que possuíam uma pequena porção de terra onde estabeleciam a agricultura de subsistência, complementando-a com uma produção mercantil simples. Conforme veremos no último capítulo, o *sitiente* de Ibitipoca foi a única categoria social rural que teve condições de resistir às transformações engendradas tanto pela modernização da agricultura brasileira quanto pelas mudanças recentes verificadas em face da reestruturação da esfera produtiva com o advento do turismo na Serra.

2.3 A CULTURA CAMPONESA E SUAS REPRESENTAÇÕES

Produzia o que a terra dava. Moía cana, fazia açúcar, nós tudo fazia açúcar. Milho, feijão, arroz, tudo plantava. Leite, tirava leite também. [...] Era umas casas assim, umas casas pequena de gente pobre, se vivia da terra, né... então a gente era assim. Não tinha conforto, o conforto que hoje o povo tem de primeiro nós não teve. Tudo era feito mesmo nas munheca, né... Não tinha esse negócio de ficar hoje na canetinha, né?

(dona de casa aposentada, 65)

⁹⁵ Na obra de Queiroz (1973), encontram-se expostos alguns critérios de classificação do *sitiente* tradicional brasileiro como camponês: habitantes do meio rural brasileiro que não eram nem fazendeiros nem trabalhadores sem terra, possuindo uma pequena porção territorial onde constituíam ambiente de vida e de trabalho. Praticavam a policultura, cujo excedente de produção era vendido ou trocado.

Serão demonstrados, neste tópico, as evidências empíricas sobre as quais nos pautamos para considerar a população camponesa da Serra de Ibitipoca – no período que precedeu ao turismo – como portadora de traços característicos de cultura tradicional⁹⁶, uma vez que seus membros estavam inseridos em atividades econômicas de pequena escala que engendravam modos próprios de organização social, simbologias, mitos e ritos de sacralização do seu território serrano – incorporando, na produção de sua própria vida, a dinâmica do ecossistema envolvente.

Lançamos, a princípio, a hipótese que considera a possibilidade de que a Serra de Ibitipoca compreendia os domínios da cultura caipira⁹⁷, uma vez que, além de situada na porção meridional do território mineiro, possui ligações históricas com outras populações que coexistem nas encostas da Serra da Mantiqueira. Aliás, não por acaso Ibitipoca é citada nos estudos clássicos de Antonio Candido sobre a cultura caipira.

Em seu clássico *Os parceiros do Rio Bonito*⁹⁸, Candido (2003, p.218) analisa os registros de Saint-Hilaire sobre o modo de vida em Ibitipoca, com enfoque nos relatos do naturalista francês sobre a importância da caça na composição da dieta do campesinato da Serra. Ao discorrer sobre o *ajuste ecológico* verificado nas relações dos grupos camponeses com o seu meio imediato, Candido verifica uma *síntese adaptativa* da vida econômico-social com o ambiente, donde diversificadas atividades (agricultura, caça, pesca, coleta, etc.) eram concebidas como complementares entre si, não podendo, portanto, serem vistas como práticas isoladas⁹⁹. Na esfera da vida humana descrita por Saint-Hilaire em Ibitipoca, a caça é, nos termos de Candido, um elemento ponderável na constituição da dieta e, ainda, “caça é sobretudo defesa das roças e divertimento praticado nas horas vagas; *acessorariamente*, complemento da dieta” (*ibid.*, p.219). E destaca também que o contato com padrões urbanos teria dissociado, no século XX, a caça do trabalho, a partir da concepção de uma nova escala de valores, onde a caça é vista também como atividade recreativa. Na atmosfera da cultura camponesa, todavia, a caça caracteriza o roceiro comum, o *cachorreiro*, o *rastreador*, o *piador de macuco*, etc., para o qual a

⁹⁶ Em certo sentido, toda cultura é tradicional. O termo ora utilizado, contudo, se baseia no repertório teórico-conceitual exposto em Diegues (2000; 2002).

⁹⁷ “O caipira mesmo isolado era, a despeito disto, um camponês e, assim, por definição, tinha vínculos com as maiores sociedades municipais e nacionais [...] a cultura camponesa do caipira estabeleceu-se fora das fazendas e se estabeleceu também às margens das zonas comerciais” (SHIRLEY, 1971, p.68).

⁹⁸ *Os parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Candido, foi publicado pela primeira vez em 1964 e apresenta os resultados de uma pesquisa empreendida pelo autor entre 1948 e 1954. Tal obra se afigura como um marco histórico nos estudos sobre a cultura caipira do Brasil.

⁹⁹ “A roça, as águas, os matos e campos encerravam-se numa continuidade geográfica, delimitando esse complexo de atividades solidárias – de tal forma que as atividades do grupo e o meio em que elas se inseriam formavam por sua vez uma continuidade geossocial, um interajuste ecológico, onde cultura e natureza apareciam, a bem dizer, como dois pólos de uma mesma realidade” (CANDIDO, 2003, p.218).

caçada é uma atividade rotineira e monótona, em cujas funções estava a de obter carne para a dieta do grupo familiar¹⁰⁰. Tais características, segundo Antonio Candido, aproximavam o caipira de Ibitipoca aos traços da cultura indígena, ao passo que distanciavam-no da figura do agricultor moderno:

Seria o caso de afrontar o paradoxo e dizer que caipiras como o que serviu de guia a Saint-Hilaire na região de Ibitipoca, em Minas, e saía a caçar com o filho, enquanto a mulher cuidava da casa, complementando com carne de gato ou porco-do-mato a dieta de farinha, queijo ou banana – que tais caipiras estão porventura mais próximos do índio caçador do que do agricultor moderno (CANDIDO, 2003, p.218).

Luyten (1992) registra que as manifestações populares se sobressaem em zonas rurais, uma vez que culturas regionais teriam surgido a partir de tradições, costumes e usos específicos às condições de vida peculiares aos diferentes lugares. Nesse sentido, o autor esboça a “região cultural caipira” e sua identidade cultural permeada por variadas manifestações populares, compreendidas pelo norte do Estado do Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Sul de Minas Gerais e o Estado de São Paulo, não se circunscrevendo, portanto, apenas aos domínios paulistas¹⁰¹.

Nesse sentido, vale destacar ainda os estudos antropológicos de Shirley (1971, p.63), realizados na Serra Quebra Cangalha (SP)¹⁰², uma área que, apesar de localizada em território paulista, está distante de Ibitipoca a algumas poucas dezenas de quilômetros. Registra o autor que as populações dessas áreas serranas possuem distintos tipos de sotaques e lançam mão do uso de expressões locais específicas, “um fato linguístico que em si indica uma grande instabilidade e isolamento da população nas zonas rurais”. Shirley destaca ainda que “os caipiras dessas regiões montanhosas são demograficamente muito estáveis”, permanecendo, sempre que possível, num mesmo território por várias gerações.

Somar-se-á a essas caracterizações o fato de a população rural estudada em Ibitipoca possuir uma linguagem própria, identificada pelo uso da “variante não padrão” da língua portuguesa e pautada, segundo Resende (2003), em traços de conservação de seu dialeto:

...entre os falantes nativos de Conceição de Ibitipoca, analfabetos ou com

¹⁰⁰ “... o caipira passava normalmente da enxada e do machado para o anzol ou a espingarda; da foice para o visgo, a arapuca, a zagaia, o mundéu, como quem circula na mesma atmosfera contínua de luta pela vida” (ibid.).

¹⁰¹ Ao que parece, o “caipira paulista” se fez “paulista” não por se circunscrever ao território do Estado de São Paulo, mas sim por ter sido estudado por pesquisadores paulistas de universidades paulistas a enfocar grupos sociais e municípios também paulistas, contrapondo a cultura caipira ao desenvolvimento urbano-industrial observado no Estado de São Paulo ao longo da segunda metade do século XX.

¹⁰² A Serra da Cangalha situa-se nas terras altas do município de Cunha (SP).

baixo grau de escolaridade, a não aplicação da regra variável é quase categórica. Acreditamos que, pelas condições sócio-históricas da formação dessa comunidade de fala, seja freqüente, desde tempos mais remotos, o uso da variante não-padrão da língua portuguesa. Nesse sentido, julgamos que a regra sintática desses falantes ainda apresenta o traço conservador do seu dialeto, partindo do princípio de que o estudo de um dialeto deve pautar-se na constituição da sua própria história. (*ibid.*, p.147).

Na memória dos ibitipoquenses mais antigos¹⁰³, no período anterior à chegada dos primeiros turistas, Conceição de Ibitipoca é percebida como uma vila pacata, baseada na economia agrícola de excedentes. O arraial¹⁰⁴ se constituía de poucas casas, muitas das quais desabitadas, pois alguns fazendeiros ocupavam-nas somente em época de festas – celebrações católicas, natal, “ano-bom”¹⁰⁵, etc. Eis alguns aspectos do arraial e do modo de vida de seu povo:

Ah, Ibitipoca era um arraialzinho muito vadio, tinha só uma igreja e as casa em volta, muito emboladinho e o povo fazia casa... que circulava dentro do rio, né. [...] Muito pouquinho, umas doze casa só, mundinho de pouco moradores. Os habitantes devia de ser uns sessenta só, uns cinquenta ou sessenta no máximo. Que eram todos casado, moram com a família.

(lavrador aposentado, 79)

Nessa época, a área rural era mais habitada que o arraial e constituía-se de pequenas propriedades rurais e uma ou outra fazenda – essas propriedades maiores, apesar de raras, compreendiam até duas centenas de hectares. De acordo com Delgado (1962, p.320), em 1950 o distrito de Conceição de Ibitipoca somava 1816 habitantes, sendo que 238 constituíam a população do arraial (114 homens e 124 mulheres). A população era formada quase em sua totalidade dos camponeses que ali estavam estabelecidos há várias gerações – “muitos de nós vieram raízes da terra, são as pessoas que nasceram aí, pessoas de pouca posse...” – muito embora se verifiquem relatos da existência de alguns camponeses “que vieram de fora, compraram terras e ficaram por aí. A maioria já estava radicada aqui há muitos anos”, provenientes de cidades próximas como Bias Fortes, Piedade (do Rio Grande), Santa Rita do Ibitipoca e Santana do Garambéu; compraram “terreno fácil” na Serra e por ali

¹⁰³ Segundo relatos, a maioria dos moradores raramente saía de Ibitipoca para outras localidades, salvo para tratamento de saúde, e o contato com “gente de fora” era mínimo.

¹⁰⁴ Havia, no arraial, um pequeno estabelecimento de ensino chamado Escolas Combinadas Conceição de Ibitipoca, fundado em 1913. Segundo relatos orais, na década de 1940 a escola contava com uns 60 alunos para apenas uma professora, e reunia alunos de toda a zona rural da região serrana.

¹⁰⁵ O “ano-bom” equivale ao rito de passagem do ano, ao réveillon. Segundo informações, em Ibitipoca recebia esse nome em função dos agradecimentos e penitências que eram feitos em relação às colheitas do ano que passara, bem como das promessas e pedidos de chuvas e boas lavouras do ano que se iniciava.

estabeleceram vida e cultura. Os depoimentos indicam ainda a ação de “posseiros” na região, até as primeiras décadas do século XX:

Era assim, povo antigo, né, antigamente – tem muita gente, tem muita terra por causa disso – antigamente não existia lei nem nada né, o cara, aqueles cara mais igual, por exemplo, né [...] ele pusseava [posseava] uma área grande de terra aí e ficava mantendo ela, né... causa de primeiro não existia esses problema, tudo era tudo tipo assim, comunismo, né... aí então aqueles mais ativo cresciam, por isso que eles tem essas fazenda aí maior...

(ajudante de serviços gerais, ex-agricultor, 52)

Na base da alimentação do ibitipoquense, em meados do século XX, constavam arroz, feijão, milho, batata doce, inhame, mandioca, cará branco, “cará do roxo”, couve, palmito; carne de porco, de galinha caipira ou de caça. Segundo os entrevistados, a criação de gado visava à produção de leite ou à revenda, sendo raras as ocasiões em que eles se alimentavam de carne bovina na serra, salvo quando algum animal doente ou machucado era casualmente sacrificado. No preparo dos alimentos, destaca-se a banha de porco: *“A banha fritava ela, derretia, fazia gordura, fritava tudo. Nós comia tudo, não desperdiçava nada do porco não. Fazia chouriço, linguiça...”*¹⁰⁶. O campo trazia em si uma conotação não de mero local de trabalho, e sim como parte de um ambiente social mais abrangente, indissociável da família, da educação, da religião:

Ah, eu acompanhava e ajudava a fazer moagem de cana, os meus irmão tudo foram criado no serviço doméstico que passa ensinado pelos mais velho, mas obedecendo as ordens na lavoura. Plantava cana-de-açúcar, fazia moagem, fazia tudo, viu? As mulheres costuravam, faziam comida e levava comida pros camarada na roça – papai tinha camarada também, pra ajudar fazer lavoura. Fazia muita lavoura de milho, de cana-de-açúcar, fazia moagem, fazia cachaça, tinha alambique, tinha tudo, Nossa Senhora, nós tinha tudo, tocava todo o movimento. Capadaria no chiqueiro, levava pro Rio de Janeiro, levava no Porto da Estrela, não tinha um transporte aqui não, não tinha onde consumir nada de fora não.

(agricultor aposentado, 79)

No âmbito econômico, o relato supracitado remete-nos aos elementos constitutivos do que Chayanov (1974) denomina de unidade familiar de produção camponesa – como célula elementar da organização social e econômica – constituída por relações não capitalistas de produção estruturadas na força de trabalho intrafamiliar. Na esfera organizacional, a correlação entre o trabalho e o consumo

¹⁰⁶ A questão da criação de porco como fator cultural em Conceição de Ibitipoca será problematizada no capítulo 3, uma vez que foi elaborada recentemente uma lei que proíbe a criação de suínos na sede do distrito, em função do incômodo que o odor dos chiqueiros causava aos turistas.

tende ao equilíbrio – já que a satisfação das necessidades elementares é a meta principal do núcleo familiar. Por conseguinte, a manutenção das atividades no estabelecimento rural de Ibitipoca estava vinculada à diferenciação demográfica da unidade econômica camponesa, havendo, pois, uma correspondência direta entre o tamanho da área que se dispunha para produzir e o tamanho da família¹⁰⁷.

O equilíbrio entre trabalho e consumo, assim, expressa o mecanismo regulador das tendências consumidoras da família. No caso de Ibitipoca, além dos gêneros básicos cultivados – feijão, milho, mandioca, cana-de-açúcar, arroz, batata-doce, hortaliças, algodão e fumo – produzia-se, ainda, rapadura, cachaça, queijos, além da criação de aves e suínos a serem consumidos dentro da própria unidade camponesa¹⁰⁸. A produção de carne bovina, contudo, se destinava exclusivamente à comercialização, motivo pelo qual o seu consumo constituía um tabu alimentar entre os ibitipoquenses.

As mulheres de Ibitipoca, por sua vez, costuravam, teciam, fabricavam azeite de mamona e se encarregavam das demais tarefas domésticas – embora também ajudassem na lavoura quando necessário, conforme afirma uma senhora moradora: “Eu fui uma pessoa que trabalhei em tudo na minha vida na roça. Era na roça, trabalhadeira de doméstica na roça. Em poder do meu pai trabalhei muito em serviço pesado, sabe, e depois eu passei a tecer” (agricultora, 65).

Nesse depoimento, pelo uso da expressão “em poder do meu pai”, são perceptíveis aspectos da estrutura patriarcal dominante em Ibitipoca, em que a mulher rural, apesar de ocupar uma posição importante dentro do grupo doméstico, se via subordinada à vontade do pai e/ou do cônjuge. Há relatos de casos em que o próprio marido abdicava da esposa temporariamente, sujeitando-a, a título de barganha, aos mascates e a outros viandantes que ocasionalmente perpassavam pela Serra. Tal constatação pode ser entendida, ademais, como uma possível estratégia para se diminuir os riscos de consanguinidade entre as gerações descendentes. Num *microcosmo* social em que os laços endogâmicos eram habituais, esse tipo de prática é apontada pelos entrevistados como algo que até a década de 1960 era considerado “natural”, corriqueiro.

¹⁰⁷ Ao definir o plano organizador da unidade camponesa de produção, Chayanov (1974, p.133) sublinha que a parcela de capital disponível materializa-se na apropriação, pela família, dos seus próprios meios de produção, sendo que tal tendência é limitada pela força de trabalho disponível na família e pelos limites da fadiga do trabalho de seus próprios membros.

¹⁰⁸ Um alimento *sui generis* ainda consumido pelo campesinato de Ibitipoca é uma espécie de fungo conhecida popularmente como carapicum. Esse tipo de fungo é encontrado na Serra em fragmentos florestais úmidos, geralmente sobre o tronco apodrecido de árvores ou na serrapilheira. Outra particularidade ainda encontrada na mesa do ibitipoquense é a araruta – uma raiz exótica da qual se extrai uma farinha branca e fina utilizada na fabricação de biscoitos e bolos. Na Serra, essa raiz é usada como remédio para diarreia.

Por outro lado, eram inúmeras as formas de coerção sexual às quais a mulher era submetida. Ao contrário dos homens, cuja infidelidade conjugal era tolerada e até mesmo valorizada, os padrões morais de comportamento exigiam que a mulher conduzisse com maior grau de pudor a sua sexualidade.

Além de cuidar da casa e dos filhos, a mulher rural de Ibitipoca tinha como função a coleta da macela (na Serra Grande) e a confecção artesanal de peças de bordados, auxiliando ainda o marido e os filhos no trabalho da lavoura durante os períodos de demanda intensiva da mão de obra familiar nos roçados – plantio e colheita.

A mulher aqui fazia muita coisa, fazia crivo, fazia crochê na mão. O crivo é um bordado muito bonito que a gente tecia e costurava, fazia roupa até na mão – não tinha máquina. Eu mesmo faço muita coisa de mão... A mulher plantava, batia feijão, banava feijão – eu já banei 9 alqueires de feijão num dia, na minha mocidade. Os meus primo e meu pai ia batendo e meu tio e eu ia banando na peneira... 9 alqueires é 40 litro, né. As mulher antiga trabalhava muito... tecia no tear, tecia colcha, pano pra fazer roupa, toalha – eu tenho toalha feita aí até hoje.

(agricultora, 92)

Dentre as formas de efetivar a acumulação de capital na Serra, destacavam-se a pecuária leiteira e a de corte; a confecção de colchas¹⁰⁹ e tecidos a partir da lã de carneiros criados na própria unidade camponesa de produção e manufaturados em teares de madeira¹¹⁰; a coleta de macela na área denominada Serra Grande. A macela é uma flor típica dos campos de altitude de Ibitipoca, a qual era recolhida por mulheres e crianças, comercializada e distribuída por toda a região; servia como enchimento para travesseiros e colchões.

Os homens, por sua vez, lidavam essencialmente com a lavoura e a criação de gado bovino e cavalar. O trabalho conjunto da família sustentava, assim, um modo de vida baseado na produção agropecuária em pequena escala, de caráter mercantil.

O excedente da produção agrícola dos *sitiantes* de Ibitipoca era vendido nas cidades e vilas da região, transportado sempre a cavalo ou muares. Contudo, havia ainda a comercialização em pequena escala de carnes bovina e suína, que seguiam

¹⁰⁹ Segundo a oralidade local, as chamadas “colchas de dado” produzidas artesanalmente em Ibitipoca eram famosas em toda a região.

¹¹⁰ Tradição secular, o tear manual é bastante antigo no distrito de Conceição de Ibitipoca. Em 1787, um inventário dos teares no distrito aponta a existência de vinte e três teares manuais “de uso comum e familiar” (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO *apud* IEF; BRANDT, 1994). Há atualmente um projeto de resgate dessa tradição, por iniciativa da proprietária de uma pousada, em parceria com demais integrantes da comunidade de Ibitipoca, incluindo Benevides Pacheco de Ávila (Dona Vivida), ex-tecelã e sabedora das técnicas seculares de manuseio do tear e confecção de peças artesanais. O projeto está em andamento desde 2005 e visa ao resgate cultural, à participação e ao treinamento profissional de meninas da comunidade.

para o Rio de Janeiro nas tropas para só então serem comercializadas no destino. Os garrotes e capados eram assim conduzidos ora no carro de boi, ora nas tropas¹¹¹ que seguiam antigas rotas de tropismo rumo ao Rio de Janeiro, com destino específico a um lugar denominado Porto da Estrela, bem próximo à capital fluminense: *“...dava uma trabalhadeira doida, passava muito trabalho, levava muitos dias também [...] era quase quinze dias para ir e voltar”*. A proteína animal a ser comercializada, por sua vez, era transportada ainda viva, resistindo a aproximadamente 7 dias de viagem. Tais produtos muitas vezes não eram vendidos e sim trocados por outras mercadorias que visavam suprir as necessidades elementares daquela população. Dessa forma, as tropas de muares (com seus respectivos balaies alçados na lateral das mulas e burros) e os carros de boi voltavam quase sempre preenchidos de mercadorias como sal, querosene, açúcar – e, ainda, ferramentas de trabalho como enxadas, facões, espingardas ou arado.

O escoamento dessa pequena produção mercantil perdurou até a década de 1960, quando ocorreram os últimos itinerários de cargueiros que desceram a Serra rumo às cidades do litoral fluminense. Contudo, à medida que a expansão urbana dessas cidades exigia outro tipo de abastecimento, e, ainda, com a abertura de novas rodovias asfaltadas no eixo Rio de Janeiro/Juiz de Fora/Lima Duarte, a relação dos camponeses de Ibitipoca com esse tipo de mercado perdia a sua razão de ser.

Ademais, ao contrário do que aconteceu com outros lugarejos da região, Ibitipoca não foi assistida pela malha ferroviária nas primeiras décadas do século XX, a qual perpassava a dezenas de quilômetros da Serra, em função das limitações impostas pelo relevo serrano e à pouca representatividade econômica e política dos distritos. A linha férrea Juiz de Fora – Lima Duarte foi inaugurada em 1926, facilitando, assim, o escoamento da produção agropecuária de pequenas localidades rurais como Orvalho, Manejo, Valadares e, posteriormente, Bom Jardim¹¹². A população de Ibitipoca, contudo, prosseguia relativamente semi-isolada no sopé da Serra: *“a cidade mais perto que começou a passar o primeiro trem de ferro que corria e fazia transporte era Bom Jardim de Minas. É doze léguas daqui lá”* (ajudante de serviços gerais, 52). Esse relativo semi-isolamento geográfico-cultural só foi rompido em meados da década de 1970, com a criação do Parque e a intensificação do fluxo turístico na Serra.

Elementos históricos e fatores físicos (relevo, características do solo, código distinto de apropriação coletiva das terras da Serra Grande, etc.) conferiram à Serra de Ibitipoca as condições favoráveis para a formação de uma economia de

¹¹¹ Vale destacar que a araucária, árvore de ocorrência comum em Ibitipoca, demarcava, sombreava, simbolizava o caminho dos tropeiros desde o Brasil colonial.

¹¹² Delgado (1962, p.70-9, passim).

excedentes que se fundamenta por uma agricultura de subsistência associada à pecuária leiteira em pequena escala.

Por volta de 1932/1933, a Igreja demandou a posse das terras devolutas da Serra de Ibitipoca, as quais estavam sob pleito do Estado¹¹³. Contudo, este último venceu o processo, se apropriando assim das terras onde posteriormente seria implantado o Parque Estadual do Ibitipoca¹¹⁴, culminando no surgimento de uma nova atividade econômica que perdura até a atualidade: o turismo.

De acordo com os relatos, a partir da década de 1950 a produção agropecuária começou a declinar¹¹⁵. Tal constatação está relacionada a uma combinação de fatores tanto micro quanto macroeconômicos, incluindo a conjuntura político-agrícola nacional, o parcelamento das unidades fundiárias e, posteriormente, à chegada dos primeiros turistas ao lugar – o que acionaria uma nova esfera produtiva. Assim, nos anos 1960, Ibitipoca começa a viver um período muito difícil de sua história econômica, que incluía a escassez de recursos básicos e o racionamento de alimentos. Segundo depoimentos, alguns moradores chegaram a passar fome entre as décadas de 1960 e 1970. Eis a visão de um agricultor acerca da situação vivida pela população local: *“Mas passaram muita fome o povo de Ibitipoca. Porque não tinha o Parque; tinha o Parque mas não tinha esse turismo ainda, né?”*. Nas palavras de um outro agente, o registro das dificuldades que os moradores passaram, à época: *“Já teve muita fome aqui antes do Parque, né, tinha muita gente aqui que passava muita fome... já morreu, coitados, de idade, doença, né, que a pessoa sendo muito pobre passava fome, sempre está mais doente, né”*. (ajudante de serviços gerais, 52).

Os indivíduos mais carentes de recursos elementares, para driblar a fome, bebiam o “soro” que era extraído do leite ao se fabricar o queijo do reino. Vários depoimentos indicam que os menos abastados em Ibitipoca ora saíam pelas ruas e fazendas pedindo gêneros alimentícios, ora percorriam os laticínios da região para se alimentar das “sobras” da produção de queijo:

¹¹³ A tradição oral, contudo, traz indícios de que um padre local, Mário, teria repassado as terras da Serra para o Estado, o qual lá construiria uma cidade. Segundo relatos, o padre “colocou o Parque no Estado [...] então ele pôs ela (Serra Grande) lá no Estado, este padre, porque ele tinha a intenção de o Estado fazer uma cidade lá. E essa cidade nunca saiu... [...] o Padre Mário passou ela pro Estado pro Estado fazer uma cidade lá. E você já pensou se o Parque fosse uma cidade? Que beleza que era né...” (dona de casa aposentada, 65 anos).

¹¹⁴ IEF e Brandt (1994).

¹¹⁵ Não há dados estatísticos relativos à produção agrícola de Ibitipoca desse período. Os que existem referem-se ao município de Lima Duarte como um todo. Em função de fatores fisiográficos e históricos, a Serra de Ibitipoca possui sistemas de cultivo e produção agropecuária qualitativamente diferenciados do restante do município de Lima Duarte, motivo pelo qual pouco adiantaria apresentar os dados da produção municipal aqui.

Então tinha o que se falava a “fita de queijo”: a pobreza ia buscar, ia buscar soro pra fazer biscoito, tomar... então a pobreza era bem grande aqui, a vila em si ela era bem pobre. Não chegava a passar fome, né, passava mal mas não passava fome. Passava mal, mas fome não, porque geralmente o sujeito tinha uma horta, um pedacinho de terra e plantava uma couve, né, tinha uma couve, uma parreira de chuchu, mas saía andando pedindo mantimento, saía andando pedindo nos locais de mais posse, pedindo latinha de gordura, pedindo arroz, pedindo feijão. E quem dava? As fazendas, os fazendeiros. Por exemplo, tem uma parte ali que nós falamos Curro, ali era uma pobreza enorme. Um lugar que nós chamamos Curro Lava-Pés, era as pessoas que saía, ia pra aqui ia pra ali... quando morresse tinha que sair a listinha: pede um aqui, pede outro ali pra inteirar – depois da pessoa enterrada, né, pra pagar o funeral dele. Era por aí...

(produtor rural aposentado, 73)

Nesse relato, a expressão “fita de queijo” se refere aos resíduos (incluindo o soro) provenientes da produção de queijo. Na época, havia quatro pequenos laticínios na área que hoje constitui a Zona de Amortecimento do Parque: 1) Laticínio Jong, localizado numa área denominada Andorinhas¹¹⁶, no sopé da Serra, a alguns quilômetros do arraial da Conceição; 2) Na Tapera, havia um outro laticínio, também da Jong; 3) No arraial de São José dos Lopes, a mesma empresa tinha um empreendimento em que processava derivados do leite; 4) Havia ainda o laticínio Ribeiro Fonseca, próximo ao arraial dos Moreiras – atrás da Fazenda Ponte Alta (absorvia a produção leiteira do entorno Norte e Nordeste). Tais laticínios catalisavam e processavam uma média de 2500 a 3000 litros de leite diariamente.

Desse contexto em que a vida camponesa se reproduzia no limiar de sua própria sorte, era comum a morte de crianças por doenças diversas¹¹⁷ e desnutrição. Por toda a região, os camponeses de Ibitipoca eram conhecidos por serem muito pobres, carentes de recursos básicos. A exceção era um comerciante denominado Antônio Chiquinha, o qual residia no arraial e possuía um comércio próximo à igreja matriz.

Na contramão da tendência modernizante da produção agrícola brasileira na segunda metade do século XX – contexto da chamada “revolução verde” – os camponeses de Ibitipoca não organizaram a sua atividade econômica a partir de uma pauta diretamente atrelada à agricultura moderna, mas sim na manutenção de um complexo sistema tradicional de manejo dos recursos, o qual envolve a in-

¹¹⁶ O laticínio das Andorinhas pertencia à empresa Jong, de Lima Duarte, e era conhecido na região como “Fábrica das Andorinhas”. Nas imediações da antiga fábrica, atualmente, foi instalada uma pousada.

¹¹⁷ Vale destacar que o primeiro veículo a subir a Serra de Ibitipoca o fez numa situação de emergência e caos: foi em 1937, durante um surto de febre amarela em Ibitipoca, quando dezenas de pessoas vieram a falecer. Uma comissão foi liderada pelo então prefeito de Lima Duarte (1937-45), Nominato de Paiva Duque, do PRP – Partido Republicano Mineiro. Na ocasião, a população foi vacinada. Fonte: Entrevista com Hélio Duque (83), filho do prefeito supracitado, em 05/08/07. Uma das filhas de Nominato Duque casou-se com o deputado estadual Lourival Brasil Filho, um dos idealizadores do Parque Estadual do Ibitipoca.

corporação de elementos culturais subjetivos, valor simbólico-interativo para com a terra e parâmetros morais de conduta e sociabilidade.

Desse contexto, uma das únicas melhorias qualitativas nas condições técnicas de produção foi a introdução esporádica de fertilizantes em meados do século XX. A partir dos anos 1960, contudo, os camponeses de Ibitipoca enfrentaram dificuldades na inserção de seus produtos na economia de mercado. Embora os efeitos da modernização da agricultura nacional tenham enfraquecido a competitividade de sua produção agrícola, os camponeses de Ibitipoca criaram mecanismos de resistência contra a venda de sua força de trabalho (proletarização), opondo-se ainda ao típico processo de êxodo rural verificado no Brasil do século XX. Em 1950, o distrito de Conceição de Ibitipoca era eminentemente rural. Possuía 1816 habitantes, sendo que 238 (13%) se concentravam no arraial (114 homens e 124 mulheres), ao passo que a zona rural contabilizava 1578 habitantes (87% da população). Tal panorama pouco se alterou nas duas décadas seguintes.

TABELA 2
População do distrito de Conceição de Ibitipoca (1940-1960)

| Ano | População | Porcentagem em relação à população de Lima Duarte |
|------------|------------------|--|
| 1940 | 1791 | 9,38% |
| 1950 | 1816 | 8,87% |
| 1960 | 1789 | 9,24% |

Fonte: IBGE/ Lima Duarte. Elaboração: BEDIM, B. P. (2010)

Dentre os motivos que influenciaram a contração da esfera produtiva agrícola está o parcelamento hereditário das unidades fundiárias. De acordo com os depoentes, a “partição de terras” consistia na sua redistribuição entre muitos herdeiros, o que reduzia a porção de terreno agricultável para cada família.

Com propriedades rurais muito pequenas para delas retirar o sustento, parte da população não vislumbrou outra opção senão lotear suas terras e vendê-las para quem intencionava estabelecer empreendimentos turísticos ou construir residências secundárias¹¹⁸. É o caso, por exemplo, da fazenda do Tanque¹¹⁹.

É, assim, os antigo foi morrendo, foi passando do pai para o filho, do filho para o outro, e foi fazendo assim, né...aí de modo que terminou tudo pobre, né. Vamos supor: uma fazenda aí de cinquenta alqueire, tem dez filho né, o pai morre aí divide aqueles dez alqueire, quer dizer que aí vem diminuindo a riqueza da pessoa né...é o que aconteceu nas nossas área aqui.

(ajudante de serviços gerais, 52)

Foi somente com o desenvolvimento do turismo a partir da década de 1980 que alguns camponeses – mediante a oferta de empresários e veranistas interessados em comprar suas terras¹²⁰ – mudaram-se para o arraial de Conceição de Ibitipoca ou para cidades vizinhas como Juiz de Fora e Lima Duarte: *“Descarregou, saiu, a roça foi ficando solitária”*.

Impedidos de se apropriarem da antiga área de pastagem extensiva da Serra Grande com a criação do Parque, tornava-se cada vez mais difícil competir com sua produção no mercado. Restava-lhes três opções: vender a terra e se mudar dali, prestar serviços em turismo ou então resistir como camponeses. Delineavam-se aí os diferentes e enigmáticos destinos desse campesinato a partir da reestruturação da esfera produtiva.

¹¹⁸ A princípio, pode-se até pensar na hipótese de que, na Serra de Ibitipoca, o setor produtivo agrícola não foi capaz de estabelecer o processo de valorização do capital, então o espaço estudado aos poucos deixa de ser predominantemente agrícola e se funcionaliza “turístico”, “multifuncional”. Contudo, a interpretação desse processo não deve recorrer à simplificação histórica. Ocorre que a reestruturação da esfera produtiva não se dá em bloco. Além do mais, há ainda a atual resistência verificada nas famílias camponesas que, embora em número reduzido, insistem em se reproduzir na Serra enquanto tal.

¹¹⁹ A Fazenda do Tanque é uma das mais antigas e tradicionais propriedades rurais da Serra de Ibitipoca; situa-se nas adjacências do Parque. Ao visitá-la em 1822, Saint-Hilaire (1974, p.32) teceu o seguinte comentário: “A fazenda do Tanque parece ter tido, outrora, alguma importância, mas tornou-se propriedade de alguns mulatos que parecem muito pobres e cai atualmente em ruínas”. A sobrinha de um dos herdeiros dessa fazenda narra a trajetória fundiária que culminou no “despedaçamento” dessas terras: “A fazenda era grande, mas aí depois foram dividindo, foram entrando gente de fora, de outras família que casavam naquela família, aí foram dividindo, mas a fazenda dividia com o parque, a fazenda do Tanque [...] agora ela já é de turismo... Meu tio que tirou ela vendeu ela pra turismo. Era bem grande as fazenda antiga. Hoje em dia já diminuiu tudo, né, tudo acabou...” (dona de casa aposentada, 65).

¹²⁰ “Produzia leite, né. Plantava.. a gente plantava roça. E arrendava o terreno das outras pessoas plantar também... porque a gente plantava no terreno dos outros; quem não tinha o seu terreno plantava no dos outros... [...] Ah, foi passando, foi vendendo, né, para os turistas que chegaram. Nós mesmos fomos um. Meu sogro vendeu aonde é o hotel Serra do Ibitipoca. Lá já foi do meu sogro. [...] Isso não foi bom porque a gente gostaria de ter dado continuidade, né? A agricultura é uma coisa que combinava com o lugar, né. Com o turismo acabou com as roça tudo. Hoje em dia tem muito poucas roças” (agricultora aposentada, 58).

2.3.1 A ENDOGAMIA COMO ESTRATÉGIA PATRIMONIAL

No que concerne à questão fundiária, não raro os camponeses de Ibitipoca remetem à ascendência familiar para justificar a propriedade das terras: *“Eram os avós da gente, né, que eram os donos dessas terra.. como o meu avô, o meu bisavô ele teve que assumir um mundo de alqueire aqui no Tanque”*. Quando se referem aos membros do grupo, eles se autoidentificam por expressões como *“nós do lugar”, “a gente nossa”, “nós localizados”, “nós nativos”, “o povo daqui”*. Outro traço identitário observável é a *“cisma”*, uma vez que os membros desse grupo se consideram muito *“desconfiados”, “cautelosos”* e precavidos: *“o povo aqui é muito acismado”*. Além do mais, a religiosidade e a devoção católica também são muito citados como fator identificador dos camponeses, bem como a afirmação da relação com os meios de produção de sua vida rural: *“terra não tem nada melhor, né?”*.

Outro aspecto cultural se apresenta peculiar ao camponês de Ibitipoca: a prática do incesto¹²¹, sendo considerado corriqueiro – até a década de 1990, pelo menos – o casamento entre primos de primeiro grau e até mesmo irmãos, conformando grupos conjugais atrelados a relações familiares extensivas articuladas a atributos territoriais:

Ah, mas isso foi muito normal aqui na Serra. Hoje é que está desviando um bocadinho mas ainda tem ainda esse caso de casar primo com prima, ainda tem muito ainda. Mas tempos atrás era maior [...] era tudo quase uma coisa só, né, todo mundo parente, tudo muito aparentado – até hoje ainda é muito aparentado.

(agricultor aposentado, 73)

Os agricultores entrevistados tendem a justificar a prática do incesto como sendo consequência da falta de informação e ao pouco convívio que eles tinham com outras pessoas *“de fora”*, em função da restrita mobilidade geográfica do núcleo camponês de Ibitipoca devido à precariedade dos meios de comunicação e transporte disponíveis até a década de 1970. Os entrevistados argumentam ainda que o ibitipoquense *“viajava pouco, andava pouco”*, o que favorecia o endogamismo e o arranjo de pares nupciais com alto grau de parentesco e proximidade geográfica entre si.

Não obstante isso, a endogamia em Ibitipoca consistia ainda num complexo mecanismo regulador do acesso à terra, além de se configurar estratégia de ma-

¹²¹ Para Ferreira (1993, p.299) o incesto consiste na união sexual ilícita entre parentes consanguíneos, afins ou adotivos. Segundo Pereira (2003), o incesto implica a elaboração de regras de interdições sexuais entre membros de um mesmo clã; é a base de todas as proibições, sendo *“a primeira lei estruturante”* das sociedades humanas.

nutrição do patrimônio fundiário – em que as famílias priorizavam os enlaces endogâmicos e vicinais, favorecendo a composição de matrimônios conciliados genealogicamente. Dessa forma, a combinação entre grau de parentesco e relações de compadrio resultava em alianças domésticas circunscritas quase que exclusivamente aos membros nascidos na mesma porção territorial, em que a preferência pessoal dos noivos pouco influenciava nos arranjos – já que a escolha articulava-se no âmbito progênito: *“Os casamento aqui não era de gosto dos dois, mas era de gosto dos pais”*. Entretanto, a consanguinidade derivada da endogamia provavelmente é a principal causa de problemas genéticos que ainda hoje comprometem a saúde de parcela da população local.

Por outro lado, a prática do incesto em Ibitipoca, além de visar ao não desmembramento da propriedade fundiária, concomitantemente estreitava os vínculos de parentesco e identificação entre as famílias camponesas. Nessa perspectiva, Delgado (1962, p.64) observa que, devido à diminuição da população ibitipoquense após a extinção do ouro nas primeiras décadas do século XIX, *“as famílias entrelaçavam-se em uniões endogâmicas. [...] Isso, além de aumentar os recursos econômicos, consolidava os clãs, aproximava-os”*.

Na visão de Eric Wolf (2003b, p.98), no âmbito da cultura camponesa a endogamia se traduz num conjunto de alianças matrimoniais capazes de funcionar uma combinação de recursos que visem à manutenção das bases materiais do próprio grupo.

A organização de parentesco corporada ocorre assim onde os grupos envolvidos têm um patrimônio a defender e onde os interesses associados a essa defesa podem ser mais bem servidos pela manutenção de uma tal coalizão. Esses grupos também devem regular os laços de afinidade, de modo que se diminua o número de pessoas que pode ter acesso por herança ao patrimônio. Outra função dessas restrições e regulamentações dos laços por afinidade é limitar o número de coalizões que qualquer indivíduo possa fazer com outro (WOLF, op.cit., p.97).

A distribuição estratégica das alianças de parentesco, assim, se revela critério de demarcação de estratos sociais, à medida que *“os laços de parentesco constituem um conjunto de recursos para um indivíduo ou uma família”*. Nos capítulos seguintes, veremos as transformações dessa estrutura do grupo familiar diante dos cenários de mudança social engendrados pelo turismo.

2.3.2 JONGO: O COMPASSO DA LAVOURA

Antigamente o povo trabalhava cantando: é o jongo. No jongo, faz o mutirão, e tinha os cantador de jongo. O jongo é uma moda que canta. Tem uma turma que responde, e as enxada, as ferramenta batem naquele compasso. Compasso de marcha ou samba. Como o samba é mais depressa, aí trabalhava mais depressa, né. O sujeito pegava aquela batida do cantor, e as enxada batia tudo junto. Era alegre a turma. Acabou... Aqui tinha um homem que não trabalhava não. Quando cantava o jongo, ele só batia na caixa. O jongo era uma cantiga. Capinava a roça do sujeito tudo num dia. A turminha respondia, tudo afinado, e as enxada batia naquele tom. Usava tarefa, era tudo eles ali. Pagava o sujeito com o baile, com o forró. O fazendeiro fazia, o pobre fazia. Pra colher, pra capinar – pra plantar era mais difícil, pois a planta é mais depressa, gasta menos pessoas.

(lavrador aposentado, 81)

Além de manifestação cultural a congregar uma dança *sui generis*, o jongo de Ibitipoca incorpora formas solidárias de trabalho agrícola coletivo, numa época em que os interesses particulares e os da coletividade possuíam menor oposição que hoje. Forma simbólica incorporada pelo trabalho em mutirão, o jongo de Ibitipoca se faz de músculos, nervos, ferramentas e versos a ditarem a cadência de um só ritmo de trabalho; enxadas e homens a ecoar a melodia da terra. Como resultado, o cultivo de uma tradição sustentada pela produção da vida humana na Serra, em que a musicalidade de uma canção de trabalho se apresenta como forma mediadora das relações sociais assentadas em relações não capitalistas de produção.

Desse período, a órbita da vida social estava diretamente vinculada à agricultura, às relações familiares e de compadrio entre os membros das comunidades e do “bairro”. O termo “bairro” eventualmente aparece nas narrativas dos agentes entrevistados como referência a determinada porção territorial rural à qual se sentiam pertencidos. Nesse sentido, Candido (2003, p.84) lembra que o conceito de bairro nas sociedades caipiras conotava certo “sentimento de localidade” entre os moradores cuja convivência era decorrente da necessidade de cooperação e da proximidade geográfica entre eles¹²².

Nessa perspectiva, o jongo – manifestação folclórica realizada durante o plantio ou a capina das roças – traduzia o sentido de cooperação existente entre os camponeses da Serra, os quais reuniam-se em mutirões para colaborar na lavoura dos vizinhos. O jongo, assim, aparece nas memórias camponesas de Ibitipoca como fator social integralizador.

¹²² Assim Candido (2003, p.81) define o bairro rural: “Esta é a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou de muitas famílias, mais ou menos vinculadas ao sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas”.

A partir de relatos dos velhos camponeses, podemos inferir que o jongo possuía algo muito similar a desafios, os quais se apresentavam pelos pontos de demandana cantados e seus respectivos versos de improviso. Os pontos, por sua vez, seriam desatados assim que *um jongueiro sabido* desvendasse o enigma – isto é, decifrasse a charada. Alguns dos entrevistados associam o jongo de Ibitipoca ao calango, dizendo que eram muito parecidos.

O jongo! Mas isso é coisa antigo, ué. É mutirão... Era feito assim: o mutirão você marcava pra um dia de sábado, convidava toda a vizinhança, o pessoal da região todo que uma junta pra ajudar a pra roçar um pasto, pra capinar uma roça, era muita gente... E campava, cantava, tirava os quadro, as tarefa. Campava o quadro, ia capinar à noite, o resto do dia e cantar o jongo, a bandeira. Ah, o jongo é muito bonito, uai [...] tinha uma pessoa que cantava com a bandeira. Tinha jongueiro sabido... Toda plantação, qualquer, tudo... Feijão, pra tudo quanto há, o mutirão: até pra preparar os terreno pra plantar ainda... É que usava, a bandeira entregava, ponto de jongo cantava demandana...é igual a calango, você não gostava mais de desafio? É, parece desafio...

(lavrador aposentado, 79)

A manifestação do jongo se dava num contexto em que o andamento do trabalho intrafamiliar na capina dos roçados se encontrava defasado em relação ao ritmo de crescimento das ervas daninhas na lavoura. Como as chuvas na Serra são frequentes¹²³, as gramíneas se desenvolviam rapidamente, provocando uma relação assimétrica entre a limpeza das roças pelo trabalho humano e o crescimento acelerado dos capins e ervas nos espaços de cultivo. Dificilmente os membros de uma mesma família davam conta da capina adequada de suas roças, já que o ritmo natural de crescimento das plantas se apresentava sobredeterminante em relação à capacidade do trabalho familiar. Como forma de compensar essa defasagem, as famílias vizinhas reuniam forças para que as roças fossem capinadas a um só tempo, garantindo assim o desenvolvimento de lavouras mais saudáveis e hegemônicas: “Se você tinha uma roça de 20 litros de milho e sozinho você não dava conta de capinar ela, então chamava 17 ou 18 homens pra te ajudar. Você, ele, eu, qualquer um. Era assim que a gente tocava a lavoura” (agricultor, 42).

A princípio, dividia-se espacialmente a área a ser trabalhada em duas partes iguais, os eitos. Uma dessas duas porções de terra era subdividida proporcionalmente ao número de trabalhadores disponíveis (quadros), ao passo que a outra parcela territorial era resguardada para que as turmas trabalhassem coletivamente, num segundo momento (eito).

¹²³ Em Ibitipoca, o desvio pluviométrico médio em relação ao normal é bastante discreto, oscilando entre 10 e 15%. As alturas pluviométricas mensais em Conceição de Ibitipoca (1941/2000) chegam a alcançar precipitações de 296,2 mm no mês de janeiro. No período mais chuvoso do ano (dezembro a fevereiro), atinge-se percentuais de 51% do total de precipitações anuais. Fonte: DNAE/ FJP (2000, p.46).

Distribuía-se individual e equitativamente uma porção territorial do roçado para cada homem: era o quadro. Demarcava-se cada quadro com estacas de bambu, circunscrevendo a tarefa de cada homem a um espaço predefinido. Dessa forma, cada trabalhador era estimulado a executar com eficiência e rapidez a sua tarefa, provocando assim uma espécie de competição entre os membros do mutirão. O trabalho de cada lavrador podia então ser comparado com o dos demais, situando-o numa escala de *status* social em nível local: quanto mais ágil e preciso o serviço executado, mais condições um jovem trabalhador teria de arranjar um par nupcial com alta cotação entre os membros do grupo, por exemplo. O destino matrimonial de muitas mulheres, assim, era definido nesse tipo de “competição” moralmente reconhecida.

O momento das capinas continha uma série de incentivos para com os que vinham solidarizar-se no trabalho: o canto do jongo, a distribuição gratuita de cachaça após a execução de tarefas do quadro e, ainda, um baile que era oferecido de cortesia pelo dono da lavoura, à noite, após o término da empreitada.

Ao final da capina dos quadros individuais, todos se juntavam num só eixo de trabalho e subdividiam-se em duas turmas rivais a duelar entre si durante o trabalho no eito – a outra porção territorial da lavoura que havia sido resguardada para ser trabalhada coletivamente. Era então distribuída a cachaça a todos os membros do mutirão, e o jongo começava a ser entoado sob o ritmo da batida das enxadas:

Depois que tirava os quadro, pegava no eito e ia cantar jongo, juntava a turma tudo aí. Depois à noite tinha o baile. Quem fazia o baile era o dono do mutirão. Quem participava do mutirão não pagava pra entrar no baile. Mas dava muita briga por causa da cachaça, durante o mutirão é que tinha pinga. Num mutirão gastava de 5 a 10 litros de pinga.

(lavrador, 76)

A importância e o significado conferido à pinga distribuída durante o jongo podem ser verificados num dos versos cantados, o “Brasa de Fogo”. Esse verso, assim como os demais, era constitutivo de um desafio a partir do qual duas turmas opostas duelavam. Em jogo, estava o *status* conferido aos jongueiros – aqueles que, por deterem a sabedoria de responder as charadas, tomavam a frente do mutirão e coordenavam as turmas. A estes eram conferidos poderes sobrenaturais. Ademais, a unidade rítmica e o sucesso do trabalho de uma turma dependiam da capacidade inovadora e da boa memória de seu jongueiro-líder. A diversificação dos versos e o teor sequencial eram essenciais ao andamento dos trabalhos. O “Brasa de Fogo”, por exemplo, devia ser entoado sempre que a pinga acabava, para que o dono da lavoura providenciasse a reposição do “combustível” do mutirão:

*Ôôôôôôôôh, patrão!
 Brasa de fogo apagou
 Me dá mais uma gota
 Do leite que o menino mamou.*

O universo simbólico que permeia os animais e as plantas de Ibitipoca também era reverenciado no jongo. Numa das passagens, um dos jongueiros retira seu correão¹²⁴ e lança-o para cima, para que se transforme numa cobra e atinja mortalmente o grupo rival. O jongueiro-desafiante, por sua vez, responde à ameaça atirando seu chapéu de palha para o alto, o qual se transformava num gavião e agarrava a cobra, devorando-a, neutralizando assim as forças do grupo adversário. O imaginário do jongo, dessa forma, reunia forças consideradas sobre-humanas, muitas das quais relacionadas a poderes mítico-diabólicos incorporados por alguns jongueiros durante o confronto do eito. Considerado pelos seus praticantes como uma manifestação profana em sua essência, o jongo conjuga o trabalho campo-nês a formas rituais: a produção material da vida humana a se desdobrar imaterialmente no plano simbólico; a economia do excedente que, engendrando formas solidárias de trabalho, produz variantes imateriais a traduzir em verso e ritmo os processos ecossistêmicos que constituíam a vida humana na Serra de Ibitipoca.

No verso do tatu-rolador, uma outra espécie da fauna local – um tatu comumente caçado na Serra – era evocada pelo imaginário dos cantadores de jongo, bem como aspectos biofísicos do território de vida desses camponeses lembrados – como o capão de mata onde o tatu se escondia do caçador, por exemplo:

*O tatu-rolador rolou, rolou
 Lá em baixo do capão
 O tatu rolou....*

De certa forma, os versos evocados só incorporam seu pleno sentido no imaginário daqueles que vivenciaram a sua manifestação; seus enigmas só são de fato revelados aos que compartilharam do acontecido, aos que, ainda hoje, lhe conferem significado. Não por acaso olhos brilham quando o termo “jongo” aparece em meio a um roteiro de entrevista; velhos jongueiros, por alguns instantes, se levantam da cadeira sobre a qual assentam sua idade e, subitamente, se põem a dançar, a entoar versos de um outro tempo que se faz presente: a memória do jongo ainda incorpora alta significância e vínculo identitário.

¹²⁴ O correão era uma espécie de chinelo de dedo feito artesanalmente com madeira e borracha de pneu velho.

Embora o jongo seja uma prática cultural ausente no atual cenário de Ibitipoca, a sua ocorrência até aproximadamente 1988 reforça a importância, para aquele grupo, de formas de solidariedade grupal muito semelhantes às que Candido (2003, p.85) estudara nos domínios da cultura caipira paulista nos anos 1950, a qual também tinha por característica a participação dos vizinhos nos mutirões de plantio e colheita¹²⁵. Conforme esse autor, no regime de agricultura de subsistência, as atividades da lavoura podem ser exercidas “em base exclusivamente familiar – cada família bastando a si mesma e podendo, em seqüência, viver relativamente isolada, sem integrar-se noutra estrutura mais ampla”. Mas em certas ocasiões as formas de solidariedade grupal eram essenciais à manutenção da organização da vida social.

Os mutirões agrícolas praticados em Ibitipoca estavam articulados a formas rituais de atividades agregadas às canções de trabalho. Segundo Martins (1974, p.31), os mutirões verificados nos domínios da “sociabilidade mínima” da cultura caipira podiam se desdobrar numa variante de “trabalho coletivo de limpa de roça ou pasto, em que os vizinhos voluntária e gratuitamente se reúnem para ajudar” um camponês na execução de suas tarefas. Porém, desde meados da década de 1980, não há a prática do jongo em Ibitipoca, de acordo com os depoimentos. O seu desaparecimento coincide com a intensificação do turismo na região, já que, diante da nova esfera produtiva, os principais jongueiros teriam se tornado guarda-parques ou trabalhadores da construção civil (pedreiros, carpinteiros, etc.) num momento em que os hotéis e pousadas se expandiam pela Serra.

Os versos do jongo são uma variação da poesia popular, o que Amadeu Amaral (1976) denomina *poesia roceira*; são obra da invenção de poetas rústicos, possuindo elementos guardados pela oralidade de um dado grupo social – portanto incorporada ao seu patrimônio cultural – cujos elementos são esporadicamente *retocados por indivíduos mais espertos e sabidos*, agregando normas tradicionais a versos anteriormente criados, conferindo à *poesia roceira* a qualidade de “literatura viva” – podendo tais modalidades poéticas populares se apresentarem na forma de repentismos e desafios, dentre outras variações. Contudo, ao citar a obra de Rossini Tavares de Lima, Luyten (1992, p.79) salienta que entre as modalidades de cancionário popular aos quais Lima enfocou suas análises na poesia e ritmo, “somente o jongo e o cateretê não possuem elementos poéticos de desafio”.

¹²⁵ “Um velho caipira me contou que no mutirão não há obrigação para com as pessoas, e sim para com Deus, por amor de quem serve ao próximo; por isso, a ninguém é dado recusar auxílio pedido. Um outro, referindo-se ao tempo de dantes, dizia que era o ‘tempo da caridade’ – justamente por essa disposição universal de auxiliar na lavoura a quem solicitasse [...]. A necessidade de ajuda, imposta pela técnica agrícola e a sua retribuição automática, determinava a formação duma rede ampla de relações, ligando uns aos outros os habitantes do grupo de vizinhança e contribuindo para a sua unidade estrutural e funcional” (CANDIDO, 2003, p.89).

No entanto, ao contrário do jongo registrado na bibliografia etnográfica consultada, o jongo em Ibitipoca está relacionado às atividades agrícolas e seus respectivos mutirões vicinais. Camara Cascudo (1984, p.414), por sua vez, define o jongo como uma “espécie de samba”, de origem africana, que conferia a seus bailadores a “fama de feiticeiros, sabedores de segredos mirabolantes e de poderes mágicos”. Com características de dança de roda (em sentido lunar, contrário aos ponteiros do relógio, como é comum nas “danças de negros”), sua coreografia “difere duma para outra localidade” e envolve disputas de habilidades entre os dançarinos. Ocorria nos estados de SP, MG, ES e RJ, com o acompanhamento feito por instrumentos de percussão (tambores). Informa ainda que o jongo “só é dançado à noite” (*ibid.*). Contudo, Camara Cascudo em momento algum relaciona o jongo a práticas agrícolas ou mutirões vicinais, conforme ocorria em Ibitipoca.

Entretanto, tendo em vista que o tipo de roçado e a especificidade do relevo de Ibitipoca exigiam determinada concentração de força de trabalho para preparar a terra e dela tirar os elementos necessários à subsistência, a ajuda mútua via mutirão apresenta-se assim como uma alternativa estratégica à agricultura camponesa local¹²⁶, em que ciclos naturais entoam o ritmo da vida humana.

Diante disso, o jongo de Ibitipoca não deve ser entendido a partir de sua divergência com a bibliografia antropológica específica, mas, sim, por sua própria especificidade e variações que, por sua vez, representam não apenas a diversidade, mas ainda o polimorfismo da cultura popular brasileira em sua mais alta expressão – uma manifestação cultural adaptada a um modo peculiar de viver e trabalhar, a um espaço serrano, a relações de produção e a um tempo histórico.

Embora Schmidt (1951) registre o mutirão como sendo uma “raridade” no trabalho agrícola, o autor destaca que após as apresentações eram realizadas grandes festividades locais, tal qual ocorria no jongo de Ibitipoca: “O ‘mutirão’ com relação às atividades agrícolas é mais raro do que ‘troca de dias de serviço’ e ambos não devem ser confundidos. [...] Ele termina com grandes festividades. Com apenas isso, todos aqueles que vêm ajudar no trabalho sentem-se bem pagos” (SCHMIDT *apud* SHIRLEY, 1971, p.61).

Ao definir o típico mutirão agrícola praticado por caipiras do sul de Minas e de São Paulo, Antonio Candido (2003, p.88) afirma que essa prática:

¹²⁶ “A diversidade de relevos exige diversidade de práticas” – já dizia Ellen Woortmann (2004, p.133).

...consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação, etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho. Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados eventuais dos que o auxiliaram.

De acordo com Maria Sylvia de Carvalho Franco (1983, p.29), o mutirão conferia certo grau de autonomia às comunidades rurais que dele se utilizavam, sendo sua ocorrência favorecida em lugares caracterizados por uma estrutura social indiferenciada, isto é, casos em que famílias independentes de pequenos *sitiantes* ou posseiros possuíam certa igualdade na escala social – e onde todos tinham acesso à terra. Segundo a autora, tal prática era comum em territórios rurais cujas famílias desempenhavam funções econômicas semelhantes, não havendo, portanto, divisão do trabalho ou formas de especialização dele – em que as tarefas, simples e rotineiras poderiam ser executadas por qualquer membro de um dado grupo social.

Contudo, Franco (1983) discorda da função integradora que geralmente orienta as interpretações acerca do mutirão¹²⁷, relativizando assim os laços de solidariedade grupal que, via de regra, são observados nesse tipo de organização coletiva do trabalho. O mutirão, assim, não estaria assentado simplesmente na tradição ou na procedência das relações pessoais, uma vez que os indivíduos e famílias, imersos em condições adversas de existência, poderiam estar em constante mobilidade geográfica – vulneráveis, portanto, às mudanças de domicílio. Tal instabilidade dificultaria os laços territoriais do indivíduo e sua família para com outros grupos, sem contudo comprometer a *unidade territorial* que formariam no lugar de origem ou destino. Ou seja, as famílias que conformavam uma certa *unidade territorial* rural não se deslocavam todas simultaneamente em busca de melhores condições de existência; a mobilidade se dava no plano individual de cada família. Entretanto, os vínculos de reciprocidade eram reatados no lugar de destino, em moldes similares aos do lugar de origem, porém sem dar continuidade às relações estabelecidas anteriormente. Recompunha-se assim o processo interativo sob novas bases, em novos lugares e perante novos grupos sociais. Tal reintegração social era facilitada pelo fato de haver “por toda parte a mesma cultura material, as mesmas crenças que tornavam relativamente fáceis a incorporação e a acomodação de estranhos” (FRANCO, op.cit., p.30). Por conseguinte, as relações interpessoais e as formas de solidariedade grupal não encontrariam condições favoráveis à sua

¹²⁷ Por sua vez, Delgado (1962, p.301) registra que o jornal O Lince, de Juiz de fora, publicara uma reportagem reclamando contra os “mutirões” praticados na região, considerando-os “péssimo e prejudicial costume que muito necessitava desaparecer, por terminar às vezes em desordens...”

cristalização como ordem moral. Ao contrário, estariam ligadas a questões de *ajustamentos pessoais*¹²⁸.

Porém, desde 1988 não se tem registro da prática do jongo em Ibitipoca, de acordo com os depoimentos. Embora seu desaparecimento coincida com o início do desenvolvimento do turismo na região, os moradores atribuem seu declínio, também, à “crise da lavoura” vislumbrada naquela década. Ocorre que essa “crise” na esfera produtiva agrícola foi acirrada justamente com a intervenção do turismo, já que, como veremos nos capítulos seguintes, houve liberação de mão de obra agrícola – num contexto em que acentuava-se a divisão social do trabalho e suas formas de especialização. Portanto, uma das explicações possíveis para o desaparecimento do jongo é que, com a gênese do turismo na Serra, essa modalidade de dança atrelada a um trabalho coletivo passou a competir com formas mais sofisticadas de divisão do trabalho, sucumbindo assim à reestruturação da esfera produtiva.

2.3.3 A ÁRVORE DOS SETE CAVALEIROS

Numa propriedade rural limítrofe ao Parque, no entorno Sul e parte integrante da antiga Fazenda do Engenho, encontra-se uma árvore centenária cujo tamanho e beleza impressionam. “Gigante pela própria natureza”, o exemplar de sapopema – nome popular da *Sloanea monosperma* – foi incorporado na oralidade ibitipoquense como a Árvore dos Sete Cavaleiros. O nome se dá em função de uma lenda que há décadas (ou séculos) povoa o imaginário local. Possuindo seu interior queimado e oco – cuja cavidade alcança uma dimensão de aproximadamente 4 metros de diâmetro – a sapopema, segundo a tradição oral, servia para abrigar da chuva tanto o gado quanto os peões que o pastoreavam.

Diz a lenda que, há muitos anos, durante uma tempestade de raios que afligia a Serra, um grupo de 7 cavaleiros que procuravam gado na Serra Grande foram surpreendidos pelas forças da natureza e não mais conseguiam andar pela mata. Uma vez perdidos na floresta densa e com dificuldade de respirar em função da forte chuva, um dos cavalos disparou em galope pela mata e adentrou, por instinto, no oco da sapopema. Os demais cavalos, também instintivamente, seguiram-no

¹²⁸ “Entre essas pessoas não estão em jogo antigas e inquebráveis obrigações recíprocas, cuja transgressão equivaleria a violar um preceito sagrado e cuja observância conduziria ao reconhecimento de vínculos sucessivamente transmitidos às gerações como um legado que deve ser mantido e respeitado. As condições acima apontadas indicam, antes, que, em larga medida, a organização do trabalho e o nível de produtividade no mutirão, em lugar de serem disciplinados por uma tradição, tendem a se definir no plano de *ajustamentos pessoais*, espontâneos, suscitados pela dinâmica das situações imediatas em que um grupo determinado se reúne” (FRANCO, 1983, p.31).

com seus respectivos cavaleiros. Os sete homens e os sete cavalos, então, se acomodaram no interior do oco e lá passaram a noite a salvo.

Um dos entrevistados, porém, questiona a veracidade da lenda, afirmando que no oco da sapopema caberiam, no máximo, 5 cavalos:

A árvore dos sete cavaleiro é assim tipo d'um tronco grandão, né... depois daquele tronco pra cima nasce um galho do pau, né, aonde tá. Ali eles fala sete cavaleiro, mas... oh, ela é uma área desse tamanho desta sala aqui assim (o entrevistado se refere à sala de sua casa onde foi realizada a entrevista, de aproximadamente 20m²). Ao menos uns cinco cavaleiro [com seus respectivos cavalos, frisou o entrevistado] dentro nela, no máximo. Esse apelido é os antigo que colocou, né? Diz que antigamente e antes do Parque ser esse do Estado né, o pessoal andava muito lá, moitava de chuva, então o povo punha muito gado lá no Parque. Eles amoitava lá dentro dessa árvore de chuva né, que lá naquelas gruta não tinha jeito... tinha aqueles pirambeiro, não tinha jeito de descer c'um animal, né? E na árvore não: era dentro de uma mata, mas conseguia pôr o animal lá moitado da chuva.

(ajudante de serviços gerais e agricultor, 53)

Mas, se a cavidade oca da árvore não comportaria os 7 cavalos, por que então a lenda tomou a respectiva dimensão? Primeiramente podemos dizer que, verídico ou não, se o relato do “fato” se repete várias vezes é porque o episódio narrado foi importante para os entrevistados, um acontecimento significativo para determinado grupo social. Na visão de Pollak (1992, p.12), “entre aquilo que o relato tem de mais solidificado e de mais variável, podemos encontrar aquilo que é mais importante para a pessoa”.

Nesse sentido, os sujeitos entrevistados rememoram o episódio da Árvore dos Sete Cavaleiros de forma seletiva, elegendo seus lugares e paisagens, seus personagens anônimos (os cavaleiros e os cavalos) e suas circunstâncias de vida – culminando na respectiva transmissão da lenda (ou seria fato?) ao longo de várias gerações.

“Verdadeira” ou não, a história da Árvore dos Sete Cavaleiros nos traz a junção do mito e do real, da imaginação e da realidade, a representação social de um episódio que se conjuga com o eventual “fato” reproduzido e incorporado ao imaginário coletivo.

O importante é salientar que a lenda dos Sete Cavaleiros agrega dois dos maiores atrativos de Ibitipoca: NATUREZA EXUBERANTE E CULTURA CAMPONESA, numa narrativa em que os animais do cotidiano do campo (cavalos) e o homem rural compartilham o oco de uma árvore centenária como abrigo, mesmo que seja por alguns instantes; o “bicho-homem” que, despido de sua condição antropocêntrica, é acolhido pela “mãe natureza” personificada no seio da sapopema.

2.3.4 A ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS

O imaginário local contém ainda a memória de diversas manifestações culturais lúdico-religiosas típicas e populares, como o ritual de Encomendação das Almas¹²⁹: “Chegava de noite [...] e saía aquele turmeiro rezando pras alma, fazendo penitência, cantando, né? Saía cantando pela rua afora, batendo matraca, rua de casa em casa. Mas ninguém via não – não podia ver não”¹³⁰. Os devotos que saíam a rezar em romaria pelas ruas deveriam ter seus nomes mantidos em sigilo; sua identidade não podia ser revelada¹³¹. Passavam de casa em casa, paravam na porta das residências e lá cantavam os “pontos”. Aos que estavam dentro das casas, era-lhes proibido olhar para os que ficavam do lado de fora a rezar. Os moradores, então, deviam ficar no interior das residências, de costas para a porta, de onde faziam suas orações. Como agradecimento à visita dos rezadores, após a reza era de praxe servir café, o qual era deixado na porta, do lado de fora, para que os devotos se servissem. Eis um “ponto” que era cantado durante a Encomendação das Almas em Ibitipoca, de acordo com a tradição oral dos mais velhos:

*Alerta, alerta, pecador!
Desses sonhos eu me sinto
Venha ajudar nós a rezar
Pros [...] que estão aparecidos.*

*Lá no céu tem uma estrela
Que alumeia São José
Que alumeia esses devoto
Que os dê um bom café.*

¹²⁹ De acordo com Queiroz (1973, p.171), a Encomendação das Almas é costume antigo no meio rural brasileiro: “Procissões compostas só de homens partiam do adro das igrejas nas sextas-feiras da Quaresma, em visita a todas as cruzes existentes pelas cercanias. À frente, uma grande cruz alçada e a matraca; atrás, o magote de ‘vultos amortalhados de branco, com a cabeça coberta, deixando apenas ver a boca e os olhos’. [...] iam cantando pelo caminho; matraca e ‘benditos’ anuciavam-lhes a passagem e faziam mulheres e crianças se trancarem em casa trêmulas de medo, pois se avistassem a lúgubre procissão incorriam em castigo de morte. O objetivo deste ritual era aliviar as penas das almas do purgatório”. Em Ibitipoca, contudo, era permitido a participação de mulheres durante a Encomendação.

¹³⁰ Cf. relatos de um agricultor aposentado, 79.

¹³¹ Durante os depoimentos, inclusive, nenhum dos idosos entrevistados quis revelar o nome dos que participavam do ritual da Encomendação das Almas, sob o medo de sofrerem algum castigo divino. Prova de que, mesmo não sendo praticada atualmente, tal manifestação ainda possui valor simbólico para os entrevistados.

Ao elencar as principais festas religiosas e devoções populares do município de Lima Duarte, Delgado (1962, p.285) registra que a Encomendação das Almas “consistia na reunião dos homens em pleno campo, à noite, em torno de velas, entoando orações e cânticos, às vezes versificados, na intenção da alma dos trepassados”. Contudo, o autor se refere à Encomendação das Almas como um “antigo costume já desaparecido”, em 1962 – ano da publicação de seu livro. De acordo com as entrevistas que realizamos em Ibitipoca, contudo, a Encomendação das Almas teria durado até meados da década de 1990.

Embora a Encomendação tenha desaparecido há cerca de 14 anos, outros ritos religiosos e sacro-profanos ainda figuram no cenário de devoção popular, como o terço de Santa Cruz e a Queima do Judas.



Procissão do Encontro, ritual realizado na Quarta-Feira Santa, quando homens e mulheres se separam em dois cortejos a entoar preces pelas ruas do arraial de Conceição de Ibitipoca, levando consigo imagens de santos a serem venerados. Na foto, um grupo de mulheres carrega a imagem de Nossa Senhora das Dores. Os homens, por sua vez, acompanham um outro cortejo que sai em direção oposta à das mulheres; eles conduzem a imagem de Nosso Senhor dos Passos. Ao final do percurso, ambos os grupos se encontram e, juntos, adentram a Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Ibitipoca para celebrar a missa. Ao lado das quatro senhoras que carregam a imagem, três mulheres seguem em fila indiana pelas ruas de chão batido. Nenhuma delas olha para a câmera, e, sim, desviam o olhar para baixo. Uma romeira chega a tapar o rosto

FIGURA 8 – Mulheres de Fé
Foto: Acervo do agricultor e pedreiro José Fortes/
déc.1960.

2.4 ENTRE MASCATES E EXPEDICIONÁRIOS, A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA HOSPITALIDADE

Muito viajante mesmo. Aí viajava, fazia comunicação aqui e ia até pra Santana do Garambéu, Pinheiros [...] Uns vinham explorando tesouro, ficava aí como turismo aí. Explorava de tudo: beleza e negócio, filho, qualquer negócio. Ficava na casa das pessoa, todo mundo... todo mundo recebia, eram pessoa boa, muito tratava, muito ativo, todo assunto eles conhecia. Conhecia minério, jóia, a Coroa...

(agricultor aposentado, 79)

O histórico das viagens em Conceição de Ibitipoca perpassa pela história dos viajantes das Minas Gerais, em especial os viandantes, os mascates e os integrantes das chamadas “viagens científicas”¹³², que, ao longo dos séculos, marcaram presença durante o processo de colonização daquele território. Para hospedá-los havia no arraial uma “pensão”¹³³ de viajante” que funcionou até meados do século XX. A presença de mascates, de andarilhos ou de expedicionários na Serra de Ibitipoca, até meados do século passado, reforça a sua importância como fator cultural a agregar novas memórias ao imaginário dos lugares. Para Ianni (2000, p.14), “mesmo os que permanecem, que jamais saem do seu lugar, viajam imaginariamente ouvindo histórias, lendo narrativas, vendo coisas, gentes e signos do outro mundo”.

As representações acerca daquele que perpassa por um lugar atravessam a história dos povos, movendo o (des)encontro entre o “outro” e o “eu”; compreende assim variada significação, à medida que se destina a ultrapassar, recriar ou dissolver fronteiras. Coloca, pois, lado a lado, configurações socioculturais diversas, próximas e distantes, presentes e passadas, distintas formas de sociabilidade¹³⁴.

Eis a seguinte descrição da figura do viajante que passava por Ibitipoca em meados do século XX, na percepção de um lavrador aposentado de 79 anos:

O viajante era o homem do mundo, né, homem trabalhista, travessante, né... comprava mercadoria e vinha vendendo pro povo: mascate...mascateava. Todo mundo trabalha com mascate. Eles viajava fazendo transporte de uma cidade pra outra, com lote, com cargueiro, vendendo amostrário, vendendo pano, tecido, até quitanda, até pão eles trazia. Pousava aí, faiaava (falhava) um dia (?) e ia pra aqui

¹³² Expressão adotada por Carneiro (2001,p.231) ao correlacionar a história da ciência moderna à história da viagem humana pelo mundo, salientando que “a literatura de viagens se confunde, enquanto gênero literário, com os primeiros textos das ciências naturais modernas”. Vale registrar, a título de curiosidade, que, segundo a OMT (2003), os primeiros relatos de viagens remontam à primeira metade do século XIII com as expedições do europeu Marco Polo à Ásia.

¹³³ De acordo com relatos, a última “pensão de viajante” de Conceição de Ibitipoca pertenceu à dona Camila Clara, já falecida.

¹³⁴ Nesse sentido, Ianni (2000, p.14) pontua que, “em cada localidade, cidade, comunidade ou sociedade, o imaginário está povoado de viagens presentes, pretéritas ou futuras, envolvendo viajantes, crônicas, relatos, narrativas, documentos, comprovantes, coisas, gentes, signos”.

pra Santana do Garambéu cidade. Parava, abria, vendia tecido pro povo, muitas coisa bonita. Faiava um dia, um dia... dois. Até a casa dos comerciante mesmo eles usava. Aí eles fazia as arte toda e vendia os tecido. Era lucrativo para eles, né, essa parte. E tinha os mascates vendendo fazenda, vendendo bijouterias, botão, linha, essas coisas, né, armarinhos. [...] A cavalo. E tinha os vendedores de fumo da região aí de Ubá, de Tocantins, passava por aqui vendendo fumo. Alguns com pequena quantidade de pronta-entrega, levando o pedido para depois mandar as compras. Tinha vários vendedores de fumo. Tinha um viajante, o Seu Guilherme Silva, ele era um viajante, ele era de São João del-Rei mas ele trabalhava para várias casas de armarinho, de tecidos em comum de Belo Horizonte, então ele passava muito por aqui também dentro da mesma condição: passava com a tropa já com pronta-entrega fazendo os pedidos.

(produtor rural aposentado, 73)

Saint-Hilaire (1974, p.35), por sua vez, enfatizou traços hospitaleiros da população de Ibitipoca quando de suas andanças pela Serra: “Depois de agradecer aos meus hospedeiros, que muito atenciosos foram para comigo, pus-me novamente a caminho”. Nesse contexto, pode-se dizer que desde os tempos remotos já havia indícios de uma “hospitalidade típica” em Ibitipoca, bem como de uma “desconfiança” para com aqueles que vinham “de fora”, ambas historicamente construídas.

A hospitalidade, por sua vez, capta o espírito da relação socialmente construída entre anfitrião e hóspede, esse (des)encontro de subjetividades a produzir interações dialógicas no plano interacional. Seu estatuto de antiguidade se vincula à história dos viajantes e, na contemporaneidade, condensa a interface mais humanizada do fenômeno turístico, transcendendo a forma com que o turista é tratado para, então, refletir a intersecção entre costumes, usos, etnias e temporalidades distintas – tanto dos visitantes quanto dos visitados. Castelli (2005, p.4), aliás, pontua que “no encontro entre visitante e visitado, existe sempre uma árvore proibida, plantada entre ambos. Ou seja, uma privacidade do visitado, que cabe ser respeitada por parte do visitante, o mesmo ocorrendo na relação oposta”.

Segundo relatos, os mascates¹³⁵, em Ibitipoca, eram bem recebidos pela população local que deles dependia para o fornecimento de produtos básicos:

Chegava aí, sempre tinha uma pensãozinha vagabunda, o sujeito chegava: “Ou, tô chegando e tal, né” – aquilo era uma alegria, que chegava com a pessoa, né. Num lugar pequeno, chegou o mascate vendendo todo mundo malhava ver o quê que era, o quê que tem e tal. Eles viam com mostruário de fazendas, vestidos e calçados... Então todo mundo ia ver. Grande parte.

(produtor rural aposentado, 73)

¹³⁵ Em Ibitipoca, os mascates também eram chamados de “viajantes de armarinho”. Havia ainda os “mascates de arreio”, especializados no fornecimento de artigos de couro para montaria dos tropeiros – celas, botinas, arreios, botinas, etc.

Esses relatos apontam indícios de hospitalidade da comunidade estudada. Contudo, nem todos os viajantes eram bem vindos: havia uma outra categoria de comerciante ambulante, o “forasteiro”, apontado como um “travessante explorador”, o qual era temido e repugnado pelos ibitipoquenses:

O forasteiro tem uma parte de gananciação, de desonestidade...O forasteiro se ele puder pegar qualquer coisa ocultamente – o sujeito [nativo] é muito mais atrasado do que ele, muito mais – se ele puder tapear...ele pode te vender uma mercadoria de preço de custo de dois reais ele pode te vender por dez, te pede dez no exagero...porque faz uma painada na sua cabeça, você tem uma mentalidade curta, não conhece nada, atrasado, pede no exagero e o sujeito precisou, compra [...] O forasteiro é travessante explorador, aproveitava. Perigoso... não é honesto não. Quando eles vinha aí o povo ficava muito desorientado, evitava muito de negócio com eles. Já os mascates não: os mascates vendia nos preços mais ou menos certo, no acerto de conta tudo certinho.

(lavrador aposentado, 79)

No discurso, o sujeito internaliza a condição de inferioridade em relação àquele que vem de fora. Dessa forma, o viajante “forasteiro” era visto como uma pessoa non grata pela população do arraial. Faz-se necessário observar que a população “nativa” irá retomar a utilização do termo “forasteiro” na década de 1980 para designar os novos moradores que vieram “de fora” para se estabelecer no arraial, muitos dos quais com o intuito de explorar economicamente o turismo.

Além dos mascates, desde o início do século XIX a Serra de Ibitipoca atraía a atenção de expedições de “cientistas naturais” como Saint-Hilaire (1822), Milliet de Saint-Adolphe (1845), Emmanuel Liais¹³⁶ e Richard Burton (1865), bem como da Comitativa Científica Nacional (1906), e ainda, da Comissão Géographica e Géologique de Minas Gerais (1899 e 1912). Os primeiros anos do século XX marcam um novo interesse científico pela Serra. Em 1906 uma comissão científica nacional desenvolveu estudos diversos na região, descrevendo inclusive aspectos da hospitalidade local, citando as “populações que tão bem nos têm acolhido” (DELGADO, 1962, p.127)¹³⁷. Já em abril de 1912 foi a vez do cientista Álvaro da Silveira visitá-la, o qual fez registros da presença humana na serra, relatando inclusive indícios de que as numerosas grutas inseridas no território onde atualmente se localiza o parque dantes serviam de esconderijo para cativos foragidos.

No início do século XX, em 1912, uma comitiva do Engenheiro de Minas Álvaro Astolpho da Silveira (1921;1923) visitou e mapeou a Serra de Ibitipoca, ins-

¹³⁶ LIAIS, Emmanuel. *Climats, Géologie, faune et Géographie Botanique du Brésil*. Paris: Garnier Freres, 1872.

¹³⁷ “De longe imploramos a sua intercessão pelo bom termo de nossa viagem pela felicidade das populações que tão bem nos têm acolhido...” (Autor anônimo integrante da Comissão Científica, citado por Delgado (*op.cit.*, p.126).

talando no Pico da Lombada, a 1784 m de altitude, um marco geodésico. Álvaro da Silveira produziu ainda um interessante acervo iconográfico sobre Ibitipoca, cujas fotos desafiam a história ao revelar a permanência da atividade mineradora nos primeiros anos do século XX, já que faiscadores foram flagrados por suas lentes bateando ouro no rio do Salto, mais precisamente num poço formado nas imediações da Fazenda do Tanque, área que atualmente compõe o entorno sudoeste do Parque Estadual do Ibitipoca.



FIGURA 9 – Agricultores a batear ouro no Ribeirão do Salto (1912) nas proximidades da Fazenda do Tanque, em Ibitipoca - Fotografia: Álvaro Astolpho da Silveira, abr.1912. Acervo da Comissão Geográfica e Geológica de Minas Gerais/ Imprensa Oficial de Minas Gerais. Digitalização e edição: Bruno Bedim, 2007.

Tal material iconográfico pode ser entendido como uma evidência empírica de que as reservas auríferas de Ibitipoca não teriam se esgotado no século XVIII – e ainda, permite-nos lançar a hipótese de que alguns agricultores da Serra teriam combinado as atividades agrícolas de subsistência com outras formas de exploração econômica.

Material iconográfico: Essa fotografia não foi tirada ao acaso; ela subentende intencionalidades. Interessava ao engenheiro Álvaro da Silveira registrar a extração de recursos minerais nas Serras de Minas, e ainda, como se dava a exploração desses recursos pelos homens. Mas a linguagem incorporada nessa imagem nos informa muito mais que isso. Os agricultores-faiscadores registrados não trajam as roupas que comumente usariam no seu cotidiano de trabalho na mineração ou na lida da roça. O momento dessa fotografia foi um acontecimento social; eles se prepararam especialmente para a ocasião; estão vestidos do modo que consideraram apropriado para se mostrarem às outras camadas da sociedade. Há ainda uma dissonância na disposição espacial dos quatro sujeitos captados pelas lentes: enquanto três homens se posicionam agrupados na parte central, em evidência, um quarto sujeito se apresenta isolado, à margem esquerda da foto, em segundo plano. Os três faiscadores em destaque não estão distribuídos de forma aleatória no espaço captado pela imagem: o trio mantém uma relação de proximidade e equidistância entre si; posam para a foto; trajam terno e olham em direção ao fotógrafo que os captou. Por sua vez, o outro faiscador, à esquerda, está bem mais afastado dos demais. Isolado, veste uma roupa mais simples. Ao contrário dos outros três, no momento da fotografia, ele estava com uma pá na mão a trabalhar, abdicando assim de uma eventual pose. Tais constatações podem revelar a sua posição social naquele contexto – uma aparente subordinação em relação aos demais. Dessa forma, o significado dessa foto, do ponto de vista documental, pode abrir margem para interpretações que revelam as marcas de dominação presentes naquele contexto social.

2.5 A SERRA GRANDE, SEUS RITOS E MITOS

2.5.1 TERRA DE SANTO E PASTAGEM COMUNAL

A Serra Grande – nome popular da elevação serrana constituída por terras devolutas que posteriormente viraram parque – possuía, para os camponeses, uma simbologia própria; lugar de representação lúdico-religiosa, “altar natural” para procissões¹³⁸, rezas de terços, rituais sagrados e devoções populares. Dentre os lugares da Serra sacralizados, destacam-se o Pico do Pião, o Morro do Cruzeiro e o Paredão de Santo Antônio. Território de caça, coleta, recreação e extensão de práticas agropecuárias, laços históricos delineavam a relação entre o homem rural e a Serra Grande.

Inexistia, na apropriação desse território, o princípio da propriedade privada, sendo ele entendido como extensão das áreas de pastagens dos pequenos *sitiantes* da região, os quais recebiam o consentimento da “santa” para explorar suas terras. Em troca, deveriam resguardar a devoção à Virgem fazendo penitências e promessas, bem como permitindo que o gado de outros camponeses também pastassem na área. Trata-se, pois, de uma concessão *sui generis* de uso da terra que se realiza no plano religioso.

O uso camponês da Serra Grande favoreceu a expansão da pecuária na região, sendo entendida como extensão das áreas de pastagem. Historicamente, a prática da agropecuária em Ibitipoca se processou a partir da incorporação da Serra Grande como terra de uso comunal¹³⁹: entre setembro e outubro, os camponeses preparavam a área ateando fogo nos campos de altitude¹⁴⁰, criando as condições necessárias para que, com as primeiras precipitações da estação chuvosa, uma parte da vegetação se regenerasse e o estrato gramíneo se tornasse mais atrativo para

¹³⁸ O ritual religioso de maior devoção realizado na “Serra Grande” é a Procissão de Santa Cruz, quando os ibitipoquenses sobem o Morro do Cruzeiro para rezar um terço anualmente, sempre no dia 03 de maio.

¹³⁹ Essas áreas de uso comunal possuem estatuto de antiguidade ao longo da história humana: Queiroz (1973, p.17) registra que desde a Idade Média “as comunidades desenvolveram todo um sistema de direitos coletivos sobre pastos, áreas florestais, rios, lagoas, que são exercidos por todos os membros, e que os camponeses defendem zelosamente [...]”. Esta luta incipiente desenvolve rigorosa solidariedade no interior da comunidade camponesa, nesse período, mas solidariedade que paradoxalmente não ultrapassa os limites do domínio, da aldeia, ou do grupo de vizinhança; eles se distinguem com nitidez uns dos outros, às vezes colaborando em tarefas que os unem, porém, no mais das vezes, estão separados por rivalidades e disputas.”

¹⁴⁰ “Na hora do fogo o lobo sai fora, ele caça um capão de mato pra ele entrar, uma fuma...o fogo não pegava ele não. A única coisa que o fogo pegava antigamente era cobra, alguma cobra morria no fogo. Até os coelho [tapeti] caçavam um buraco de tatu e escondia. É a mesma coisa que hoje, os mesmos bichos. Mas antes era mais bonito que hoje. Agora é feio. Até uns 25 anos atrás, era mais bonito, era tudo verde, várias cores, o povo apanhava macela, tinha vaca, cavalo, tudo quanto é animal. Hoje você olha lá e está tudo seco. O Parque pra mim morreu, o Parque é seco, virou uma terra morta” (agricultor, 42).

o gado – facilitando assim a sua digestão e engorda. Na sequência, no mês de novembro, o gado bovino era conduzido à Serra, onde os rebanhos permaneciam até maio do ano seguinte. Segundo relatos, as reses eram soltas 22 dias após a queima da vegetação. Não obstante, esse mesmo “fogo das águas” propiciaria ainda, entre abril e maio, a floração combinada dos campos de macela (*Anthemis nobilis*), a “flor de fogo” que era coletada por mulheres na Serra e vendida para toda a região como matéria-prima para enchimento de colchões e travesseiros. Segundo os agricultores, os campos de altitude sob o pastoreio do gado propiciavam o crescimento de moitas mais espessas de macela, já que, uma vez desbastadas as gramíneas, a macela teria melhores condições de se desenvolver.

Lá era um pasto de gado, era bom demais. Eu levava uma manada boa... Ficava solto lá, misturava tudo, mas o dono conhece a sua rês. Às vezes morria alguma porque caía naquelas furnas. O povo queimava os pastos, era muito sadio pra vaca. Lá era bom pra engorda, não dava berne nem nada. O gado ficava bonito lá. Levava umas 10 ou 15 vacas. Lá era campo, a Serra toda era pastagem pro gado. Cada ano um ia lá e botava fogo num pedaço, o gado andava na Serra toda. Hoje o capim-do-campo está feio, tem cada macega do tamanho de um homem.

(agricultor aposentado, 76)

Havia, ademais, uma rotatividade das porções territoriais queimadas, de forma a garantir pastos verdes ao longo de todo o período de invernada do gado, contribuindo ainda para que a florescência da macela não se desse de forma simultânea em toda a Serra. A combinação temporal e espacial dos terrenos queimados criava as condições favoráveis para que a coleta da flor fosse possível durante um período mais prolongado de tempo.

O uso de fogo por populações humanas como estratégia de manejo da vegetação vem sendo tema de inúmeros debates e controvérsias na atualidade. Não obstante, uma publicação da FJP (2000, p.72) indica que os campos rupestres do Parque do Ibitipoca possuem “um estrato graminóide coberto por um estrato lenhoso esparso, com ramos tortuosos, com adaptações para resistência ao fogo, como os sistemas subterrâneos”. Ao estudar os manejos de plantas do cerrado pela população da zona de amortecimento do Parque Nacional da Serra da Canastra, Bruno França (2002, p.18) destaca que, dentre inúmeras espécies de estrato arbustivo e herbáceo, o fogo atua como um estímulo à sua floração¹⁴¹. “A eliminação total da parte aérea pelo fogo é que a faz florescer. [...] A resposta floral ao fogo tem

¹⁴¹ De acordo com França (*op.cit.*, p.18), “o fogo causa um stress na planta, estimulando a reprodução e, assim, a perpetuação da espécie”.

importante papel para as populações que assim se comportam, pois, ao sincronizar a produção de flores, permite a polinização cruzada”¹⁴².

TABELA 3
Fontes históricas indicativas da prática de queimadas nas pastagens da Serra de Ibitipoca (1822-2007)

| ANO | AUTOR/ REFERÊNCIA | REGISTRO <i>IPSIS LITTERIS</i> |
|------|--|---|
| 1822 | Saint-Hilaire (1974, p.35) | Os pastos que cercam o monte e, em geral, todos os que cobrem aquelas montanhas são de ótima qualidade e poderiam alimentar prodigiosa quantidade de animais. No entanto só servem aos de meu guia e de alguns outros vizinhos tão pobres quanto ele. Ao nos afastarmos do Pião, seguimos durante algum tempo os bordos escarpados da montanha. [...] cortamos terreno pantanoso e depois uma encosta cujas pastagens haviam sido queimadas recentemente. |
| 1906 | Autor anônimo integrante da Comissão Científica Nacional (<i>apud</i> Delgado, 1962, p.126) | ...apesar do fumo das queimadas escurecer o horizonte, dificultando a vista, o espetáculo é daqueles que não se esquecem mais... |
| 1962 | Alexandre Delgado (1962, p.120) | ...as desastrosas queimadas são instituição mais que centenária. Você chegava lá, quem tinha gado chegava lá e botava um botão de fogo no lugar lá pra fazer pasto pra nas água [estação chuvosa] ele levar gado pra lá, levar cavalo. Jogava pra lá, você levava dez, trazia oito... porque algumas ia caindo nos buraco que era muito acidentado... |
| 2007 | Lavrador aposentado, 73. Entrevista em abril/2007. | |

Elaboração: BEDIM. B. P. (2007)

Apesar de ser uma prática cultural historicamente desenvolvida, esse sistema de manejo empregado pelos camponeses de Ibitipoca possui um viés altamente predatório, já que o uso contínuo do fogo intervém diretamente sobre o equilíbrio do meio, dificultando a natural sucessão dos processos ecológicos nos campos

¹⁴² Nesse sentido, ver também Coutinho (1992).

de altitude das terras devolutas da Serra. Por outro lado, contudo, esse mesmo sistema de manejo congregava uma carga simbólica a se realizar no âmbito moral, uma prática culturalmente estabelecida no sentido de recriar um complexo mecanismo de interação entre a Serra Grande e as condições objetivas de existência do homem rural – um manejo que, apesar de biologicamente predatório, subjaz um conteúdo de cultura inerente às formas elementares de (re) produção do modo de ser e de viver de um dado grupo social.

Embora não se encaixe no conceito ocidental de manejo dos recursos naturais, esses mecanismos de intervenção ambiental do camponês de Ibitipoca são práticas de manejo que – ecologicamente “corretas” ou não – se apresentam como uma experiência precursora de uso do território que posteriormente foi transformado em Parque Estadual.

2.5.2 IBITIPOCA: ALTAR NATURAL



FIGURA 10 – Ruínas da Capela do Pico do Pião - Foto: Bruno Bedim, abril 2007.

Construída por volta de 1915, a história da Capela está envolta por uma série de conflitos e disputas judiciais entre a Igreja e o Estado, já que ambos reivindicavam o domínio das terras que, posteriormente, foram transformadas em Parque. Em 1932, o Estado obtém parecer judicial favorável no respectivo processo. Poucos anos depois (1938-39), a capela encontrava-se destruída, dando margem a várias interpretações acerca desse episódio. Seria uma estratégia do Estado para que a Igreja não mais reivindicasse a posse da área? Ou a sua destruição teria sido um ato praticado pela própria Igreja no intuito de incitar a população local contra as apropriações institucionais que o Estado faria daquele território? Ou ainda, a capela ruína sozinha a partir das intempéries do tempo?



FIGURA 11 – O lugar do rito I/ Missa na Gruta dos Viajantes - Foto: Acervo pessoal do agricultor José Fortes.

Tem-se o registro de uma das missas realizadas na Gruta dos Viajantes, na década de 1960. Na ocasião, o padre e botânico alemão Leopoldo Krieger segura a lanterna para que um outro sacerdote proceda ao ritual litúrgico.



FIGURA 12 – O lugar do rito II/ A Cruz, a visitante e os líquenes - Foto: Acervo pessoal de Maria de Fátima Ávila.

A Cruz, a visitante e os líquenes (O mais antigo registro iconográfico encontrado sobre a Cruz do Morro do Cruzeiro, 1983).



FIGURA 13 – Paredão de Santo Antônio - Foto: Bruno Bedim, jan.2005.

O paredão há mais de 2 séculos é tido como paisagem sacralizada. Assim um integrante da Comissão Científica descreve o significado místico do Paredão para a população local, em 1906: “Visitamos novamente a Ponte de Pedra e o túnel, já descritos, passando por outro caminho, com o fim de ver o Santo Antônio, gravado na rocha, a respeito do qual corre interessante lenda. Há muitos anos, existe aí uma imagem de Santo Antonio, de madeira, num rústico altar de pedra. Do arraial de Conceição da Ibitipoca três vezes vieram buscá-lo, três vezes o santo abalou a igreja, voltando à sua morada na Serra. E, para não mais ser incomodado, recorre a um expediente decisivo (que os santos também são finórios e ladinos...): – desaparecer, quando sente que alguém se aproxima. E até hoje assim procede,

com a cautela de quem conhece a fundo a maldade, a ronha dos humanos: Lá avistamos, de longe, a sua figura veneranda, na rocha lisa, parecendo ter numa das mãos um livro. Outros acham que é o menino que ele sustenta no braço, tal qual nô-lo representam imagens que por aí correm. Não nos aproximamos para evitar a desfeita de não sermos por ele recebidos”.

(Autor anônimo integrante da Comissão Científica citado por Delgado, op.cit., p.126).

A Serra Grande, na concepção popular, pertencia a Nossa Senhora da Conceição de Ibitipoca. Ainda hoje os terrenos dos arraiais do entorno pertencem “à santa”: os moradores de Conceição de Ibitipoca ou Mogol não têm escritura dos terrenos ou registro dos imóveis. Consequentemente, não pagam IPTU. Tal situação possui explicação histórica: em 1836, a porção de terra do arraial de Conceição de Ibitipoca foi doada à Nossa Senhora, “a quem deviam pagar alguma coisa [sic.] os que fizessem casas, pois esta era a condição apresentada pelos doadores” (DELGADO, 1962, p.113). Atualmente os próprios moradores ligados à igreja é que definem a forma de distribuição dos terrenos. Os “nativos”, por sua vez, ganham os lotes, enquanto que os “forasteiros”¹⁴³ devem pagar “à santa” uma quantia por eles.

Em 1822, Saint-Hilaire (1974, p.33) observara que o Paredão de Santo Antônio era “objeto de veneração em toda a zona. Todos quantos perderam animais na serra vão rezar o terço diante da imagem e os encontram infalivelmente [...] Em ro-maria e de vela em punho, visitam o rochedo onde está representado o santo e ali fazem penitência”. Quase um século depois, Silveira (1921, p.123), ao perpassar por Ibitipoca em 1912, descreve a existência de paredes rochosas cobertas de líqüenes

¹⁴³ O uso dos termos “forasteiro” e “nativo” será explicitado nos capítulos seguintes.

onde “o povo enxerga figuras de santos milagrosos de grande utilidade para a satisfação de suas utilidades terrenas”.

Ao longo de todo o século XX, as terras devolutas da chamada Serra Grande – onde mais tarde seria implantado o Parque Estadual do Ibitipoca – essas terras eram usadas como alternativa para as atividades de extrativismo da população rural local:

Então você entrava lá, você buscava orquídea, buscava...tinha muita – isso era coisa da pobreza, não é só a pobreza, a pobreza catava pra vender, né – vendia a macela pra fazer travesseiro, uma florzinha, né. Então tinha uma porção de preta-velha aí que mês de julho ia pra serra pra catar semana inteira. Catava a macela pra vender e encher travesseiro. Vendia pro pessoal de Lima Duarte. Dava dinheiro. Era pinhão, macela e vassoura do campo.

(produtor rural, 73)

Dentre as formas de representação simbólica da população ibitipoquense para com o mundo natural, destaca-se o “Mito da Mãe do Ouro”, também identificado pelos camponeses como “o mistério da bola de fogo”, ao qual são atribuídas significações sobrenaturais e míticas¹⁴⁴. Contudo, segundo Resende (2004), a física define a “bola de fogo” como fenômeno natural, o “relâmpago globular”, cuja ocorrência é comum em lugares de formação rochosa quartzítica com elevação¹⁴⁵ – um tipo de descarga elétrica de origem atmosférica que se sustenta e mantém-se parado no ar durante vários segundos, oscilando sobre si mesmo, com alta luminescência e que eventualmente produz “sons sibilantes, similares a zumbidos”.

Quanto às relações de identificação territorial para com o lugar, os entrevistados utilizam a expressão “nosso lugar” quando aludem à Serra Grande ou à vila de Conceição de Ibitipoca e adjacências. O território que atualmente constitui o Parque é identificado pelos camponeses mais antigos como “Serra Grande” ou então “Parque da Serra Grande” – dificilmente é utilizada a terminologia “Parque do Ibitipoca” para se referir àquele espaço: “O Parque da Serra Grande pertencia à igreja da Ibitipoca, foi doado pelos índios... o Parque da Conceição.”¹⁴⁶ Observa-se também, nessa fala, o quão forte era o poder da Igreja na região, uma vez que a população lhe atribuía a posse das terras devolutas da Serra, bem como a propriedade do arraial, inclusive afirmam ainda hoje que “a vila pertence à santa” – em alusão a Nossa Senhora da Conceição.

¹⁴⁴ “Chama-se mãe do ouro que eles falava. Antigamente não era bola de fogo não, era mãe do ouro. Essa luz até pouco tempo ainda aparecia ali, aí na região aí. Ela cercava até carro, ninguém suportava ela, a calor dela e a fortidão que era a luz – a vista nossa não conseguia dobrar, não podia olhar nela não” (agricultor aposentado, 79).

¹⁴⁵ Há registros na literatura científica de relâmpagos globulares que já atingiram 1 metro de diâmetro (RESENDE, 2004).

¹⁴⁶ Outras expressões como “o parque nosso aqui” ou “o parque da santa” também são utilizadas pelos nativos ao se referirem àquele espaço, mesmo após a Igreja perder o processo no qual demandava a posse das terras devolutas da Serra de Ibitipoca, nos anos 1930.

...hoje nós falamos “parque”, mas até 60, 62 [1962] por aí assim ali se chamava Serra Grande. Você entrava lá sem dar obediência a quem quer que seja. Ali onde é a portaria era uma porteira muito da sem-vergonha...você entrava lá e pronto: era a cavalo, de moto – nesse tempo não tinha moto ainda, né? – a cavalo ou a pé, a maioria.

(agricultor aposentado, 73)

A Serra Grande para os camponeses possui uma simbologia própria: lugar de representação simbólica e religiosa – procissões¹⁴⁷, rezas de terços, rituais sagrados e devoções populares. Dentre os lugares da serra sacralizados, destacam-se o Pico do Pião, o Morro do Cruzeiro e o Paredão de Santo Antônio. A Serra Grande representa, no plano simbólico, a experiência do lugar reificado como aspecto da ancestralidade camponesa. Suas representações sociais são estruturadas pelo *ethos da terra* que se estendera ao longo das gerações. Território de caça, coleta, recreação e extensão de práticas agropecuárias, laços históricos delineavam a relação entre o homem e a Serra:

Lá na Serra Grande era assim...lá tinha um mijolo [monjolo], um mijolo daqueles de fazer farinha, sabe. Na virada da Serra, ali na prainha, tem muitas queda d'água, sabe, muitas queda. Então lá tem uma quedinha, aí tinha um mijolo ali, chama “O Campinho Mijolo”, e o povo fazia...tinha um mijolo lá de secar farinha do morador do Tanque – a primeira fazenda que existia aqui no Tanque, onde é que morava o tal de Olavo. É lá, eles fazia, sentava o mijolo lá, agora tu imagina rapaz... só para ter o contato de ir na serra, gostava de ir lá caçar codorna, caçar passarinho – ainda existia.

(agricultor aposentado, 79)

¹⁴⁷ O ritual religioso de maior devoção realizado na “Serra Grande” é a Procissão de Santa Cruz, quando os ibitipoquenses sobem o Morro do Cruzeiro para rezar um terço anualmente, sempre no dia 03 de maio.

2.5.3 SOBRENATURAL, DO ALTO



FIGURA 14 – Morro do Cruzeiro, 1987: ritual de soerguimento de uma nova Cruz - Foto: Acervo de Maria de Fátima Ávila Pires, maio, 1987.

O terço de Santa Cruz, tradicional rito católico da população local, a partir de 1943 é realizado. Desde então, a cerimônia para a reposição de uma nova cruz é periodicamente necessária, tendo em vista a alta incidência de raios na Serra. Sempre no dia 03 de maio, os devotos sobem a “Serra Grande” para rezar o terço no alto de uma colina localizada nas dependências do Parque Estadual do Ibitipoca. Entre as décadas de 1970 e 1980, o Estado chegou a proibir a realização de rituais religiosos no lugar, provavelmente como forma de destituir os usos simbólicos que a população local tinha para com o território tradicional transformado em parque. Interessante observar ainda que o Terço de Santa Cruz passou a ser realizado no Morro do Cruzeiro poucos anos após a destruição da Capela do Pião (1938-39), a qual está situada numa elevação defronte ao Morro do Cruzeiro. Os devotos então elegeram um novo cume da Serra de Ibitipoca como altar natural.

*Prossegue a tradição
A mesma cruz, hoje desgastada pelas intempéries naturais como sol, vento e umidade, compõe o cenário da devoção popular em Ibitipoca. Atualmente, o IEF/MG tornou-se colaborador do ritual, chegando inclusive a oferecer alimentação, água e transporte para os romeiros do Terço de Santa Cruz. Mesmo assim, a maioria dos devotos prefere subir a pé até o cume do Morro do Cruzeiro, parte integrante do ritual de purificação.*

No calendário católico convencional,

o dia de Santa Cruz é celebrado no mês de agosto. Em Ibitipoca, contudo, a data foi realocada para maio, muito provavelmente para coincidir com a época da florescência da macela, que era coletada pela população local.



FIGURA 15 – Morro do Cruzeiro, 2007 - Foto: Bruno Bedim, maio, 2007.

2.5.4 O TERÇO DE SANTA CRUZ

C
I
POESIA
N
C
I
A

Um dia ao ano
3 de maio apenas
A fé sobe a Serra
Gente-rocha-vento-terra
O manejo do infinito
Oratório mais bonito
Devoção nas alturas
Ecossistema ritual
De um altar natural.

C
I
POESIA
N
C
I
A

C
I
POESIA
N
C
I
A

No outono desse dia
Um parque é devolvido à santa
Conceição, minha Nossa
Senhora dos campos
Colina dos santos
Ibitipoca dos homens
Natureza dos ritos
Lendas e causos
De bichos e mitos.

C
I
POESIA
N
C
I
A

Amém, Serra Grande
Qual eterna primavera
Signos de encanto
Jaz flores de fogo
Renasce teu ciclo
Macelas, de novo
Verdes campos de vida.

C
I
POESIA
N
C
I
A

Quem te ensinou, camponês, a rezar o terço?
Não sei, moço, vem de berço
Faz tempo, não esqueço
Subo Cruzeiro, canto, desço.
Vem cá do alto
A colheita da luz
Fragmentos de Ibitipoca
No terço de Santa Cruz.

C
I
POESIA
N
C
I
A

2.6 A CRIAÇÃO DO PARQUE ESTADUAL

Aos olhos de um observador desatento, a trajetória socioeconômica da Serra de Ibitipoca teria se redesenhado a partir da criação oficial do Parque em 1973. Entretanto, o processo de intervenção social ao qual a população do entorno fora submetida remonta à década de 1950, com as primeiras restrições do uso da terra impostas pelo Estado¹⁴⁸.

Ironicamente, o Ibitipoca é um dos únicos parques estaduais de Minas cuja situação fundiária é tida, desde a sua criação, como plenamente regularizada. Tal constatação, longe de chancelar a aparente ausência de conflito do processo, apenas ratifica a eficácia do aparelho estatal em conceber e implantar um parque de costas para a população local.

Um parque pode até ser criado por decreto. Sua história, não. Olhar-se-á, portanto, para o caráter subversivo que permeia a transformação da chamada “Serra Grande”¹⁴⁹ em Parque Estadual do Ibitipoca. Até o momento, sua história oficial fora reduzida à versão institucional apresentada pelo poder público. Esse contexto levou o pesquisador a se questionar sobre a outra face desse processo, no sentido de apreender o valor heurístico da narrativa camponesa sobre o episódio em questão. A versão do camponês, aqui, insurge como possibilidade de compreensão do “real” a apoiar o exercício intelectual do pesquisador na tarefa de se produzir conhecimento científico.

Assim como a própria constituição física da Serra, o Parque é *um divisor de águas*, só que no sentido figurativo do termo: é um elemento de periodização a

¹⁴⁸ Referência às iniciativas pioneiras do ex-governador Juscelino Kubitschek, que, em 1952, nomeara um funcionário público – Jéferson Chaves, popularmente conhecido como “Dedé” – para o cargo de tutor das terras devolutas de Ibitipoca. Jéferson ficou encarregado de fiscalizar certas práticas de manejo que a população local tinha das pastagens extensivas da Serra Grande – até então uma área de uso comum –, garantindo assim a execução de certas disposições do Estado. A principal função deste primeiro encarregado foi expulsar o gado da área e construir os primeiros trechos de uma cerca demarcando os domínios do poder público. Bem antes disso, porém, o Estado já havia tentado instituir um uso público para as terras devolutas da Serra: nos primeiros anos do séc.XX, seria instalado em Ibitipoca um hospital-sanatório. Naquela época, acreditava-se que lugares altos eram mais apropriados para a recuperação de doentes. Em 1903, o governo estadual já havia criado em Barbacena a “Assistência dos Alienados” e havia a possibilidade de se instalar outras instituições psiquiátricas nas Serras próximas. Contudo, a construção do segundo módulo do Hospital-Colônia em Barbacena inviabilizou as pretensões de o projeto se realizar em Ibitipoca, concentrando naquela cidade esse tipo de serviço de saúde. Mesmo assim, o sonho da elite de Lima Duarte de se construir um hospital-sanatório no alto da Serra de Ibitipoca perdurou até a década de 1960, configurando-se como uma das iniciativas que se desdobraram na criação do Parque – já que ao longo da primeira metade do séc.XX as investidas pela implantação do sanatório fizeram com que as belezas naturais de Ibitipoca povoassem o imaginário das pessoas de toda a região – criando, mesmo que acidentalmente, a demanda social pela definição de um novo uso público para as terras devolutas de Ibitipoca. Para mais detalhamentos, ver Bedim (2008), subcapítulo 5.2: “Um projeto de sanatório resulta em Parque Estadual”.

¹⁴⁹ Serra Grande é o nome popular da área serrana que foi transformada em parque.

redefinir a trajetória econômica e social da população humana de seu entorno. Até então, as vilas de Conceição de Ibitipoca e Mogol submergiam no devir histórico do século XX; no âmbito regional, a pouca representatividade econômica e política as resguardava, quando muito, ao papel secundário de “sopés de serra”.

O Parque do Ibitipoca foi pensado e delimitado como se fosse um território vazio, processo pelo qual o Estado negligenciou as antigas territorialidades e formas de uso dos recursos naturais pela população local. Aliás, é necessário destacar que a imposição histórica que permeia a espoliação do direito de a população ibitipoquense usar a Serra Grande precede à concepção jurídica do Parque em 1973 e até mesmo à criação do próprio IEF como autarquia¹⁵⁰. Contudo, a “política ambiental” (ou a sua ineficácia) adotada na época pelos governantes ignorou que tal extensão territorial compreendia terras tradicionalmente usadas por camponeses, cujos domínios espaciais eram necessários à sua reprodução física e cultural – com ênfase na pecuária extensiva praticada na área, dentre outras práxis.

Foi preciso, aos olhos do Estado, apropriar-se desse território e orientar seu uso no sentido do lucro e do econômico. Julgou-se necessário transformar a terra de uso em mercadoria (“produto turístico”) e oferecê-la ao usufruto das populações urbanas que, ainda hoje, sequer sabem dos dramas locais que tal ação representou naquele tempo. Nesse sentido, a criação do Parque deve ser apreendida como instrumento expropriatório, um novo modelo de ocupação e uso da terra que intervém sobre formas anteriores – apesar de o argumento conservacionista reunir esforços para salvaguardar o pretenso *status quo* dos recursos naturais disponíveis.

Ocorre que o camponês possuía uma concepção própria de uso da Serra Grande que se realizava no plano moral, um código distinto de apropriação coletiva que o Estado estrategicamente ignorou. Dessa forma, a instituição do Parque Estadual do Ibitipoca pode ser entendida como a espoliação garantida de um território pelo Estado em favor das camadas urbanas dominantes (turistas e agentes políticos); a legitimação do direito de propriedade em detrimento do direito histórico de posse e uso camponês.

Uma população camponesa carente de recursos financeiros e com acesso limitado à formação educacional não tivera ainda a oportunidade de registrar a sua versão sobre os fatos; as circunstâncias sociais desautorizaram o camponês a contar sua própria história. Mas vozes resistentes ainda ecoam por aquelas serras, e a memória de toda uma geração não pode ser menos considerada que os documentos oficiais arquivados pelo Estado.

¹⁵⁰ O Instituto Estadual de Florestas (IEF/MG) foi criado oficialmente em 05/01/1962, como uma autarquia vinculada à Secretaria de Agricultura de MG. Desde então, tornava-se atribuição do IEF a gestão dos Parques sob o domínio do Estado mineiro. A partir daí, abriram-se as perspectivas de criação de novos parques estaduais.

A minha mãe é que contava a história de que a Serra é da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Ibitipoca... mas não fez o documento, né? Naquele tempo não constava. E ficou... e depois o Estado tomou conta... Antigamente eles falavam que era direito do governo, né? Mas outras pessoas antigas contava: aquela Serra é da Igreja, aquela Serra é da Igreja! Mas não fez o documento – é que nesses tempo o documento era tudo a mão, não tinha... A Serra Grande era da Igreja, de Nossa Senhora da Conceição, e quem cuidava da terra era a gente, a santa deixava. Então deram as terra pra Igreja mas não (agricultora, 92)

Essa narrativa da camponesa é considerada por muitos, ainda hoje, um fator subversivo: conta a história de uma tal Serra Grande que foi transformada em parque por um tal Estado que não lhes disse ainda o porquê. Sua versão é carregada de simbologias, está atrelada à produção da vida humana na Serra, não à produção de trâmites burocráticos nos cartórios. A concepção dos agricultores de Ibitipoca sobre a criação do Parque insubordina-se às leis ou às autoridades constituídas no território a que eles ainda atribuem “à santa”. A concepção camponesa do Parque é tanto simbólica quanto política; subjaz à transformação nas condições materiais de sua própria existência. Assim, a análise sobre o processo de criação e implantação do Parque do Ibitipoca encerra num complexo jogo de forças no plano local, na fronteira abstrata entre o que é legal e o que é justo.

Até a década de 1970, havia em Ibitipoca uma população camponesa calculada em algumas centenas de famílias¹⁵¹ que faziam inúmeros usos da área que foi transformada em Parque, a qual se caracterizava pela concentração de recursos proveitosos para os moradores da Serra – madeira para construção de casas, cercas e fornecimento de lenha; caça¹⁵²; coleta de mel e pinhão de araucária; cactáceos; extração de palmito, vassoura do campo e macela¹⁵³; gramíneas dos campos de altitude serviam como pastagens de inverno para o gado bovino e cavalar, etc. Nessa perspectiva, muito do que tem sido considerado “natural” na área do Parque Estadual do Ibitipoca constitui, de fato, algo que sua população rural modificou ao longo dos séculos.

¹⁵¹ Fonte: Bedim (2008); Delgado (1962).

¹⁵² Em Relatório sobre o Parque Estadual do Ibitipoca, datado de 25 de janeiro de 1976, o botânico e padre Leopoldo Krieger registra que, “no passado, a fauna foi muito prejudicada pelos caçadores”. Segundo ele, à época o Parque estava sendo repovoado por espécies de maior porte como coelhos, lobos e répteis, os quais eram vistos ocasionalmente. A presença de caçadores na área também é anunciada por uma reportagem do Diário Mercantil de 12 de dez. de 1971. Não obstante, um agricultor local, de 79 anos, relata que “gostava de ir lá caçar codorna, caçar passarinho...”. O coelho tapeti também era muito apreciado pela população local.

¹⁵³ “Catava macela para fazer travesseiro, uma florzinha, né? Então tinha uma porção de preta velha aí que mês de julho ia para a serra catar semana inteira. Catava a macela para vender e encher travesseiro. Vendia para o pessoal de Lima Duarte. Dava dinheiro. Era pinhão, macela e vassoura do campo”. (lavrador aposentado, 73).

Um marco histórico fundamental ao processo de criação do Parque remonta a um relatório encomendado pelo governador Magalhães Pinto¹⁵⁴ a uma comissão de 18 cientistas¹⁵⁵, em 1964, cujo objetivo era “definir um uso para a área” – agricultura, pecuária ou turismo¹⁵⁶. Uma leitura atenta desse documento revela suas prováveis intenções de ilegitimar as formas de uso da Serra Grande pela população local. Assim é descrita, em tal relatório, a situação geográfica desse território:

A Serra de Ibitipoca, cujas terras constituem hoje um patrimônio do Estado de Minas Gerais, **até o presente momento abandonadas, ou melhor, sem qualquer aproveitamento**, fica situada no município de Lima Duarte, no distrito de Conceição de Ibitipoca (Catão et al., 1964, p.1, grifo nosso).

Nota-se, nesse trecho, a intenção de se reforçar que as terras devolutas de Ibitipoca encontravam-se “inaproveitadas”, “abandonadas”. Contudo, o próprio documento se contradiz, já que registra, mais adiante, a ocupação humana dos terrenos situados nas partes mais baixas da serra, e ainda, constata a existência de “pastagens naturais” que abrigavam um rebanho¹⁵⁷ com cerca de três mil cabeças de gado bovino durante o período chuvoso:

... com grande variedade de madeira de lei, além de muitas outras manchas florestais isoladas, situadas sobretudo nas partes mais baixas, boa parte desses terrenos já invadidos por proprietários localizados no dorso da serra. Durante o período chuvoso, porém, a serra em toda a sua extensão, que deve atingir mais de 500 alqueires [...] **se transforma em grandes pastagens naturais, que são invadidas nessa época por rebanhos – mais de 3 mil cabeças de gado estranho**, em virtude do natural abandono em que se encontram aquelas ter-

¹⁵⁴ O aparente desinteresse do Palácio da Liberdade pelas terras devolutas da Serra de Ibitipoca só seria transformado a partir do governo de José de Magalhães Pinto (1961-66). Advogado, economista e banqueiro, Magalhães Pinto anteviu perspectivas econômicas para com o desenvolvimento do turismo em Minas Gerais. O fato de o governador ter se casado com uma mulher natural de Lima Duarte – Benenice Catão de Magalhães Pinto – notadamente contribuiu para com o processo de criação do Parque Estadual do Ibitipoca.

¹⁵⁵ CATÃO et al, G. D. V. Serra de Ibitipoca – Município de Lima Duarte. (Relatório da Comissão de cientistas, presidida por Guaracy Catão, encaminhado ao então governador de Minas Gerais Magalhães Pinto, cujo objetivo era definir um uso para as terras devolutas da Serra de Ibitipoca). Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Agricultura, 1964. 5p. (Relatório).

¹⁵⁶ Além de diagnosticar os eventuais recursos potenciais à pecuária, à agricultura ou ao turismo, a comitiva de 1964 também se preocupou em verificar a existência, na Serra, de recursos minerais, já que o geólogo Teixeira da Costa integrava a expedição e fez a seguinte análise: “...o solo é pobre de minérios de valor comercial, sendo a textura do maciço considerada de origem muito antiga, formada, como já mencionamos, de quartzito com interposição de mica-schistos e calcários nas quais existiu o ouro em aluvião carregado, ao correr do tempo, pelas águas pluviais, no período de decomposição das rochas, e pelos diversos riachos que descem a serra, como confirmam as catas de pedras existentes nas faldas da montanha” (Catão, op.cit., 1964, p.1).

¹⁵⁷ “A gente almoçava muito no Parque da Serra Grande, gostava da Serra Grande. Lá usava os compadre daqui, eles é que colocava gado, lá pastava quase mil rês por ano, lá no Parque da Serra Grande...” (lavrador, 73).

ras do Estado. Entretanto, os terrenos se revelam bastante férteis, a julgar pelas **culturas existentes no sopé da serra** (Catão et al., 1964, p.2, grifo nosso).

Ora, se para o Estado a pecuária extensiva praticada nessas terras não lhes conferia nenhum uso ou aproveitamento, o que então poderia sê-lo? Ademais, o relatório, embora registre a existência de gado na área, foi incapaz de situar o contexto sociocultural e econômico que subjazia por trás desse gado, ignorando assim o modo de vida e o destino das famílias camponesas que faziam uso comunal dessas terras. Vale destacar ainda que o verbo *invadir* e suas respectivas conjugações aparecem repetidas vezes no texto do relatório, enfatizando, desse modo, a possível irregularidade que a comissão estadual via no uso de tais terras pelos camponeses. O documento registra ainda que a dificuldade de acesso à Serra de Ibitipoca¹⁵⁸ seria a razão de seu “inaproveitamento”, sendo que tais terrenos deveriam ser “dignos de melhor sorte” (*ibid.*, p.3).

Tendo em vista os fatores que constituem aquela circunstância histórico-geográfica, o fator de negligência do Estado tem a sua razão de ser. Os membros da comissão de 1964 se depararam na Serra com uma situação peculiar, diferenciada, em que a concepção camponesa sobre aquelas terras se apresentava de modo distinto da propriedade capitalista convencional – muito embora o gado criado nas pastagens extensivas da Serra Grande se apresentasse como produção mercantil simples. A comissão estatal de 1964 não se viu diante de produtores rurais típicos, mas de uma forma dissonante de ocupação e uso territorial.

Com inspiração na experiência do uso público de dois parques nacionais – Itatiaia e Serra dos Órgãos – a comissão recomenda a criação de um Parque em Ibitipoca, e, ainda, sugere a subsequente venda de uma parcela das terras devolutas da Serra com a finalidade de levantar recursos econômicos para fomentar a construção de infraestrutura turística no futuro “Parque Florestal”.

Ainda em 1964, motivado pelo relatório supracitado, Magalhães Pinto nomeou um funcionário para ser o encarregado pelas terras da Fazenda de Ibitipoca: Jacinto da Cunha Lage, que a partir de então passou a compor o quadro de pessoal da Secretaria de Agricultura. Jacinto Lage foi indicado para o cargo pelo deputado Lourival Brasil, seu compadre e amigo¹⁵⁹; ocupara a função e administrara toda a área do Parque praticamente sozinho durante 20 anos. Um dos poucos instrumen-

¹⁵⁸ “Como já expusemos, não existem vias até a Serra (cerca de 27 km) que permitam seu acesso por automóvel, mesmo até a velha povoação de Ibitipoca, situada a meia altitude (+1100ms), por representar uma construção onerosa para os cofres de uma pequena prefeitura, como a de Lima Duarte, que somente a adaptou a jipe. Acreditamos que esta é a principal razão do **inaproveitamento** em que se encontram aqueles terrenos do Estado, dignos de melhor sorte” (Catão et al., 1964, p.3, grifo nosso).

¹⁵⁹ Entrevista com Jacinto da Cunha Lage (85) em 02/05/2007.

tos de trabalho de Seu Jacinto era um velho cavalo pangaré¹⁶⁰, em cima do qual percorria diariamente todo o território da Serra para vigiá-la da ação de caçadores, dos pecuaristas, dos “palmiteiros” e das “apanhadoras de macela”. Como sua função era olhar pelas terras do Estado, salvaguardando-as dos usos tradicionais pela população rural, por diversas vezes combateu os interesses dos *sitiantes* da região, já que o gado comumente adentrava a área sob o domínio estatal. Embora estivesse ali para defender os interesses do Estado e exercer um ofício nada fácil, Seu Jacinto desempenhou sua função com eficácia: não apenas expulsou todo o gado da área, como ainda providenciou, a partir de 1975, com o auxílio de outros trabalhadores recrutados na região, a construção de um aceiro e de cercas de arame farpado que definitivamente extinguiram a função histórica da Serra Grande como área de pastagem extensiva.

No ano seguinte ao relatório de 1964, precisamente em 29 de dezembro de 1965, era lavrada a Escritura Pública de incorporação das terras devolutas de Ibitipoca como bem imóvel do patrimônio do IEF, assinada pelo então diretor geral dessa autarquia, Dr. Flamarion Ferreira, e o governador Magalhães Pinto. Tal extensão de terras foi avaliada, à época, em vinte e cinco milhões de cruzeiros¹⁶¹.

Oito anos após a incorporação de tais terras ao patrimônio do IEF, o Parque Estadual do Ibitipoca era criado oficialmente pelo decreto-lei nº 6126 de 4 de julho de 1973, assinado pelo governador Rondon Pacheco. O Ibitipoca congregava, a princípio, uma área de 14.887.000 m² (quatorze milhões, oitocentos e oitenta e sete mil metros quadrados), ou seja, 1.488 ha, abrangendo as terras situadas no lugar até então denominado juridicamente de Fazenda de Ibitipoca, consideradas “terras devolutas” pelo Estado de Minas Gerais. O Parque¹⁶² possuía limites e confrontações com 13 propriedades rurais. Tais terras foram assim incorporadas ao patrimônio do Instituto Estadual de Florestas, ficando, a partir de então, sob a administração e jurisdição desse órgão.

O principal idealizador do Parque teria sido o deputado estadual Lourival Brasil Filho, cujo empenho em criar o Parque tornou-se quase obsessivo. A partir de 1972, são várias as intervenções do parlamentar, no âmbito da Assembleia Legislativa de Minas, pela criação do Parque Estadual do Ibitipoca. Em 27 de outubro de

¹⁶⁰ O cavalo que servia de auxílio para o trabalho de Seu Jacinto morreu após cair na claraboia de uma das grutas da Serra. Segundo informações, a ossada do equino se encontra lá até hoje.

¹⁶¹ Cf. Escritura Pública lavrada no Cartório do Segundo Ofício de Notas de Belo Horizonte em 29/12/1965, Livro 546 C, fls. 72 a 74, e transcrita sob o nº 11.456, fls 15, do Livro “3-I” do Registro de Imóveis da Comarca de Lima Duarte em 30/05/1966. Tal escritura conferia ao Instituto Estadual de Florestas (IEF) todo o domínio, posse, direito e ação sobre o imóvel rural da chamada “Fazenda de Ibitipoca”, incorporada ao patrimônio do IEF em 29/12/1965.

¹⁶² Estudos recentes do IEF, contudo, apontam para a redefinição da área total do Parque, a qual abrangeria aproximadamente 1900 hectares.

1972, o deputado discorre pronunciamento na tribuna da Assembleia¹⁶³, inspirado no “êxito turístico” alcançado pelo Parque Nacional do Itatiaia¹⁶⁴, que visitara 2 anos antes, lá encontrando mais de mil estudantes de botânica que na ocasião visitavam o Museu de História Nacional e desenvolviam pesquisas – muitos dos quais hospedados num hotel ou alojados no *camping* estudantil. Entusiasmado com a experiência do Itatiaia, e, ainda, com o modelo de visitaço verificado no Parque Florestal do Rio Doce (MG), Lourival Brasil então sugere que, nesses mesmos moldes, fosse criado e definido um uso público para o pretenso “Parque Florestal da Serra de Ibitipoca”. Contudo, o parlamentar, assim como os demais políticos de Lima Duarte, concebia as terras de Ibitipoca como um território vazio a ser explorado economicamente pelo Estado via turismo. Não obstante isso, reitera em seu discurso a noção de “natureza virgem” a ser descoberta pelos visitantes, uma terra “inteiramente abandonada” que deveria ser destinada ao “aproveitamento econômico e social”.

Em seus pronunciamentos oficiais, o deputado não escondia a admiração pelas belezas naturais da Serra¹⁶⁵, exaltando suas características físicas sem, contudo, mencionar os impactos socioeconômicos e culturais que envolviam a expropriação da população camponesa que fazia uso daquelas terras. Que “aproveitamento social” era esse que excluiria do processo a população local? No mesmo documento, ao reivindicar na comissão de Economia da Assembleia Legislativa a melhoria da estrada que ligava Lima Duarte à Serra de Ibitipoca, o parlamentar recorre a raciocínios econômicos, alternando-os, vez ou outra, com argumentos científicos¹⁶⁶.

Sete dias antes da criação do Parque, a Comissão de Economia da Assembleia acatara a solicitação do deputado Lourival Brasil. Os membros da comissão reforçaram a importância da estrada Lima Duarte/Ibitipoca e da implantação do Parque para que o Estado tomasse a “posse definitiva” das terras, incentivando o desenvolvimento econômico da região a partir de seu uso turístico.

Percebe-se, pois, no processo de criação do Parque do Ibitipoca, a hipertrofia das intenções econômicas sobre as socioambientais. Pouco importava se a implantação do Parque se daria às custas da suplantação das terras de uso camponês. Mediante os documentos consultados, os verdadeiros interesses da elite política de Lima Duarte sobre o Parque tornam-se difusos e contraditórios. Indiferentes à

¹⁶³ Discurso proferido pelo deputado estadual Lourival Brasil em 27/10/1972, durante a 276ª Reunião Ordinária da Assembléia Legislativa de MG. Recebido na Seção de Composição da Assembleia em 07/11/1972. (Atas das respectivas seções).

¹⁶⁴ Criado em 1937, o Parque Nacional do Itatiaia foi o primeiro do gênero no Brasil.

¹⁶⁵ Há relatos a indicar que Lourival Brasil teria ido por diversas vezes visitar a Serra de Ibitipoca.

¹⁶⁶ “...que o acesso não se extinga, a fim de que turistas de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e especialmente de Juiz de Fora, continuem afluindo àquela região para fazer estudos de botânica e apreciar aquela paisagem maravilhosa, de grande interesse turístico”. (Lourival Brasil, *ibid.*).

população serrana que eles deveriam representar em seus gabinetes e parlamentos, os políticos queriam um parque que trouxesse ativos econômicos para o município de Lima Duarte¹⁶⁷.

Como o relatório da Secretaria de Agricultura elaborado por Guaracy Duque Catão e sua comitiva foi produzido meses antes da instituição do Estatuto da Terra¹⁶⁸ pelo regime militar, o termo “terras devolutas” presente nesse relatório de 1964 remonta à lei nº 6012, de 18 de setembro de 1850 – a chamada Lei de Terras, que definiu todas as terras devolutas do Brasil como propriedade do Estado. Essa lei sujeitou a ocupação de terras à compra e venda, sendo esse o único caminho possível para que alguém se tornasse proprietário territorial a partir de 1850. De acordo com Martins (2004, p.122), tal regra jurídica tornou as terras acessíveis apenas aos possuidores de dinheiro, legitimando, desde então, “o capital como o mediador na aquisição da propriedade territorial”.

Segundo Motta (1998, p.469), a expressão “terras devolutas”, a princípio, se referia às extensões territoriais não cultivadas e que, por esse motivo, foram devolvidas aos domínios da Coroa. Paulatinamente, contudo, o termo passou a ser utilizado também para referir-se às “terras livres, em tese não ocupadas, que, uma vez discriminadas, tornar-se-iam parte do patrimônio do poder público”. Foram esses os pressupostos jurídicos que permitiram ao Estado de Minas Gerais se apropriar das terras de Ibitipoca em meados dos anos 1960. É válido destacar que, ainda hoje, a noção de “terras devolutas” apoia-se nos parâmetros definidos pela Lei de Terras de 1850¹⁶⁹.

As concepções de propriedade fundiária expressas tanto na Lei de Terras de 1850 quanto no Estatuto da Terra de 1964 ignoram a propriedade comunal da terra e sua funcionalidade à reprodução camponesa – parâmetros legais que possibilitaram ao Estado tomar a Serra Grande como propriedade e lá instituir o Parque

¹⁶⁷ “A cidade de Lima Duarte participa com orgulho da nova mentalidade de integração no processo de desenvolvimento da Zona da Mata. [O município] assume seu papel formador de um mecanismo desenvolvimentista, dinâmico [...] espera agora, em Aureliano Chaves, a abertura de novas frentes de trabalho. [...] A grande esperança da cidade consiste no aproveitamento – com vistas ao TURISMO – do milagre que é o PARQUE FLORESTAL DA SERRA DE IBITIPOCA. Com todo seu potencial natural, numa época de carência de ar puro e de paisagens, de vegetação, de luta pelo meio ambiente IBITIPOCA é um convite de retorno às origens. Em breve estará concluído o asfalto – Estrada Juiz de Fora/ Lima Duarte continuando as obras até o Sul de Minas – uma outra esperança realizada. Por tudo isto, LIMA DUARTE sai de um silêncio passivo para um acordar de muitas realizações” (PMLD, Diário Mercantil, Juiz de Fora, p.7, 07 out. 1974).

¹⁶⁸ Instituído durante a ditadura militar, o Estatuto da Terra (Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964) regulou os direitos e obrigações concernentes aos bens imóveis rurais, para os fins de execução da Reforma Agrária e promoção da Política Agrícola.

¹⁶⁹ De acordo com a Lei de Terras de 18/09/1850, terras devolutas são aquelas em que “não se aplica algum uso público” ou que não se encontram sob domínio particular; ou ainda, as terras que não foram dadas por sesmarias ou não se acharem ocupadas por posse (BRASIL, 1850).

Estadual do Ibitipoca – um parque criado de forma unilateral, por decreto, sem indenizar ninguém ou justificar a outrem sobre a desapropriação e usurpação dos direitos históricos de uso da terra – mesmo porque o poder público, apoiado na legislação vigente, se negou a reconhecer tais direitos¹⁷⁰. Dessa forma, o camponês de Ibitipoca, desde o início, esteve à margem do processo de criação do Parque; o sujeito que estava ali, mas para o Estado era como se não estivesse. Quando muito, os camponeses apareciam vez ou outra nos documentos apenas a título cautelar, como possível ameaça aos interesses estatais.

Uma população camponesa carente de recursos financeiros e com acesso limitado à formação educacional dificilmente teria ao seu alcance os mecanismos legais que fizessem valer seus direitos históricos eventualmente adquiridos. E, mesmo que moralmente fizessem jus ao domínio de tal território, em termos “le-gais”, o aparato jurídico elitista lhes desautorizaria reivindicar o usucapião de terras devolutas. Apesar de não deterem os registros dessas terras, os camponeses de Ibitipoca eram delas posseiros, aqueles que praticavam a posse coletiva da Serra Grande, os que faziam uso efetivo de determinada porção territorial sem, contudo, serem seus donos, ou deterem um título legal de propriedade. A posse é simbólica, está atrelada à produção da vida camponesa, não à produção de trâmites burocráticos nos cartórios.

As matas altimontanas e as pastagens dos campos de altitude estavam sob um complexo sistema de manejo que envolvia a produção direta dos meios de subsistência daquela população. Por conseguinte, os recursos naturais do Parque outrora se submeteram a um controle pelo trabalho humano, a um cultivar que propiciava as condições necessárias ao crescimento de novas pastagens, à renovação periódica dos campos de altitude, ao manejo do fogo articulado com o ciclo das águas na natureza, ao trabalho do homem a transformar o “mundo natural” e a si próprio, ao acréscimo de formas de racionalidade aos processos ecossistêmicos da Serra. O uso desses recursos por várias gerações reforça os argumentos pela eventual legitimidade de sua posse.

¹⁷⁰ Quanto à caracterização das terras de Ibitipoca como “terras devolutas”, eis alguns questionamentos possíveis: Por que até a segunda metade do século XX as terras de Ibitipoca não haviam sido incorporadas numa estrutura socialmente reconhecida de propriedade? Por quais razões a Serra Grande não tinha “dono” até então? Depositam-se aí futuros temas de estudos e debates a serem explorados por outros pesquisadores. O fato é que havia, na Serra de Ibitipoca, uma considerável extensão de terras sem registro – o que se tornou objeto de disputa entre a Igreja Católica e o Estado ao longo da primeira metade do século XX. Segundo um relatório publicado pelo IEF, por volta de 1932/3, a Igreja demandou a posse das terras devolutas da Serra de Ibitipoca, as quais estavam sob pleito do Estado (IEF & Brandt, 1994). De acordo com essa versão, o Estado teria vencido o processo, se apropriando assim das terras onde posteriormente seria implantado o Parque. Desse contexto, o pároco de Conceição de Ibitipoca, Carlos Otaviano Dias, teria reivindicado, sem sucesso, a propriedade das terras devolutas para a cúria de Juiz de Fora.

Com a implantação do Parque, dissolvía-se a garantia de acesso comunal àquelas terras; desde então uma parcela considerável das pastagens de invernada fora subtraída das bases materiais de existência daquele grupo social. A demarcação do parque denotou, assim, um processo de monopolização territorial por parte do Estado.

Em termos “legais”, o Parque é hoje uma das poucas Unidades de Conservação de Minas que possui sua situação fundiária regularizada, uma vez que os camponeses que compartilhavam o uso daquela área não possuíam registro legal de propriedade, sendo, portanto, consideradas terras devolutas pelo Estado. Segundo a tradição local, contudo, as terras de Ibitipoca pertenciam à “santa”, a Nossa Senhora da Conceição do Ibitipoca, e teria sido doada a ela pelos índios que habitavam a região, motivo pelo qual a população local fazia uso comunitário da chamada “Serra Grande”. Tais representações não significam que essas terras eram “inaproveitadas” – como equivocadamente interpretou o Estado – mas sim que, com relação a esse território específico, inexistia o princípio da propriedade privada. O camponês de Ibitipoca, não tendo propriedade legal de nada, podia se apropriar de tudo.

Uma vez transformada em Parque e sendo proibido o seu papel histórico de pasto funcional à pecuária extensiva, não restou aos camponeses outra opção senão incorporar dentro de suas próprias terras novas áreas para a formação de pastagens. Assim, à medida que eram ampliadas as áreas de pastagens no interior das propriedades rurais, suprimia-se o espaço até então destinado às lavouras e às matas. Contraditoriamente, assim, a criação do Parque, num primeiro momento, contribuiu para o aumento da pressão antrópica sobre os recursos naturais de seu entorno, intensificando-se o desmatamento a partir da abertura de novas áreas de pastagem nos estabelecimentos rurais como forma de compensar a perda das pastagens extensivas das terras devolutas transformadas em Parque.

Sob a égide de um Estado totalitário e seus mecanismos de repressão, as terras da Serra de Ibitipoca deveriam ser “dignas de melhor sorte”¹⁷¹ (leia-se, *exploração econômica*). O “progresso” e o “desenvolvimento turístico” idealizados pelos políticos não poderia esperar. Era preciso retirar imediatamente os rebanhos bovinos para lá atrair milhares de turistas que, aliás, ainda não se sabe se causaram menos impactos que o gado. Que os camponeses carregassem seus bois e suas rezas para outro lugar...

De certa forma, tal perspectiva pode ser entendida como representação de convicções sociais das elites políticas de uma dada época. Revelam, pois, uma dificuldade na aceitação do outro como diferente e igual, o reconhecimento das po-

¹⁷¹ Catão et al. (1964, p.4).

pulações camponesas e suas práticas culturais e socioeconômicas, suas estratégias de manejo dos recursos naturais, suas diversificadas formas de interação ecológica.

Mas e os camponeses? Quem se lembrou deles? Diante da concepção moderna de natureza intocada (Diegues, 2002), o “paraíso” não poderia estar “contaminado” pelo homem rural e suas criações. Foi preciso “limpar a área”, remover o uso, o símbolo, o lugar. Aos olhos do Estado, aquele pedaço de pasto não faria falta alguma àquelas “vacas mestiças”; era um maciço quartzítico vazio, nada mais.

Para o turista, valeria a versão oficial do poder público de que o “paraíso” recém-descoberto era intocado, que a “Sétima Maravilha de Minas” havia sido descoberta no alto de uma Serra povoada apenas por plantas exóticas, animais raros e grutas lendárias. Os usos pretéritos pela população local deveriam ser encobertos, sob o risco de se perturbar a pretensa “pureza” da Ibitipoca “selvagem” a ser ofertada aos turistas. Na imagem comerciável a ser criada pela mídia e vendida aos turistas, o novo “paraíso das montanhas” não comportaria o “bicho homem” como componente do ecossistema – salvo, se ele pudesse pagar um ingresso aos cofres do Estado como condição para desfrutar de suas belezas. Nesse sentido, o imaginário da “natureza virgem”, “pura”, é descrito nas primeiras reportagens a narrarem as visitas ao Parque:

São 400 alqueires, do jeito que a natureza criou [...] vale a pena penetrar e **conhecer um mundo novo para a civilização – uma espécie de pré-história esquecida, com todos os seus encantos e mistérios, belezas e perigos.** [...] o mundo do lado de cá, passada a porteira, é diferente. [...] A Serra de Ibitipoca continua sendo uma atração virgem, uma pré-história dentro do século XX. [...] Às autoridades estaduais caberá valorizar seu potencial natural, dando condições ao homem de vê-lo sem no entanto ferir ou perturbar a grandiosidade ou o milagre que é Ibitipoca (Mauad, 1974, p.7, passim, grifo nosso).

No trecho descrito, ao afirmar que “o mundo do lado de cá, passada a porteira, é diferente...”, a jornalista, em certo sentido, tinha razão: Do outro lado da porteira, tangenciando-a, havia um contingente humano abandonado à própria sorte, um grupo camponês sendo expropriado de sua terra de trabalho, de seu vínculo simbólico com o lugar Serra Grande, dos processos ecossistêmicos cujos sinais, desde cedo, o camponês aprendera a interpretar. Mais do que um obstáculo físico a ser transpassado pelos turistas urbanos em suas alucinantes aventuras pelo Parque, a porteira materializava ainda um marco crucial na trajetória de um grupo social que viu as bases materiais de sua existência cerceadas.

A representação imagética do “paraíso intocado” a ser veiculada na mídia nacional remonta à primeira iniciativa do Estado em divulgar as belezas do parque – cujo intuito era incentivar a demanda inicial de turistas, atraindo-os à Serra. Esse

contexto culminara numa comitiva organizada pelo próprio Estado na primeira semana de agosto de 1973. Contudo, não se traçou de antemão o perfil do público a ser atingido, já que, à época, o IEF não dispunha de ferramentas de *marketing* apuradas, tendo em vista que as ações públicas que envolviam o turismo se baseavam, nesse período, num caráter intuitivo, posto que o conhecimento sobre o tema no Brasil era ainda incipiente. Consequentemente, a primeira imagem do Parque a ser criada e divulgada pela mídia, por reforçar os aspectos místicos e exóticos da Serra, resultou num efeito imediato indesejado: os *hippies* definitivamente não eram, nem de longe, o público que o Estado desejara atrair para Ibitipoca. Mas, numa época pós-Woodstock, os anúncios de um tal “paraíso recém-descoberto” os seduziu.

Como se vê, são recorrentes as evidências empíricas de que desde o início ambicionava-se maximizar a visitação pública do Parque do Ibitipoca. A estratégia inicial do Estado pautou-se em divulgar a atratividade dos recursos naturais disponíveis, reforçando a dimensão estética de suas paisagens, e, ainda, gerando a expectativa de que, em curto prazo, seria implantada uma infraestrutura turística – o que justifica o anúncio de que seriam construídos meios de hospedagem no interior do Parque. Formava-se, consequentemente, um conteúdo abstrato a ser apreendido pelos sentidos e pela imaginação dos leitores/receptores dessas reportagens; simultaneamente, ampliava-se o canal comunicativo entre Ibitipoca e o mundo. Até então, não havia uma definição do tipo de público que se pretendia atrair. Entretanto, os primeiros anúncios do Parque sublimaram os aspectos exóticos identificados na região – o que inclui a construção de uma atmosfera de mistério e misticismo projetada em torno de suas belezas naturais, e, ainda, a exaltação das dificuldades de acesso rodoviário como um elemento a mais a compor o imaginário dos visitantes em potencial. Isso implicou, a princípio, a motivação de uma demanda tão ou mais exótica quanto a imagem projetada sobre Ibitipoca: jovens, aventureiros e simpatizantes do movimento hippie. Teria sido essa demanda inicial gerada acidentalmente? O fato é que esse público reforçou ainda mais a imagem excêntrica que havia sido criada acerca da Serra de Ibitipoca: os turistas eram tão jovens e exóticos quanto o próprio destino “recém-descoberto”.

Interessava ao Estado a imagem de um Parque livre dos usos tradicionais que a população local historicamente estabelecera para com a Serra Grande; os vínculos econômicos e lúdico-religiosos, por decreto, caíram em vias de extinção. Aos olhos do camponês, insurgia assim um estranho elemento socialmente excludente chamado “parque”. Era essa a lógica a destituir o uso de um território tradicional, porque o pequeno sitiante, o camponês, não concebia a Serra Grande como produto a ser

trocado e vendido, não a via como “produto turístico”, “*paraíso perdido*” ou “Sétima Maravilha de Minas”¹⁷². O seu *ethos* não permite vê-la como espaço-mercadoria de uso temporário, e, sim, como paisagens carregadas de significado, terra de trabalho, lugar da festa, da coleta, do rito. A criação do Parque e seu subsequente uso público corroboram para a perda do sentimento de lugar, a diluição dos sentidos e dos valores simbólicos que envolviam a apropriação daquelas terras – periodizando a descontinuidade histórica dos vínculos entre a Serra e o homem da Serra; o camponês e o conteúdo simbólico do seu lugar. A partir de então, é como se o Parque Estadual do Ibitipoca fosse, para muitos camponeses, um gigante desprovido de sentido, uma releve elevação física que se estende de um nada a outro. Quando se referem à Serra Grande, os entrevistados comumente fazem conexão entre a Serra e suas trajetórias de vida. Por outro lado, é perceptível a sensação ruim causada pela palavra “parque”. Afinal, foi com a criação do “parque” que esse elo foi espoliado. Para muitos, o “parque” se tornou um desagradável vizinho; há ainda os que o veem como uma inconveniente cerca imposta por decreto. No lugar da Serra Grande, o Estado criou um Parque que hoje mais parece um mapa vazio no território social dos camponeses; o paredão cujos arredores o Estado fiscaliza e censura.

A Serra Grande tornou-se então uma imagem mnemônica a que todos fazem questão de diferenciar do Parque. Embora se trate de um mesmo espaço físico, a “Serra nossa” não corresponde ao “Parque deles”. Contudo, as histórias sobre a Serra Grande foram, nas últimas décadas, escamoteadas, ocultadas para os bastidores da vida social de Ibitipoca. Não obstante isso, os velhos camponeses também o foram: o Estado só os vê quando estão envoltos em circunstâncias punitivas – como a queimada de pastagens em suas respectivas propriedades rurais, por exemplo.

Um relatório publicado pelo próprio IEF admite, em parte, alguns dos problemas que a criação do Parque e seu subsequente “uso turístico” engendraram em nível regional:

...Embora considerado um dos mais bem equipados parques do Estado e mantendo uma situação fundiária plenamente resolvida, o Parque do Ibitipoca convive, desde sua criação, com problemas decorrentes do crescente fluxo turístico e da carência de recursos para implantação de programas amplos de educação ambiental e preservação (IEF & Brandt, 1994, p.26).

A complexidade dessas circunstâncias tem sua gênese num episódio relativamente simples aos nossos olhos, porém representativo para aqueles que o vivenciaram: a expropriação de uma terra de uso camponês, a intervenção na trajetória de um grupo social que viu as bases materiais de sua existência ameaçadas

¹⁷² Tais expressões geralmente são veiculadas na mídia como forma de adjetivar as belezas de Ibitipoca.

por agentes externos ao seu mundo, a privação do uso, a negação do signo, a apropriação econômica de um território por eles considerado sagrado, **a violência simbólica do Estado que preencheu com turistas o lugar do cidadão camponês**. O fato é que, com a implantação do Parque, a Serra Grande tornou-se “pequena” em face dos abissais e difusos interesses engendrados com o turismo.

Para o antigo núcleo campesino de Ibitipoca, essas são as marcas de um passado a refletir e a se atualizar no presente, nas lutas do presente, nas dificuldades do presente, nas estratégias atuais dos atingidos pela expansão capitalista e suas contradições. Porque o IEF, o turista, o empresário do *trade* turístico são para eles O ESTRANHO, “aquele que modifica o significado das coisas”¹⁷³, o capital personificado na figura do “forasteiro”, daqueles que, num dado momento da história, “invadiram” o seu lugar. São esses os episódios que traduzem, em parte, a situação vivida por toda uma geração.

Essas populações têm vivido e sofrido o impacto do estranho, que não só invade territórios e terras camponesas, confinando ou expulsando, mas também quebra linhagens de família, destrói relações sociais, clandestiniza concepções culturais, valores e regras [...]. Assim como a devastação da floresta destrói definitivamente espécies vegetais úteis, a devastação ou a mutilação de grupos sociais diferentes do nosso suprime modos de viver e de pensar, bem como destrói saberes que representam um germe de alternativa para a desumanização acelerada que estamos vivendo. (MARTINS, 1993, p.12).

Atualmente, no território circunscrito ao perímetro do Parque Estadual do Ibitipoca, tem-se uma efetiva contribuição do IEF no sentido de preservar, proteger, asilar exemplares da fauna e da flora ameaçados de extinção. Mas, em algum momento da história, um dado grupo social teve o seu território de vida limitado em nome dessa tal “preservação da natureza”. Esqueceu-se, nesse processo, que os camponeses eram aqueles que, até o momento, manejavam essa natureza, lá do seu jeito, à sua maneira de viver. A não incorporação da perspectiva local ainda hoje repercute na imagem mnemônica da Serra por eles representada.

De sujeitos a sujeitados, os camponeses de Ibitipoca assistiram assim à criação de um parque que suplantou parcialmente o seu modo de vida; os campos e as florestas humanos incorporaram, subitamente, a face desumana de um processo que atemoriza e expropria, vigia e pune, emudece e subtrai. Com um novo modelo de ocupação, uso e exploração econômica do território consolidado a partir da década de 1970, milhares de turistas preencheram assim o lugar do camponês; “manadas humanas” deslocavam-se dos grandes centros urbanos para percorrer sazonalmente as trilhas que o gado havia delineado no passado. Restaram apenas, nos bastidores da biografia camponesa, as “memórias da Serra Grande”.

¹⁷³ Cf. expressão de Martins (1993, p.33).

PARTE III

A TRANSIÇÃO

Quem és tu, objeto?
Que nos sujeita a todos
Objetiva do seu jeito
Sem qualquer objeção
Natureza da mudança
Da terra, a lembrança
Velho ethos se esquia
Assimetria nativa
De uma serra em transição
Longe forças produtivas
E relações de produção.

Objeto que nos sujeita
Processo que te espreita
Bendito parque
Ecossistemático.
Deixou a Serra Grande
Pequena quadrada
Escritura de papel
Do Estado, um cordel.

O que fazer no vir a ser
Pra você que especula
Que invade toda a zona
Senta e espera na poltrona
A história em sanfona
Tem viola na memória
Paciência, resistência
Camponês, consciência
Sobrevive na clemência
Teimosa reminiscência
Desafio à ciência.

Sei conservar e produzir
Pra quê me punir?
Não tenho aonde ir
Meu lugar é aqui.

Turismo não traz
Meu jongo que jaz
Planeja, não faz
Realidade é mais.



CAPÍTULO

3

ALTERIDADES DISSONANTES: A CHEGADA DO *OUTSIDER* AO RURAL- PARAÍSO

"Quando cheguei, me encheram de perguntas: "De onde ele veio? Por que ele veio? Você é casado? Tem filhos? Você é de onde? Porque veio parar aqui? Você tem pai? Tem mãe? Quantos anos você tem? Você pretende ficar muito tempo por aqui? É porque aqui não tem condição de você crescer não. Você é da cidade, e o nosso lugar aqui é atrasado, né?". Eles se subjugavam... mas ninguém é melhor do que ninguém".

(guia de turismo, 40-50 anos. Há 15 anos reside em Ibitipoca)

Será abordada, neste capítulo, a atmosfera social que envolve a chegada dos primeiros turistas à Serra – incluindo a reconstrução do “universo pioneiro” do turismo em Ibitipoca, com destaque para os *hippies* que lá chegaram entre as décadas de 1960 e 1970. Em seguida, nossas lentes voltam-se para as tensões desencadeadas com a vinda de novos atores sociais ao lugar – o que engendrou uma série de conflitos entre os recém-chegados “forasteiros” e a população camponesa estabelecida na região – os chamados “nativos”. Têm-se o modelo teórico de Norbert Elias – o modelo das figurações sociais – como paradigma a nortear tal abordagem. Por conseguinte, demonstra-se como ambos os grupos disputam para si as posições de poder mais elevadas, delineando estratégias de distinção social e disputas que envolvem tais relações – a condição nativa que assinala suas diferenças em relação à condição forasteira a partir de um **locus territorial** específico. As mudanças observadas refletem o “rural” de Ibitipoca como espaço de (des)encontro entre temporalidades distintas, onde variados atores projetam diferentes representações, interesses e valores.

Assiste-se, nesse contexto, a uma gradativa ascensão a um estágio não-agrícola, de prestação de serviços pessoais, ao passo que resistem, simultaneamente, reminiscências das formas de vida social geradas num período anterior – constituindo, tais contradições, uma mesma unidade, um mesmo processo envolto pela interdependência dos grupos conflitantes, de continuidade e/ou ruptura na transmissão, ao longo das gerações, do patrimônio sociocultural que sustentava a dinâmica eminentemente agrária de outrora.

3.1 REPRESENTAÇÕES SOBRE A GÊNESE DO TURISMO NA SERRA

Final dos anos 1960. O mundo vivia uma grande revolução cultural. “Não faça a guerra, faça amor” era o lema que embalava os sonhos de toda uma geração. Mais ao norte do planeta, milhares de jovens rumavam para Woodstock, ao passo que, na outra vertente do globo, a Guerra do Vietnã sinalizava os limites humanos. Aos jovens do Brasil cabia mostrar ao mundo que não precisavam de polícia, guerra ou repressão, e, sim, de liberdade. No Brasil dos generais, o movimento hippie se expandia pelo protesto silencioso metaforizado nos longos fios de cabelo de uma juventude a exigir o fim da ditadura militar. Era tempo de questionar, tempo de aventura, tempo de novas experiências, tempo de descobertas e tempo de reinventar uma vida alternativa em contato com a natureza.

E foi assim, no despontar da era de aquário, que os primeiros “aventureiros” aportaram em Ibitipoca. Captados pelo olhar camponês, são descritos como “mochileiros”, “curiosos”, “cabeludos”, “turistas de barraca” – muitos dos quais simpatizantes do movimento hippie – aspirantes, pois, de uma vida “alternativa”, sem maiores exigências mercadológicas em relação ao atendimento e demais serviços que envolvem o turismo, mesmo porque esses visitantes precederam inclusive à infraestrutura turística. Entre um cigarro¹⁷⁴ e outro, uma pausa para apreciar as belezas do Éden recém-descoberto e, de quebra, discutir soluções para os problemas que afligiam a humanidade. Porém, à medida que o fluxo turístico se intensificava, mudanças estruturais anunciavam a transição eminente a movimentar os “destinos dialéticos” da Serra de Ibitipoca.

Os primeiros turistas começaram a chegar a Ibitipoca no período que compreende o final dos anos 1960 e o início da década de 1970. Uma reportagem do *Diário Mercantil*¹⁷⁵ (1971, s.p.) registra que, à época, “além de estudiosos e caçadores, os únicos visitantes da Serra são as pessoas acostumadas à prática do campismo, com larga experiência em acampamentos instalados em locais de acesso difícil”. A esses turistas pioneiros¹⁷⁶, a pretensa pureza do paraíso, materializada na hospitalidade de sua gente camponesa, soava como metáfora da paz e harmonia

¹⁷⁴ Os entrevistados comumente utilizavam a denominação de “baseado” para designar o cigarro que fumavam. Na linguagem coloquial, “baseado” equivale a um cigarro de maconha que alguns desses *hippies* tragavam, à época – também conhecido como “beque”. Nas décadas seguintes, o uso de drogas tornou-se prática comum em Ibitipoca, inclusive por indivíduos da população camponesa local. A incorporação de tais hábitos mudaria para sempre a dinâmica social de Ibitipoca

¹⁷⁵ *DIÁRIO MERCANTIL*. Abandono empobrece a Serra. (subtítulo). Juiz de Fora, 12 dez. 1971. (reportagem com título inteligível).

¹⁷⁶ Ao estabelecer tipologias de turistas, Cooper et al (2001, p.205) classifica esses visitantes precursores de aloclínicos, os quais buscam diferenças culturais e ambientais em relação ao meio em que vivem; são aventureiros e requerem muito pouco em termos de estrutura turística. Via de regra, sua chegada compõe a primeira etapa constitutiva do ciclo de vida de um destino.

do lugar. Era preciso deixar os problemas da urbis lá embaixo, já que no alto da Serra a vida, segundo eles, estava “mais próxima do céu”; as coisas seriam diferentes, o futuro longe da oscilação urbana estaria garantido às novas gerações.

Turistas de variadas regiões do Brasil foram então visitar a Serra que, de acordo com o imaginário hippie, agregava faculdades magnéticas. Muitos nunca retornaram de lá: fizeram dali seu ambiente de vida e de trabalho. Como a portaria do Parque Estadual do Ibitipoca dista 32km da cidade mais próxima (Lima Duarte)¹⁷⁷, e o acesso mais utilizado pelo público perpassa pela vila de Conceição de Ibitipoca, este arraial tornou-se o principal eixo de escoamento e suporte dos turistas.

Na relação entre visitantes e visitados, houve (des)encontro entre culturas, valores e tradições diferenciados. Pelas entrevistas, os camponeses de Ibitipoca deixam transparecer as diferentes sensações que flutuam entre a curiosidade, o medo e a cautela deste “contato histórico”; alguns “nativos”¹⁷⁸ inclusive relatam que, na época, evitavam sair às ruas. Ao camponês da década de 1970, turistas eram estímulos à experimentação, mas, simultaneamente, o álibi incômodo a suscitar condutas de suspeita e precaução:

Escondia... Assim, pô, chegava um pessoal ali... vamos supor se a minha menina tivesse ali em cima, né, um causo: Se chegasse um pessoal estranho ela corria, Nossa Senhora: – “Pai, tem umas pessoa diferente ali, cruz credo!“. Aí o pai já ficava assustado também, né. Aí quer dizer que era um tipo de medo que o povo tinha mesmo, né. E era o turista... Tinha medo e vergonha de até informar as coisa pra eles. Porque nunca mexeu com aquele tipo de gente, né, é só criado aqui no arraial, na roça, o povo fica meio acismado não fica?

(ajudante de serviços gerais, 53)

Nesse relato, o sujeito se reporta aos turistas como “aquele tipo de gente”. O uso de tal expressão nos parece revelador, uma vez que subentende o distanciamento do indivíduo em face dos outros que chegam. É interessante também destacar que a pergunta/intervenção do pesquisador se referia a “como foi a chegada dos primeiros turistas?”. O sujeito, contudo, pessoalizou sua resposta¹⁷⁹ ao narrar uma situação parti-

¹⁷⁷ A única via de ligação entre Lima Duarte e o Parque se dá por uma estrada de terra em estado precário de conservação.

¹⁷⁸ O termo “nativo” é utilizado pelos sujeitos entrevistados para se autoidentificarem como naturais de Ibitipoca. Em termos semânticos, a palavra “nativo” assume as seguintes atribuições: 1. Que é natural; congênito; 2. Que nasce, procede; procedente; 3. Não estrangeiro, nacional: os elementos nativos da população; 4. Desartificial, singelo; 5. Indivíduo natural de uma terra, de um país (por oposição a estrangeiro, a colono, etc); indígena, natural, nacional. (FERREIRA, Aurélio B. de H., 1986, p.1182).

¹⁷⁹ Na sequência, ao narrar a lembrança de sua primeira conversa com um turista, o mesmo ator social expõe as circunstâncias desse (des)encontro que os aproximou: “A primeira conversa minha com o turismo foi... – o cara fumava maconha – sentou perto de mim: “Fulano, eu fumo trem. Pode?” Então eu falei: “Ué... cada um com a sua ideia, né? Eu não fumo mas não importo; não tem nada a ver você fumar. Aí deude [desde] aquela vez – o cara até morreu, né, o tal de _____, o cara morreu”. (ajudante de serviços gerais, 53)

cular de reação¹⁸⁰ em face da chegada de novos atores sociais em Ibitipoca. Podemos, pois, enxergar na forma como no tal relato são colocados alguns aspectos que contêm as marcas do tempo e da situação social de (des)encontro entre visitante e visitado – e sua respectiva representação no presente. Ademais, o olhar do sujeito se prefigura a partir do grau de contato por ele apreendido na sua relação com o outro.

Mas e o turista? Como ele concebia o camponês? Conseguimos localizar uma mulher de 52 anos que há mais de três décadas é frequentadora assídua de Ibitipoca. Lá chegou por volta de 1974 aos 19 anos, inclusive já residiu temporariamente no sopé da Serra, numa choupana de madeira, durante a década de 1980. Mas após presenciar crises de overdose de alguns de seus amigos, afastou-se de lá para somente retornar nos anos 1990. Eis um fragmento de sua história, em que elementos constitutivos daquele contexto social são perceptíveis. Em sua primeira experiência no campo, encontrara componentes que, segundo ela, se transformaram num elemento questionador do seu cotidiano na metrópole:

Eu nunca tinha ouvido falar em Ibitipoca na minha vida. Eu nunca fui voltada para nada rural, eu sempre fui uma pessoa extremamente urbana. Então é aquela coisa de uma volta às minhas origens, foi essa a sensação. [...] Eu cheguei aqui eu nunca tinha visto um fogão a lenha pessoalmente, eu nunca tinha tocado num cavalo... Tudo para mim era novidade, tudo era lindo, tudo era uma coisa completamente fora do que eu já tinha vivido. As pessoas eu achei de uma simplicidade... e tudo isso me comoveu muito. Eu achei tudo aquilo muito poético, porque eu venho de uma cidade tão dura, de uma cidade que é aquela coisa do trabalho, de produção, de um lugar totalmente globalizado, de você ter uma bagatela de informações diárias e muitas, do mundo inteiro. E de repente eu chego num lugar: “gente, isso existe!” – eu não acreditava que pudesse ter... – aquele carro de boi passar, aquela criança empinar pipa... a dona que leva couve pra outra, faltou manteiga sai ali na casa da outra pra pedir. Eu fiquei encantada com tudo isso. Você chegar na casa de não sei quem e senta, come uma broa, toma um café... uma pessoa que nunca me viu na vida eu entrar na casa dela e ser recebida como uma rainha e sem ela saber quem eu era, de onde eu vinha, se eu era do bem ou do mal...e lá em São Paulo a gente anda tão armado constantemente... E de repente eu me vi num lugar onde eu estava completamente desarmada, podendo ser o que eu de fato era. Então isso me encantou...
(turista paulistana, 52, frequenta Ibitipoca há 33 anos)

Nas suas primeiras experiências em Ibitipoca, essa turista atravessa diferentes formas de sociabilidade até então estranhas ao seu universo cultural. Os aspectos diferenciais da cultura camponesa local, nessa perspectiva, são apreendidos a partir de signos de exotização e alteridade. A turista, no caso, apenas intencio-

¹⁸⁰ Não obstante Malinowski (1980, p.56) ter afirmado que “em todas as relações sociais afora os laços de família [...], há este lado íntimo, expresso pelos detalhes íntimos do encontro, do tom de seu comportamento na presença do outro. Esse lado difere da trama legal definida, cristalizada, da relação e deve ser estudado e apresentado em si mesmo”.

nava conhecer Ibitipoca e, em seguida, retornar ao seu cotidiano em São Paulo. Ela, porém, concebe o camponês como instância constitutiva do próprio destino turístico, num cenário em que a Serra é representada como lugar de enunciação das diferenças.

Viajar a Ibitipoca passa então a ser uma possibilidade de o turista imergir na alteridade do “paraíso” recém-descoberto, em que imagens fixas dos atrativos naturais são complementadas com representações estereotipadas do “exotismo” expresso no olhar do turista¹⁸¹ sobre o modo de vida camponês. A principal motivação da viagem, contudo, é definida a partir do apelo estético das paisagens da Serra e dos componentes biofísicos e geomorfológicos a elas subjacentes – as cachoeiras, os lagos, as bacias visuais panorâmicas favorecidas pela altitude, os rios, os paredões rochosos, as grutas, a fauna e a flora. A imagem do camponês é enunciada apenas a título de identificação secundária do destino, um componente a mais do cenário de Ibitipoca.

O que mais impressiona em Nossa Senhora da Conceição do Ibitipoca é seu isolamento do resto do mundo. É um dos povoados mais antigos do Estado de Minas Gerais, tendo sido fundado provavelmente por Anhangüera ou Borba Gato, na segunda metade do século XVII. Tudo continua igual ao que Saint-Hilaire descreveu¹⁸². **O único vestígio de civilização é a luz elétrica, levada em 1978 pela Cemig. Isolados há tanto tempo, os moradores mais antigos assustam-se com os turistas.** [...] O povoado tem só trezentos habitantes. Vez ou outra, um grupo de carneiros desce lentamente o calçadão de pedra em frente à matriz, que data do século XVIII (REVISTA VISÃO, 1984, p.108, grifo nosso).

O olhar exótico do turista e dos meios de comunicação que divulgavam Ibitipoca define assim o camponês a partir da noção de ente “primitivo”. Por sua vez, o camponês, ao longo das últimas três décadas, internalizara essa condição ao absorver uma imagem distorcida de si a partir da representação do turista. O que subjaz esse (des)encontro inicial entre campesinos e turistas é um processo de difusão cultural do estilo de vida urbano – já que, conforme destaca Queiroz (1979, p.168) “o gênero de vida burguês ocidental é eminentemente citadino”. Subentende-se,

¹⁸¹ Nesse sentido, Giuliani (1990, p.59), ao elencar as novas funcionalidades do rural contemporâneo, observa que o retorno “às relações diretas com a natureza, [...] assim como o desejo de relações mais profundas e, sobretudo, da autodeterminação, são as dimensões que atraem as pessoas da cidade ao campo, assim como outrora as luzes da cidade atraíram a população do campo”.

¹⁸² Provavelmente, a reportagem se refere à descrição do arraial de Conceição de Ibitipoca, realizada pelo naturalista Saint-Hilaire em 1822: “Atravessamos primeiro a Vila de Ibitipoca, que conhecia mal, e julgava ainda mais insignificante do que realmente é. Fica [...] situada numa colina e se compõe de pequena igreja e meia dúzia de casas que a rodeiam, cuja maioria está abandonada, além de algumas outras, igualmente miseráveis, construídas na encosta de outra colina. Não espanta, pois, que inutilmente haja eu procurado, ontem, nesta pobre aldeia, os gêneros mais necessários à vida” (SAINT-HILAIRE, 1974, p.35).

nesse processo, a construção de um olhar “urbano” sobre o “rural”, em que este último é correlacionado a estereótipos de primitividade – recompondo, de certa forma, antigos traços de dominação verificáveis em configurações macroescalares que permeiam a relação rural/urbano no Brasil.

A partir da primeira divulgação do Parque na imprensa nacional¹⁸³, fomentada pelo IEF em 1973, o lugar começou a atrair a atenção de mais e mais visitantes, bem como de jornais e revistas de diversas partes do país. Conforme abordado no capítulo anterior, antes mesmo da criação do Parque, o Estado ambicionava maximizar a “visitação pública” na Serra. A estratégia estatal, a princípio, pautou-se em divulgar a atratividade dos recursos naturais disponíveis, reforçando a dimensão estético-simbólica de suas paisagens, e, ainda, gerando-se a expectativa de que em curto prazo seria implantada uma infraestrutura turística. Formava-se, consequentemente, um conteúdo abstrato a ser apreendido pelos sentidos e pela imaginação dos leitores/receptores dessas reportagens; simultaneamente, ampliava-se o canal comunicativo entre Ibitipoca e o mundo. Até então, não havia uma definição do tipo de público que se pretendia atrair. Entretanto, os primeiros anúncios do Parque sublimaram os aspectos exóticos identificados na Serra – o que inclui a construção de uma atmosfera mística projetada em torno de suas belezas naturais, e, ainda, a exaltação das dificuldades de acesso rodoviário como um elemento a mais para compor o imaginário dos visitantes em potencial. Isso implicou, a princípio, a motivação de uma demanda tão ou mais exótica quanto essa imagem projetada sobre Ibitipoca: jovens, aventureiros e simpatizantes do movimento hippie. Teria sido tal demanda inicial gerada acidentalmente? O fato é que esse público reforçou ainda mais a imagem excêntrica acerca da Serra de Ibitipoca: os turistas eram tão jovens¹⁸⁴ e exóticos quanto o próprio destino “recém-descoberto”.

Na versão dos “nativos”, a comunidade, a princípio, se autoidentificava como hospitaleira: “a gente recebia eles muito bem, com todo carinho”. Embora os entrevistados afirmem que, *a priori*, viam o turismo com bons olhos, os mesmos não abriram mão de sua “cautela histórica” ao receber os visitantes:

¹⁸³ Referimo-nos, em especial, à caravana que visitou a Serra em agosto de 1973, a qual continha mais de 50 pessoas – dentre jornalistas, representantes do IEF, Embratur e Secretaria de Estado da Indústria, Comércio e Turismo (MG). O principal objetivo do Estado, ao fomentar esse tipo de comitiva, era incentivar a divulgação dos atrativos da Serra e gerar uma demanda turística que justificasse a construção de infraestrutura correspondente no Parque.

¹⁸⁴ Três décadas depois, o perfil do visitante de Ibitipoca ainda é composto predominantemente por um público jovem. Entre os meses de julho/2004 e abril/2005, a faixa etária que compreende visitantes de 16 a 25 anos oscilava entre 34% e 57% do número total de visitantes do Parque. Fonte: IEF/MG. Estudo da Demanda Turística nos Parques Estaduais de Minas Gerais. Belo Horizonte: Núcleo de Estratégias de Ecoturismo (NET/IEF), 2006.

Ah, com muito medo, recebia com muito medo apesar que os turista todos são muito educado; tratava todos bem, mas sempre tinha um receio. Tratava, acolhia e tudo mais nas casa e dava direito para eles ampliar, fazer barraca em qualquer lugar assim. Mas receosos.

(agricultor aposentado, 79)

Nesse depoimento, o sujeito não apenas mantém um sentido de estranhamento para com o turista – na condição de ser exógeno ao universo do entrevistado – muito embora sua narrativa enfatize as “forças psicológicas” que aproximam, unem ou separam esses indivíduos (visitantes e visitados). Um traço típico que Mendras (1978, p.195) já havia constatado em outras comunidades rurais submetidas a processos similares de absorção de atores urbanos recém-chegados: “O estrangeiro que chega de fora traz novidades, e, portanto, uma melhor compreensão desse mundo exterior percebido de forma ameaçadora como sempre. Receber bem o estrangeiro é também um meio de neutralizá-lo, caso sejam más as suas intenções”. Não obstante isso, um entrevistado narra:

...Então esse foi o primeiro amigo meu que veio como turista aí. Ele explicava o que que era a vida, de tudo, né, da vida ruim e boa da cidade para mim: o que que era a droga, tudo... É bom você tem que ter amizade com uma pessoa assim pra saber a vida lá fora, né? Que aí o cara tendo amizade com você ele te informa tudo que que é a vida; você sabe depois explicar, você sabe também quem ele é...

(ajudante de serviços gerais, 53)

O senso de hospitalidade presente na população camponesa estudada em Ibitipoca incorpora, assim, um viés funcional politicamente estratégico: tratavam bem o turista para melhor se defenderem deles, e, ainda, para absorverem eventuais informações e benefícios que pudessem fornecer a eles. Esses (des)encontros entre o “outro” e o “eu” subentendem assim variadas significações, à medida que se destinam a ultrapassar, recriar ou dissolver fronteiras entre diferentes universos culturais. Colocam, pois, lado a lado, distintas formas de sociabilidade.

3.1.1 DO ENQUADRAMENTO DA MEMÓRIA, O “TURISTA PIONEIRO”

Durante a análise das entrevistas, um aspecto até então insuspeitado sobressaiu-se: Quando solicitados a falar sobre a chegada dos primeiros turistas à Serra, os entrevistados foram unâimes em identificar quem teria sido o primeiro: Cláudio Guaçuí (Carlos Massa de Aguiar Pinto), então professor universitário da UFJF, já falecido, o qual, pelos relatos, era benquisto pela população local. O que surpreende, contudo, é que em nenhum momento foi perguntado quem era

o “primeiro turista” e, sim, sobre os turistas de um modo geral. Há, pois, uma convergência de relatos acerca de um certo acontecimento e de um determinado indivíduo, em que a imagem mnemônica acerca de Guaçuí se destaca em termos de representatividade simbólica:

– Como foi a chegada deles?

Os turismo¹⁸⁵ começou a chegar... O primeiro que apareceu aí chamava Cláudio Guaçuí. Um sujeito muito cem por cento, ele é que implantou o turismo na Ibitipoca. [...] Ele casou até na Ibitipoca, casou na primeira hotel que teve aí, a primeira pessoa que fez aí [...] casou com uma moça de Juiz de Fora. Veio casar aqui. Levou gente daqui, levou um vizinho aqui para a matriz, testemunha de casamento dele. Ele ampliou isso aqui com a maior facilidade. Ele era músico, ele era violonista muito bom, e era muito bacana. E muito dava com todo mundo, ia em toda casa, dormia em qualquer lugar, ia no Parque e ficava no Parque. Aí ele arranhou uma casinha para ele ali e passou as férias dele aí. Quando foi no outro período de férias ele já veio com mais umas dez pessoa. Aí já trouxeram até campil [camping], barracas para campil, campar, passar férias.

(agricultor aposentado, 79)

Entre o Cláudio Guaçuí “mítico” e o “real”, debruçaremos nossas análises sobre o primeiro, no intuito de extrair das representações sociais as marcas significativas daquele contexto. Por diversas ocasiões, a própria trajetória pessoal de Cláudio foi rememorada nos depoimentos. Dois dos entrevistados salientaram que, desde a década de 1960, um padre botânico da Academia do Comércio de Juiz de Fora – Padre Leopoldo Krieger – periodicamente visitava a Serra para coletar espécimes vegetais e desenvolver seus estudos, sempre acompanhado de alguns jovens alunos que o ajudavam nas tarefas de coleta. Uma vez adultos, estes estudantes continuaram a frequentar a região a lazer, sempre trazendo mais acompanhantes – que pousavam inclusive nas grutas da Serra – e assim ajudaram a divulgar os atrativos da localidade. Guaçuí, no caso, teria sido um desses meninos que acompanhavam Padre Leopoldo. Se essa versão é real ou não, pouco importa. O que conta, no caso, é que além de nome, rosto e personalidade, esse “primeiro turista” ainda é representado por imagens e histórias que ainda povoam o imaginário dos sujeitos entrevistados quase 40 anos depois dos “fatos”. Cláudio Guaçuí é, ademais, apontado como o “entusiasta” na implantação do turismo na região, pois além de ser o “turista pioneiro”, foi também o “empreendedor precursor” – o primeiro a construir uma pousada no lugar, anos após a sua primeira visita:

¹⁸⁵ O turista, na linguagem dos camponeses entrevistados, geralmente é denominado de “turismo”.

... ele tinha uma pousadinha, uma casinha, uma estalagenzinha, era coberta de telha de amianto, muito ruinzinha e tal. Mas já tinha aonde algum turista ficar [...] tinha uns quartinho muito vagabundo... E aquilo aflorou assim de um tal jeito então teve que construir uma porção de coisas logo que começou a divulgação do Parque, né.

(produtor rural aposentado e dono de um camping, 73)

A imagem de Guaçuí aparece até mesmo quando o roteiro de entrevista tratava sobre os motivos pelos quais os turistas foram motivados a visitar a Serra. Quem nos traz outras hipóteses é uma senhora de 65 anos, aposentada:

– Mas como os primeiros turistas ficaram sabendo das belezas de Ibitipoca?

Dizem que veio pelo jornal, pelo jornal do Parque, porque aí o Estado colocou o Parque em jornal né...porque aí o Estado já tinha pegado o Parque, porque o Parque era de Nossa Senhora da Conceição, ele não era do Estado. [...] O Cláudio Guaçuí veio pelo jornal, o jornal do Parque. [...] E o Cláudio veio pela estatura do Parque, desse jornal. Ele chegou aqui, a dona Euzira morava ali assim na casa paroquial e então ele apanhou amizade com a dona Euzira, ele estacionou o carro ali já foi conversando e ele foi morador da Ibitipoca. Essa pousada aí janela do céu foi dele primeiro... Ele comprou ali um pedacinho, ele fez uma cabana para ele morar e depois ele formou aquela pousada.

(dona de casa aposentada e artesã, 65)

Contudo, embora os sujeitos entrevistados apontem Guaçuí como uma pessoa carismática, dotada de qualidades e benquista pela comunidade, nenhum dos entrevistados narrou suas experiências pessoais com ele. Ao contrário, contam a experiência desse turista com os outros, mas não se inserem no discurso, evitando assim reflexões de ordem pessoal. Exemplos: 1) “Ele apanhou amizade com a dona Euzira...”; 2) “Ele levou um vizinho aqui para a matriz, testemunha de casamento dele...”.

Apesar de ser lembrado e representado como um “sujeito bacana”, “simpático” e “cem por cento”, os depoentes hesitaram em narrar suas experiências interpessoais com Guaçuí. É como se, por alguns instantes, o discurso se desse em terceira pessoa. Tais constatações, entretanto, podem ser interpretadas como traços identificadores da relação visitante-visitado, extraíndo-se, dos depoimentos individuais, as marcas daquele determinado contexto social. Contudo, jamais iremos saber o que de fato aconteceu, se os sujeitos entrevistados tiveram ou não algum tipo de interação mais reservada com Cláudio Guaçuí. O que temos são verdades temporárias do ponto de vista dos envolvidos, em que a forma como tais representações são relatadas podem revelar o seu conteúdo. Mas que sentido as pessoas deram à presença – e à ausência – desse indivíduo na localidade? Por que a memória desses sujeitos está estruturada a partir de um único turista precursor?

Primeiramente, podemos dizer que se o fato e a pessoa relatados se repetem várias vezes é porque aquilo foi de alguma forma importante para os entrevistados, um acontecimento significativo. Na visão de Pollak (1992, p.12), “entre aquilo que o relato tem de mais solidificado e de mais variável, podemos encontrar aquilo que é mais importante para a pessoa”. Não obstante isso, Ecléa Bosi (1979, p.26) pondera que “existe uma relação entre o ato de lembrar e o relevo (existencial e social) do fato recordado para o sujeito que o recorda”. Tais representações individuais e sociais sobre o “turista pioneiro” estão atreladas ao fenômeno que Pollak (op.cit., p.2) denomina “enquadramento da memória”, em que os sujeitos e grupos rememoram os fatos seletivamente, elegendo seus heróis, lugares e datas, já que “podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação”.

Nomear, falar sobre, significa dar existência a algo. Silenciar, ao contrário, seria uma forma de banalizar o fato – sendo o relato oral uma representação individual e social que envolve a mistura do fato e da avaliação do fato; do mito e do real; da imaginação e da realidade. Portelli (1996, p.121), aliás, destaca que “uma história se torna significativa à medida que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transformando-o na formalização simbólica e narrativa das autorrepresentações partilhadas por uma cultura”. A representação e o fato¹⁸⁶ que envolvem o “turista pioneiro” de Ibitipoca, assim, estariam conjugados.

Nesse sentido, é possível que, ao projetarem a imagem de Guaçuí tal qual ela nos é apresentada hoje, os sujeitos teriam criado uma representação sobre o que seria o “turista ideal” na época em que os primeiros visitantes chegaram à Serra. A partir da projeção dessa imagem mnemônica de um “turista ideal” que existira no passado, torna-se possível, para os entrevistados, contrastá-la com a visão que eles têm dos turistas subsequentes a Guaçuí – já que o turismo desordenado nas décadas seguintes ocasionou inúmeros problemas à própria comunidade.

3.2 A CONDIÇÃO FORASTEIRA

O forasteiro está em vantagem, pois veio com dinheiro e investiu aqui. Eu posso sair daqui, mudar pra outro lugar e montar meu negócio lá e ganhar o meu dinheiro.

(empresária, faixa etária 50-60)

¹⁸⁶ “Representações e ‘fatos’ não existem em esferas isoladas. As representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. Talvez essa interação seja o campo específico da história oral, que é contabilizada como história com fatos reconstruídos, mas também aprende, em sua prática de trabalho de campo dialógico e na conformação crítica com a alteridade dos narradores, a entender representações” (PORTELLI, 1996, p.111).

Até o final dos anos 1980, havia poucas pessoas “de fora” residindo no arraial de Conceição de Ibitipoca. A população constituía-se quase em sua totalidade dos camponeses que ali se encontravam estabelecidos há várias gerações – os quais se conheciam e tinham um sentido de pertencimento comum àquele lugar. Ao referirem-se aos membros do grupo, os “nativos” se autoidentificam por meio de expressões como “nós do lugar”, “a gente nossa”, “nós localizados”, “nós nativos”, “o povo daqui” – expressando, pois, um **lôcus territorial** característico.

A partir de 1987 – quando da inauguração, no Parque, dos equipamentos e instalações para receber os visitantes¹⁸⁷ – ocorre a intensificação do fluxo turístico na Serra. A população local começa a engrossar suas reivindicações junto ao poder público no que tange à melhoria das condições de vida: não havia sequer transporte coletivo ainda; a única alternativa possível era depender dos serviços prestados por um dos moradores locais que possuía uma caminhonete; caso contrário, deveriam recorrer à eventual carona do caminhão de leite. Além disso, a estrada de chão que ligava o arraial a Lima Duarte estava em estado precário de conservação¹⁸⁸.

O Estado, por sua vez, apesar de equipar o Parque para receber os visitantes, resistia em reunir esforços para melhorar a infraestrutura de acesso rodoviário à Serra, sob argumentos preservacionistas de que a facilidade do acesso implicaria transtornos ambientais futuros, uma vez que aquela Unidade de Conservação não poderia receber um grande número de visitantes. Delineavam-se os primeiros conflitos declarados¹⁸⁹ entre o IEF e a população local, a qual depositava expectativas na nova atividade econômica, que foram suscitadas pelo próprio IEF quando da criação do Parque. Tudo porque – conforme discutido no capítulo anterior – a partir de 1975, em face das reivindicações, polêmicas e denúncias suscitadas pelos biólogos da UFJF, o IEF inaugurou um escritório regional em Lima Duarte para onde enviara um engenheiro florestal. Desde então, a preocupação para com a fiscalização e a proteção dos recursos naturais do Parque foi reforçada. Mas só por volta de 1977 é que a conservação ambiental definitivamente se destaca como objetivo principal do Parque Estadual do Ibitipoca. Até então, como já demonstrado ante-

¹⁸⁷ O Parque esteve fechado à visitação pública entre 1984 e 1987, quando foram implementadas obras de infraestrutura e equipamentos turísticos.

¹⁸⁸ O primeiro ônibus a assistir a população de Conceição de Ibitipoca começou a circular por volta de 1998. A única estrada de acesso a Conceição de Ibitipoca é descrita da seguinte maneira por um jornal regional, em março/1987: “Estrada apertada, buracos, poeiras, barro. [...] é ir apelando para seu Santo de plantão e após, na subida da Serra, é mesmo o seja-o-que-Deus-quiser” (TRIBUNA DE LIMA DUARTE, 22 mar. 1987).

¹⁸⁹ Até então, os conflitos decorrentes da criação e implantação do Parque se davam de forma pontual e, via de regra, desdobravam-se ocultamente no plano simbólico, circunscritos à internalização dos impactos por parte das famílias camponesas que foram diretamente afetadas com a implantação da Unidade. Numa época em que a ditadura militar amedrontava o cidadão brasileiro, os camponeses hesitaram em reclamar seus eventuais direitos.

riormente, o foco de seu uso público pautava-se nas expectativas de exploração econômica via turismo, sendo dificultadas até mesmo as pesquisas científicas em seus domínios territoriais¹⁹⁰.

Em 1987, a inauguração das obras dos recém-implantados equipamentos turísticos do Parque causou desconforto e indignação na população local, já que a sofisticação da infraestrutura turística contrastava com o eminente descaso do poder público para com a população camponesa do entorno.

O que mais desejava o povo de Conceição de Ibitipoca, na última inauguração, era que chovesse ao menos um pouco para que as autoridades sentissem as dificuldades de uma região que vive sofrendo a *[sic.]* tanto tempo, às vezes, tendo de pagar mais de um milhão de cruzeiros velhos para transportar um doente ou mesmo a negócio até Lima Duarte. É o transporte mais caro do planeta, pois são somente 27 quilômetros de estrada em péssimo estado de conservação e segurança (TRIBUNA DE LIMA DUARTE, 22 mar. 1987).

Os últimos anos da década de 1980 marcam o primeiro boom da visitação à Serra. A partir de 1988, o número de visitantes aumentou gradativamente. Se analisada a série histórica dos dados, entre 1988 e 1995 houve um expressivo acréscimo de 321,37% na frequência total de turistas. É o que revela o gráfico a seguir:

¹⁹⁰ Obviamente, nos referimos à perseguição sofrida pelo botânico Leopoldo Krieger e sua equipe de pesquisadores – cuja série histórica analisamos no capítulo 5.

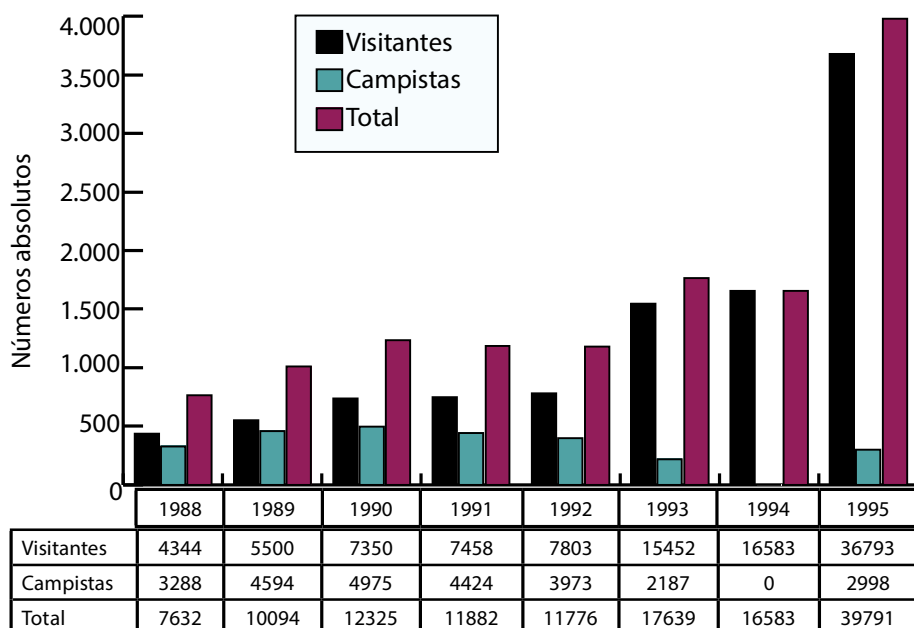


GRÁFICO 1: Frequência de campistas e visitantes no Parque Estadual do Ibitipoca – 1988 a 1995

Fonte: IEF (1996). Elaboração: BEDIM, B. P. 2007.

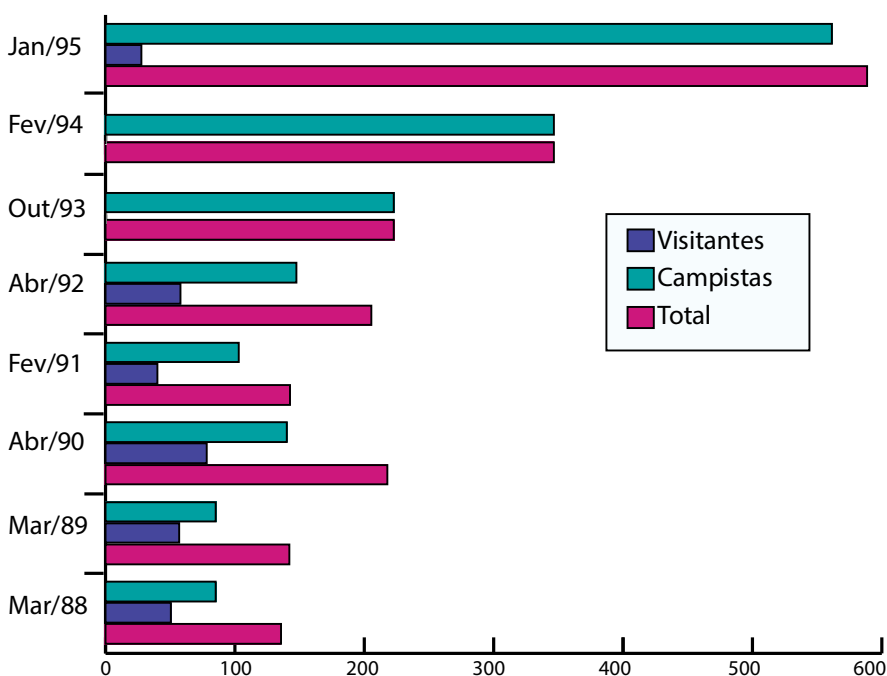
Este gráfico evidencia ainda a mudança significativa constatada a partir de 1992, um salto quantitativo no número total de visitantes do Parque. Não por acaso, foi esse o ano de realização da Eco 92, no Rio de Janeiro¹⁹¹. Na ocasião dessa conferência, houve divulgação maciça dos recursos naturais de vários parques brasileiros como atrativos turísticos singulares – incluindo-se as belezas naturais do PEIb, um dos “parques-bandeira” anunciados no evento. Desse contexto, temas como biodiversidade, “ecoturismo”, conservação e educação ambiental tornaram-se, subitamente, foco interino da imprensa nacional. Desde então, visitar áreas protegidas tornava-se, cada vez mais, um modismo “ecologicamente correto”.

Nos anos subsequentes à Rio 92, a tendência de crescimento nos números de turistas que se deslocavam para a Serra consolidou-se. Entre 1994 e 1995 foi registrado, no intervalo de um único ano, o aumento exponencial de 140% nos índices de visitação do Parque do Ibitipoca – que, desde então, passou a figurar entre os 10 parques mais visitados do Brasil. Cabe ressaltar que o *camping* do Parque esteve fechado entre julho de 1993 e dezembro de 1994, o que consequentemente levou os turistas a se hospedarem no arraial de Conceição de Ibitipoca, intensifi-

¹⁹¹ Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), realizada entre 3 e 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro. Conhecida também como Cúpula da Terra ou Eco 92.

cando assim o contato e as interações socioculturais entre estes e os “nativos”. No ano seguinte (1995), é registrado um aumento expressivo nos índices de visitação, contabilizando a portaria do Parque quase quarenta mil turistas.

Na década de 1990, o turismo na Serra vislumbrava, pois, o seu “auge”. Contudo, a situação estava fora de controle: barracas por todos os lados, acúmulo de lixo, falta d’água, barulho excessivo, uso exacerbado de drogas ilícitas em locais públicos, brigas, tumultos, cenas de sexo explícito pelas ruas do arraial, etc. Nesse contexto do “caos”, a população local começa a acenar reativamente: Em abril de 1991, a revista *Prática Hospitalar*¹⁹² descreve que havia uma placa na entrada do arraial com o seguinte aviso: **“Você está chegando em Conceição de Ibitipoca. Comunidade com quase 300 anos. Respeite nossas tradições e costumes...”**



| | mar/88 | mar/89 | abr/90 | fev/91 | abr/92 | out/93 | fev/94 | jan/95 |
|------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Visitantes | 850 | 850 | 1400 | 1028 | 1476 | 2227 | 3465 | 5616 |
| Campistas | 505 | 568 | 779 | 397 | 577 | 0* | 0* | 273 |
| Total | 1355 | 1418 | 2179 | 1425 | 2053 | 2227 | 3465 | 5889 |

GRÁFICO 2: Meses com maior pico de visitação – Parque Estadual do Ibitipoca (1988 a 1995)

Fonte: IEF (1996). Elaboração: BEDIM, B. P. 2007.

¹⁹² FONSECA, C. O turismo verde invade as serras de Minas. *Revista Prática Hospitalar*, [S.l.], ano 6, v.6, n.3, 42-3, 1991.

Embora esse gráfico indique que, em fevereiro de 1994, o número de pagantes no Parque alcançou a marca de 3465 indivíduos, há estimativas que apontam que a movimentação de pessoas nos feriados prolongados ocasionem um fluxo turístico bem maior que aquele registrado na portaria do PELb. No carnaval de 1994, por exemplo, a Serra de Ibitipoca teria recebido um fluxo calculado em 17 mil turistas¹⁹³ aproximadamente. Uma reportagem descreve a situação de desordem instaurada durante a concentração de turistas nesses feriados prolongados, contexto que escapava ao controle da população local:

Principalmente após os feriados prolongados, quando a população do arraial chega a dobrar, qualquer um pode ver lixo aos montes, bem no meio das ruas, e ainda fezes e o cheiro da urina que ficava no ar, principalmente quando era permitido acampar em qualquer lugar do arraial (CASTRO, L., 1994, s.p., Jornal Zona da Mata, Juiz de Fora, 20 fev.1994).

Como resposta aos efeitos indesejáveis da atividade turística desordenada, em 1993 é criada a AMAI – Associação de Moradores e Amigos de Conceição de Ibitipoca, que já em 1994 se mobiliza em torno da criação da campanha de *slogan* **“Salve o Arraial”**, cujo objetivo principal era a melhoria da qualidade de vida na área urbana do distrito frente aos eminentes danos causados pelo turismo. Segundo o jornal Zona da Mata (1994, s.p.), de pronto a AMAI reivindicou a proibição de acampamentos nas ruas do arraial de Conceição, bem como adotou medidas de segurança que resguardassem a população local durante os feriados.

Os fatores socioculturais influenciáveis pelo turismo geralmente são os mais difíceis de se quantificar e medir, sendo “altamente qualitativos e subjetivos por natureza” (COOPER et al., 2001, p.213). Para Lickorish e Jenkins (2000), uma das maiores dificuldades na identificação desses impactos se deve ao fato de eles demorarem um certo tempo para emergir. Segundo esses autores, os impactos do turismo em uma comunidade se relacionam ao volume de turistas que a visitam e à dispersão sazonal deles. Em Ibitipoca, a sazonalidade¹⁹⁴ da demanda turística é um fator bastante influente, uma vez que os picos de visitação se concentram nos feriados prolongados como carnaval, Semana Santa, e réveillon. Os dados da tabela a seguir contextualizam empiricamente o tempo de permanência, em Ibitipoca, do turista que visita o Parque. De acordo com esse levantamento do IEF, no período pesquisado a estada dos turistas na Serra se deu, predominantemente, entre 4 e 6 dias (atingindo 81% do índice de respostas em nov. 2005).

¹⁹³ CASTRO, Laura. Parque de Ibitipoca recebe 17 mil visitantes. Jornal Zona da Mata. Juiz de Fora, 20 fev. 1994.

¹⁹⁴ A sazonalidade da demanda turística se caracteriza pela “concentração de turistas em certas localidades em determinadas épocas do ano por sua ausência quase total em outras, provoca transtornos e efeitos econômicos negativos consideráveis nas localidades receptoras” (RUSCHMANN, 2001,45).

TABELA 4
Tempo de permanência do turista em Ibitipoca (MG)
Período de referência: maio/05 a novembro/05

| Permanência | Maio | Junho | Julho | Agosto | Setembro | Outubro | Novembro |
|--------------------|-------------|--------------|--------------|---------------|-----------------|----------------|-----------------|
| Menos de 1 dia | 69% | 24% | 22% | 31% | 25% | 28% | 19% |
| Entre 1 e 3 dias | 0% | 0% | 3% | 0% | 0% | 1% | 0% |
| Entre 4 e 6 dias | 27% | 66% | 67% | 65% | 67% | 64% | 81% |
| Entre 7 e 9 dias | 1% | 5% | 0% | 0% | 2% | 3% | 0% |
| Mais de 9 dias | 0% | 3% | 8% | 4% | 5% | 4% | 0% |
| N/R | 2% | 2% | 0% | 0% | 1% | 0% | 0% |
| Total | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% |

Fonte: Núcleo de Estratégias de Ecoturismo – NET/IEF (2006).

Formatação: BEDIM, B. P. – 2010

Não obstante isso, durante o mês de maio/2005 o tempo de permanência que prevalece é o inferior a um dia, alcançando naquele mês o ponto máximo entre as variáveis possíveis da pesquisa: 69% dos visitantes amostrados – ou seja: excursionistas que muito possivelmente não pernотaram em Ibitipoca. Esses dois intervalos dominantes relativos ao tempo de permanência do turista na Serra – i) menos de um dia; ii) de 4 a 6 dias – em certo sentido indicam dois perfis de visitantes já diagnosticados em outras pesquisas como a da Fundação João Pinheiro (2000). De um lado, excursionistas de cidades próximas como Juiz de Fora e Lima Duarte, com menor disponibilidade de gasto e com tempo de permanência reduzido. De outro lado, turistas advindos de grandes centros urbanos do Sudeste brasileiro (São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro) e/ou de outras capitais ou até mesmo de outros países – os quais permanecem mais tempo na Serra, usufruem de serviços mais sofisticados de hospedagem e de alimentação, e, ainda, gastam mais¹⁹⁵.

Entre 1995 e 1998, a visitação no Parque permaneceu relativamente estável. Em 1999, contudo, é registrado um aumento significativo em relação ao ano anterior (26,83%). Mas o ponto máximo do número de visitantes anuais do Parque foi efetivamente atingido em 2002, quando se alcançou a marca de 51.521 pagantes.

¹⁹⁵ Em relação ao poder aquisitivo desse perfil de visitante, ver FJP (2000).

Consequentemente, o IEF reagiu editando a portaria nº 36, de 03 de março de 2003, a qual estabelece normas de visitação nas dependências do Parque Estadual do Ibitipoca, limitando, a partir de então, o número de visitantes¹⁹⁶. De 2003 em diante, portanto, os índices de visitação no Parque decaíram consideravelmente (uma queda de 28% em relação a 2002).

TABELA 5
Frequência de visitantes no PEIb, 1995 – 2007

| Ano | Visitantes |
|--------------------|-------------------|
| 1995 | 39.791 |
| 1996 | 31.373 |
| 1997 | 36.455 |
| 1998 | 39.369 |
| 1999 | 49.930 |
| 2000 | 39.811 |
| 2001 | 42.231 |
| 2002 | 51.521 |
| 2003 | 31.840 |
| 2004 | 27.582 |
| 2005 | 24.503 |
| 2006 | 31.692 |
| 2007 | 31.896 |
| MÉDIA ANUAL | 36.769 |

Fonte: IEF/MG

Elaboração: BEDIM, B. P. (2007)

Contudo, a análise do fenômeno turístico na Serra não deve considerar apenas o turista como fator influente no processo, mesmo porque, conforme a Tabela 4, a sua estada no arraial se dá por pouco tempo. A despeito disso, observa-se que, a partir do primeiro boom do turismo na Serra, não foi somente o número de visitantes que aumentou. De forma concomitante ao acréscimo no fluxo turístico – e como efeito da dilatação da esfera produtiva turística –, a região passou a atrair pessoas das mais variadas partes do país – e quiçá do mundo – que fixaram residência no arraial com os mais diversos propósitos: uns buscavam qualidade de vida; outros, porém, chegaram com a intenção de explorar economicamente o turismo na região.

¹⁹⁶ IEF/MG. Portaria nº 36, de 03 de março de 2003. Estabelece normas de visitação e utilização das dependências do Parque Estadual do Ibitipoca e dá outras providências. Diário Oficial do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 03 mar. 2003.

A esses novos ibitipoquenses, atribuiu-se o nome de “forasteiros”, os quais chegaram para compor o sistema social local com a característica de serem “os de fora”. Nesse sentido, Rodrigues (2001, p.67) os designa como aqueles moradores “recém-chegados, vindos de outras cidades e que possuem residência fixa no arraial”, incluindo os “antigos turistas, comerciantes e artesãos que chegaram ao local estimulados, principalmente, pela atividade turística”. A autora divide os “de fora” em dois subgrupos: turistas e “forasteiros”; entre “os de fora” incluem-se outras subcategorias, cujos critérios de distinção não são tão simplificados como eventualmente pareçam.

O forasteiro¹⁹⁷, *a priori*, partiu de sua terra de origem motivado pelo seu próprio desejo de habitar um lugar onde o contato com a natureza estivesse facilmente ao seu alcance – o sonho idílico de um Éden acessível no limiar do próprio quintal. Constituiu, no paraíso desejado, seu ambiente de vida e de trabalho. Frente ao estabelecimento desses novos moradores em Ibitipoca, contudo, insurgem os típicos dilemas do migrante ao chegar num lugar que não seja o de sua origem: veem-se numa espécie de “quarentena” socialmente imposta, uma adaptação circunstancial ao novo estilo de viver e trabalhar num alto de Serra; sentem-se sozinhos, distantes de sua terra natal. Em Ibitipoca, reconstroem pedaços simbólicos de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul; há fragmentos da Bélgica e da Itália também – só para citar a procedência de alguns desses novos ibitipoquenses.

Desde a década de 1980, principalmente, empreenderam o movimento oposto ao êxodo rural dominante nas últimas décadas. Como justificativa para tal, alegam que a cidade de onde procedem esvaziou-se em seu sentido.

¹⁹⁷ Forasteiro – 1. Que é de fora; estrangeiro, peregrino. 2. Estranho, alheio. 3. Indivíduo forasteiro. (FERREIRA, Aurélio B. de H., 1986, p.798).

TABELA 6

Estimativa da migração rural-urbana no Brasil/projeção da população virtual

| PERÍODO | ESTIMATIVA DA MIGRAÇÃO | |
|-----------|------------------------|-------|
| | Números | (%) |
| 1940/50 | 2.558.714 | 9,02 |
| 1950/60 | 6.334.304 | 19,10 |
| 1960/70 | 10.296.355 | 26,4 |
| 1970/80 | 14.194.763 | 34,12 |
| 1980/91 | 11.420.047 | 29,18 |
| 1991/96 | 4.538.308 | 12,59 |
| 1996/2000 | 4.868.454 | 14,32 |

Fontes: IBGE – Contagem da População/ 1996 e Censo Demográfico/ 2000

**Tabela baseada nos dados do quadro estimativo elaborado por Monteiro (2004, p.12).

À revelia da tendência migratória nacional dominante constatada nessa tabela, os forasteiros, na condição de “refugiados da urbis” elegeram Ibitipoca como um “território de liberdade”, um contraponto ao ritmo acelerado das metrópoles, da crescente violência urbana, do caos institucionalizado presente nos grandes centros em que nasceram.

A concepção de ausência como sujeitos que após o deslocamento espacial se sentem “fora do lugar” acentua-se mediante os laços intrafamiliares que os “nativos” historicamente estabeleceram entre si e que dificultam a absorção dos “forasteiros” ao círculo de ressocialização em Ibitipoca.

O forasteiro, nesse sentido, é o migrante que vive num eterno interstício que o comprime entre o que ele é e de onde ele vem *versus* o que ele pode vir a ser no lugar onde está agora. Mesmo que, em termos demográficos, tenha migrado definitivamente, as forças culturais e políticas que atuam no *microcosmo* Ibitipoca remetem-no ao *status quo* de estrangeiro – o migrante que, apesar de geograficamente estabelecido e sem perspectivas de realizar o movimento de retorno, é remetido à qualidade de migrante temporário, mesmo que não o seja. Perfaz, assim, o que Martins (1986, p.50) define como uma condição de marginalidade entre duas situações sociais: “É sempre o outro [...]. É sempre o que vai voltar a ser, e não o que é”.

Nessa perspectiva, o “forasteiro” de Ibitipoca busca o seu espaço de socialização a partir da própria fenda social que se abre em face da dupla cultura da ausência por ele experimentada: de um lado, o chão de sua terra natal que lhe falta; na margem oposta, os vínculos sociais no lugar de destino lhe condicionam e o retraem.

...fora de seu lugar, fora de “suas” relações sociais, e que, no limite, não se considera dentro mesmo quando está. Se a ausência é o núcleo da consciência do migrante temporário, é porque ele não cumpriu e não encerrou o processo de migração, com seus dois momentos extremos e excludentes: a dessocialização, nas relações sociais de origem, e a ressocialização, nas relações sociais de adoção (MARTINS, 1986, p.50).

Em última instância, o forasteiro é um migrante que, deslocado de sua terra de origem, tenta em Ibitipoca reconstruir seus meios materiais de vida e suas próprias condições filosóficas de existência. Via de regra, está integrado à cadeia produtiva do turismo, seja como proprietário de pousadas e campings, seja como artesão e/ou guia turístico. Evita, pois, alternativas ocupacionais que o submetam ao trabalho assalariado, resistindo em se proletarizar diretamente. Ao contrário, prefere criar os meios necessários à manutenção de uma relativa autonomia ocupacional, evitando horários rígidos de trabalho.

Os que possuem casas de veraneio no lugar mas que não mantêm vínculos profissionais com o turismo são benquistos pelos “nativos”, assim como os turistas cuja estada no arraial de Conceição de Ibitipoca é curta. Dessa forma, há evidências de que haja uma sobreposição da esfera econômica na definição política de tais subgrupos, uma vez que os turistas-veranistas além de não competirem com “os do lugar” – (ex?) camponeses que se inseriram na nova atividade econômica –, ainda são fontes de emprego e renda para eles, o que nem sempre ocorre com o “forasteiro empreendedor”. Eis uma visão “nativa” sobre os turistas que possuem residência secundária¹⁹⁸ no arraial:

Ah... eu, pra mim, eu acho que foi bom também. Porque se eles têm as casa aí eles pode dar serviço pras mulher aqui do arraial: uma toma conta, outra faz limpeza, né. Então quer dizer que eles dá ganho pro pessoal do lugar. Quer dizer que eles trouxe boa coisa também, né.

(ajudante de serviços gerais, 52)

No entanto, a chegada desses novos atores sociais engendrou uma série de conflitos e descontentamentos por parte da população nativa que ali estava estabelecida, a qual manifestara insatisfação e sentimentos de rejeição para com os novos moradores e turistas.

¹⁹⁸ Nesse contexto, as residências secundárias se referem às casas dos veranistas.

3.2.1 O MOVIMENTO FORA-FORASTEIRO

Expulsaram eles daqui... porque eles iriam se candidatar de novo à direção da AMAI. Eles falaram algumas verdades, que o povo aqui é muito fofoqueiro e preguiçoso (rs). Foi a maior confusão... Estava escrito em todos os postes: "FORA FORASTEIRO! O QUE VOCÊ VEIO FAZER AQUI? SE AQUI É TÃO RUIM, VAI EMBO-RA!". Então arrancamos tudo, todos os cartazes. Eu então disse a eles: "É graças ao forasteiro que vocês estão aprendendo a trabalhar! E tem mais: não chame de forasteiro, porque isso é discriminação". A gente tem o direito de ir e vir de qualquer lugar que a gente quiser. Na época, a gente quis fundar outra associação, só de forasteiros. Ia se chamar SACI: Sociedade dos Amigos e Companheiros de Ibitipoca. Na época, eu fui contra, mas hoje eu acho que tinha que ser feito.
(empresária, faixa etária 50-60)

Em julho de 1995, a Revista Manchete¹⁹⁹ publica uma reportagem que causou muita repercussão na vila, ocasião em que alguns moradores nativos se sentiram ofendidos. A referida matéria tinha o seguinte subtítulo dedicado aos recém-chegados: "Os forasteiros desvendam os mistérios e as belezas do arraial". Entretanto, no único exemplar que conseguimos pesquisar, a página das declarações polêmicas estava danificada – pertencia a uma pessoa que, tomada por ressentimento após ler o enunciado, rasgou parcialmente a revista. Mas alguns trechos ainda estão legíveis, inclusive o que caracteriza descritivamente os forasteiros: "Com ambições e profissões diferentes, todos têm em comum a paixão pela vida tranqüila na serra e a disposição para investir energia e dinheiro naquele pequeno lugar". Um outro parágrafo deixa transparecer o porquê de a reportagem ter causado tanto rebuliço: "... na vila de Ibitipoca, todo mundo sabe de tudo. As novidades se espalham numa velocidade de fazer inveja a qualquer auto-estrada cibernética. Fala-se da vida do outro por falar, por falta de assunto melhor" (REVISTA MANCHETE, 1995).

À medida que ocorria o adensamento populacional no arraial em virtude da "migração" a partir da década de 1980, aumentava o sentimento de rejeição dos "nativos" para com os recém-chegados. Tal impasse culminou no Movimento Fora-Forasteiro, em 1995, cujo estopim teria sido a reportagem publicada nessa revista de âmbito nacional, contexto em que alguns "nativos" se sentiram humilhados em face do teor pejorativo das declarações dadas por alguns "forasteiros":

Em represália a todos aqueles que vieram de fora – isso foi uma coisa louca – por exemplo, eles jogaram pedra na casa desses turistas que tinham vindo pra cá, em todos os postes estava escrito assim "FORA FORASTEIRO", furaram pneu de jipe... Todas as casas, todas as pessoas que estavam aqui mas que vieram de fora sofreram represália... [...] E foi uma coisa assustadora na época, eu tinha acabado de mudar pra cá. Eles não queriam essas pessoas aqui, eles

¹⁹⁹ BERMAN, Deborah. Ibitipoca: com o boom do turismo, o arraial se adapta a uma nova vida. Revista Manchete, Rio de Janeiro, 22 jul. 1995.

estavam se sentindo invadidos, eles estavam sentindo que estavam vindo cada vez mais pessoas e isso é natural de qualquer lugar.
(proprietária de pousada, há 10 anos reside no arraial, 42)

Ao que tudo indica, tal manifesto foi o elemento deflagrador de uma série de acontecimentos subjacentes a uma tensão social que há anos se desenhava de forma recôndita, não declarada, provavelmente porque os “forasteiros” se apresentavam como os principais investidores locais, e estariam acumulando assim os maiores lucros provenientes da atividade turística. Nas palavras de Rodrigues (2001, p.68), “os novos moradores do arraial se dedicaram exclusivamente às atividades de serviço ligadas ao turismo”. De acordo com suas pesquisas, em 2000, cerca de 55,3% dos estabelecimentos comerciais e turísticos do arraial pertenciam aos “nativos”, enquanto que 44,7% eram de propriedade dos moradores “de fora”.

Contudo, nossas observações de campo apontam que esses diferentes atores possuiriam diferenciadas condições de investimento, sendo os “forasteiros” os detentores dos maiores e mais sofisticados meios de hospedagem e restaurantes, concentrando assim a supremacia do capital canalizado na atividade turística.

Assim, o turismo e os “forasteiros” inserem uma lógica social externa aos “nativos”, intimamente vinculada a questões econômicas de custo-benefício. Antes da chegada desses novos atores naquele “*microcosmo*”, porém, os “nativos” relatam haver condições de “paz”, “sossego” e “tranquilidade” entre eles, projetando nos “de fora” a culpa pelos principais problemas sociais identificados, bem como a introdução do espírito competitivo entre os membros da comunidade.

Essas evidências empíricas são similares ao que Wylie *apud* Mendras (1978, p.196) denomina de dialética do Nós e do Eles: “Nós somos bons, Eles são maus, Eles não nos trazem nada de bom, e portanto é necessário que nos protejamos deles de todas as formas”. Por sua vez, Henri Mendras (1978, p.196) sustenta a tese de que “todos os camponeses sonham em regressar à época mítica na qual não existia a sociedade envolvente”²⁰⁰. Não obstante, uma entrevistada de Ibitipoca ratifica tal tendência ao afirmar:

Antigamente a gente não tinha quase problema nenhum não, né, porque era só a gente do lugar, bem dizer. Com o turismo é que foram surgindo esses problemas. [...] As pessoas se ajudavam um ao outro, era unidos. Hoje cada qual quer ver o outro cair num buraco. Você tá caindo e as pessoa não tem
(nativa e pensionista, ex-cozinheira de pousada, 60)

²⁰⁰ “... a civilização urbana tomou conta de Peyrane. Os habitantes de Peyrane ainda desconfiam deles, verbalmente. Mas, nos seus atos, pode-se observar que Eles não estão mais opostos a Nós, já que metade dos de Peyrane são Eles, os urbanos recentemente instalados. A autonomia relativa dos habitantes de Peyrane foi quebrada; o *ethos* sobreviveu a essa ruptura, reduzindo-se a uma ideologia sem ligação direta com os comportamentos, exceto sem dúvida em política” (MENDRAS, 1978, p.196).

Nesse sentido, Krippendorf (2003,p.18) assinala que os habitantes das regiões visitadas, em determinado momento, sentem um certo rancor²⁰¹ em relação aos efeitos negativos do êxodo provocado pelo turismo: “Essas populações têm, cada vez mais, a impressão de que são invadidas por esse desenvolvimento e, ao mesmo tempo, dele excluídas”.

Conflitos que envolvem relações de poder análogas são observados nos estudos de Elias e Scotson (2000), em que são analisadas as relações de desigualdade social e diferença a partir das relações sociais entre os estabelecidos e os outsiders numa pequena comunidade industrial inglesa. Assim como os “forasteiros” de Ibitipoca, os outsiders são os estrangeiros que não partilham os valores e o modo de vida vigentes na comunidade dantes estabelecida – no caso, os “nativos”. Na condição de *estabelecidos*, os “nativos” fundariam seu poder a partir do *princípio de antiguidade*, lançando mão do maior tempo de residência no lugar como fator distintivo em relação aos “outros recém-chegados”:

Mas ele [o forasteiro] não é daqui. Ele está aqui mas ele não é daqui, ele é de _____. [...] Aqui é que são as minhas raízes... A minha mãe é daqui, foi nascida aqui, criada aqui, está enterrada aqui, a mãe dela, os irmãos dela estão todos aqui. Então minha raiz é aqui. O meu lugar é aqui.

(produtor rural aposentado e dono de um camping, 73)

Os nativos, assim, reforçam o seu *locus territorial específico*, definindo geograficamente a Serra de Ibitipoca como seu espaço de vida historicamente diferenciado dos demais atores que ali chegam. Ademais, os “nativos” se autoidentificam como um grupo bastante peculiar, cujos critérios de “superioridade” em relação aos demais vinculam-se ao que Elias e Scotson denominam *carisma grupal distintivo*, em detrimento dos aspectos culturais dos “forasteiros”. Nesse sentido, os entrevistados comumente afirmam a sua identidade de “nativos” do lugar como forma de se diferenciarem dos que vêm de fora. Ex: “mas eu estou localizado, e ele (turista) evém, né”. Tem-se, no caso, um grupo que lança mão do seu tempo de residência num local e de seus laços de identificação para com o lugar para se reafirmar, em termos políticos, em face dos outros indivíduos que não possuem a mesma condição “nativa”.

Eles [forasteiros] não conveve [sic.] junto diariamente... Nós os nativo não, todo dia tá junto ali, né, todo dia. Então tem um tipo de confiança a mais, né. [...] Então o turismo veio, veio todo tipo de gente: veio o bom, veio o ruim, veio o maconheiro. O jeito de conversar [do forasteiro], o jeito de lidar, né, com as pessoa deles são diferente. [...] Sempre os forasteiro é desunido nessa parte,

²⁰¹ Vieira (1988) registra que uma camponesa de Ibitipoca utilizara a seguinte expressão para manifestar o sentimento de invasão que acometia a população local: “A gente se sente hóspede do lugar”.

né... que eles não tá costumado c'aquela ambiente, né. Um causo né, vamos supor: se eu tô brigando com outra pessoa ali, nós aqui do local, né, os nativo, vai tentar separar aquela briga e conversar. E eles [forasteiros] se vê acontecer um causo desse eles corre, né, não vieram participar daquilo. Os nativo não, aí já é diferente, né.

(ajudante de serviços gerais, 52)

Elias e Scotson (*op.cit.*, p.22) observam ainda que tais grupos em disputa pelo poder local costumam lançar mão *da estigmatização social* do grupo oposto como estratégia de hierarquização social em nível local, atribuindo-lhes rótulos e estereótipos que impregnem a condição de “inferioridade humana”. Nesse sentido, os “nativos” não raro associam os “de fora” como vetores do consumo de drogas no arraial, principalmente a maconha²⁰²:

A droga tinha que diminuir, não tinha? Tinha que diminuir os turismo... Aqui os vendedor são os turismos que mora aqui; não todos. Porque depois que começou turista a morar na Ibitipoca aí a droga aumentou. Então acha, a gente não fala isso pra poder contrariar eles não, mas os moradores de fora são os maior vendedor. [...] Ibitipoca atrai pessoas que vem de fora que parece que seja bom, mas tem uns que a gente renega, né... **nosso lugar mesmo tem vários que a gente renega, né, mas vamos tocar? Não vamos.** Eles acham o nosso lugar bom pra eles vir morar... Aí a gente fica partido, não sabe o quê que faz...

(dona de casa aposentada, 65)

Com o intenso fluxo de turistas e o aumento do número de moradores “re-cém-chegados”, problemas diversos atingiram direta ou indiretamente a comunidade, como coleta de lixo deficitária, precariedade do transporte coletivo, falta d'água, excesso de barulho, insegurança civil²⁰³, etc. Nessa perspectiva, os “localizados” responsabilizam os “forasteiros” e turistas pelos eventuais furtos ocorridos

²⁰² Ao discorrer sobre os avanços e entraves no processo de descriminalização da maconha, Assumpção (2005, p. 320) salienta que a discussão acerca do tema no Brasil, no âmbito das políticas públicas, se dá por duas vertentes: de um lado, a Secretaria Nacional Antidrogas defende “a construção de uma sociedade livre do uso de drogas ilícitas”, enquanto que, por outro lado, o Ministério da Saúde em discurso moderador propõe a “Redução de Danos”.

²⁰³ Em julho de 2005, finalmente, um posto da Polícia Militar de MG foi implantado em Conceição de Ibitipoca. Até então, eram comuns os roubos e crimes diversos cometidos no arraial, incluindo furtos a turistas e pousadas. Aliás, tentaram roubar o próprio pesquisador em maio de 2005, ocasião em que realizava levantamento de dados para sua monografia (BEDIM, 2005), quando ainda era aluno da UFOP.

no distrito²⁰⁴, atribuindo-lhes também a culpa pelo surgimento de doenças infecto-contagiosas²⁰⁵.

Mas há também critérios de distinção interna entre os “forasteiros”. Ao chegarem na comunidade, os que vêm “de fora” são estranhos tanto para os “nativos” quanto para os demais “forasteiros” que ali já estavam. Essa condição de duplamente estrangeiros dificultaria a organização social dos “recém-chegados”. Possuindo origens geográfico-culturais diferentes, os “forasteiros” não apresentam coesão como grupo, tampouco compartilham traços identitários em comum – o que intensifica a tensão *forasteiro X forasteiro*: não raro, uns são acusados por outros de terem propósitos puramente economicistas, cujo objetivo maior ao se mudarem para Ibitipoca seria unicamente enriquecer. Esse tipo de “forasteiro” é identificado como pessoa *non grata* pelos demais, que, por sua vez, dizem buscar qualidade de vida em primeiro lugar.

Além do mais, deve-se ressaltar que apesar de os “forasteiros” portarem um padrão de vida aparentemente superior à norma local, eles estão sujeitos às mesmas condições de afastamento geográfico que se aplica aos “nativos”. Para morar em Ibitipoca, tiveram que abdicar de certas comodidades dos locais de origem; destituíram-se de suas eventuais faces urbano-aristocráticas para incorporar os atributos necessários à adaptação ao novo ambiente. E as restrições às quais se submeteram não são poucas: assistência médica e educação deficiente, economia dependente das circunstâncias externas, intemperismos políticos do IEF, falta de policiamento, etc. Tais constatações reforçam a ideia de que as relações de poder em Ibitipoca não são unicamente pautadas em critérios econômicos, mas, sim, numa vasta gama de fatores como naturalidade, tempo de residência no lugar, identificação e objetivos para com Ibitipoca, dentre outros. Sendo assim, relativiza-se o discurso de Barreto (2004, p.136) de que as diferenças econômicas, o *status* em nível internacional ou os avanços tecnológicos dos visitantes tornam a relação entre visitante e visitado assimétrica. Wanderley (2000), por sua vez, ao discorrer sobre a emergência de uma nova ruralidade no mundo contemporâneo, a partir da concepção do rural como espaço diversificado, destaca a inserção de “atores coletivos” e a respectiva possibilidade de

²⁰⁴ “Aqui existe bem uns roubo. Só que os pessoal que rouba aqui não rouba na casa dos nativos do lugar; só rouba casa de turismo. Eles não mexe no nativo. Eu tenho uma impressão que os roubadores daqui são os próprios de fora – não todos, alguns – porque aí vêm e sabe que a sua casa está cheia, equipada de traste bom, aí vai na sua casa e não vai na minha porque sabe que a minha não tem” (dona de casa aposentada, 65).

²⁰⁵ “Antes do turismo era mais fácil a vida porque havia respeito humano. Agora após o turismo tá havendo um muito grande desrespeito, até na utilidade de uso... Muita enfermidade, doença... porque os turismo vem acharcado, completamente arrio, completo de doença infecciosa e transmite pra mulher no sexo, e o sujeito entra no quarto com a mulher e vai acabando... Já morreu bem aqui uns dois ou três de aid [aids] pegado aí [...] da mulher turista” (lavrador aposentado, 79). Nota: Arrio: sem forças; sem ânimo.

se gerar tensões pela proximidade entre distintos grupos sociais²⁰⁶. De fato o convívio, na pequena Conceição de Ibitipoca, de pessoas de variadas origens geográfico-culturais²⁰⁷ conferem ao lugar a característica de concentrar num espaço reduzido raízes culturais distintas, como se fosse um “mosaico cultural”. Tal diversidade contribui para colocar em relevo problemas estruturais e conflitos vividos entre “nativos” e “forasteiros” nas diferentes formas de apropriação do território.

²⁰⁶ “As distinções se expressam frequentemente entre os antigos habitantes e os recém-chegados, ou os “de dentro” e os “de fora”. Para os primeiros, a presença de estranhos pode provocar sentimentos de que o seu ambiente de vida não corresponde mais a um espaço de interconhecimento, no qual está inscrita sua própria história social, e que ele pode ser profundamente afetado pelos usos da terra e da paisagem rurais para fins diferentes [...]. Para além das dificuldades da convivência cotidiana, os conflitos refletem o confronto entre concepções distintas a respeito do que é o rural e os usos que podem ser dados aos espaços rurais” (WANDERLEY, 2000, p.99).

²⁰⁷ Nos estudos de campo, observou-se que os forasteiros são provenientes de variadas regiões e estados brasileiros como RS, ES, PE, RJ, MG, SP, DF e BA, bem como de diversas cidades do interior de Minas. Há ainda, algumas pessoas de outras nacionalidades residindo no arraial: italianos, franceses e uma “colônia” de belgas que há 6 anos mantém moradia na serra.

TABELA 7

Local de origem dos visitantes do PEIb de julho/04 a abril/05

| Grande BH | Interior de Minas | | Outros Estados | | |
|----------------|------------------------|-----------------------|---------------------------|--------------------|---------------------------|
| Belo Horizonte | Aiuruoca | Mercês | SP Americana | SP Jundiá | SP São Caetano do Sul |
| Betim | Além Paraíba | Mirai | RJ Angra dos Reis | SP Lindoia | RJ São Gonçalo |
| Contagem | Antônio Carlos | Monte Carmelo | SP Araras | RJ Macaé | SP São José dos Campos |
| Nova Lima | Araxá | Muriaé | SP Atibaia | Amapá - Macapá | ES Serra |
| Barbacena | Olaria | SP Bananal | PA Marabá | São Paulo | |
| | Barroso | Ouro Branco | RS Barra Mansa | SP Mauá | SP Suzano |
| | Bias Fortes | Passa Quatro | RJ Barra de São João | RJ Mesquita | SP Taboão da Serra |
| | Bom Jesus de Minas | Piedade do Rio Grande | RJ Barra do Piraí | SP Mogi das Cruzes | MT Tangará da Serra |
| | Carangola | Piranga | PR Boa Vista | SP Mogi Mirim | SP Taubaté |
| | Cataguases | Poços de Caldas | SP Botucatu | RJ Niterói | RJ Teresópolis |
| | Conceição do Ibitipoca | Rio Pomba | DF Brasília | RJ Nova Friburgo | RJ Três Rios |
| | Conselheiro Lafaiete | Rio Preto | RJ Búzios | RJ Nova Iguaçu | RJ Valença |
| | Coronel Xavier Chaves | Santana do Deserto | RJ Cabo Frio | SP Osasco | ES Vila Velha |
| | Cruzília | Santos Dumont | SP Campinas | RJ Piracambi | RJ Visconde do Rio Branco |
| | Divinópolis | São João del-Rei | RJ Campo Grande | RJ Paraíba do Sul | ES Vitória |
| | Dores de Campos | São João Nepomuceno | SP Capão Bonito | RJ Petrópolis | RJ Volta Redonda |
| | Entre Rios | São Lourenço | ES Colatina | RJ Pinheiral | Outros Países |
| | Eugenópolis | São Tomé das Letras | RJ Comendador Levy Gaspar | SP Piracicaba | Alemanha |

| | | | | |
|----------------|------------|-----------------------|--------------------------------|------------------------------|
| Ibertioga | Sapucaia | RS Cruz Alta | PE Recife | Austrália (Sidney) |
| Itajubá | Tiradentes | RJ Duque de Caxias | RJ Resende | Canadá (Vancouver) |
| Itaúna | Tiros | SP Franca | SP Ribeirão Preto | Espanha (Barcelona) |
| Ituiutaba | Ubá | SP Guarulhos | RJ Rio Bonito | EUA (Colora- do, Danbury) |
| Juiz de Fora | Uberaba | SP Holambra | Rio de Janeiro | França (Paris) |
| Lavras | Uberlândia | BA Itabuna | ES Santa Tereza | Holanda |
| Lima Duarte | Varginha | RJ Itaocoara | SP Santo André | Itália (Milão) |
| Maria da Fé | Viçosa | RJ Itaperuna | SP Santos | República Tcheca (Krnov) |
| Matias Barbosa | | SP Joanópolis | SP São Bernardo do Campo | |

Fonte: IEF/MG. Núcleo de Estratégias de Ecoturismo/NET (2006). Formatação: BEDIM, B. P. (2007).

Outro fator relevante é que, via de regra, os “nativos” pré-julgam o comportamento do turista de acordo com a procedência deste: os de Juiz de Fora, por exemplo, são rotulados de “farofeiros”, “baderneiros”. Nos turistas de Lima Duarte, a população local projeta a rivalidade histórica que permeia as duas localidades. Os paulistas, por sua vez, parecem ser bem quistos, bem como os belo-horizontinos. Por trás desses estigmas, no entanto, possivelmente se escondem interesses econômicos. Algumas hipóteses: os turistas provenientes de cidades vizinhas como Juiz de Fora e Lima Duarte comparecem em maior número, geralmente gastam menos²⁰⁸, trazem alimentação de casa, usufruem do mesmo transporte coletivo da população local e não necessariamente pernoitam em Conceição de Ibitipoca – portanto, geram menos divisas para o destino visitado. Os turistas que vêm de centros mais distantes (São Paulo, Rio de Janeiro, etc.), por se deslocarem de distâncias maiores com automóvel próprio, pernoitam na Serra e possuem maior poder aquisitivo, geram mais divisas.

Contudo, o “fenômeno forasteiro” não é nenhuma exclusividade de Ibitipoca. Ao conceber o espaço como uma das condições da sociedade, Simmel (1983,

²⁰⁸ Cf. estimativa de gasto dos turistas realizada pela Fundação João Pinheiro (2000).

p.182) delinea uma discussão teórica sobre o estrangeiro, na condição de pessoa que “chega hoje e amanhã fica”, enfatizando as “forças psicológicas” ou “espirituais” que aproximam, unem ou separam os indivíduos e os grupos. Nessa perspectiva, os “forasteiros” de Ibitipoca representam uma forma específica de interação para com o grupo estabelecido, flutuando no viés de serem membros desse grupo ao mesmo tempo em que “estão fora dele e o confrontam”:

Eles [os de fora] talvez tenha mais confiança em mim do que eu neles... Porque eles também é estranho de tudo. Eu também sou estranho pra ele, mas eu estou localizado, e ele evém né. O sujeito tem um bocado de cisma daquele que vem. Cisma. Medo. É, uai... Você chega aqui e apresenta a mim sozinho, eu não te conheço nem nada: “Quê que você quer comigo?” – ainda tá na impressão. Ponta lá evém um turismo, uma pessoa ali e falo: “Quê que ele quer comigo será?” [...] Eu ainda tenho muita cisma. Mas converso com todo mundo: apareceu, procurou, eu converso.

(agricultor aposentado, 85)

Ainda segundo Simmel, a posição do estrangeiro no grupo “é determinada, essencialmente, pelo fato de não ter pertencido a ele desde o começo, de ter introduzido qualidades que não se originaram nem poderiam se originar no próprio grupo” (*ibid.*). Nesse sentido, as observações empíricas lançam evidências de que os “nativos” de Ibitipoca incorporaram hábitos de consumo e comportamento dos turistas e dos “forasteiros” residentes, o que teria provocado mudanças de valores e condutas morais do antigo núcleo camponês do arraial de Conceição de Ibitipoca. De acordo com Levi-Strauss (1976, p.57), muitos costumes nascem “apenas da vontade de não permanecer atrasados em relação a um grupo vizinho”. Em contrapartida, o mesmo autor ressalta que o efeito inverso pode ocorrer, reativamente, quando a proximidade entre grupos com características culturais distintas despertar neles o “desejo de oposição, de se distinguirem, de serem eles próprios”

O senso de hospitalidade observado em numerosas sociedades camponesas parece estar em contradição com outros traços, particularmente a importância do grupo doméstico e da coletividade local, que supõem uma ou outra forma de rejeição ao exterior: coletividades vizinhas e sociedade envolvente. O dentro-do-grupo se afirma contra o fora-do-grupo (MENDRAS, 1978, p.195).

Todavia, Simmel sinaliza que as relações de proximidade e distância que envolvem a relação entre o estrangeiro e os membros de determinado grupo é permeada pela acentuação do “de fora” como elemento “não comum”, posição essa que é definida simplesmente pela *condição de origem*. E acrescenta: “os estrangeiros não são realmente concebidos como indivíduos, mas como estranhos de um

tipo particular: o elemento de distância não é menos geral em relação a eles que o elemento de proximidade” (SIMMEL, 1983, p.187). Tal pressuposto talvez seja a base, por exemplo, do fato de os “nativos” distribuírem os lotes da igreja gratuitamente entre si, ao passo que os “forasteiros” devem pagar aos cofres da paróquia valores que os próprios “nativos” estipulam²⁰⁹.

Tais critérios de distinção social a partir da naturalidade dos atores são igualmente transpostos para o controle da portaria do Parque, já que os porteiros, todos “nativos”, lançam mão da *condição de origem* dos “forasteiros” para justificar que estes devem pagar ingresso para entrar, uma vez que, apesar de residirem no lugar, “eles não são de lá”. A portaria nº 36, de 03 de março de 2003 (IEF), estabelece normas de visitação das dependências do Parque Estadual do Ibitipoca e institui que os residentes da vila – desde que apresentem comprovante de associados a entidades não governamentais, sem fins lucrativos, existentes e atuantes no entorno do Parque –, terão isenção da taxa de ingresso, a qual é limitada aos dias úteis, de segunda a quinta-feira. Entretanto, alguns “forasteiros” que residem no arraial reclamam que os critérios de naturalidade ainda são utilizados para definir a isenção da taxa de ingresso no Parque, uma vez que os funcionários da portaria do parque são todos “nativos”.

Dessa forma, ao contrário do que Elias e Scotson (2000) verificaram em Winston Parva²¹⁰, o tempo de residência no lugar não seria o principal fator distintivo de tais grupos no contexto social do arraial mineiro estudado. Os vínculos históricos que mediam a relação dos “nativos” para com a Serra de Ibitipoca ao longo dos séculos talvez impliquem laços identitários profundos a ponto de forçar a sobreposição do fator *naturalidade*²¹¹ em relação aos demais. Nessa perspectiva, as figurações observáveis em Ibitipoca se assentam num diferencial incorporado pelo grupo estabelecido: um locus territorial específico expresso pelo sentido de lugar. Na visão de Silva (2004, p.24) “o lugar define o pertencimento social, o enraizamento em um determinado território.” Assim, o lugar Ibitipoca não concerne somente ao espaço físico, “mas também ao espaço simbólico, que o envolve com significados da cultura e da vida social ali existente”.

²⁰⁹ Os terrenos da vila pertencem à “santa”; os moradores do arraial não têm escritura dos terrenos ou registro dos imóveis, e conseqüentemente não pagam IPTU. Tal situação possui explicação histórica: em 1836, a porção de terra do arraial foi doada a Nossa Senhora da Conceição, “a quem deviam pagar alguma coisa [sic.] os que fizessem casas, pois esta era a condição apresentada pelos doadores” (DELGADO, 1962, p.113). Atualmente os próprios “nativos” ligados à igreja é que definem a forma de distribuição dos terrenos. Os nativos, por sua vez, ganham os lotes, enquanto os “forasteiros” devem pagar “à santa” uma quantia.

²¹⁰ Winston Parva é o nome fictício da pequena cidade do interior da Inglaterra onde Norbert Elias (2000) desenvolveu seus estudos sobre a relação estabelecidos e outsiders – obra antológica publicada pela primeira vez em 1965.

²¹¹ Acrescentar-se-ão a tais fatores as relações interparentais favorecidas pela prática da endogamia.

Assim sendo, as rupturas com padrões culturais tradicionais historicamente estabelecidos sugerem que a interação entre esses diferentes grupos engendre um processo de construção de novas identidades sociais no espaço “rural”. Mas se a comunidade compõe-se de “nativos” e “forasteiros”, ela apresentaria traços de afirmação, negação ou fusão identitária? A chegada de novos agentes sociais faz com que Ibitipoca congregue identidades justapostas no espaço? Haveria uma reestruturação das identidades envolvidas? Nesse sentido, é possível remeter tais hipóteses ao fenômeno de formação das identidades contemporâneas, caracterizado pela imersão de identidades culturais “que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, tirando seus recursos ao mesmo tempo de diferentes tradições culturais”, comuns na era globalizada (HALL, 2005, p.88). Os “forasteiros”, por sua vez, apesar de carregarem consigo fortes vínculos de sua terra natal, “são obrigados a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimilados por elas e sem perder completamente suas identidades” (*ibid.*). Assim como os “de dentro”, os “de fora” recriam seus próprios vínculos com o lugar. Daquela paisagem social já fazem parte; inclusive nela deixam suas marcas, seja nas formas arquitetônicas, seja nos novos topônimos atribuídos aos atrativos naturais²¹². Assim, paulatinamente, os “forasteiros” deixam de ser *estrangeiros* no lugar e se tornam *estrangeiros* do lugar. Em certo sentido, o conteúdo das entrevistas revela uma postura defensiva dos “nativos” para com os migrantes que hoje são parte integrante da cena social de Ibitipoca. Por sua vez, os que vieram “de fora” não aceitam ser chamados de “forasteiros” devido ao teor pejorativo do termo, e consideram-se mais instruídos que os “nativos”²¹³.

Dessa forma, a demarcação jurídica do Parque e o seu subsequente uso público via turismo desestruturou, em termos socioespaciais, a prática cotidiana de relações sociais diferenciadas, de acordo com os usos, costumes e tradições do campesinato da Serra de Ibitipoca – resultando em antagonismos intergrupais inerentes às disputas políticas e econômicas pelo controle dos recursos disponíveis naquele espaço – conflitos ambientais²¹⁴ que transpassam a dimensão material ao incorporar um complexo jogo de forças a interagir no plano simbólico do cotidiano.

²¹² Grutas dos Gnomos, Cachoeiras das Fadas, Piscinão, Tibum e Janela do Céu são apenas alguns topônimos que “os de fora” atribuíram aos atrativos naturais do Parque Estadual do Ibitipoca.

²¹³ “Eu não me acho uma forasteira. Eu me acho muito mais nativa do que muitos nativos daqui. Somos de fato forasteiros, mas aí muitas vezes essa palavra é usada de uma maneira pejorativa. [...] Infelizmente eu acho que quem vem de fora tem muito mais noção do valor desse lugar do que as próprias pessoas que moram aqui, porque pra eles isso é meio normal” (empreendedora, proprietária de pousada, 42).

²¹⁴ De acordo com Acseirad (2004, p.26), os conflitos ambientais “caracterizam-se por envolver grupos sociais com modos diferenciados de apropriação, uso e significação do território, tendo origem quando pelo menos um dos grupos tem a continuidade das formas sociais de apropriação do meio que desenvolvem ameaçada por impactos indesejáveis [...] decorrentes do exercício das práticas de outros grupos”.

O que subjaz às estratégias dos diferentes grupos pesquisados são alteridades e práticas dissonantes de apropriação social dos recursos materiais. Para os turistas, por exemplo, a Serra de Ibitipoca se apresenta como paisagem de consumo estético a ser visitada e fotografada, espaço de lazer e diversão – representando a fuga do cotidiano das grandes cidades e, muitas vezes, local de exacerbação dos prazeres. Para os camponeses que por várias gerações habitam a região, porém, a Serra é lugar de moradia, devoção popular e práticas culturais tradicionais, onde determinadas “leis locais” devem ser respeitadas. Contudo, o outro grupo recém-chegado “forasteiros” vê em Ibitipoca uma alternativa à qualidade de vida e uma oportunidade de exploração econômica a partir da implantação de empreendimentos turísticos diversos. Por outro lado, há ainda os interesses estatais incorporados pelo IEF, o qual defende a pretensa perspectiva “conservacionista”, buscando resguardar as características naturais dos ecossistemas da Serra. Assim, pode-se dizer que essas são as quatro forças principais que atuam e se confrontam no campo dos conflitos ambientais do entorno do Parque Estadual do Ibitipoca – onde diferentes representações, interesses e valores resultam em distintas formas sociais de apropriação do território.

3.2.2 O RÓTULO CAIPIRA: NOVAS RACIONALIDADES, VELHOS ESTIGMAS

... que o povo daqui é muito preguiçoso, não querem saber de trabalhar [...]. Os nativos é o atraso de Ibitipoca, não passam de roceiros. Criar galinha solta na rua é incompatível com lugar turístico. Isso aqui tem que evoluir.
(empresário, faixa 40-50 anos)

Na epígrafe acima, o entrevistado associa a população proveniente do núcleo camponês de Ibitipoca a rótulos de atraso e inferioridade humana personificados na “preguiça” e na suposta aversão ao trabalho. Em sua perspectiva, a secular prática cultural camponesa de se criar pequenos animais domésticos seria incompatível com o novo contexto econômico dominante no arraial de Conceição de Ibitipoca.

O camponês, por sua vez, internaliza a falsa condição de “inferioridade” nele incutida ao longo das últimas três décadas. É assim que um depoente descreve o perfil e as circunstâncias de vida dos agricultores ibitipoquenses, quando da chegada dos primeiros turistas:

Por força da ocasião, a gente era mais ingênuo – não vou dizer “bobo”. Por força era mais ingênuo. Razão: não tinha televisão, não tinha estrada, não tinha carro, não tinha luz elétrica, não tinha nada. Então a verdade era essa: o privilégio de um tipo melhor de vida era de poucos, a maioria era muito dependente. Dependente da fazenda do outro e do “me dá me dá”, ué. A região era pobre. Ela vivia da pecuária. O turista já tinha um estudo...
(produtor rural aposentado, 73)

Historicamente, no Brasil, o emparelhamento das especificidades da cultura camponesa ao “atraso” tem sua sociogênese no final do século XIX, quando estereótipos subumanos foram lançados pejorativamente para rotular o aparente “retrocesso” que a elite urbana emergente via na população rural brasileira. Tais estigmas atravessaram o século XX, sendo reforçados a partir dos processos de migração e a subsequente dissonância entre a margem de ócio da cultura caipira e o dinamismo urbano-industrial que as camadas dominantes almejavam para o país.

Em meados do século XX, o processo de concentração urbana experimentado no Brasil provocou o êxodo rural de um contingente do campo que se deslocava em direção às grandes cidades²¹⁵. Advindos do interior, esses sujeitos eram concebidos como elementos desconexos em face dos pretensos parâmetros de “civildade” em voga – signos do “atraso rural” a contrastar com o teor citadino idealizado para os centros urbanos. Desse contexto, Meirelles (2007, p.27) lembra que “a cultura caipira dos recém-chegados era desqualificada e rotulada de atrasada” – em que as elites citadinas conduziam a imposição de um estilo de vida dominante.

Desse período, em que um estrato urbano privilegiado fornecia uma maneira de viver e de pensar para uma sociedade inteira, as especificidades culturais das populações rurais passam a ser vistas a partir de sua dissonância em relação aos modelos de comportamento das camadas dominantes. Nesse sentido, Meirelles (2007, p.26) pontua que o caipira desde então é concebido como “praga nacional, símbolo do atraso econômico, político e mental”.

Personificadas na emblemática figura do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato (1882-1948) ou, mais adiante, encarnadas na irreverência dos filmes de Mazzaropi (1912-1981), as especificidades culturais do Brasil rural são assim desqualificadas em face da pretensa “civildade” emanada pelas cidades que se expandiam e atribuíam ao “universo urbano” o predicado de espaço e cultura diferenciados.

A figura do homem do campo atrasado faz parte do discurso que a elite liberal republicana – defensora de um Brasil composto de cidadãos brancos europeus – usa para deslegitimar determinados setores das classes populares [...]. Neste mundo onde o urbano representava o progresso e o rural aquilo que devia ser superado, parecia impossível encontrar elementos capazes de construir um patrimônio comum de valores (MEIRELLES, *op.cit.*, p.26-27).

No contexto turístico de Ibitipoca, contudo, há uma inversão da tendência dominante do movimento migratório rural/urbano sem que os artifícios de atribuição de rótulos sofram alterações em seus sentidos: agora são os atores urbanos que se deslocam para o campo e, lá chegando, projetam na população camponesa

²¹⁵ MEIRELLES, W. R. Manhosos, sapecas e matreiros. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, n.17, p.26-27, 2007.

local os típicos estereótipos de inferioridade humana historicamente construídos acerca do homem rural. A figura do agricultor da Serra é então estigmatizada por velhos clichês que se recompõem em novos termos. Com o advento do turismo, o lavrador de Ibitipoca é então apontado pejorativamente como “matreiro”, “roceiro”, “nativo”, “preguiçoso”, “brejeiro”, “capiau”, “tabaréu”, etc.

Por detrás desses rótulos impregnados de preconceito, subjazem intencionalidades políticas e econômicas. De certa forma, a margem de lazer e de ócio²¹⁶ típica da cultura camponesa contrastava com os usos e os sentidos econômicos do tempo inerentes à lógica produtiva capitalista que a indústria do turismo incorpora. **Num contexto em que a racionalidade da atividade turística passa a conduzir o processo econômico na Serra de Ibitipoca, as outras formas de produção e de vida tendem a ser desqualificadas.** É o que revela o depoimento a seguir:

Os nativo daqui são muito fechado, o povo da terra vive de panelinha. O que sobrou aqui depois do fim da mineração foi mucama e filho natural, esse gueto de povo da ralé, **a ralé caipira ficou aqui ilhada por mais de duzentos anos.** Se você ler o livro de Saint-Hilaire, ele vai falar isso. Era uma vila maltrapilha e decadente, e o povo só abria a frestinha da janela e olhava no cantinho. Ele foi recebido numa casa muito pobre... Não estou discriminando ninguém, isso é a história. O nativo daqui não sai porque não tem condição de sair não. **Eles não gostam de trabalhar pros outros não. O povo daqui vivia de roça pobre, quando cheguei eles nem andavam calçados.** Às vezes, num fim de semana, enterrava três ou quatro crianças aqui, morriam de fome. O povo aqui passava fome 30 anos atrás.

(empresária, faixa 50-60 anos)

Nesse relato, a entrevistada recorre aos registros de viagem de Saint-Hilaire como estratégia para ratificar os estigmas de atraso por ela projetados sobre a população rural local. De fato, em 1822, os camponeses de Ibitipoca tornaram-se alvo de ironias e desqualificações por parte do naturalista francês: “Se esta choupana apenas revela a indigência, sua situação foi bem escolhida. [...] Ao chegar, fui recebido por uma mulata vestida de saia e camisa de algodão muito sujos...”²¹⁷ (SAINT-HILAIRE, 1974, p.34). Desde o século XIX, portanto, há registros da projeção de estigmas de inferioridade humana sobre a população rural da Serra.

²¹⁶ “... o desamor ao trabalho estava ligado à desnecessidade de trabalhar, condicionada pela falta de estímulos prementes, a técnica sumária e, em muitos casos, a espoliação eventual da terra obtida por posse ou concessão. Em consequência, resultava larga margem de lazer que, vista de certo ângulo, funcionava como fator positivo de equilíbrio biossocial [...]. **O lazer era parte integrante da cultura caipira; condição sem a qual não se caracterizava, não devendo, portanto, ser julgado no terreno ético,** isto é, ser condenado ou desculpado, segundo é costume” (CANDIDO, 2003, p.113, grifo nosso).

²¹⁷ Conforme destacado no capítulo 4, embora Saint-Hilaire se preocupe em verificar nas terras brasileiras estágios de “civilização” por comparações com a realidade europeia, o naturalista francês retrata aspectos sociológicos e geográficos de Ibitipoca por vezes carregados de um certo tom de exagero, preconceito e ironia, tal qual verificado no trecho descrito, quando correlaciona a choupana dos camponeses de Ibitipoca à “indigência”.

Fisgado pelo preconceito que o atinge e contrai, o camponês de Ibitipoca internalizara tais arquétipos e, num dado momento histórico, passou a recusar a si mesmo, rechaçando os traços *sui generis* de sua cultura. Quer asfalto, quer terminal bancário eletrônico, quer ver a Serra transformada em município – signos de uma pretensa “modernização”, do “progresso” que a própria *modernidade anômala*²¹⁸ lhe negara até então. Na vila de Conceição de Ibitipoca, quase a totalidade das casas de “nativos” possui laje exposta ou então se constitui de telhado de amianto ou de zinco: nega-se, a todo custo, o laço identitário da típica arquitetura rural da Serra²¹⁹ dominante até duas décadas atrás, cujas casas ostentavam telha argilosa e tijolo artesanal exposto.

Por outro lado, ironicamente, as pousadas e as casas de segunda residência (veranistas) são predominantemente de telha de barro em estilo colonial, cujas paredes, via de regra, intencionalmente não são rebocadas, atingindo assim o simulacro do que seria uma “casa da roça” da Ibitipoca bucólica de outrora. Os turistas, os empresários do *trade* turístico e os veranistas estimam assim a estrada de chão batido, o fogão a lenha, o ar provinciano do distrito, o paraíso e seu bucolismo devidamente salvaguardados do universo urbano de onde eles próprios saíram. A composição paisagística do arraial, dessa forma, assume a forma de um cenário artificial, um mosaico de cores a escamotear as (in)diferenças que atravessam o seu cotidiano.

E não foi apenas a paisagem que se transformou neste processo. A legislação municipal também sofreu algumas “adequações” em função do turismo, conforme expressa o Código de Municipal de Posturas (2000), o qual proíbe a criação de animais no perímetro do arraial de Conceição de Ibitipoca (considerado zona urbana pela prefeitura de Lima Duarte)²²⁰. Segundo informações colhidas in loco, essa legislação restritiva se deve ao fato de que os proprietários de pousadas estariam insatisfeitos com o mau cheiro provocado pelos chiqueiros que os “nativos” mantinham nos quintais.

No depoimento a seguir, uma moradora do arraial manifesta o seu descontentamento em face da cláusula jurídica restritiva expressa na Lei Municipal nº1126/2000, argumentando que antes do turismo:

²¹⁸ A expressão *modernidade anômala* advém das teorizações de Martins (2000).

²¹⁹ O viés da arquitetura também foi incorporado na disputa política entre nativos e forasteiros. Nesse sentido, uma empresária afirma que “O povo daqui [nativo] é que acaba com o patrimônio histórico, ele é que gosta de fazer casa quadradinha de laje, ele é que desmata e descaracteriza o lugar. Se você olhar uma obra de forasteiro, você não vai ver nenhuma descaracterizando: são todas bonitas e bem feitas”.

²²⁰ “**Art. 138** – Não será permitido, dentro da zona urbana, a criação e manutenção de suínos, ovinos, caprinos e eqüinos, para fins comerciais e/ou consumo próprio, no limite inferior a 50 (cinquenta) metros de qualquer residência. (CAMARA MUNICIPAL DE LIMA DUARTE. Lei Municipal nº 1126/2000).”

... todo mundo engordava porcos. Era só os nativos aí, não tinha esses negócio de pousada, não tinha essas indústria maior... então todo mundo engordava o seu porquinho, criava terreiro de galinha, as galinha pastava grama pela rua. Era tudo bom. [...] Ah, isso foi uma lei muito boba, porque os porcos dava futuro pra gente, né. Pelo menos eu já engordei muito porco aqui no meu quintal. Foi uma lei boba... Eu não, eu tenho o meu terreiro cheio de galinha. Bobagem, né [rs...]. Mas foi proibido mesmo, porque aqui tinha várias pessoa que engordava [porco] no centro, ali em baixo perto de pousada e tal... aí eles foram proibindo, dando denúncia até vir essa lei. Mas isso foi uma lei muito boba, porque aqui o lugar não era uma cidade grande. Agora, numa cidade grande tá certo porque dá inseto, dá catinga, dá isso, dá aquilo. É não, agora não, ué... [...] Nós engordava era dois, três porco e depois eles proibiram... por causa do inseto em pousada. Só por causa disso. É porque os dono das pousada revê [sic] do cheiro do cocô do capado.

(dona de casa aposentada, 65)

Os proprietários de pousadas reivindicaram a elaboração dessa legislação alegando a recorrência de inúmeras reclamações de incômodo por parte dos turistas. Entretanto, sabe-se que a criação desses pequenos animais em Ibitipoca, além de ser a principal fonte de proteína do núcleo camponês, é também uma prática cultural secularmente instituída, conforme já abordado no segundo capítulo. Aliás, a culinária daquela população se baseia na banha de porco, na qual os gêneros alimentícios ainda são conservados e fritos²²¹.

Os “nativos”, por sua vez, contra-argumentam que o turismo é que deve se adaptar à cultura local, não o contrário – já que os turistas e as pousadas chegaram *a posteriori* em Conceição de Ibitipoca.

3.3 A FALTA QUE O PLANEJAMENTO FEZ. A FALTA QUE O PLANEJAMENTO AINDA FAZ

Eu finjo que não invadi nem construí, a prefeitura finge não saber que eu não pago IPTU e fica tudo por isso mesmo. Aqui na Serra, vivemos nesse faz de (comerciante, faixa etária 40-50)

A reestruturação da esfera produtiva com o advento do turismo também tangencia implicações demográficas: os números seguintes contextualizam o adensamento populacional verificado no arraial. Em 1991, a população total do distrito de Conceição de Ibitipoca era de apenas 1036 habitantes, com 293 considerados urbanos (IBGE, 1991). Na década seguinte, o Censo 2000 revela um au-

²²¹ No preparo dos alimentos, a importância da banha de porco pode ser expressa no seguinte depoimento: “A banha fritava ela, derretia, fazia gordura, fritava tudo. Nós comia tudo, não desperdiçava nada do porco, não. Fazia chouriço, linguiça...” (agricultor aposentado, 79).

mento de 40,61% da população do arraial²²², ao passo que a zona rural assistiu a um decréscimo de 24,8% no número de habitantes.

TABELA 8
Dados demográficos – distrito de Conceição de Ibitipoca (MG)

| Ano | Censo Demográfico | População Rural | População Urbana | Total |
|------|-------------------|-----------------|------------------|-------|
| 1980 | IBGE | 1108 | 277 | 1385 |
| 1991 | IBGE | 743 | 293 | 1036 |
| 2000 | IBGE | 559 | 412 | 971 |
| 2005 | AMAI | 614 | 648 | 1262 |

Fontes: IBGE – Censos Demográficos (1980; 1991; 2000).

AMAI – Recenseamento demográfico do distrito de Conceição de Ibitipoca (2005)

O adensamento populacional²²³ constatado na vila de Conceição de Ibitipoca, aliado às especulações imobiliárias, deflagrou processo de desfiguração física e cultural de suas características arquitetônicas e paisagísticas²²⁴. Edificações volumosas dispostas de forma desarmônica comprometem a estética do lugar²²⁵. Nesse sentido, Yázigi (2001) alerta que diferentes lugares turísticos de todo o mundo estão ficando “com a mesma cara”, esteticamente estandardizados, uma vez que a arquitetura implantada negligencia a “identidade paisagística” dos lugares.

A expansão não planejada do perímetro urbano do arraial comprometeu assim a pretensa “qualidade de vida” que os novos moradores reivindicavam para Conceição de Ibitipoca. A concentração das edificações de uso comercial na parte central da vila (adjacências da igreja e praça da figueira) leva ao “aproveitamento” máximo desses terrenos e sua subdivisão em lotes cada vez menores – prejudicando, ainda, a permeabilidade do solo. Não obstante isso, os poucos espaços de lazer do arraial foram recentemente suprimidos²²⁶.

Mas, afinal, quem chega a Ibitipoca? O **capital...** personificado na figura do

²²² Em 2005, era da ordem de 766 o número de eleitores do distrito de Conceição de Ibitipoca, segundo dados da Prefeitura Municipal de Lima Duarte.

²²³ Dados censitários da AMAI contabilizam um total de 1262 habitantes no distrito em 2005, dos quais, 614 residem no arraial (área urbana). Com o turismo, acelerou-se a concentração populacional na sede do distrito, à medida que a zona rural liberava mão de obra para trabalhar no turismo.

²²⁴ Em 1988, havia 130 casas no arraial (VIEIRA, 1988). De acordo com levantamentos recentes da AMAI (dez. 2004), esse número subiu para 385.

²²⁵ Construções exóticas e em estilo europeizado com direito a “chalés-alpinos-suiços” parecem conferir a Ibitipoca ares de uma segunda Campos do Jordão.

²²⁶ A área que circunscreve a figueira centenária da praça, por exemplo, foi abruptamente reduzida em função das novas ocupações contíguas ao terreno – casas e estabelecimentos comerciais que, quase que em sua totalidade, pertencem a moradores recém-chegados.

"outsider", do *"forasteiro"*, do *"outro"*, o *"urbano estrangeiro"*²²⁷. Concomitantemente, assiste-se à expansão da lógica competitiva de mercado a espaços até então caracterizados por atividades agrícolas de subsistência e peculiares formas de organização social²²⁸, rompendo assim com a condição de relativo semi-isolamento no qual a população camponesa de Ibitipoca se encontrava.

As subseqüentes tensões e polarizações entre *"forasteiros"* e *"nativos"* expressam antagonismos intergrupais em nível local, consequência da contínua mudança nas estruturas econômicas e sociais. Além disso, as formas de sociabilidade desses atores apontam para a reconfiguração das identidades envolvidas – revelando a Serra como espaço social de trocas simbólicas, cuja diversidade provém da reconstrução de suas bases culturais, refletindo novas relações entre grupos e indivíduos. A partir de sua própria plasticidade, a população local se ajusta ao novo contexto, assimilando elementos culturais externos sem necessariamente perder seus aspectos culturais básicos. Tais constatações indicam a coexistência de temporalidades distintas nesse espaço (permanências e rupturas; velhas ruralidades, novas aspirações, etc.) tendo em vista que, em termos lefebvrianos, o tempo de reprodução do capital exige que diferentes coisas aconteçam ao mesmo tempo, quer seja, a Serra de Ibitipoca como espaço (turístico?) envolto pela lógica da simultaneidade.

Devido às suas peculiaridades histórico-culturais, a Serra de Ibitipoca ainda assiste à recomposição de sua dinâmica social em face das mudanças em curso, à medida que há penetração de elementos *"urbanos"* e ao passo que seus atores *"rurais"* se inserem nas esferas mais amplas da sociedade. Isso não implica dizer que o turismo foi ruim ou bom para o lugar. As mudanças são características das sociedades humanas, o que dispensa eventuais vitimizações.

Entretanto, essas transformações não podem ser atribuídas exclusivamente ao turismo, já que as tendências globalizantes da contemporaneidade são potencialmente capazes de alterar substancialmente a natureza da vida social cotidiana. Novelas e seus modismos ditando novas regras, estilos em voga, linguagens, músicas, padrões de beleza – tudo isso corrobora para despertar na população local novas necessidades e valores. O turismo, contudo, contribui para acelerar esse processo na Serra de Ibitipoca, gerando no *"nativo"* um paradoxo identitário entre a sua cultura de origem e uma nova cultura urbana e globalizante, cuja instância mediadora é atribuída ao turista, ao *"estrangeiro"*, ao *"de fora"*.

Conceição de Ibitipoca reproduz, assim, o futuro provável de outras localidades rurais brasileiras submetidas a processos de intervenção social semelhan-

²²⁷ Em certo sentido, essas observações vêm ao encontro aos estudos clássicos de Martins (1993).

²²⁸ Referência ao modo de vida camponês e suas respectivas especificidades locais.

tes. Se devidamente planejadas, tais alterações podem ser atenuadas, com vistas à sustentabilidade do processo – desde que o planejamento seja pautado na realidade social local, para alcançar formas mais humanizadas de turismo, no sentido de as populações afetadas construir a sua alteridade [territorial, econômica e cultural]. Principalmente porque muitas vezes o que está em jogo é o futuro de trabalhadores rurais já calejados com as discrepâncias históricas da estrutura agrária brasileira; sujeitos que tradicionalmente estiveram à margem dos processos políticos nacionais e, via de regra, vêm sendo fortemente estigmatizados pelos grupos dominantes.

3.3.1 UM ARRAIAL EM MOVIMENTO



O arraial como forma espacial de organização da vida camponesa
 Na imagem, um carro de boi carregado de milho atravessa a pacata vila de Conceição de Ibitipoca. Entre arruamentos de chão batido, o cargueiro movido a tração animal escoar a produção agrícola local. O traçado sinuoso das ruas que há trezentos anos atendiam às demandas da população rural não mais são suficientes para corresponder às novas funções econômicas que o turismo requer. Consequentemente, a estrutura física da vila setecentista foi estrangulada em face das apropriações abusivas e aos interesses econômicos difusos aos quais encontra-se submetida. O fato de algumas de suas vias hoje possuírem pavimentação poliédrica não é suficiente para conservar a pretensa característica de rusticidade do arraial. Construções avançam por sobre as calçadas e esquinas; cada metro quadrado é disputado e tem seu preço estipulado em função da posição geográfica estratégica em que eventualmente se situam.

FIGURA 16 – Conceição de Ibitipoca 1987 - Foto: Maria de Fátima Ávila Pires, fev. 1987



FIGURA 17 – Ibitipoca 2007: Qual planejamento? - Foto: Bruno Bedim (2007)

Com a intensificação do fluxo turístico no Parque, o arraial experimentou um rápido crescimento de sua área edificada, levando à descaracterização de seu patrimônio arquitetônico. Entre 1991 e 2000, a população da zona urbana de Conceição de Ibitipoca aumentou 40,61%. A Lei Municipal nº 1.155/2001, estabelece normas referentes à organização da ocupação e uso do solo no distrito, mas, até o momento, não é aplicada. Essa lei deriva do Plano Diretor de Organização Territorial e Desenvolvimento do Turismo em Conceição de Ibitipoca, instrumento de planejamento precursor no Estado, produzido pela Fundação João Pinheiro (2000).

3.3.2 O PLANO DIRETOR IGNOROU O CAMPONÊS

As imagens expostas no item anterior contextualizam a expressão espacial inerente ao adensamento populacional verificado na porção central do arraial de Conceição de Ibitipoca, comprometendo a circulação fluida de veículos, o abastecimento d'água, a segurança dos pedestres, os elementos estéticos da composição paisagística, etc. Nas faixas marginais às principais vias de circulação, foram construídos hotéis, pousadas e restaurantes – estabelecimentos comerciais que requerem estacionamentos privados ou coletivos. Na ausência destes, os turistas estacionam os veículos nas próprias ruas e estradas, comprometendo assim a pretensa fluidez do sistema viário disponível e levando o próprio turista a se deparar, *mutatis mutandis*, com um contexto não menos caótico daquele encontrado nos grandes centros urbanos de onde advém.

Nos feriados prolongados, principalmente, assiste-se ao estrangulamento da capacidade viária da sede do distrito, em que o fluxo do tráfego comumente é interrompido em função de fatores diversos. De acordo com os dados censitários supracitados (IBGE), entre 1991 e 2000 a população da zona urbana de Conceição de Ibitipoca teve um acréscimo de 40,61%. Tais números, conjugados a uma série de fatores recentes – expansão dos loteamentos e parcelamento abusivo do solo urbano, vias de circulação inadequadas, sinalização turística deficitária – concorrem para com a descaracterização física e cultural do lugar.

Além da desarticulação do sistema viário, edificações avançaram sobre espaços públicos sem nenhum controle ou restrição. Mas, aos olhos do poder público, era como se não existissem – já que ninguém em Ibitipoca paga IPTU em função de não possuírem registro legal de suas propriedades imobiliárias. Ainda hoje, a vila pertence "à santa".

Diante dessa conjuntura de crescimento desordenado, em que a malha urbana do arraial se expandia à revelia e sinalizava suas limitações espaciais, em 2000 – a pedido do então governador de Minas Itamar Franco²²⁹ – a Fundação João Pinheiro elaborou o Plano *Diretor de Organização Territorial e Desenvolvimento do Turismo em Conceição de Ibitipoca*, um instrumento de planejamento precursor em nível estadual e, quiçá, nacional – já que se configura como o primeiro plano diretor voltado para o desenvolvimento turístico de uma localidade. O elemento diferencial dessa ferramenta de planejamento é este aí. Seu principal disparate técnico também. Ao voltar-se exclusivamente para o turismo, o Plano Diretor e seus res-

²²⁹ O imaginário local indica que o ex-governador e ex-presidente da República Itamar Franco, por ser natural de Juiz de Fora – cidade que dista a apenas 80 km de Ibitipoca – teria frequentado a Serra desde tempos remotos.

pectivos planejadores se esquivaram de incorporar a dimensão da vida camponesa como um componente humano a constituir a dinâmica social da Serra de Ibitipoca.

Embora bem intencionados, seus realizadores partiram do pressuposto de que a reestruturação da esfera produtiva em Ibitipoca se daria em bloco e que, devido aos atrativos naturais e à “vocação turística” da região, o pretensão “desenvolvimento turístico” além de inevitável deveria ser tomado como desígnio hegem nico a partir daquele dado momento histórico. Mais uma vez, o camponês do entorno do parque viu-se na posição de sujeito que, apesar de estar ali, era como se não estivesse. Os planejadores ignoraram o espaço agrícola do distrito de Conceição de Ibitipoca! Assim como ocorrera no processo de implantação e uso público do Parque, as condições de existência do campesinato da Serra foram negligenciadas e, novamente, empurradas para os bastidores da vida social. Ao invés de incorporar as demandas sociais da população local, o Plano Diretor elegeu o turista como sendo o ponto de partida e de chegada do processo de “planejamento”, privilegiando a satisfação de seus desejos e, de quebra, ignorando as necessidades elementares da população camponesa local: “Os turistas constituem o elemento mais importante no momento da elaboração do diagnóstico sobre a realidade e as perspectivas do turismo em determinado local ou região do país” (FJP, 2000, p.157).

Ora, pois, um plano diretor não deve subtrair do escopo de seus propósitos em curto, médio ou longo prazo as características socioculturais de um dado território que se propõe a ordenar – e aqui se incluiria a incorporação do *ethos* camponês na perspectiva do planejamento, em suas diferentes instâncias e escalas. Deveriam constatar e, em perspectiva, presumir que a agricultura camponesa não é um ente do passado, mas um elemento do presente a constituir a história recente do capitalismo na Serra de Ibitipoca. Apesar de trazer uma revisão bibliográfica volumosa sobre os atributos físicos e históricos da Serra, o Plano Diretor não diagnostica as condições de vida e de trabalho do campesinato que reside no entorno do Parque. Ao contrário, pauta suas análises nos meios de hospedagem e nos aspectos socioeconômicos do turista.

A zona rural do distrito   citada apenas a título secundário, como um “atr tivo a mais”. No entanto, ao elencar os atrativos turísticos das principais fazendas e sítios do entorno do Parque, o Plano Diretor tornou-se, mesmo que acidentalmente, o “livro de cabeceira” dos especuladores imobiliários – já que havia inventariado parte do patrimônio cultural rural desse entorno. Aquele que deveria ser um instrumento de planejamento transformou-se, ironicamente, no “guia da expropriação” das terras camponesas em Conceição de Ibitipoca. Com a intenção de se “diluir o fluxo local do turista em Conceição de Ibitipoca e formar uma área turística de

interesse global”, o Plano Diretor propôs trilhas de “ecoturismo” que perpassassem pelas propriedades rurais do entorno do Parque, incluindo tradicionais fazendas (Andorinhas, Pitangueiras, Tanque, Pilar, etc.) e visitas às comunidades rurais “virgens” da região (Rancharia, Vermelho, Moreiras, etc.) – comunidades que, além de não terem experimentado os efeitos do fluxo turístico, sequer possuem infraestrutura física ou pré-disposição cultural²³⁰ para receber tal demanda. O patrimônio arquitetônico das fazendas, bem como suas matas e cachoeiras são incorporados como atrativos turísticos no afã de se articular a *soi-disant* “sustentabilidade” de uma “área turística de interesse global” (FJP, 2000, p.155)²³¹.

Ao invés de discutir alternativas para amenizar os dramas da população camponesa local e, se fosse o caso, incorporá-la (caso houvesse sua anuência) no processo em curso, os “planejadores” não vislumbraram outra alternativa senão empurrar o problema do arraial de Conceição de Ibitipoca para todo o entorno do Parque, no intuito de redistribuir assim os efeitos indesejados do turismo.

E o camponês? Como reagiu ao ver as trilhas formatadas pelo Plano Diretor serem apropriadas por praticantes de ralis automotivos? Como se sente assistindo a motocicletas e jipes adentrando suas propriedades a partir das “exóticas” trilhas tornadas públicas em 2000? A intenção de se transformar todo o entorno do Ibitipoca em produto turístico a ser empacotado e vendido mundo afora fez com que novos investidores urbanos se interessassem pela área, aumentando ainda mais os processos especulativos.

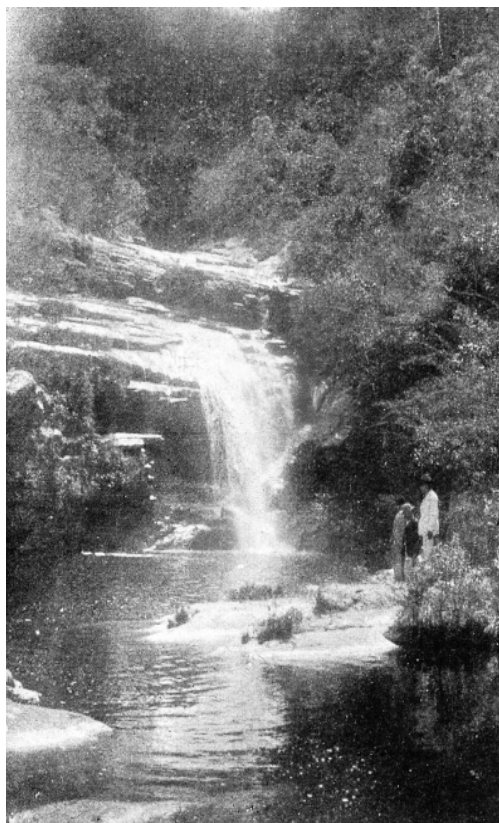
No mesmo ano em que esse Plano Diretor era elaborado, o IBGE divulgou os resultados do Censo Demográfico de 2000, cujos dados denunciam que Conceição de Ibitipoca possuía, à época, uma população majoritariamente residente na zona rural do distrito (57,6%). Mesmo assim, privilegiou-se a minoria que vivia na sede (arraial), estabelecendo-se critérios de construção de edificações padronizadas, com direito a “regrinhas de civilidade” para que o turista retornasse da Serra feliz e satisfeito.

Um ano após a sua publicação, o Plano Diretor foi transformado na Lei Municipal nº 1.155/2001, a qual estabelece normas referentes à organização da ocupação e uso do solo no distrito de Conceição de Ibitipoca – mas, até o momento, não é aplicada. Com a exceção dos especuladores imobiliários, grande parte da

²³⁰ De acordo com alguns dos moradores do arraial Moreiras (Santa Rita de Ibitipoca/MG), o principal receio da comunidade é que lá se transformasse numa “segunda Conceição de Ibitipoca”.

²³¹ Como alternativa para aliviar a constrição causada pelo turismo no arraial de Conceição de Ibitipoca, o Plano Diretor propõe a ampliação e a distribuição dos atrativos turísticos ao longo da zona rural do entorno do Parque, a partir da “definição de áreas apropriadas e mais afastadas para eventos que causem estridência ou prejudiquem a tranquilidade do lugar [arraial]” (FJP, op.cit., p.157). Tal sugestão, contudo, apenas contribui para deslocar o problema de lugar, empurrando e redistribuindo os efeitos indesejáveis do turismo para o entorno do Parque, ao invés de solucioná-los.

população local sequer conhece o tal Plano Diretor. Aliás, foram necessários dois anos para que este pesquisador pudesse, finalmente, ter acesso à referida Lei proveniente do Plano – já que nem mesmo os vereadores e demais funcionários da Câmara Municipal de Lima Duarte sabiam do paradeiro desta norma jurídica – o que, de certa forma, traduz o significado (ou a ausência de) atribuído localmente ao tal Plano Diretor. Por mais que a sua elaboração possa ter sido bem intencionada, a não incorporação das demandas locais em favorecimento dos anseios dos turistas corroborou para transformar o que seria uma importante ferramenta de planejamento num instrumento jurídico-burocrático desprovido de sentido.



Em 1912, a expedição de Álvaro da Silveira fez o primeiro registro iconográfico das paisagens que hoje constituem o território do Parque Estadual do Ibitipoca.

*No período que antecedeu ao turismo, a população rural da Serra denominou essa queda d'água e seu lago subjacente de "Cachoeira dos Macacos" em função dos bandos de bugios (*Alouatta fusca*) e macacos-saudá (*Cilicebus personatus*) que transitavam por uma mata ciliar contígua a esse trecho do Rio do Salto. Com a criação do Parque, uma nova espécie de primata foi atraída para o lugar: o próprio homem. A frequente ocorrência de banhistas nessa área fez com que os outros primatas se tornassem cada vez mais raros de serem vistos ali.*

Na década de 1990, devido à alta concentração de turistas durante os feriados prolongados, a antiga "Cachoeira dos Macacos" foi por eles rebatizada, incorporando, a partir de então, o topônimo "Piscinão", em referência a um popular e massificado ponto de banhistas das praias cariocas, o "Piscinão de Ramos".

FIGURA 18 – A "Cachoeira dos Macacos" e seus novos primatas - Foto: Álvaro Astolpho da Silveira, 1912, CGG/MG. Acervo original digitalizado e editado por Bruno Bedim, abr. 2007



CAPÍTULO

4

“DESTINOS DIALÉTICOS”:

Turismo, Cultura e Resistência Camponesa no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca

"O turista chegou acabando, implantou outra criação, outro desenvolvimento popular no lugar. O povo está usando muita droga, mudou tudo, não tem mais mutirão, não tem nada... nem gente pra trabalhar na roça mais não tem. O povo mudou pra cidade, civilizou, os mais velho estão acabando"...

(lavrador aposentado, 79)

Neste capítulo, finalmente, o foco da análise volta-se para o que é produzido em Ibitipoca, como é produzido e como se dão as relações que determinam as diferenças entre as esferas produtivas confrontadas e os sujeitos sociais envolvidos no processo de sua transformação.

Para analisar os fenômenos que envolvem a vida humana na Serra de Ibitipoca, precisamos antes saber como os homens e as mulheres que a habitam produzem a sua cultura material e imaterial, sua vida propriamente dita. O espaço socialmente produzido, a agricultura e o turismo não preexistem à ação do homem. Eles são transformados a posteriori, num processo complexo de (re)produção social que tem no trabalho o motor da história: por meio dele os homens transformam a natureza e a si próprios para construírem seus meios de sobrevivência. Trata-se, pois, de uma análise vitalista focada na trajetória do homem como bicho no mundo. Esse é o pressuposto filosófico-metodológico no qual Marx e Engels²³² se basearam para elaborar a concepção materialista da história.

O materialismo histórico, em última instância, é uma forma de compreensão da sociedade e do próprio espaço geográfico; uma “autópsia” da história e dos

²³² Marx, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Hucitec, 1984.

processos socioespaciais a ela subjacentes; uma análise da nossa viagem como espécie biológica no mundo; um método que nos permite interpretar o processo de construção da história de Ibitipoca pelos homens na sua relação com outros homens e com a própria natureza.

A reestruturação da esfera produtiva e a chegada de novos atores sociais contrastam, assim, com a racionalidade camponesa até então dominante, produzindo discrepâncias no processo histórico e social desenvolvido localmente. Diante da atmosfera socioeconômica que envolve a complexa transição entre o setor primário e o terciário, será analisada, a seguir, a transformação nas condições materiais da existência humana na Serra de Ibitipoca.

4.1 A REESTRUTURAÇÃO DA ESFERA PRODUTIVA

Antes era o plantio do pessoal, o viver nosso era plantar. Agora Ibitipoca cresceu muito com o poder de turismo. Eles trouxe o dinheiro pra cá, trouxe o dinheiro, o turismo trouxe o dinheiro pra Ibitipoca, mas eles trouxe também a tradição ruim, né... trouxe muita tradição ruim pra Ibitipoca. Mas que alguma coisa foi melhoria...

(dona de casa aposentada e artesã, 65)

Como já demonstrado anteriormente, a chegada dos primeiros turistas a Ibitipoca coincide com um contexto adverso em que o escoamento da produção camponesa encontrava dificuldades, devido a uma combinação de fatores – incluindo a não modernização da agropecuária praticada na Serra, a expansão urbana dos seus principais mercados a exigir outro tipo de abastecimento, etc. Conforme visto no Capítulo 2, a relação dos camponeses de Ibitipoca com esse tipo de mercado perdeu a sua razão de ser entre as décadas de 1960 e 1970 – momento histórico em que a esfera produtiva agrícola não mais sustentava o processo de valorização do capital na Serra.

Houve, portanto, fatores circunstanciais correlacionados à estrutura produtiva regional e nacional que criaram as condições favoráveis a providenciar o afastamento dos elementos fundantes da contradição no capitalismo, isto é, a assimetria insustentável entre forças produtivas e relações de produção.

O processo de estrangulamento das forças produtivas agrárias que até então suportavam as fazendas do sopé da Serra havia sido gerado num período anterior à chegada do investidor urbano. Como já ratificado nesta pesquisa, a esfera produtiva agrícola de Ibitipoca sinalizava a eminência de seu próprio colapso em face das dificuldades de inserção na economia de mercado – conjuntura que levou os políticos de Lima Duarte a providenciarem a criação do Parque.

Como forma de minimizar as tensões com a população rural circunvizinha ao Parque, logo após a instituição jurídico-territorial desta Unidade de Conservação o Instituto Estadual de Florestas promoveu o recrutamento de pessoal local para trabalhar nos serviços de sua manutenção – como auxiliares de serviços gerais ou guarda-parques – tática comumente utilizada pelos órgãos que administram essas áreas protegidas, com o intuito de “influenciá-las na aceitação das Unidades de Conservação criadas sem a sua anuência”²³³. Diegues (2000, p.43), aliás, observa que tais iniciativas estão longe de incorporar de fato essas comunidades locais na perspectiva da conservação: “a experiência têm demonstrado que freqüentemente a criação de guarda-parque local, isolada de outras medidas de melhoria das condições de vida e renda da comunidade local, leva a ressentimentos e desorganização do sistema de produção local”.

Portanto, o primeiro impacto direto na esfera produtiva se deu por iniciativa do próprio IEF, quando da formação do quadro de pessoal do Parque Estadual do Ibitipoca. Na ocasião, foram fichados cerca de 18 funcionários na década de 1970 – todos agricultores – que a partir de então passaram a constituir a força de trabalho necessária à manutenção das atividades desenvolvidas no território do Parque.

A instabilidade das formas tradicionais de produção agropecuária aliada à criação do Parque vem conferir a Ibitipoca novas alternativas econômicas. *Mineiramente desconfiados*, a princípio poucos “nativos” se arriscaram na exploração das novas possibilidades comerciais, mesmo porque não detinham capital acumulado do período anterior que fosse suficiente para realizarem investimentos. Os homens continuavam a trabalhar na lavoura, ao passo que algumas mulheres²³⁴ gradativamente auferiam uma nova função: de donas de casa, passaram a servir almoço aos turistas, os quais as chamavam de “tias”. O turismo a *priori* proporcionava à mulher uma complementar fonte de renda e, posteriormente, propiciaria a sua inserção no mercado formal de trabalho²³⁵ – o que até o momento as circunstâncias históricas haviam lhe negado: “Lá [na pousada] eu trabalhei três anos. Com esse dinheirinho que eu ganhei lá, esse guarda-roupa aqui foi o primeiro guarda-roupa que eu comprei com o primeiro salário. Aí que eu fiz os meus quartos”. (“pensionista” e ex-cozinheira de pousada, uma das primeiras mulheres assalariadas de Ibitipoca, 60).

Camareiras, cozinheiras, “caseiras”, faxineiras – eis algumas das novas ocu-

²³³ Diegues (2002, p.106).

²³⁴ Na visão de Rodrigues (2001, p.58), “as senhoras que estavam acostumadas a cozinhar para alguns viajantes que passavam pelo arraial começaram a servir refeições para os turistas”. Elas se autoidentificam como “pensionistas”.

²³⁵ Na amostragem dos trabalhadores celetistas ocupados nos meios de hospedagem e estabelecimentos comerciais de Ibitipoca, constatou-se que 54,83% são mulheres. Fonte: Dados de campo (2007).

pações que a atividade turística, de pronto, atribuía à mulher rural. Algumas começaram a elaborar suas quitandas e a vendê-las aos turistas – por conta própria, da varanda de suas casas –, numa época em que os restaurantes mais sofisticados ainda não haviam se instalado na Serra. Dentre os quitutes produzidos, um destaque para o típico *pão folhado*, o qual os turistas rebatizaram como *pão-de-canela*.

Com o advento do turismo, a participação da mulher na geração de renda tendeu a crescer, conferindo-lhe uma posição econômica diferenciada dentro do núcleo familiar. Essa repentina inserção no mercado de trabalho requisitou da mulher de Ibitipoca aquilo que ela mais zelava na (re)produção de sua própria vida doméstica: a cozinha e o asseio da casa. No âmbito da unidade camponesa de produção, cozinhar bem sem desperdiçar alimentos, e ainda, manter a limpeza da casa e do quintal, para a mulher rural, é considerado uma questão de honra e um fator socialmente distintivo.

... a mãe retém certos papéis centrais, ligados à reprodução da família e de sua força de trabalho. A cozinha é o foco central desses papéis, e cozinhar é considerado de 'grande responsabilidade'. Numa situação de escassez [...] o cozinhar não pode ser sujeito a erros; nada pode ser desperdiçado (WOORTMANN, 1984, p.79).

Nesse sentido, o “monopólio da cozinha” culturalmente atribuído à mulher rural brasileira transpassa sua função socioeconômica para assumir um viés simbólico e ideológico que se realiza no âmbito do seu próprio lar, já que o fato de cozinhar bem e de manter o asseio da casa confere simbolicamente à esposa a “autoridade de *dona de casa* e o prestígio da *mãe de família*”²³⁶.

Em Ibitipoca, a experiência do ente feminino como dona de casa aseada transpôs-se para a nova esfera produtiva, em que camareiras e cozinheiras expressam, nos restaurantes e pousadas, a realização econômica de uma função cultural para a qual desde cedo foram preparadas para consumarem seu papel social. O atual reconhecimento por parte dos empresários, de que “as faxineiras e cozinheiras de Ibitipoca são mais caprichosas”, tem assim uma possível explicação histórica que ultrapassa a subserviência do lar camponês para incorporar uma reelaboração dos papéis socioeconômicos da mulher rural.

No arraial de Conceição de Ibitipoca, a partir de meados da década de 1980, alguns moradores passaram a alugar suas próprias casas para turistas durante os feriados, quando se aglutinavam nas casas dos parentes e vizinhos. Conforme pontua Rodrigues (2001, p.58), o turismo paulatinamente alterava a rotina das famílias

²³⁶ Woortmann (1984, p.79).

que até aquele momento “sobreviviam basicamente dos parques lucros provenientes de uma atividade agropecuária de pequeno porte”.

Avançando cronologicamente, já nos primeiros anos da década de 1990 os “nativos” do arraial se voltam às oportunidades que a nova atividade proporcionava e, aos poucos, foram aprendendo novos ofícios vinculados direta ou indiretamente ao turismo: à medida que se incrementava a especulação imobiliária na localidade, a oferta de vagas na construção civil se dilatava. Diante dessa demanda por mão de obra pouco especializada e mais bem remunerada que a agrícola, a maioria dos camaradas²³⁷ preteriu o serviço “pesado” da agropecuária ao se inserir gradativamente nos afazeres da construção civil. Naquele contexto, eram necessários braços para edificar as bases materiais que serviram de suporte à nova esfera produtiva: pousadas, restaurantes, chalés e toda uma infraestrutura funcional ao turismo foi subitamente soerguida entre 1987 e 1995.

Aos poucos, esses homens trocaram a enxada da lavoura por outras funções ligadas à prestação de serviços diretos ou indiretos em turismo: ocuparam-se como caseiros de residências secundárias (veraneio), guias turísticos, comerciantes, ajudantes de pedreiro, jardineiros, recepcionistas, garçons, etc. Alguns começaram a ampliar as próprias casas e a transformá-las em extensões domiciliares com leitos improvisados para hospedagem.

Com a crescente exposição do potencial turístico do Parque na mídia nacional, aquece-se a dinâmica do mercado imobiliário no seu entorno, que, por sua vez, traz novos significados e configurações ao espaço rural. Se antes o poder estava associado à posse de terras férteis e agricultáveis, com o turismo outros parâmetros de domínio político-econômico da propriedade fundiária emergem: os terrenos que possuem os melhores atrativos turísticos, bacia visual panorâmica ou localização estratégica exponenciam a estimativa de seu preço. Porções territoriais dantes desprezadas por serem pouco produtivas à atividade agropecuária são, subitamente, sobrevalorizadas a partir de uma demanda externa à população local. **A transição desses critérios de valorização da terra** será problematizada mais adiante.

Dentre os motivos que influenciaram a contração da esfera produtiva agrícola está o parcelamento hereditário das unidades fundiárias. De acordo com os depoentes, a “partição de terras” consistia na sua redistribuição entre muitos herdeiros, o que reduzia a porção de terreno agricultável para cada família. Parte da

²³⁷ Conforme abordado no capítulo 2, o “camarada” é o trabalhador rural sem terras para plantar que vendia diretamente sua força de trabalho ao fazendeiro, recebendo em troca uma diária (jornal) estipulada pelo próprio patrão. As propriedades fundiárias localizadas nas terras baixas próximas ao sopé da Serra de Ibitipoca demandavam a ocupação de um contingente considerável desse tipo de mão de obra. Nos interstícios das lavouras de subsistência praticadas nas terras altas de Ibitipoca, os “camaradas” ocasionalmente desciam para as propriedades situadas nas terras baixas para lá trabalharem como diaristas.

população local não vislumbrou outra opção senão lotear suas terras e vendê-las para quem intencionava estabelecer empreendimentos turísticos ou construir casas de veraneio na Serra. Alguns dos que venderam seus sítios e fazendas mudaram-se para cidades vizinhas²³⁸ ou então se reagruparam espacialmente²³⁹ no arraial de Conceição de Ibitipoca. Como visto no Capítulo 2, até a década de 1960, a população da zona rural do distrito de Conceição de Ibitipoca se apresentava demograficamente estável²⁴⁰, sofrendo poucas variações decorrentes de êxodos.

Impedidos de se apropriarem da antiga área de pastagem extensiva da Serra Grande em face da criação do Parque, tornava-se cada vez mais difícil para os camponeses de Ibitipoca competirem com sua produção no mercado. **Restavam-lhes três opções: vender a terra e se mudar dali, prestar serviços em turismo no arraial ou resistir como camponeses.** Delineavam-se aí os diferentes e enigmáticos destinos desse campesinato a partir da reestruturação da esfera produtiva local.

Portanto, foi somente com o efetivo desenvolvimento do turismo na década de 1980 que alguns camponeses – mediante a oferta de empresários e veranistas interessados em comprar suas terras²⁴¹ – mudaram-se para o arraial de Conceição de Ibitipoca ou para cidades vizinhas como Juiz de Fora e Lima Duarte: “Descarregou, saiu, a roça foi ficando solitária”²⁴². Esse movimento pode ser verificado nos dados dos Censos de 1980 e 1991, quando a população do distrito decresceu de 1385 para 1036 habitantes. A zona rural sofreu uma baixa de 365 pessoas no período que compreende a década de 1980, ao passo que a população do arraial manteve uma taxa de crescimento vegetativo. Já o censo de 2000 revela o adensamento populacional na sede do distrito ocorrido ao longo dos anos 90.

²³⁸ Por outro lado, o desenvolvimento da atividade turística na localidade fez com que alguns dos moradores que haviam se mudado para cidades vizinhas nas décadas que precederam ao turismo retornassem à Serra nos anos 1990, realizando assim o movimento de retorno.

²³⁹ Nossa hipótese é de que os núcleos familiares camponeses que venderam suas terras e mudaram-se para o arraial tendem a se reaglutinarem espacialmente a partir das antigas relações de compadrio, parentesco e vizinhança de que dispunham no campo. “Velhos compadres” de um antigo núcleo vicinal de um dado bairro rural (Tanque), por exemplo, após vender suas terras nas imediações da Fazenda do Tanque se reagruparam numa rua adjacente à Igreja Matriz.

²⁴⁰ Em 1950, por exemplo, o distrito de Conceição de Ibitipoca era eminentemente rural. Possuía 1816 habitantes, sendo que 238 (13%) se concentravam no arraial (114 homens e 124 mulheres), ao passo que a zona rural contabilizava 1578 habitantes (87% da população). Tal panorama pouco se alterou nas duas décadas seguintes. A partir da década de 1980, contudo, é perceptível um movimento migratório: o Censo de 1991 constata uma dilatação das taxas de crescimento da população da zona urbana do distrito (arraial), à medida que a população da zona rural decresce substancialmente.

²⁴¹ “Produzia leite, né. Plantava... a gente plantava roça. E arrendava o terreno das outras pessoas plantar também... porque a gente plantava no terreno dos outros; quem não tinha o seu terreno plantava no dos outros... [...] Ah, foi passando, foi vendendo, né, para os turistas que chegaram. Nós mesmos fomos um. Meu sogro vendeu aonde é o hotel Serra do Ibitipoca. Lá já foi do meu sogro. [...] Isso não foi bom porque a gente gostaria de ter dado continuidade, né? A agricultura é uma coisa que combinava com o lugar, né. Com o turismo acabou com a roça tudo. Hoje em dia tem muito poucas roças”. (agricultora aposentada, 58)

²⁴² (produtor rural e dono de um *camping*, 73)

4.1.1 A TRANSIÇÃO DO PRIMÁRIO AO TERCIÁRIO E SUAS CONTRADIÇÕES

Com o advento do turismo, as formas solidárias de trabalho foram em grande parte extintas, uma vez que elas passaram a competir com formas mais sofisticadas de divisão do trabalho. Nessa perspectiva, o jongo²⁴³ – ritual praticado durante os mutirões da lavoura, em que a musicalidade de uma canção de trabalho se apresentava como forma mediadora de relações não capitalistas de produção – em Ibitipoca deixou de ser realizado por volta de 1985/1987, coincidindo, pois, com a intensificação do turismo na região. Diante da nova esfera produtiva, os principais jongueiros teriam se tornado guarda-parques ou trabalhadores da construção civil (pedreiros, carpinteiros, etc.) num momento em que os hotéis e pousadas se expandiam pela Serra. Em lugar das formas solidárias de organização do trabalho familiar, sobressaíram as **relações de produção capitalistas assentadas numa base jurídica definida**²⁴⁴ (contratos formais de trabalho).

O jongo acabou através do turismo. Foi construindo pousadas, chalés, criaram emprego e aí o jongo foi acabando. Esse foi o nosso problema: foi saindo emprego, daí o pessoal foi largando a lavoura e investindo em turismo. Há uns 25 anos atrás que houve essa transformação. O último jongo que assisti foi há 23 anos. De lá pra cá, não vi mais jongo não. Em 1985, por aí, foi o último... [20 segundos de silêncio]. A minha geração viu transformar Ibitipoca. Alguns continuaram na agricultura, mas muitos foram para o Parque, outros foi trabalhar de pedreiro, servente... da minha idade, tem uns 4 ou 5 serventes, o resto está tudo no Parque. Mas ninguém trabalha em hotel não.

(agricultor, 42)

Assim como o jongo, as antigas relações de compadrio e as demais manifestações culturais ligadas ao modo de vida camponês foram, de certa forma, atingidos. Se num passado predominantemente agrário era comum famílias inteiras servirem a um só patrão ou a si próprias (agricultura de subsistência), com o turismo as alternativas se diversificam, ao passo que aumenta a individualidade e a competição entre os membros do próprio grupo estabelecido. Contudo, isso não implica dizer que, ao contrário do que ocorria na Ibitipoca eminentemente agrícola de outrora, a família desempenhe um papel reduzido como unidade socioeconômica. Embora a

²⁴³ Conforme exposto no capítulo 4, a manifestação do jongo geralmente se dava em comunidades rurais caracterizadas por uma estrutura social pouco diferenciada, isto é, casos em que famílias independentes de pequenos *sitiantes* ou posseiros possuíam certa igualdade na escala social – e onde todos tinham acesso à terra. Essa prática era comum em zonas rurais cujas famílias desempenhavam funções econômicas semelhantes, não havendo, portanto, divisão sofisticada do trabalho ou formas de especialização dele – em que as tarefas simples e rotineiras poderiam ser executadas por qualquer membro de um dado grupo social.

²⁴⁴ De acordo com o levantamento de campo que realizamos, dos 71 trabalhadores ocupados nos meios de hospedagem e estabelecimentos comerciais amostrados em Ibitipoca, 43,7% são celetistas.

dinâmica social da população do arraial gradativamente se desvincule das atividades agrícolas, a família continua a desempenhar importante função socioeconômica. Observa-se, em alguns casos, que o recrutamento da força de trabalho para o turismo se dá pelas antigas relações de parentesco e vizinhança. No mais, os “nativos” que possuem negócio próprio geralmente empregam mão de obra familiar²⁴⁵.

Mesmo que as famílias do antigo núcleo camponês que habitam a vila de Conceição de Ibitipoca tenham – quase que em sua totalidade – se inserido na nova estrutura ocupacional, o seu padrão alimentar pouco se modificou em função de um eventual consumo de produtos industrializados que, ainda hoje, é ínfimo se comparado com os padrões alimentares dos “forasteiros”. Por mais que os produtos enlatados sejam apresentados pela indústria cultural como algo que deva ser consumido, a sua capacidade de manipular os desejos e as vontades do consumo alimentar do grupo “nativo” é, em certo sentido, condicionada. Eles não apenas hesitam em consumir produtos industrializados como ainda preferem o fogão a lenha em detrimento do fogão a gás – no âmbito do consumo doméstico. Por outro lado, a produção de alimentos nos restaurantes e pousadas em que trabalham atinge, cada vez mais, uma escala que os leva a lançar mão do fogão a gás e das técnicas da culinária industrial.

Muitas dessas famílias aproveitam os interstícios sazonais do turismo para se dedicarem às atividades da lavoura – só que a título simbólico e como estratégia de redução dos custos da reprodução de sua força de trabalho²⁴⁶. Contudo, à medida que esses indivíduos passaram a prestar serviços em turismo, sua soberania alimentar foi diretamente comprometida: eles plantam, anualmente, roçados de milho e feijão – além da manutenção das hortas domésticas e dos pomares no entorno de suas residências. Contudo, esses trabalhadores têm um dispêndio cada vez maior de recursos para comprar produtos alimentares de outrem – como o arroz, por exemplo, que não é mais produzido na Serra.

Esses sujeitos recorrem, pois, aos atributos da chamada *pluriatividade* do trabalho – a combinação da agropecuária com outras atividades não agrícolas, muitas vezes relacionadas ao aumento da procura do rural como lugar de vida e de recreação num mundo cada vez mais urbanizado. Diante disso, um questionamento inevitável: A *pluriatividade* estaria então mistificando formas de exploração do trabalho camponês em Ibitipoca? Essas formas materializariam as profecias de

²⁴⁵ Dados da Fundação João Pinheiro revelam que entre 4 de março e 23 de abril de 2000 cerca de 4,79% dos turistas hospedaram-se em dormitórios nas casa de família. A maioria desses turistas possuía renda inferior a R\$ 1000,00. (FJP, 2000, p.106).

²⁴⁶ Por exemplo, os herdeiros da propriedade rural nº 6 da amostragem (mapa 2), apesar de residirem no arraial de Ibitipoca, estabelecem cultivos anuais no Sítio das Pitangueiras. Em 2007, produziram safras de 5500kg de milho e 200kg de feijão.

Graziano da Silva (1997, p.2-3)²⁴⁷, no sentido de afirmar que a *pluriatividade* do trabalho seria o indicativo, a sentença a revelar que o camponês não mais poderia assegurar a sua reprodução como tal?

O fato é que a reestruturação da esfera produtiva não se processa em bloco. Os prestadores de serviço em turismo que ainda mantêm seus espaços de cultivo agrícola carregam consigo os sentidos atribuídos à dinâmica camponesa outrora dominante – expressando e reconstruindo estratégias de reprodução social intercaladas entre a adaptação/conformação e a resistência face aos mecanismos de expansão do capital no campo.

No meu modo de pensar eu gosto do turista, porque senão nós aqui vivia numa pobreza feia na Ibitipoca, não é? Porque eles traz dinheiro e deixa... Por exemplo: chega aí no feriado aí e deixa mais de trezentos mil real aí né... numa semana santa, carnaval. Esses trezentos mil gerou emprego pra muita gente que não ganhava o que eu ganho né. O cara tem pousada, chama duas, três mulher daqui pra ir lá limpar, fazer café, né... então ajudou o lugar demais o turismo. Trouxe coisa ruim e coisa boa, né. Aí dividiu, ficou igual, né.

(ajudante de serviços gerais, 52)

Nesse relato, o sujeito – um ex-agricultor que vendeu suas terras para viver da prestação de serviços em turismo, no arraial – lança mão de argumentos econômicos para justificar os eventuais benefícios que a atividade turística teria conferido a Ibitipoca, elencando, ainda, os motivos que o levam a condescender e a se amoldar ao novo contexto produtivo: *“Eu gosto do turista[...] porque ele traz dinheiro e deixa”*. Nessa conjuntura em transição, acentuam-se as oscilações dos diferenciais de poder econômico, cujos movimentos individuais e coletivos se deslocam em face das novas estratégias e ocasiões. O mercado de trabalho afirma-se então como equalizador dos conflitos sociais (maior competição entre “nativos” e “forasteiros”), à medida que o poder político-econômico é redistribuído no “processo” – conformando os interesses antagônicos entre diferentes grupos que disputam os recursos disponíveis naquele espaço.

A atribuição de sentidos simbólicos à agricultura contrasta assim com o viés funcional-objetivo associado à nova cadeia produtiva. Embora haja uma hipertrofia da esfera econômica em relação aos demais domínios funcionais, não se pode recorrer à simplificação dos fatos observáveis em Ibitipoca, tampouco reduzi-los às rubricas do econômico e do material. Esse conjunto de bens materiais e imateriais produzidos pelos homens e mulheres que participam da produção de outros bens

²⁴⁷ “... ele não é mais de um agricultor ou pecuarista: ele combina atividades agropecuárias com outras atividades não agrícolas, dentro ou fora de seu estabelecimento, como lazer, turismo, conservação da natureza, moradia e prestação de serviços pessoais” (SILVA, 1997, p.2-3).

tangíveis e intangíveis (basicamente, serviços e equipamentos turísticos) faz com que vida, espaço e coisa se confundam na trama social que envolve a complexa e diacrônica transição entre o setor primário e o terciário.

Na cadeia produtiva do turismo em Ibitipoca, são detectáveis resíduos das relações de produção assentadas em formas não capitalistas, em que sobressaem relações informais de trabalho familiar como algo funcional à reprodução do capital. Nesta pesquisa, 29,6% da mão de obra dos empreendimentos turísticos amostrados constituem-se pelas relações não monetárias de produção, pautando-se, pois, na exploração do trabalho familiar não remunerado. É o que revela a Tabela 9.

Dos trabalhadores celetistas²⁴⁸ apresentados, 58,1% são provenientes das unidades camponesas de produção de Ibitipoca (“nativos”), ao passo que o restante (41,9%) é composto de pessoas que migraram de cidades próximas como Juiz de Fora, Santana do Garambéu ou Lima Duarte – muito embora a amostra abranja trabalhadores procedentes de outros Estados. Contudo, ainda que a maioria dos empregados com vínculo formal de trabalho seja proveniente das famílias camponesas do entorno do Parque, a média salarial desse grupo é de apenas R\$430,00. Já os trabalhadores em turismo que provém de outros lugares (“forasteiros”/migrantes) alcançam média salarial de R\$ 547,70 – um acréscimo monetário de 27% em relação aos trabalhadores “nativos”.

²⁴⁸ Neologismo; “que ou quem tem vínculo empregatício regido pela CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas brasileira.” HOUAISS eletrônico 2009.

TABELA 9

Caracterização do pessoal ocupado nos meios de hospedagem e estabelecimentos comerciais amostrados em Ibitipoca – 2007

| Estabelecimento | Membros ocupados por estabelecimento | | | | | | | | | | | | |
|-----------------|--------------------------------------|-----------|-------------------|-------------------|--------------|--------|---------|---------|------|--------------|--------------------------|--------------|----------------|
| | Tipo de vínculo ocupacional | | Faixa etária | | Escolaridade | | | | | | | | |
| Nº amostragem | Tipo de Estabelecimento | Celetista | Trabalho Informal | Trabalho Familiar | TOTAL | 0 a 20 | 21 a 40 | 41 a 60 | > 60 | Até 4ª série | Ensino Fundam. (8ªsérie) | Ensino Médio | Curso Superior |
| 01 | Pousada | 3 | 2 | - | 5 | - | 3 | 2 | - | 3 | 1 | 1 | - |
| 02 | Bar | - | 2 | - | 2 | - | 2 | - | - | - | - | 2 | - |
| 03 | Hotel | 8 | 3 | 6 | 17 | 2 | 11 | 3 | 1 | 8 | 2 | 7 | - |
| 04 | Pousada | 1 | 1 | - | 2 | - | 2 | - | - | - | 1 | 1 | - |
| 05 | Pousada/Camping | 2 | 2 | - | 4 | 2 | 2 | - | - | - | 1 | 3 | - |
| 06 | Pousada/Restaurante | 1 | - | - | 1 | - | 1 | - | - | - | 1 | - | - |
| 07 | Pousada | 2 | 1 | - | 3 | - | 3 | - | - | 1 | - | 1 | 1 |
| 08 | Pousada | 3 | 1 | 2 | 6 | - | 4 | 2 | - | 3 | 2 | 1 | - |
| 09 | Restaurante | - | 1 | 2 | 3 | - | 3 | 1 | - | - | 1 | 2 | - |
| 10 | Bar e Restaurante | - | - | 1 | 1 | - | - | 1 | - | - | - | 1 | - |
| 11 | Hotel | 9 | 5 | - | 14 | 2 | 10 | 2 | - | 6 | 2 | 6 | - |
| 12 | Pousada | 2 | - | - | 2 | 1 | 1 | - | - | - | 2 | - | - |
| 13 | Restaurante/Camping | - | - | 2 | 2 | 1 | - | 1 | - | 1 | - | 1 | - |
| 14 | Pousada | - | - | 2 | 2 | - | - | 2 | - | - | - | 2 | - |
| 15 | Lanchonete/Padaria | - | - | 4 | 4 | 1 | 1 | 2 | - | 2 | - | 2 | - |
| 16 | Pousada | - | 1 | 2 | 3 | 1 | 1 | 1 | - | 1 | 1 | 1 | - |
| | TOTAL | 31 | 19 | 21 | 71 | 10 | 44 | 15 | 2 | 25 | 14 | 31 | 1 |
| | PERCENTUAL | 43,7% | 26,8% | 29,6% | 100% | 14,1% | 62% | 21% | 2,8% | 35,2% | 19,7% | 43,7% | 1,4% |

Fonte: Dados de Campo – 2007. Elaborado por: BEDIM, B. P.

Dentre os “nativos”, o grau de escolaridade dominante é o 1º grau completo. As camareiras e cozinheiras possuem, predominantemente, a 4ª série primária, assim como os jardineiros e auxiliares de serviços gerais. Do total de funcionários amostrados, 54,83% são mulheres. Nos estabelecimentos em que elas operam, a execução das tarefas exige certa versatilidade no desempenho dos serviços. Uma camareira, por exemplo, deve saber também cozinhar; assim como é exigido de uma cozinheira que ela saiba estender cama e faxinar as unidades de hospedagem. Entretanto, essas funções exercidas nesses estabelecimentos estão longe de atingir o grau de multifuncionalidade que a dona de casa desempenha no âmbito da unidade camponesa de produção.

Dentre os trabalhadores provenientes do tradicional núcleo camponês de Ibitipoca, há ainda um considerável contingente de pessoas que não possui vínculo empregatício formal. Vivem, pois, da prestação de serviços aleatórios e são remunerados por hora trabalhada (diaristas). O valor dessas diárias oscila entre R\$15,00 e R\$20,00 para as mulheres e entre R\$16,00 e R\$25,00 para os homens, por dia de serviço, cuja jornada às quais são submetidos pode variar entre 8 e 10 horas. Quando se trata de serviços esporádicos que demandam poucas horas no trabalho, esses prestadores de serviço recebem, em média, R\$2,50 por hora nas tarefas.

Os membros ocupados que procedem do campo – apesar de receberem uma remuneração inferior em relação aos demais funcionários – conseguem acumular uma parcela maior dos honorários recebidos em relação àqueles outros, já que o custo da reprodução de sua força de trabalho é reduzido em função de dois fatores principais:

i) Produzem parte do que necessitam para a subsistência, minimizando assim o dispêndio de recursos para com a alimentação;

ii) Possuem padrões menos sofisticados de consumo.

A diferenciação na estrutura ocupacional alterou significativamente alguns aspectos da organização social comunitária, introduzindo uma nova ordem competitiva e diversificando as estratégias de reprodução social. Contudo, a inserção de ocupações rurais não agrícolas ligadas à prestação de serviços em turismo paulatinamente reestrutura a esfera produtiva local sem, no entanto, extinguir antigos significados da dinâmica agrária outrora predominante. A família continua a desempenhar importante função socioeconômica, e as antigas relações de parentesco e compadrio são utilizadas como referência no recrutamento da força de

trabalho empregada no turismo. As representações geradas no período anterior encontram-se impregnadas de significado, e parecem reviver na memória daqueles que as experimentaram: o jongo, por exemplo, apesar de não ocorrer mais, congrega atual valor simbólico.

Em certo sentido, o turismo intensificou o contato dos “nativos” com “o mundo lá fora”. Com o dinheiro proveniente da nova atividade, os ibitipoquenses ampliaram o acesso aos meios de comunicação de massa, às leis, aos direitos e à informação de um modo geral. Adquiriram televisão, videocassete, antena parabólica, etc. Tal alargamento dos horizontes comunicativos trouxe consigo outros efeitos e conquistas: dentre eles, é apontada a previdência social – segundo relatos, até a década de 1980 eram raros os camponeses que pagavam algum tipo de contribuição previdenciária. Contudo, alguns aposentados ibitipoquenses resistem em confrontar positivamente esse benefício, atribuindo-lhe o fato de muitos jovens “viverem às custas” da aposentadoria dos pais, ao invés de trabalharem na lavoura: “Uma coisa que atrapalhou muito também foi a ajuda nacional, o tal do benefício: tem muita gente à toa aí, rapaz, nego à toa, custa o pai tratando nessa parte aí” (lavrador aposentado, 79). O mesmo entrevistado reclama que os jovens se esquivam das ocupações agrícolas e, no seu ângulo particular de análise, considera um “exagero” a remuneração que aqueles recebem quando da prestação de serviços em turismo:

A mão de obra rural não tem. E hoje a agricultura a homem, a puxar enxada, nunca mais produz nada.[...] Oh, o jovem depois que estudou, que pega escola, fica lá pra rua [arraial] caçar emprego. Não querem pegar o serviço pesado não. Lá [na vila] fica vagabundando... Os turista dá serviço pra eles, manda fazer uns aterro, capinar, uma coisa assim... paga bem, um exagero.

(lavrador aposentado, 79)

Os mais jovens, seduzidos pelas “facilidades” das novas ocupações suscitadas pelo turismo, abandonaram quase que por completo as atividades da lavoura²⁴⁹. Algumas hipóteses: i) Como o perfil dos turistas que visitam a serra é composto predominantemente de jovens²⁵⁰, não demorou muito para que as gerações correspondentes de “nativos” absorvessem alguns de seus hábitos, costumes e modismos, os quais eram dissonantes daqueles da Ibitipoca eminentemente camponesa de outrora; ii) O turismo possibilitou-lhes maior acesso ao trabalho assala-

²⁴⁹ Nesse sentido, Resende (2006) sinaliza que o advento do turismo trouxe novas perspectivas para a comunidade, atingindo diretamente os jovens, “que nos dias atuais não precisam mais deixar sua comunidade em busca de emprego ou mesmo trabalhar na lavoura, como vinha acontecendo anteriormente”.

²⁵⁰ Segundo pesquisas da Fundação João Pinheiro, em 2000, os turistas na faixa etária entre 16 e 30 anos somavam 58,57% do total de turistas de Conceição de Ibitipoca (FJP, 2000, p.100).

riado, o qual “permite uma acumulação individual que torna-se o símbolo da autonomia, principalmente para os jovens, em relação à autoridade familiar”²⁵¹.

Tendo em vista que muitas unidades camponesas de produção liberaram mão de obra para a nova esfera produtiva, gerou-se uma subsequente carência de braços aptos a trabalharem na lida da roça – já que a contrapartida monetária do turismo, num dado momento, se apresentou mais vantajosa para as novas gerações, além de os serviços prestados exigirem menos esforços físicos: “Eles [agricultores] são prejudicados pelo turismo por causa da parte do salariado, porque o turismo faz um salário muito superior ao do lugar”²⁵², muito mais que eles ganham aqui na roça”. Um outro entrevistado confirma tal tendência, expondo que os trabalhadores da agropecuária estão em condições de desvantagem em relação aos que se deslocaram para a atividade turística – já que esta lhes provém de melhores remunerações:

Ele dá valor pro meu suor, né, o turista. A agricultura já é mais exploradora, o turismo não. Você vai trabalhar pro fazendeiro lá o cara fala: “Ah, te pago mais do que cinco não; dez real, se quiser”. Então tipo assim: desaforo! O turismo já faz aqui um carinho: o cara manda eu capinar o lote ou a pousada dele e eu capino, ele me dá uma gorjeta fora daquilo que eu ganhei, né. Então eu dou mais valor nessa parte ao turista.

(ajudante de serviços gerais, 52)

Em abril de 2007, o preço médio da diária paga a um trabalhador agrícola estava em torno de R\$ 12,00. Aliás, entre os meses de abril e outubro – período de entressafra na Serra – é que esses trabalhadores rurais são requisitados para a tarefa de roçar pasto – já que nos demais meses eles se ocupam nas tarefas de plantio e colheita de suas próprias roças. A escassez de mão de obra agrícola em Ibitipoca chegou ao ponto de gerar emprego para os camponeses das localidades de Rancharia e Moreiras (ver mapa 2), de onde muitos trabalhadores rurais são atraídos.

Consequentemente, conformou-se uma irônica circunstância na estrutura ocupacional local: mediante a escassez de força de trabalho necessária à manutenção da produção agropecuária, a captação de mão de obra agrícola tornou-se algo raro e requisitado. Como no capitalismo, quanto mais raro mais dispendioso é algo, a força de trabalho rural chega a atingir, em alguns períodos do ano, uma cotação de preços maior que a do turismo. Estimados por essa conjuntura anômala, os poucos proletários rurais disponíveis na região assistiram à demanda pelo seu trabalho aumentar significativamente à medida que as unidades camponesas de produção

²⁵¹ Carneiro *apud* Rodrigues (2001, p.60).

²⁵² Lavrador aposentado, 79. No contexto de sua fala, a expressão “salário do lugar” se refere à remuneração paga aos trabalhadores rurais inseridos em ocupações agrícolas.

não repunham os seus quadros de trabalho familiar. **Essa brecha ocupacional não preenchida pela força de trabalho das novas gerações de camponeses se apresenta assim como um dos principais fatores de estrangulamento das forças produtivas agrícolas em Ibitipoca.**

Os dados da tabela a seguir expressam o aumento da complexidade da divisão do trabalho, e, ainda, uma maior diferenciação ocupacional entre os jovens de Ibitipoca. Demonstram também fragmentos empíricos da composição econômica atual, em que as mudanças no processo intergeracional, diante da reestruturação da esfera produtiva, encontram-se articuladas com a escolarização das camadas médias rurais. Dos jovens listados abaixo, muitos já nasceram nesse contexto turístico e cujos pais advêm dos ramos familiares que venderam suas terras na década de 1980, reagrupando-se espacialmente no arraial de Conceição de Ibitipoca. Outros, porém, são provenientes das atuais unidades camponesas de produção que ainda resistem no entorno do Parque (29%). Dos 17 pesquisados, apenas um jovem de 18 anos permanece no trabalho agrícola.

TABELA 10
Ocupação profissional dos jovens que concluíram o ensino médio (2006) na escola pública de Conceição de Ibitipoca (MG)

| Sexo | Ocupação atual – jul.2007 | Ocupação anterior |
|-------------|--|--------------------------|
| M | Servente de pedreiro | Jardineiro e Agricultor |
| M | Servente de pedreiro | Agricultor |
| M | Servidor militar (Exército) | Agricultor e Retirante |
| M | Desempregado | Serviços Gerais/Pousada |
| F | Idem | Não trabalhava |
| F | Idem | Não trabalhava |
| F | Proprietária de bar | Comerciante |
| M | Agricultor | Agricultor |
| F | Secretária da AMAI | Não trabalhava |
| F | Restauradora/Recuperação do acervo patrimonial da Igreja setecentista de Ibitipoca | Trabalho doméstico/roça |
| | Restaurador/Recuperação do acervo patrimonial da Igreja setecentista de Ibitipoca | |
| M | Restaurador/Recuperação do acervo patrimonial da Igreja setecentista de Ibitipoca | Não trabalhava |
| F | Cozinheira de pizzeria | Não trabalhava |
| M | Garçom | Recepcionista/Pousada |

| | | |
|---|---|-------------------------|
| M | Estudante/cursinho pré-vestibular/Juiz de Fora | Serviços Gerais/Pousada |
| F | Idem | Garçonete |
| F | Idem | Camareira |
| M | Idem | Serviços Gerais/Pousada |

Observação: Faixa etária média dos ex-alunos: 18,5 anos

Fonte: Dados de Campo, 2007. Elaboração: BEDIM, B. P.

A nova atividade, por sua vez, exige dos moradores aprimoramento, especialização das tarefas funcionais e profissionalização do atendimento – o qual deve tender à padronização, com vistas a acolher uma demanda turística cada vez mais exigente:

Com essa vinda do turismo, a gente teve que começar a se profissionalizar, aí começou ao longo desse tempo... começamos a arrumar a pousada porque o público era cada vez mais exigente [...] porque o público que vinha começava a exigir. E foi esse público que foi transformando Ibitipoca.

(dona de pousada, 42)

Essas transformações na estrutura de trabalho pela inserção de ocupações não agrícolas engendraram uma série de mudanças na dinâmica social local. O cotidiano, aos poucos, se distancia daquele modo de vida marcado pelas relações intensas com os fenômenos cíclico-naturais e estratégias de uso destes. O tempo de trabalho é então ditado a partir do tempo de não trabalho dos turistas. Esse tempo, no turismo, equivale ao tempo de produção (prestação de serviços imediatos) e encontra-se condicionado à sazonalidade da demanda, já que se distribui irregularmente ao longo do ano (concentração do fluxo em determinadas épocas). De calendário agrícola ao calendário turístico: se, por um lado, os lavradores guiam suas ações pela observação das estações do ano²⁵³ e das fases da lua, por outro lado o “calendário turístico” é que tende a conduzir o tempo de trabalho. Um simples feriado municipal em cidades como Rio de Janeiro ou Juiz de Fora é suficiente para levar milhares de turistas à Serra.

²⁵³ As estações do ano, nesse contexto, remetem à observância da época mais propícia ao plantio ou à colheita, de acordo com alternância entre períodos chuvosos ou “secos”.

4.1.2 A DIALÉTICA DAS CHUVAS

Conforme abordado no Capítulo 2, as circunstâncias de existência do campesinato na Serra incorporam a observância das condições climáticas – as quais indicam a época mais propícia ao plantio ou à colheita, de acordo com a alternância entre períodos chuvosos ou “secos.” O camponês de Ibitipoca é um sujeito que desde a infância aprende a interpretar os sinais espaço-temporais do ambiente em que vive e os códigos da terra em que trabalha. No seu cotidiano rural, as chuvas estão atreladas a representações simbólicas cíclicas, donde os acontecimentos naturais e sociais orientam as ações humanas – assim como as estações do ano, fases da lua, estiagens, florescências, etc.

Com o advento do turismo, porém, a chuva é até mesmo preterida²⁵⁴ pelos ibitipoquenses que trabalham nessa nova atividade econômica, uma vez que o barro costuma interditar a principal via de acesso dos turistas à Serra – uma estrada de chão em precário estado de conservação. Mediante tais constatações, pode-se inferir que, em Ibitipoca, o **setor produtivo do turismo revela menor adaptabilidade do homem ao meio** (Ex: Se chover, o carro do turista não sobe a Serra. Logo, a população local que presta serviços para os turistas se vê prejudicada em termos econômicos).

Essa “dialética do tempo” tem ainda como agravante o fato de Ibitipoca possuir um dos maiores índices pluviométricos do sudeste brasileiro (DNAE/FJP, 2000, p.46). As alturas pluviométricas mensais em Conceição de Ibitipoca (1941/2000) alcançam precipitações de 296,2mm no mês de janeiro – coincidentemente, o período de férias em que a demanda pela visita tenderia a aumentar. Ou seja: as férias de verão coincidem com o período mais chuvoso do ano (dezembro a fevereiro), quando atingem-se percentuais de 51% do total anual de precipitações. Portanto, em Ibitipoca, os maiores índices de visita são inversamente proporcionais à incidência de chuvas: quanto mais chove, menos turistas conseguem subir a Serra. Ironicamente, na agricultura se dá o processo contrário: a probabilidade de se atingir sucesso nos plantios aumenta à medida que as precipitações pluviométricas atingem os seus mais altos níveis.

Os turistas trazem consigo na bagagem o capital oriundo dos grandes centros urbanos²⁵⁵, o qual provoca seu efeito multiplicador na economia local. Dessa forma, o tempo de trabalho da comunidade autóctone passa a ser ditado por fatores externos, criando uma relação de maior dependência para com a economia

²⁵⁴ Em Ibitipoca, o desvio pluviométrico médio em relação ao normal é bastante discreto, oscilando entre 10 e 15%. Fonte: DNAE/ FJP (2000, p.46).

²⁵⁵ Pesquisas da Fundação João Pinheiro (2000) indicam que cerca de 44,6% dos turistas de Conceição de Ibitipoca são provenientes de capitais brasileiras, enquanto que apenas 2,8% são originários de zonas rurais.

urbana – uma vez que os turistas provenientes das cidades precisam visitar e consumir o espaço rural.

Tais constatações empíricas revelam ainda maior inadaptabilidade do homem ao novo contexto, já que, ao contrário do agricultor, os que vivem do turismo ainda não superaram as limitações impostas pelas condições climáticas – já que uma simples chuva pode se tornar, subitamente, um fator transitório impeditivo do fluxo turístico e, conseqüentemente, da geração de divisas. As precipitações chuvosas tornam-se então um obstáculo à expansão das forças produtivas turísticas, o qual só será parcialmente superado com a implantação de vias pavimentadas de acesso à Serra. Mesmo assim, quando da incidência de chuvas ou dias nublados, os turistas hesitam em se deslocar para Ibitipoca – já que um dia ensolarado torna-se um fator fundamental para os banhistas.

Aos camponeses que deixaram suas terras e se aglutinaram no arraial de Conceição de Ibitipoca para viver da prestação de serviços em turismo, o grau de previsibilidade sobre suas vidas é cada vez menor. Fatores que escapam ao controle humano imediato – como as chuvas e a sazonalidade da demanda turística – se traduzem como repercussões não planejadas no curso do devir, e, em certo sentido, expõem fragmentos empíricos a revelar a não intencionalidade da história.

Para um jovem que já nascera no contexto turístico, a problemática das chuvas se apresenta como um fator fundante da distinção entre a agricultura e o turismo.

Eu nem tive a oportunidade de trabalhar na lavoura. Os meus antepassados mexiam com a roça, mas a minha geração, o meu pai e a minha mãe já viram o turismo acontecer. Eu já tive um outro caminho, mas eu acho a agricultura uma área boa. Pra quem não tem dinheiro pra investir, o jeito é continuar na roça mesmo. **Chovendo ou não, o leite vai. Nessas férias de janeiro, ninguém fez nada em Ibitipoca, ninguém ganhou dinheiro: foi chuva direto e o turista não veio.** Mas na agricultura sempre tem um que quer. Porque a agricultura, queira ou não, se chover ou se der sol o caminhão não deixa de ir lá pegar o leite não. Agora, o turismo é uma coisa complicada: se chover, não vem ninguém! Então ainda tem gente com o pé bem enterrado na agricultura... porque a agricultura eu acho uma área muito boa.

(garçom e balconista, 18)

O milho crioulo sem agrotóxico, o qual é cultivado em 96,67% das unidades camponesas amostradas, é a expressão de maior controle dos meios de produção na esfera produtiva agrícola. Já a demanda turística, com baixo grau de previsibilidade (alta sazonalidade), sinaliza um elevado grau de interdependência do contexto urbano.

Em certo sentido, a complexidade inerente à sofisticação alcançada pela atividade turística torna o homem mais dependente das novas tecnologias, de forma

a manter a satisfação de suas necessidades secundárias (o ato de viajar e consumir paisagens e culturas via deslocamento voluntário). A noção de complexidade ora exposta refere-se ao fato de que o camponês de Ibitipoca detém maior controle sobre o seu próprio destino do que o empreendedor urbano que se deslocou para a Serra e lá realiza investimentos relacionados ao turismo.

A mudança do foco da economia atingiu inclusive aspectos da religiosidade local. Como os picos de visitação coincidem com as épocas das maiores celebrações religiosas do calendário católico (Semana Santa, Corpus Christi e Natal, etc.), houve uma redução da margem de tempo disponível às práticas culturais²⁵⁶. Nas datas e horários em que, por tradição, os “nativos” se dedicariam aos cultos lúdico-religiosos, grande parte da população de Conceição de Ibitipoca está voltada para o atendimento ao turista. A igreja, aos poucos, deixa de ser o centro da órbita social. Um morador aponta que o turismo teria corroborado para desviar a atenção dos ibitipoquenses para com a religião:

O turismo veio trazendo coisas que chamou a atenção e tirou a atenção da igreja, entendeu? Anos atrás a única tendência aos domingos era a missa [...] e todos os dias tinha o terço: todos os comerciantes fechavam a venda e vinha assistir o terço. A igreja enchia de gente [...] porque era o que tinha, então chamava a atenção. [...] Os velhos foram morrendo, as velhas foram morrendo e os novos não foram chegando. Então sofreu um abalo, um impacto. Aqui a religiosidade sofreu um abalo, e eu vejo dificuldade...

(produtor rural aposentado e dono de um camping, 73)

Em relação à apropriação do artesanato local pelo turismo, dentre os principais produtos vendidos figuravam as tradicionais colchas, tapetes e bolsas produzidas no tear manual²⁵⁷ – o que provocava uma ressignificação dos valores atribuídos ao artesanato típico²⁵⁸, muito embora essa valorização partisse de agentes externos à comunidade (turistas), elevando assim a estima das artesãs. Porém, há três anos, a última “tecedeira” encerrou suas atividades; ela ainda se orgulha de ter vendido peças para turistas das mais variadas partes do mundo, apesar de lamentar o fato de, nos últimos anos, os turistas terem perdido o interesse por suas peças:

²⁵⁶ Vale lembrar que o jongo, por exemplo, apesar de estar vinculado ao trabalho da lavoura, ao mesmo tempo representava uma prática cultural local.

²⁵⁷ O tear é bastante tradicional em Ibitipoca. Em 1787, um inventário dos teares no distrito aponta a existência de vinte e três teares manuais “de uso comum e familiar” (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO *apud* IEF; BRANDT; 1994). Atualmente um projeto de resgate dessa tradição encontra-se em andamento, o qual envolve a participação e o treinamento de meninas da comunidade.

²⁵⁸ Alguns utensílios do artesanato local vinculados à prática agrícola deixaram de ser confeccionados na atualidade. O balaio de taquara, por exemplo, de fabricação artesanal, servia para carregar milho durante a colheita. Seria oportuno utilizar o turismo como fator mediador para o resgate dessas tradições.

Eu parei [de tecer] por causo de saúde, causo de bronquite e também já não tem mais aquela ideia que tinha que turismo²⁵⁹ era louco causa de tear, queria comprar, queria levar... Eu tenho colcha nos município todo. [Os jovens] não têm a ilusão mais de aprender serviço de tear, sabe...porque o tear é um serviço braçal, pesado... então ninguém mais quer esse serviço, essas mocinha nova hoje em dia elas quer é serviço fácil. Porque o serviço de tear é mesmo que um serviço...é um serviço rural, né. Então hoje em dia aí eu já fui parando com isso, também a gente não tava encontrando fio, já o turismo já não comprava mais como era comprado e... pronto acabou. E eu também tava com muito bronquite então eu resolvi ranquei ele, porque o pó do fiado dá, né... Toda tecedeira antiga tem bronquite.

(dona de casa aposentada, ex-tecedeira, 65)

Como expoentes do artesanato, existe ainda um escultor – artefatos em madeira – que há oito anos está radicado no distrito, bem como um casal que elabora esculturas em papel machê²⁶⁰. Os outros tipos de artesanato atualmente comercializados em Ibitipoca são provenientes de outras regiões do país como Espírito Santo, Tiradentes, Congonhas do Campo, Lagoa Dourada, etc.

Tendo em vista que o atendimento ao turista é um serviço produzido e consumido ao mesmo tempo – o que demanda mais dedicação e mão de obra para atender a essas necessidades – é observável a dedicação quase que integral dos prestadores de serviços em dias de feriado prolongado. Nesse sentido, Rodrigues (2001, p.60) aponta para a “especialização não agrária do trabalho”. Isso, contudo, reduz a margem de tempo disponível às práticas culturais²⁶¹, uma vez que os picos de visitação coincidem com as épocas das típicas manifestações culturais.

Com o advento do turismo, o período de trabalho é determinado a partir dos quadros temporais do universo urbano. Consequentemente, a produção local encontra-se subordinada ao ritmo das esferas produtivas das grandes metrópoles. Tem-se, pois, ritmos diferenciados da experiência do tempo de trabalho. Para Inskeep (*apud* COOPER *et al.*, 2001, p.208), a magnitude dos efeitos socioculturais do turismo vincula-se ao “grau de diferenciação das características dos anfitriões e visitantes”, incluindo o sentido de organização do tempo. No caso de Ibitipoca, os agentes entrevistados apontaram haver certa discrepância entre a temporalidade dos moradores do lugar e a dos turistas, como se estes reproduzissem uma temporalidade acelerada, o que influenciaria diretamente no cotidiano da comunidade.

Ah, antigamente era mais tranquilo, né. [...] Tenho saudade... porque a gente

²⁵⁹ Os moradores mais antigos costumam utilizar a palavra “turismo” para se referir aos turistas.

²⁶⁰ É válido registrar que os atuais artesãos do distrito, apesar de serem provenientes de outras localidades, esculpem ícones identificados com a cultura e a paisagem local, como lobos-guarás, bugios, macacos-sauás, onças, carros de boi, cachoeiras, plantas típicas, etc.

²⁶¹ Vale lembrar que o jongo, por exemplo, apesar de estar vinculado ao trabalho da lavoura, ao mesmo tempo representava uma prática cultural local.

vivia naquela paz louca, né... **e o negócio de turismo é muito corrido, né...** Já trabalhei muito em pensão, trabalhei na pensão da minha irmã quas quatro anos, trabalhei na pensão da sobrinha ali assim também... e o negócio é muito corrido, sabe.

(dona de casa aposentada, ex-tecedeira, 65)

Acrescentar-se-ão a todas essas colocações as alterações observadas nos padrões de consumo da população do arraial de Conceição de Ibitipoca: o maior contato com os turistas fez com que se absorvessem aspectos típicos do estilo de vida urbano, gerando-se a demanda por maior consumo de produtos provenientes da cidade.

Concomitantemente, os relatos dos moradores indicam que o turismo provocou uma possível elevação de seu custo de vida²⁶² – os alimentos comercializados localmente ficaram mais caros, atingindo diretamente os “nativos” e forçando muitos deles a estabelecer espaços de cultivo novamente. Esse fator talvez tenha contribuído para evitar que Ibitipoca estabelecesse o desenvolvimento de uma “monocultura turística”²⁶³.

Aqui tem muita gente vivendo do turismo. Essas pensão, esses hotéis, essas coisa assim só utiliza, só tem renda depois que recebe os turismo vem aí nos feriado e vai embora, compreendeu? Não tem outro meio de vida. Então se acabar o turismo o empate, o investimento que eles fez desvaloriza, volta, perde o valor e não tem mais valor, eles não têm manutenção, não tem meio de vida... não tem ninguém que quer plantar.

(lavrador aposentado, 79)

No relato anterior, o sujeito se reporta às famílias dos então camponeses e que hoje estão exclusivamente imersas na cadeia produtiva do turismo. Nesse sentido, uma alternativa razoável seria a diversificação de seus meios de produção, aliando o turismo e a produção agrícola como atividades complementares, não concorrentes – estratégia comumente adotada por muitos prestadores de serviço em turismo. Outrossim, pelas observações de campo supõe-se que o turismo fez surgir um estrato intermediário emergente, composto por alguns “nativos” empreendedores que “subiram na vida”, os quais alcançaram algum sucesso com seu próprio negócio, seja uma pequena pousada, restaurante, bar, *camping* ou sorveteria.

Contudo, a herança do antigo sistema de produção agrícola ainda deixa seus resquícios, muito embora as mudanças resultantes do turismo induzam alguns dos antigos agricultores a deixar de se comportar de modo ratificado pelo tempo. As tradições rurais insistem em permanecer na memória daqueles que as

²⁶² Dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Lima Duarte indicam que a renda familiar média em Conceição de Ibitipoca é de R\$350,00.

²⁶³ Expressão utilizada por Krippendorff (2003).

vivenciaram, o que alarga os horizontes da reestruturação da esfera produtiva ora descrita, vinculando-a a inúmeros traços diacrônicos de caráter político, sociocultural, territorial e econômico.

Mesmo que o fenômeno (agricultura) que provocou a ação (cultura camponesa) seja extinto materialmente de suas vidas, o sentido da ação ainda continua ali, agindo no plano simbólico. A forma de manifestação do *ethos da terra* é assim contraditória; múltipla; variada – não congrega formas “puras”. Muitas famílias que hoje vivem do turismo ainda estabelecem cultivos anuais; mas há também famílias autóctones que residem no arraial e não plantam mais. Mesmo para estas, os significados gerados num período anterior prosseguem incidindo em suas vidas – ainda que não se façam materialmente perceptíveis.

4.2 REMINISCÊNCIAS DA TERRA

Os trabalhadores que atualmente vivem do turismo e, concomitantemente, estabelecem espaços de cultivo agrícola não o fazem apenas por necessidade material imediata, mas para lembrar a si mesmos que ainda são camponeses: a agricultura perde em sua função econômica, mas amplia sua significação identitária; o conteúdo simbólico gerado num momento pretérito não se esvai. Ao contrário, os sentidos de sua prática se recompõem em novos termos: “a gente planta porque nasceu pra plantar; nasci e vou morrer plantando; sou lavrador, o viver nosso é plantar”.

Mutatis mutandis, essa lógica não destoa do movimento observado por Eliane Paulino (2006), no sentido de que o acesso à técnica ou às novas formas de produção não dissolve o sentido de pertencimento camponês. Tem-se, pois, um *ethos* que se revela e desafia; resiste e se conforma em face das artimanhas do capital.

Os camponeses que foram recrutados pelo IEF para trabalhar como guarda-parques ou auxiliares de serviços gerais, por exemplo, quando entrevistados se autoidentificam como lavradores. Entre as funções desempenhadas por esses indivíduos, a que lhes traz maior realização profissional é a capina periódica do aceiro do Parque. “Os funcionários querem trabalhar no horário que trabalhavam na roça. Mas só que, aqui no Parque, eles não podem chegar às 6 horas e parar às 16 horas. Eles gostam de capinar, tudo para eles é enxada. Parece que é cultural isso.” (funcionário (a) do quadro administrativo do IEF, faixa etária 40-60).

Algumas explicações possíveis: o ato de capinar é um ofício culturalmente enraizado entre esses trabalhadores, já que todos nasceram e cresceram na lida da roça. Portanto, a prática da capina é algo que o homem do campo domina e o

que lhe distingue culturalmente; um serviço que desempenham com destreza e precisão. Ademais, a demanda pela manutenção do aceiro do Parque é cíclica, está atrelada ao crescimento da vegetação e sua execução requer o cumprimento de tarefas, empreitadas conjuntas de trabalho – tal qual a capina dos roçados, onde desde criança, aprenderam a trabalhar. Um outro traço diacrônico será analisado a seguir: a família empreendedora.

4.2.1 A FAMÍLIA EMPREENDEDORA E O TURISMO: O TRABALHO FAMILIAR COMO ESTRATÉGIA DE ORGANIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO

Dos meios de hospedagem e estabelecimentos comerciais amostrados, 50% utilizam mão de obra familiar, ao passo que 29,6% do total da força de trabalho constituem-se a partir de relações não monetárias de produção, pautando-se, pois, na exploração do trabalho familiar não remunerado. Trata-se, eminentemente, de pequenos estabelecimentos administrados por famílias que provêm do antigo núcleo camponês de Ibitipoca e que diversificaram suas estratégias de reprodução social vendendo o patrimônio fundiário herdado e aplicando esse capital na nova atividade econômica.

Como não dispunham de capital acumulado na agropecuária, a aquisição de recursos para investimento se deu pela via dos processos especulativos emergentes no final da década de 1980, isto é, a venda de suas terras num contexto em que o *trade imobiliário* promovia a apropriação subversiva da renda da terra²⁶⁴ pelo capital especulativo.

O fato é que, atualmente, na cadeia produtiva do turismo em Ibitipoca, são detectáveis resíduos das relações de produção assentadas em formas não capitalistas, em que sobressaem relações informais de trabalho familiar como algo funcional à reprodução do capital. O fenômeno que os economistas designariam simplesmente de “mercados de trabalho não formalizados”²⁶⁵ pode aqui ser entendido como uma funcionalidade econômica que se realiza no plano simbólico, permitindo ao pequeno empreendedor a acumulação de riqueza a partir de um mínimo de capital disponível.

Como abordado no Capítulo 2, as unidades camponesas de produção em Ibitipoca historicamente se adaptaram à sobrevivência num ambiente com carência de recursos naturais e condições de vida com baixo grau de sofisticação. O mínimo excedente acumulado tinha, pois, um grande significado econômico para aquelas famílias. Essa adequação à “acumulação mínima” tornou-se assim um dife-

²⁶⁴ Em relação à conceituação de renda da terra, ver Martins (2004).

²⁶⁵ Woortmann (1984).

rencial às famílias camponesas que venderam suas terras e investiram no turismo.

Embora a maior parte dessas famílias tenha sido expropriada de suas terras com o advento do turismo e, conseqüentemente, se proletarizado, é possível observar, na Serra, três individualidades históricas que se traduzem como casos de sucesso. Ironicamente, o maior e mais sofisticado meio de hospedagem encontrado atualmente em Ibitipoca pertence a uma família proveniente do campo: agricultores que, na década de 1980, venderam suas terras e investiram o capital arrecadado num pequeno meio de hospedagem. Num contexto em que a terra camponesa se tornava mercadoria a ser especulada, a sua venda possibilitou a obtenção de recursos monetários suficientes para o investimento. Qual o segredo desse negócio? Simples: **a transposição da estrutura de organização do trabalho familiar camponês para a nova esfera produtiva (turismo).**

Com a consolidação do negócio, a família então adquiriu um novo pedaço de terra e lá edificou uma rede de equipamentos turísticos articulados a uma sofisticada cadeia de autofornecimento de produtos agrícolas: possuem suas próprias hortas, pomares²⁶⁶, aviários, tanques de piscicultura e curral. Os próprios membros familiares, além de trabalharem a terra e dela retirar parte do seu sustento, despendem a maior parte de seu tempo de trabalho na prestação de serviços ligados ao turismo no empreendimento familiar. Por conseguinte, produzem leite, frutas, ovos, legumes, queijos, cachaça, aves, trutas e verduras, etc. Uma parte considerável dos alimentos consumidos advém da horta orgânica cultivada nas dependências do próprio espaço produtivo circundante ao hotel²⁶⁷.

O objetivo é que, em curto prazo, todos os produtos utilizados no café da manhã sejam produzidos dentro da propriedade. Hoje, algumas frutas, como uva e mamão, ainda são compradas no mercado. “Pretendemos chegar à autossuficiência e produzir aqui tudo o que necessitamos para o consumo”, ressalta o *empreendedor familiar* que dispensa ser chamado de *empreendedor*.

Em certo sentido, essas contradições são inerentes à própria reestruturação da esfera produtiva na Serra: a nova atividade econômica anexou a família à unidade organizadora dos recursos da força de trabalho, incorporando novas formas de racionalidade ao processo produtivo do “camponês” – que, agora, além de produzir alimentos, oferece serviços que satisfazem os desejos de consumo dos turistas. Por lógica, o atípico empreendimento familiar é, simultaneamente, unidade de produção e de consumo – tanto de produtos agrícolas quanto de serviços turísticos!

²⁶⁶ Tem ainda um pomar com 1600 mudas de espécies frutíferas, abrigando 45 variedades de frutas de regiões tropicais e temperadas.

²⁶⁷ Além do centro equestre e passeios a cavalo, o hotel oferece um pesqueiro com 10 tanques com espécies variadas, destacando-se as trutas.

Sobrepostos espacialmente e articulados em termos funcionais, meios de hospedagem e unidade camponesa de produção se atrelam e se complementam.

Não se trata, pois, de um “elo perdido” entre o turismo e a agricultura, mas de um modo de ser e de viver pautado na estrutura de trabalho familiar que se apresenta como algo funcional ao capitalismo, já que o próprio conteúdo de cultura campesino é apropriado como elemento a agregar valor no atendimento ao turista: “Aqui eles transmitem calor humano na mesa. Em lugar nenhum você vê isso” – observa uma hóspede fluminense. Tudo porque o diferencial competitivo desses estabelecimentos híbridos tem como alicerce o ATENDIMENTO FAMILIAR, o **ethos camponês e sua estrutura familiar de trabalho sendo apropriado como força produtiva**. Mais uma contradição do “Paraíso do Capital”. Dessa forma, o cuidado no preparo de pratos *sui generis*, o tempero que reunido à hospitalidade típica de Ibitipoca agrega valor ao produto turístico local.

...o desenvolvimento capitalista não eliminou outras formas de produção não-capitalistas. Tanto a reprodução – e em algumas situações, a expansão – da produção camponesa como a de formas urbanas de produção doméstica simples de mercadorias foram estimuladas pelo próprio processo de acumulação capitalista. De fato, aquelas formas de produção simples parecem alimentar, de diferentes maneiras, esse mesmo processo (WOORTMANN, 1984, p.69).

Um dos estabelecimentos em questão é o único meio de hospedagem da Serra a oferecer infraestrutura de Hotel Fazenda; um espaço que se apresenta como alternativa de lazer aos turistas que visitam o Parque. Sua estrutura diferenciada não é um simulacro do rural, mas a revitalização do modo de vida da própria família camponesa que havia deixado o campo duas décadas atrás. Eles não representam o cenário de um hotel fazenda, mas antes constituem ali o seu ambiente de vida e de trabalho.

A organização do trabalho familiar, nesse sentido, é capaz de administrar uma considerável cadeia de autofornecimento de produtos e de suprimento alimentar. A produção de alimentos orgânicos além de agregar valor ao portfólio do cardápio é, ainda, fundamental à reposição dos custos de reprodução da força de trabalho familiar e se dá de forma circunsrita ao próprio estabelecimento – perfazendo uma estratégia que permite a acumulação de riqueza a partir dos limitados recursos de que dispunham há 20 anos: Tudo começou quando a apropriação da renda da terra assumiu uma nova funcionalidade à reprodução do capital em Ibitipoca.

Não obstante isso, das propriedades rurais amostradas, as únicas que mantêm alguma interface produtiva com o turismo são aquelas situadas na Várzea do Tanque (Caminho entre a vila de C.I. e o Parque). Três dessas propriedades pro-

duzem e vendem o famoso pão de canela²⁶⁸ aos turistas, uma espécie de pão folhado cuja receita advém dos antigos núcleos familiares de colonos/*agregados* que habitavam a tradicional – e hoje desmembrada – Fazenda do Tanque. Elas possuem ainda áreas de camping, que são geralmente acomodadas nos espaços circundantes à sede dos sítios – terreiros ou pomares.

4.3 CAPITAL ALTERNATIVO, ALTERNATIVAS DO CAPITAL



FIGURA 19 – Híppies de mercado - Foto: Bruno Bedim, abr.2005

Na imagem, uma concorrida área de camping assentada no pomar de um dos sítios da Várzea do Tanque. A alocação desses espaços para os campistas se tornou uma fonte complementar de renda para 3 famílias camponesas que habitam o caminho compreendido entre o arraial de Conceição de Ibitipoca e o Parque. Na Semana Santa de 2007, a ocupação somava 92 barracas, a uma diária média de R\$ 10,00 por campista. Nessas unidades pluriativas, a estrutura de organização do trabalho familiar agrícola é transposta para a prestação de serviços em turismo.

Para o turista de Ibitipoca, a cultura (neo)hippie é hoje apresentada como algo que deve ser consumido, revelando assim a capacidade do capitalismo em subjugar formas resistentes, transformando a pretensa “contracultura” em mercadoria. Tem-se, pois, uma expressão do viés mimético inerente às sociedades capitalistas, em que o dominado compactua com a hegemonia do sistema, apesar de não concordar com ele. Nesse contexto, as coisas não valem pelo que elas são, mas pelo que representam; e os estilos de vida tornam-se simulacros renovados para se venderem novos produtos.



FIGURA 20 – Camping no pomar - Foto: Bruno Bedim, maio 2007

²⁶⁸ Na propriedade rural nº 16 da amostra (Mapa 2), por exemplo, foram produzidos 1050 pães de canela durante o feriado da Semana Santa de 2007. A apropriação do desse pão pelo turismo começou ao acaso, por volta de 1978, quando um grupo de turistas que caminhava em direção ao Parque parou à porta de uma das famílias camponesas do Tanque e pediu algo de comer à matriarca. Após servir café e pão de canela, ela percebeu que os visitantes se entusiasmaram com o quitute, que desde então passou a ser vendido na Serra, empregando principalmente mulheres. A maioria dos ingredientes da receita é produzida dentro do próprio estabelecimento rural (leite, ovos, manteiga e milho). Além de diminuir os custos da produção e agregar valor ao produto final, tal estratégia confere a esses estabelecimentos a sua manutenção como unidades de produção e de consumo.



A venda do tradicional pão de canela a turistas começou por volta de 1978 e, atualmente, ocupa cerca de 20 mulheres em Ibitipoca, algumas das quais o produzem nas propriedades rurais e se organizam a partir do trabalho familiar. A maioria dos ingredientes da receita é gerada no próprio estabelecimento (leite, ovos, manteiga, etc.). Além de diminuir os custos da produção e agregar valor ao produto final, tal estratégia confere a esses estabelecimentos rurais a sua manutenção como unidades de produção e consumo.

FIGURA 21 – Pão de canela produzido em escala comercial - Foto: Bruno Bedim, abr.2007

Em certo sentido, essas imagens contextualizam aquilo que outrora foi exposto pelo próprio Marx (1980): o capitalismo é um modo de produção que contém uma capacidade muito grande de resistir e de se amoldar a diferentes situações; o seu mimetismo é, pois, capaz de incorporar formas resistentes, cujas concessões silenciam eventuais dissonâncias – tendo as metamorfoses da forma o valor, a mercadoria e o universo do consumo como elementos balizadores das tensões sociais.

Exemplo disso é a cultura camponesa de Ibitipoca eventualmente assimilada como “produto turístico” a ser fotografado pelo turista e/ou reproduzido como simulacro na decoração das pousadas –, ou ainda, os ícones da pretensa contracultura dos (neo)hippies de Ibitipoca que possuem suas próprias grifes e linhas sofisticadas de “indumentária alternativa”, produzindo e vendendo em série suas bijuterias e vestimentas da “moda paz e amor”. Além disso, os próprios festivais de música que compõem o atual calendário de eventos da Serra possuem suas contradições – como o famoso *Ibitireggae*, evento anual que chega a atrair milhares de pessoas para a Serra: a massa rastafári e seu respectivo potencial de consumo.

Em Ibitipoca, nem a esfera da “conservação ambiental” se esquivava de ser fetichizada – mesmo que sob as rubricas da irreverência – como mercadoria reproduzível. Camisas e bonés produzidos em série exibem na estampa a imagem de um lobo-guará “moderninho” – um animal caricaturado, de face malandra, aparentemente bêbado e que segura nas mãos um cigarro de maconha e uma garrafa de conhaque – evidência empírica da apropriação mercadológica de uma espécie-bandeira que, por possuir apelo imagético carismático, é incorporada como símbolo de *marketing* no intuito de atrair e satisfazer as necessidades de consumo de um público específico, sob a chancela do “ecologicamente (in)correto” e do “naturalmente alternativo”.

4.4 TRAÇÃO E ATRAÇÃO PELOS CAMINHOS DA ROÇA



FIGURA 22 – Tração nas quatro patas I - Foto: Bruno Bedim, mar./ago. 2007



FIGURA 23 – Tração nas quatro patas II - Foto: Bruno Bedim, mar./ago. 2007



FIGURA 24 – Tração nas quatro patas III - Foto: Bruno Bedim, mar./ago. 2007

Maior controle dos meios de produção. O principal meio de transporte e escoamento da produção agropecuária local é a tração animal, que também é imprescindível à aração das roças (o arado a boi é usado em 93% das propriedades rurais amostradas). Na foto ao lado, equinos conduzidos por um agricultor carregam, nos balaio, 80kg de mandioca nas imediações dos Moreiras. Abaixo, à esquerda, outro sitiante guia uma tropa a transportar latões com a produção leiteira dos compadres camponeses do bairro rural Fiscal (cerca de 90L). À direita, duas mulas com balaio do milho colhido em julho, no entorno sudeste.

Obs.: Em Ibitipoca, quase não existem charretes em função do relevo acidentado.

Declividade das estradas e as dificuldades de acesso como fator condicionante das forças produtivas turísticas.

Feriado da Semana Santa (2005), quando da realização de um evento musical na Serra, em que alguns milhares de turistas congestionam a principal via de acesso e suporte ao fluxo dos visitantes, na entrada do arraial de Ibitipoca. Na ocasião desse evento, a massa rastafári atraída provocou uma fila de carros de aproximadamente 2 km.

É válido destacar que os turistas trafegam pelas mesmas estradas de chão batido por onde circulam as tropas e cargueiros de muares expostos nas imagens acima. A diferença é que, chovendo ou não, os camponeses transitam livremente com seus animais pela Serra, ao passo que só



FIGURA 25 – Tração nas quatro rodas IV - Foto: Bruno Bedim, abr.2005

os automóveis com tração nas quatro rodas conseguem superar o barro da estrada.

4.5 O DILEMA CAMPONÊS NO “PARAÍSO DO CAPITAL”

Daqui a uns anos, não terá mais agricultura aqui, porque o turismo e o eucalipto vão tomar o espaço. A gente tem que conservar isso aqui... conservar pra nós mesmos, pra quem mora aqui e pra quem vai vir morar. A agricultura hoje está muito ruim, porque tem pouca mão de obra. O turismo desarranjou tudo, mas se não fosse o turismo, a gente estava era passando aperto aqui. Então ele é o mal necessário...

(agricultor e pedreiro, 28)

Conforme exposto no Capítulo 2, a partir do século XIX estabeleceu-se em Ibitipoca um representativo núcleo de cultura camponesa, o qual se apoiava em atividades de subsistência como caça, extrativismo vegetal e agricultura. Ao longo do século XX, para essas famílias, os cultivos anuais aliados à pecuária leiteira se apresentam como os meios de vida e de trabalho na Serra.

Atualmente, uma parcela do antigo núcleo campesino de Ibitipoca ainda se reproduz econômica e socialmente assim, constituindo uma categoria social que insiste em permanecer ali, na terra: o *sitiente-camponês*, que se amparou na organização familiar do trabalho e nas relações de produção não capitalistas para sobreviver contraditoriamente no “Paraíso do Capital”. Ao contrário dos fazendeiros típicos que foram varridos da Serra²⁶⁹, os camponeses-sitiantes, por sua vez, tiveram no trabalho familiar um fator diferencial a alicerçar a sua reprodução social, já que a correlação entre parâmetros demográficos e espaços cultivados se atrela ao equilíbrio entre a sua produção de subsistência e os respectivos níveis de seu consumo²⁷⁰.

Senhores de seus próprios meios de produção e independentemente da compra de mão de obra externa aos seus estabelecimentos rurais, esses *sitiantes* recriaram suas condições de existência ao sobreviver a dois intrincados momentos de sua história recente: i) Desde a segunda metade do século XX, a tenacidade de sua reprodução social como camponeses que não se modernizaram tecnicamente contrasta com o processo de desenvolvimento capitalista da agricultura regional e nacional; ii) Atualmente, resistem ainda aos dilemas decorrentes da reestruturação da esfera produtiva verificada na Serra, contexto engendrado com a expansão do turismo em Ibitipoca.

²⁶⁹ Os fazendeiros não são mais encontrados na Serra, já que necessariamente tinham que mobilizar mão de obra externa ao seu estabelecimento rural e recorrer a relações de produção tipicamente capitalistas para atingir uma equação economicamente favorável entre custos de produção e rendimentos líquidos.

²⁷⁰ Nesse sentido, ver Chayanov (1974). Contudo, há indícios de que, atualmente, tal correlação entre parâmetros demográficos e espaços cultivados encontra-se em processo de desestruturação em Ibitipoca, conforme veremos a seguir. (Ver também Tabela/Ândice 2).

4.5.1 DA CERCA AO CERCO QUE CERCEIA

A Serra Grande – antigas terras devolutas que hoje constituem o Parque – favoreceu, em tempos pretéritos, a expansão da agropecuária em Ibitipoca, sendo entendida como extensão dos espaços de produção do pequeno sitiante. Com a criação do Parque, contudo, uma cerca de arame farpado foi soerguida para impedir o acesso do gado bovino a tais pastagens, intervindo assim sobre o modo de vida daquele grupo camponês sem oferecer a ele novas alternativas de reprodução social. Mas há outros cercos atuais que ameaçam a reprodução do campesinato de Ibitipoca enquanto tal. Entre eles, podemos destacar:

- i) O cerco da especulação fundiária derivada da apropriação de porções de terra por investidores urbanos, resultando em dois processos distintos, embora suas intencionalidades eventualmente sejam similares: A) no entorno oeste e sudoeste do parque, tem-se uma tendência de parcelamento das unidades fundiárias, com destaque para o estabelecimento de empreendimentos turísticos (meios de hospedagem) e para a construção de casas de veraneio e condomínios; B) no entorno sul, leste e norte, assiste-se ao processo de monopolização territorial a partir da formação de uma grande propriedade, processo pelo qual investidores ligados a uma grande empresa de construção e mineração já adquiriram aproximadamente 3000ha, chegando inclusive a comprar uma parcela considerável do arraial Mogol.
- ii) O cerco subsequente à reestruturação da esfera produtiva, uma vez que muitas propriedades rurais liberaram mão de obra para o turismo, não repondo assim a força de trabalho necessária à agropecuária, já que as novas gerações, via de regra, estão ocupadas na nova atividade. No contexto em que a estrutura ocupacional se reconfigura, torna-se um dilema conseguir trabalhadores rurais dispostos a se dedicarem à lida na roça, tendo em vista que a remuneração paga no turismo se apresenta mais atrativa, além de as novas funções exigirem do trabalhador menor esforço físico.
- iii) O cerco dos eucaliptais²⁷¹ às terras camponesas, materializado na expansão dos cultivos de duas transnacionais francesas especializadas na produção de celulose, as quais já adquiriram cerca de 13 mil ha na região.
- iv) O cerco da legislação e dos órgãos ambientais às práticas agrícolas tradicionalmente praticadas no entorno, impondo restrições ao uso do solo e dos demais recursos naturais.

Tais processos se apresentam como formas de **expropriação direta ou indireta**, criando as condições favoráveis à separação do trabalhador rural dos meios de que dispõe para produzir.

²⁷¹ Dos 128 camponeses pesquisados no entorno do Parque, apenas 2 trabalham nos eucaliptais. Expressão ocupacional de uma monocultura que gera apenas um emprego direto a cada 1000 hectares plantados.

4.5.2 O CAMPONÊS E AS CONDIÇÕES OBJETIVAS DE SUA EXISTÊNCIA

A atual reprodução do modo de vida camponês na Serra de Ibitipoca constitui um significativo enigma constatado por esta pesquisa. Em certo sentido, o que sustenta a cultura camponesa no entorno do Parque, hoje, é a sua própria teimosia em querer viver ali. Ao lançarem mão das formas solidárias de trabalho, e, ainda, ao resistirem em ceder a terra para os investidores do *trade* turístico, esses camponeses, apesar de não muito numerosos²⁷², tomam vulto ao desafiar os interesses dos especuladores. Eles impuseram restrições à expansão dos empreendimentos turísticos na Serra, bem como condicionaram o movimento de ampliação territorial do patrimônio fundiário das empresas que pretensamente tentam adquirir terras no entorno do Parque a título especulativo. Num determinado momento da história, o *ethos* camponês materializado na resistência do *sitiante* em ceder a terra para o investidor provocou o condicionamento da eventual “fronteira especulativa” outrora aberta a partir da emulação imobiliária sobre as terras desmembradas das fazendas remanescentes do sopé da Serra.

Tem-se, pois, um grupo humano que se organiza para atingir a produção dos seus meios de vida agrária. Num contexto em que a racionalidade do turismo tende a conduzir o processo, a reprodução camponesa se apresenta, aparentemente, como elemento de discrepância a contrastar no processo histórico e social desenvolvido localmente.

Experiência precursora que se atualiza, o campesinato da Serra de Ibitipoca congrega formas específicas de organização do espaço e de vida social; sociabilidades pretéritas que ainda se fazem presentes na trama social do entorno do Parque. O camponês de Ibitipoca é o sujeito que age de acordo com as condições objetivas de sua própria existência: sua vida está articulada aos seus meios de produção, denotando uma economia baseada nos fatores de produção excedentes, em que trabalho familiar e ambiente conformam respectivos conteúdos de cultura, que, por sua vez, reagem sobre as condições do meio.

Esta segunda parte do Capítulo versará sobre a agropecuária praticada atualmente pelos camponeses no entorno do Parque e os respectivos dilemas socioambientais da sua existência, incluindo a produção de sua economia de excedentes, e, por conseguinte, sua vida propriamente dita. Martins pontua que:

O excedente não é o produto que sobra do consumo, mas o produto dos fatores de produção excedentes dos que foram utilizados na subsistência (no caso, a mão de obra e a terra com suas pastagens naturais). É o fator excedente que

²⁷² Circunscritas no recorte espacial pesquisado, existem atualmente cerca de 80 unidades camponesas de produção. Os questionários foram aplicados em 30 delas.

gera o produto excedente e que define a economia, a sociedade e a cultura baseadas no excedente, à margem das relações monetárias, das relações sociais abstratas, da dominação política, das relações capitalistas de produção típica, da conduta racional com relação a fins seculares (MARTINS, 1975, p.12).

Conforme já explicitado na *Metodologia*, as 30 unidades camponesas de produção amostradas no entorno do Parque foram categorizadas em 7 intervalos de classe fundiária constatados a partir da análise dos dados empíricos coletados.

O tamanho das unidades amostradas e seu respectivo agrupamento de classe ora estabelecido sofrem variações de acordo com dois fatores principais: i) A altimetria, já que, como demonstrado no Capítulo 2, por fatores históricos, os camponeses *sitiantes* encontraram nas terras altas da Serra o seu espaço (900 – 1400m), ao passo que as fazendas perfaziam as zonas de menor altitude (abaixo de 900m); ii) Os processos recentes de especulação fundiária deflagrados nas terras mais próximas à portaria do Parque.

TABELA 11

Número e dimensão das unidades camponesas de produção amostradas no entorno do Parque do Ibitipoca e estratificação em intervalos de classe fundiária (2007)

| Estratos Fundiários (ha) | Nº de Unidades Amostradas | Classes | % | Área (ha) | % |
|---------------------------------|----------------------------------|----------------|--------------|------------------|------------|
| 0,5 a 0,7 | 2 | 1 | 6,67 | 1,2 | 0,13 |
| 4,0 a 8,4 | 4 | 2 | 13,33 | 25,4 | 2,70 |
| 11 a 20 | 7 | 3 | 23,33 | 106 | 11,25 |
| 24 a 28 | 5 | 4 | 16,67 | 132 | 14,02 |
| 36 a 40 | 5 | 5 | 16,67 | 190 | 20,17 |
| 46,5 a 52 | 3 | 6 | 10,00 | 148,5 | 15,76 |
| 68 a 108 | 4 | 7 | 13,33 | 339 | 35,98 |
| TOTAL | 30 | 7 | 100,0 | 942,1 | 100 |

Fonte: Dados de Campo – 2007

Elaborado por: BEDIM, B. P.

Espacialmente, há um discreto predomínio das unidades camponesas de produção agrupadas na classe 3 (23,3%), cujo tamanho está compreendido no intervalo fundiário entre 11 e 20ha. Esses estabelecimentos se apresentam distribuídos de forma aleatória por toda a área amostrada, abrangendo terras de 5 diferentes bairros rurais (Várzea do Tanque, Morro do Paiol, Engenho, Mogol e Cachoeirinha).

Quanto à classificação por estratos, a classe 1 agrupa dois estabelecimentos (0,5 e 0,7ha, respectivamente), ambos situados em diferentes zonas fisiográficas e bairros rurais: Fiscal e Várzea do Tanque (ver Mapa 2). Sua composição como pequena propriedade está diretamente associada aos efeitos do turismo na Serra, embora se deem por fatores distintos: a propriedade com 0,7ha está situada no caminho que liga Conceição de Ibitipoca ao Parque, ou seja, o principal eixo de escoamento dos visitantes – portanto, onde estão as terras mais visadas e valorizadas pelo mercado imobiliário. O morador mais idoso é agricultor, ao passo que seus dois filhos trabalham com turismo – recepcionista e cozinheira de pousadas, respectivamente. Como dispõe de pouca terra, o agricultor então é meeiro, encontrando eventualmente no sistema de parceria uma forma de viabilizar a sua produção – já que o trabalho familiar de sua propriedade foi desestruturado, tendo em vista a liberação da força de trabalho dos descendentes para a nova esfera produtiva (turismo).

Segundo esse agricultor, a única forma de se manter na terra foi vender uma parcela e ampliar as trocas de serviço com os vizinhos como forma de suprir a carência da força de trabalho não preenchida com as novas gerações. Na outra propriedade deste estrato (0,5ha) encontra-se o último “roçador de pasto” de toda a Serra, o resíduo do que outrora era definido como o típico “camarada”: um camponês que, sem possuir terras suficientes para delas extrair seu sustento, torna-se um trabalhador diarista e ao mesmo tempo meeiro.

Nessa segunda unidade camponesa, cujo espaço de produção disponível é insuficiente para abastecer a família, a agricultora expõe que a venda do terreno se deu após a distribuição da herança entre os irmãos. Até então, mesmo depois de casados, ela e o marido não possuíam terras nem residência própria e moravam de favor no núcleo familiar dele. Não dispondo de recursos monetários para edificar a residência na propriedade herdada, acabaram por aceitar a proposta de um investidor que se apropriou das terras a título especulativo²⁷³. A intenção da família naquele momento era construir sua autonomia domiciliar, mesmo que isso lhe custasse a perda definitiva de sua autonomia alimentar e ocupacional.

A gente teve que vender um pedacinho pra construir essa casa. A gente tinha 20 litros de terra²⁷⁴, vendeu treze e ficou só com 7 pra poder fazer a casa de morada. **A gente não tem mais terra, a gente não tem mais como trabalhar pra si próprio, então tem que trabalhar pros outros.** Como a gente não tinha mais colocação de morada e vivia de favor na casa dos outros, a

²⁷³ Não obstante isso, Wolf (2003b, p.95-96) pontua que “nas situações em que a terra e o trabalho se tornam mercadorias, as coalizões corporadas de parentesco tendem a perder seu monopólio sobre recursos e pessoal. O indivíduo é, ao invés, “liberado” para entrar em coalizões individuais, com o objetivo de maximizar seus recursos tanto no campo econômico como no mercado matrimonial”.

²⁷⁴ De acordo com o código cultural dos camponeses de Ibitipoca, 1 hectare equivale a 10 litros de terra. Portanto, a família citada dispunha de 2ha, dos quais vendeu 1,3ha, restando-lhe 0,7ha.

gente vendeu a terra pra ter a força de ter o lar da gente separado. O rapaz quis comprar aquele pedacinho de terra ali na frente, ele quis dar 8 mil. Mas a gente não vendeu não, porque é a frente da casa da gente. Ele queria comprar. (agricultora, 37)

Ocorre que, com o advento do turismo em Ibitipoca e com a fragmentação territorial das grandes fazendas que antes envolviam o sopé da Serra, os “camaradas”²⁷⁵ migraram quase em sua totalidade para a prestação de serviços pesados ligados ao turismo – na construção civil ou como jardineiros na manutenção paisagística de hotéis, pousadas e *campings*. Com poucas terras para estabelecer cultivos e com baixo grau de escolaridade, não lhes restou outra alternativa senão vender os próprios braços. À medida que se proletarizaram, foram abandonando, gradativamente, o sistema de parceria. Apenas um “camarada” resistiu nas atividades agrícolas, motivo pelo qual o seu serviço é atualmente muito requisitado e, conseqüentemente, sobrevalorizado: a demanda pelo seu trabalho é significativa em determinadas épocas do ano, principalmente para as roçadas de pasto.

A escassez desses trabalhadores rurais diaristas (camaradas) contribuiu para que a formação de capoeiras²⁷⁶ nos sítios de Ibitipoca aumentasse expressivamente, já que, à medida que os *camaradas* transformaram-se em jardineiros e auxiliares de pedreiro²⁷⁷, a não manutenção das pastagens da Serra fez com que os processos de sucessão ecológica se desenvolvessem. Se um pasto fica dois ou três anos sem ser roçado, ele é infestado por arbustos e ervas nativas que rapidamente suprimem as gramíneas. Uma vez transformadas em capoeira, a legislação ambiental vigente sobre o entorno do Parque proíbe a derrubada da vegetação arbustiva dessas áreas – processo que contribui para a diminuição do espaço de produção do camponês.

Em função do excesso de capoeiras, o gado então pasteja nessas áreas em processo de regeneração e comumente é intoxicado por uma espécie de samambaia (*Pteridium aquilinum*)²⁷⁸ que leva o bovino a urinar sangue, emagrecer e, por

²⁷⁵ Como visto no capítulo 4, o camarada constituía-se como camponês que, eventualmente, vendia livremente sua força de trabalho, e, ainda, articulava-se a proprietários de terra como meeiro. Não possuía, portanto, o domínio de seus próprios meios de produção.

²⁷⁶ A capoeira é entendida aqui como uma vegetação nativa que se desenvolve por entre a pastagem não roçada, processo de sucessão ecológica pelo qual arbustos e ervas tomam o lugar das gramíneas, abafando-as, e criando as condições necessárias para a formação de sub-bosques nas propriedades rurais de Ibitipoca.

²⁷⁷ Esses “camaradas” que se proletarizaram no turismo são conhecidos localmente como “ambulanteiros”, devido à sazonalidade dos serviços prestados – já que, após executadas suas tarefas, geralmente são dispensados e procuram uma nova empreitada temporária.

²⁷⁸ Foge aos propósitos deste trabalho aprofundar a discussão sobre essas intoxicações. Sabemos apenas que elas estão relacionadas à presença dessa samambaia – que em Ibitipoca se apresenta como espécie pioneira no processo de regeneração da mata nativa, dominando rapidamente as áreas de pastagens que ficam sem manutenção (poda) periódica.

fim, morrer²⁷⁹. Essa doença é conhecida como **hematúria enzoótica** e, de acordo com a amostragem que realizamos, atinge cerca de 11% do rebanho bovino pesquisado; sua ocorrência se concentra nas propriedades rurais das seguintes zonas fisiográficas: Serrinha, Fiscal, Ponte Alta, Clementes, Cachoeirinha, Córrego Dantas e Retiro da Pedra – coincidentemente (ou não), lugares onde vivem os camponeses com maior carência de recursos econômicos, e cujo solo é ácido e arenoso. Em Ibitipoca, os sintomas da hematúria enzoótica se manifestam com maior frequência no período de inverno (pastagens mais secas), e há indícios de que a ocorrência da doença esteja relacionada à escassez de pastos e/ou à baixa nutricional das pastagens. A incidência da hematúria tornou-se acentuada nos últimos 15 anos e vem produzindo efeitos socioeconômicos drásticos ao suprimir ainda mais as possibilidades produtivas de que o camponês de Ibitipoca dispõe.

4.5.3 UMA EQUAÇÃO ECOLÓGICA, UM PROCESSO ECONÔMICO

No primeiro plano, o plantio consorciado de milho e feijão. Acima, uma encosta que até 6 anos atrás constituía um pasto de capim-gordura. Após três anos sem roçar a área, o proprietário foi proibido pelo órgão ambiental fiscalizador de realizar a limpeza da vegetação, perdendo assim 2,5 hectares do seu espaço de produção. Consequentemente, vendeu a terra a empresários paulistas, os quais pretendem estabelecer duas chácaras de veraneio ali, construindo ainda infraestrutura de lazer.

No segundo plano, o processo de sucessão ecológica favorece a transformação de pastagens em capoeiras, e de capoeiras em matas. A priori, tal processo garante a conservação da biodiversidade e, por tabela, ainda enaltece o olhar dos turistas. Por outro lado, camponeses veem diminuir os seus espaços de vida e de trabalho. Assim, em Ibitipoca, a mancha verde avança



FIGURA 26 – O viés econômico subjacente à capoeira... Foto: Bruno Bedim, abr.2007

abafando as forças produtivas agrícolas que se retraem. Ao invés de coibir o uso dos recursos naturais do entorno do Parque pelos sitiantes, o Estado deveria pensar alternativas para que essas populações pudessem usufruir da biodiversidade de seus territórios. Que “conservação” é essa que leva à expropriação de camponeses, criando condições favoráveis para que vendam suas terras? Que interesses estão sendo conservados nesse processo e quais grupos humanos eles favorecem?

²⁷⁹ Segundo relatos, o período que compreende o aparecimento dos primeiros sintomas até a morte do animal pode levar de alguns dias a até dois anos. Assim que os sinais da doença são diagnosticados numa rês, o camponês imediatamente providencia a sua comercialização para corte – só que uma vaca com **hematúria enzoótica** atinge apenas cerca de 30% do preço que normalmente se paga por arroba na região. Num único ano, uma propriedade rural da zona fisiográfica conhecida como Ponte Alta teve baixa de 47% de seu plantel bovino em função dessas intoxicações.

Típica pastagem infestada por samambaias (Pteridium aquilinum). Após dois anos sem manutenção, essa área encontra-se em processo de sucessão ecológica. Depois de pastejar nessas áreas de forma recorrente, uma parcela do gado adoece ao ingerir com frequência tal espécie de samambaia que intoxica os bovinos. Esta planta se apresenta como pioneira no processo de regeneração da mata nativa, invadindo e dominando rapidamente os terrenos cujas pastagens não sofreram limpeza periódica. Mediante tal processo, tem-se a seguinte equação: quanto mais samambaia, menos gado haverá e, conseqüentemente, menos camponeses habitarão o entorno do parque.



FIGURA 27 – O verde que suprime a reprodução camponesa? Foto: Bruno Bedim, maio 2007

O Código Florestal Brasileiro (Lei nº 4771, de 1965), complementado pela Medida Provisória nº 2.166-67, de 24/08/2001, atribui ao órgão ambiental estadual competente (no caso, o IEF/MG) a função de aprovar a localização da área de reserva legal²⁸⁰ dentro de cada propriedade rural do entorno de um Parque Estadual – já que a aplicação de tal norma jurídica torna-se ainda mais rigorosa quando se trata de áreas próximas a outra Reserva Legal, Área de Preservação Permanente, Unidade de Conservação ou outra área legalmente protegida. Para o pequeno produtor rural do entorno do Parque do Ibitipoca, a execução dessas disposições legais tende a coibir a supressão da vegetação nativa em áreas consideradas “subutilizadas” – no caso, as pastagens não roçadas que são abafadas pela vegetação nativa em processo de regeneração. A manutenção/limpeza dessa vegetação em processo de sucessão ecológica é ainda regulamentada pela Lei da Mata Atlântica (Lei nº 11.428/ 2006):

Art. 11. O corte e a supressão de vegetação primária ou nos estágios avançado e médio de regeneração do Bioma Mata Atlântica ficam vedados quando a vegetação: [...] proteger o entorno das Unidades de Conservação (BRASIL, 2006).

Para o órgão gestor do Parque Estadual do Ibitipoca, as medidas necessárias à conservação dos atributos ecológicos do seu entorno implicam o cerceamen-

²⁸⁰ Reserva Legal: área localizada no interior de uma propriedade ou posse rural, excetuada a de preservação permanente, necessária ao uso sustentável dos recursos naturais, à conservação e reabilitação dos processos ecológicos, à conservação da biodiversidade e ao abrigo e proteção de fauna e flora nativas. (BRASIL, Código Florestal, art.1º, § 2. Artigo incluído pela Medida Provisória nº 2.166-67, de 2001).

to da exploração da atividade agropecuária nas propriedades rurais. Ocorre que a própria legislação ambiental vigente considera de *utilidade pública* “as atividades de manejo agroflorestal sustentável praticadas na pequena propriedade ou posse rural familiar, que não descaracterizem a cobertura vegetal e não prejudiquem a função ambiental da área” (BRASIL, 1965; 2001; 2006). Nesse sentido, a Lei da Mata Atlântica é categórica ao incorporar as necessidades e os tradicionais sistemas de manejo do pequeno produtor rural:

Art. 13. Os órgãos competentes do Poder Executivo adotarão normas e procedimentos especiais para assegurar ao pequeno produtor e às populações tradicionais, nos pedidos de autorização de que trata esta Lei:

I - acesso fácil à autoridade administrativa, em local próximo ao seu lugar de moradia; II - procedimentos gratuitos, céleres e simplificados, compatíveis com o seu nível de instrução; III - análise e julgamento prioritários dos pedidos.

Art. 14. A supressão de vegetação primária e secundária no estágio avançado de regeneração somente poderá ser autorizada em caso de utilidade pública, sendo que **a vegetação secundária em estágio médio de regeneração poderá ser suprimida nos casos de utilidade pública e interesse social**, em todos os casos devidamente caracterizados e motivados em procedimento administrativo próprio, quando inexistir alternativa técnica e locacional ao empreendimento proposto, ressalvado o disposto no inciso I do art. 30 e nos §§ 1º e 2º do art. 31 desta Lei. (BRASIL, 2006, grifo nosso)

Embora essa legislação abranja um dispositivo capaz de incorporar o eventual manejo sustentável dos recursos naturais por camponeses, o parágrafo 1º do artigo supracitado condiciona a classificação de “utilidade pública” à aprovação do órgão ambiental estadual competente. Mais uma vez, o camponês do entorno do Parque fica vulnerável às ações e critérios legalmente atribuídos ao Instituto Estadual de Florestas.

No Capítulo 2, retratamos aspectos culturais relativos ao modo de vida do camponês de Ibitipoca no século XIX, cuja fonte principal de proteína animal se constituía da caça²⁸¹ e da criação de pequenos animais – porcos e galinhas. Atualmente, tem-se ainda o leite de vaca e seus derivados (queijos, etc.) como complemento proteico.

Como já demonstrado, o período de convivência mútua e interação entre animais silvestres e o camponês da Serra é, no mínimo, bissecular. Se essa fauna resistiu tanto tempo às interações com o homem rural, por que então o camponês

²⁸¹ “Os trabalhos caseiros, as galinhas e os animais domésticos tomam-lhe o tempo todo. Havia, além disso, sempre algo de novo em seu pequeno lar. Era preciso ora plantar, ora colher; nasciam-lhe criações; o marido e o filho mais velho saíam para caçar e assim traziam ora um porco-do-mato, cuja carne, assada, comiam todos, ora um gato selvagem. E com efeito mostrou-me muitas peles já curtidas de vários animais” (SAINT-HILAIRE, 1974, p.34).

corre o risco de ser preso por caçar eventualmente um tatu para complementar a proteína de sua subsistência? Embora a legislação vigente desautorize a caça no território nacional, é difícil crer que esse seja um “crime ambiental” mais grave que as atuais infraestruturas turísticas soerguidas no entorno do Parque – cujos empresários, via de regra, sequer são multados pelo volume excessivo das obras de seus empreendimentos ou pelas construções irregulares em encostas.

O camponês de Ibitipoca não deve ser visto como um matador sanguinário ou caçador impiedoso da fauna silvestre, mas, sim, como um componente humano que há mais de dois séculos convive com as demais espécies animais e vegetais da Serra sem, contudo, extingui-las. Ocorre que esse sujeito – quando raramente caça – não o faz com armas de fogo: são usadas arapucas e aratacas – armadilhas de procedência indígena para se capturar animais silvestres artesanalmente. Armas de fogo, segundo eles, quem usa é a polícia florestal a título de intimidação, quando lá aparece para lhes “vigiar e punir”.

Mediante tais coibições, há indícios de que espécies não predadas estejam se reproduzindo de forma descontrolada, as quais, eventualmente, podem consumir sementes em excesso e desequilibrar o ecossistema, causando ainda prejuízos socioeconômicos na região – como é o caso dos bandos de porcos-do-mato,²⁸² que atacam as roças de milho e feijão no entorno sudoeste e sul do Parque. Como o território do PEIb é de apenas 1488ha, sua delimitação é insuficiente para circunscrever os domínios territoriais que muitas espécies demandam.

... o controle e a preservação da fauna é difícil. Como as áreas cobertas por matas são pequenas, os animais migram para fazendas vizinhas. Fora dos limites da reserva, entretanto, as espécies ficam vulneráveis à ação de caçadores e de doenças. A ampliação da área preservada está sendo estudada pelo Instituto Estadual de Florestas, mas a falta de recursos para desapropriações tem emperrado o projeto (TRIBUNA DE MINAS, 1996, p.12).

Ora, ao longo dos últimos dois séculos, essa população camponesa foi capaz de conviver com os recursos ambientais disponíveis na Serra, ajustando os seus ciclos de vida e de trabalho aos processos ecossistêmicos. A verdadeira ameaça não pode ser o camponês que tradicionalmente habita o entorno do Parque, mas antes os processos que o espreitam e que subjazem ao avanço dos eucaliptais sobre as escarpas limítrofes à Unidade, assim como as tendências especulativas observadas. Ao invés de se discutirem meios de ampliação da área do Parque via desapro-

²⁸² Provavelmente, trata-se de queixadas ou caititis. Segundo os agricultores, esses animais atacam os roçados à noite, em bandos de aproximadamente 20 animais. Veados também costumam se alimentar nas plantações de feijão, mas os camponeses não reclamam dos danos que estes cervídeos causam – já que são animais de hábitos solitários, cujo impacto sobre as lavouras é mínimo.

priação das terras camponesas do entorno, deveriam ser pensadas medidas que aproximem o órgão gestor (IEF/MG) dos camponeses, no intuito de se estabelecer canais comunicativos favoráveis a ambos os lados.

Ademais, o IEF ainda proíbe a prática de queimadas controladas nas pastagens situadas no entorno do Parque, o que, além de desarticular os tradicionais sistemas de manejo dos pastos, dificulta o estabelecimento das roças de toco. Até mesmo a retirada de feixes de madeira para consumo doméstico – lenha ou construção de benfeitorias – requer a tramitação de processos burocráticos na regional do IEF em Juiz de Fora:

A roça mudou, porque o florestal proíbe muita coisa. Não pode queimar, não pode roçar... Pelo florestal, a gente não pode fazer quase nada dentro da propriedade. Eles dão a licença, mas com uma dificuldade doida. Tem que fazer um processo em Lima Duarte, ir pra Juiz de Fora e depois aqui, leva dois ou três meses. Por exemplo, se você for cortar um mourão pra fazer uma cerca, paga uma taxa. Hoje, caçar um lobo-guará é crime maior que matar um homem.

(agricultor aposentado, 81)

O camponês de Ibitipoca sabe do valor simbólico e funcional de uma floresta em pé. As árvores retiradas para a manutenção de suas atividades cotidianas são cuidadosamente selecionadas a partir de códigos culturalmente definidos e ambientalmente recriados. Não por acaso as propriedades rurais amostradas mantêm o índice de reserva legal exigido pelo Código Florestal. Atualmente, suas áreas florestais alcançam, na contabilização do uso total da terra, a média de 25,23%. É o que revela o gráfico a seguir.

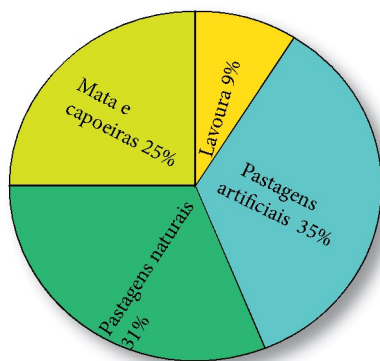


GRÁFICO 3 - Classificação percentual do uso total da terra nas Unidades Camponesas de Produção amostradas no entorno do PEIb (2007) - Fonte: Dados de Campo 2007) Total amostrado: 942,1ha
Elaboração: BEDIM, B. P.

Dentre as categorias de uso da terra analisadas, embora haja predomínio das pastagens artificiais (35,44%)²⁸³ compostas principalmente pelo capim *Brachia-ria*, as pastagens naturais²⁸⁴ também alcançam uma porcentagem representativa (30,52%).

Se somadas, essas duas categorias de pastagens atingem o percentual de 66% do uso total da terra nas propriedades amostradas no entorno do parque – já que a pecuária leiteira constitui o principal meio de se efetivar a acumulação entre esses sítios. A área destinada aos cultivos anuais está calculada em 8,81%.

Contudo, a amostra detectou que a classificação do uso da terra sofre variações de acordo com os diferentes estratos fundiários. Na classe 2, por exemplo (4 a 8,4ha), as pastagens artificiais atingem o percentual de apenas 15,35%. Em contrapartida, os pastos naturais representam 41,34% da área total dessas propriedades. Já a abrangência dos fragmentos florestais totaliza, nesse intervalo de classe, 25,6%. Por sua vez, os espaços destinados aos cultivos anuais compreendem 17,72%.

Os estabelecimentos que variam entre 36 e 40ha são os que possuem as maiores proporções de mata preservada – onde a floresta nativa cobre 31,05% das terras. Esse estrato, apesar de abranger 20,17 % do total de terras amostradas, é responsável por apenas 13,81% da produção leiteira diária. Motivo: é sobre essa classe fundiária que incidem as maiores porções de terra em processo de sucessão ecológica, portanto, áreas em que o domínio das samambaias tóxicas é frequente. A subsequente ocorrência da doença **hematúria enzoótica** compromete assim a produtividade do gado ao suscitar decréscimos no rebanho bovino e suprimir a esfera produtiva agrícola.

Aos olhos de um observador desatento, esses dados poderiam levar à simplificação histórica no sentido de inferir que a atividade agropecuária e a preservação ambiental são incompatíveis entre si. Contudo, o problema é outro; a hipótese explicativa não se deve pautar apenas nos dados coletados nas propriedades rurais, mas, sim, numa combinação de fatores que as espreitam. Se ampliadas as perspectivas de análise, essa conjuntura pode ser entendida como indicativo da escassez da força de trabalho agrícola, a qual tem nesse estrato fundiário a “evidência empírica” a demonstrar um ponto de estrangulamento das forças produtivas. Tudo porque esse intervalo de classe apresenta um coeficiente de 15,03ha cultivados para cada trabalhador familiar disponível (ver Apêndices 1 e 2). Essa disparidade

²⁸³ As capineiras também compõem o cálculo das pastagens artificiais, ao passo que os canaviais foram tabulados como área de lavoura.

²⁸⁴ Quando consorciado ao capim-do-campo nativo, o capim-gordura, apesar de ser uma espécie exótica, foi tabulado na categoria “pastagens naturais”.

entre espaço produtivo e braços favorece o estrangulamento das forças produtivas agrárias, possibilitando a expansão das matas e capoeiras sobre as áreas de pastagem – já que a mão de obra familiar despendida não é mais suficiente para realizar a manutenção equilibrada dos processos produtivos.

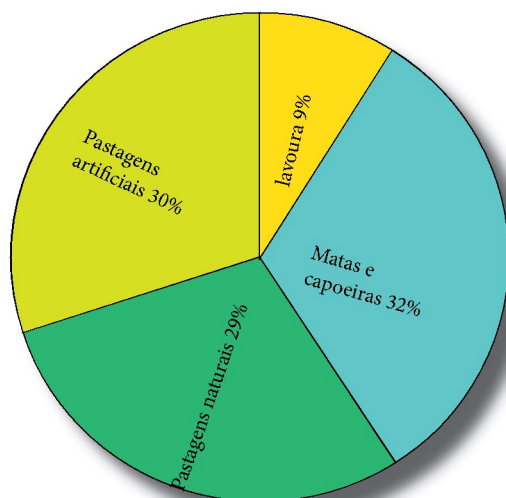


GRÁFICO 4: Classificação do uso da terra nas Unidades Camponesas amostradas no intervalo de classe fundiária 5 (36 a 40ha) – Entorno do PEIb (2007) - Fonte: Dados de Campo (2007) - Elaboração: BEDIM, B. P. Área amostrada neste intervalo de classe fundiária: 190ha.

Já os estabelecimentos rurais que variam entre 68 e 108ha²⁸⁵ possuem os maiores índices de pastagens naturais (39,82%), seguidos de áreas de reserva florestal consideráveis (31,56%). As pastagens artificiais, aqui, perfazem apenas 24,48%. Ocorre que as dimensões dessas propriedades favorecem a prática da pecuária extensiva a partir do manuseio de uma porcentagem menor de área de produção. Embora essa classe concentre a maior parcela do total de terras amostradas (35,98%) e possua 31,25% do rebanho de vacas em lactação, sua produção não é diretamente proporcional a esses números, alcançando apenas 27% da produção leiteira total.

²⁸⁵ Esses são os únicos produtores que possuem capital disponível para contratar mão de obra externa à unidade familiar de produção, caso necessitem.

TABELA 12

Usos da terra segundo intervalos de classe fundiária nas Unidades Camponesas de produção amostradas no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca – MG (2007)

| Usos da terra e suas respectivas áreas de produção (ha) | | | | |
|---|------------------|---------------------|---------|-----------------|
| Intervalos de Classe Fundiária (ha) | Pastagem Natural | Pastagem Artificial | Lavoura | Mata e Capoeira |
| 0,5 a 0,7 | 0,5 | 0,0 | 0,5 | 0,2 |
| 4 a 8,4 | 10,5 | 3,9 | 4,5 | 6,5 |
| 11 a 20 | 34,5 | 30,5 | 21 | 20 |
| 24 a 28 | 23 | 77 | 19 | 13 |
| 36 a 40 | 56 | 57 | 18 | 59 |
| 46,5 a 52 | 28 | 82,5 | 6 | 32 |
| 68 a 108 | 135 | 83 | 14 | 107 |
| Total Absoluto (942,1ha) | 287,5 | 333,9 | 83 | 237,7 |
| Total Relativo (100%) | 30,52% | 35,44% | 8,81% | 25,23% |

Fonte: Dados de Campo (2007)

Elaboração: BEDIM, B. P.

A classe fundiária que perfaz os maiores índices de produtividade agrícola e pecuária é aquela cujo tamanho das propriedades está compreendido entre 24 e 28ha. Apesar de concentrar apenas 14% do total de terras amostradas, esse estrato é responsável por 22,38% da produção leiteira, 39,63% da safra de feijão e 26,37% da de milho. Perfaz ainda os maiores índices de milho e de feijão que são comercializados (96,36% e 62,5%, respectivamente). Alcança, ademais, a maior produtividade média de leite por vaca/dia (4,27 litros). Entretanto, possui as menores porções de mata preservada entre todos os estratos fundiários amostrados (apenas 9,85% de fragmentos florestais). Agrega ainda o maior percentual de áreas de pastagem artificial (58,33%), além de um espaço de cultivo considerável (14,39%). Nesta classe (24 a 28ha), sim, verifica-se a incompatibilidade entre pecuária e proporção de mata nativa preservada.

Ironicamente, se analisarmos a série histórica que permeia esse intervalo de classe fundiária, veremos que a supressão das suas reservas florestais se deu

na década de 1970, quando da criação do Parque e da subsequente extinção das áreas de pastagens comunitárias da Serra Grande. Após a implantação da Unidade de Conservação, esses *sitiantes* não tiveram outra alternativa senão ampliar as áreas de pastagens circunscritas aos seus estabelecimentos como forma de compensar a perda das pastagens coletivas transformadas em Parque. Trata-se, pois, do desdobramento diacrônico de um processo cuja gênese recai na ação do próprio Estado que instituiu o Parque a partir da espoliação de uma terra de uso camponês.

Não se pode analisar a interação ambiental do camponês de Ibitipoca para com a Serra sem antes remeter ao processo expropriatório que criou o Parque e suprimiu as bases materiais da existência de todo um grupo social. Esse campesinato é, sim, capaz de produzir e conservar, desde que o Estado não conserve, *a priori*, os seus próprios interesses.

Os dados de que dispomos apontam ainda para a necessidade de o Estado incrementar políticas complementares e/ou alternativas à produção agrícola local, como o desenvolvimento de pastagens agroecológicas, por exemplo. O campesinato do entorno do Parque do Ibitipoca precisa de assistência e de apoio do Estado, não de represálias.

Como já demonstrado no Capítulo 2, historicamente a ação do Estado no entorno do Parque é punitiva, fiscalizadora e não educativa ou de orientação construtiva. “Preservar e punir” – parece ser esse o lema do Estado para com os sujeitos que pesquisamos. Por conseguinte, os camponeses temem o poder coercitivo do Estado; todos se esquivam de eventuais retaliações – receio este que, às vezes, tendo ao exagero, tendo em vista as atuais bases democráticas da sociedade brasileira. De certa forma, esse “medo” nos parece revelador no sentido de nos questionarmos sobre que tipo de ação pretérita produziu essas formas que estamos observando. Que processo social e que fatos históricos induziram a esse estado de “medo” do camponês para com os órgãos públicos?

CLASSIFICAÇÃO DO USO DA TERRA POR INTERVALOS DE CLASSE FUNDIÁRIA NAS UNIDADES CAMPONESAS DE PRODUÇÃO AMOSTRADAS NO ENTORNO DO PEIb (2007)

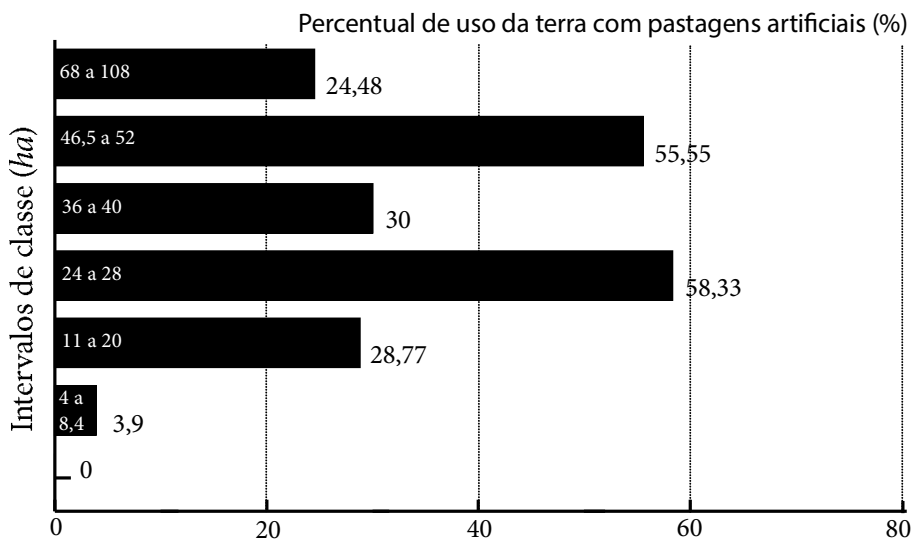


GRÁFICO 5 - Categoria de uso da terra: Pastagens artificiais

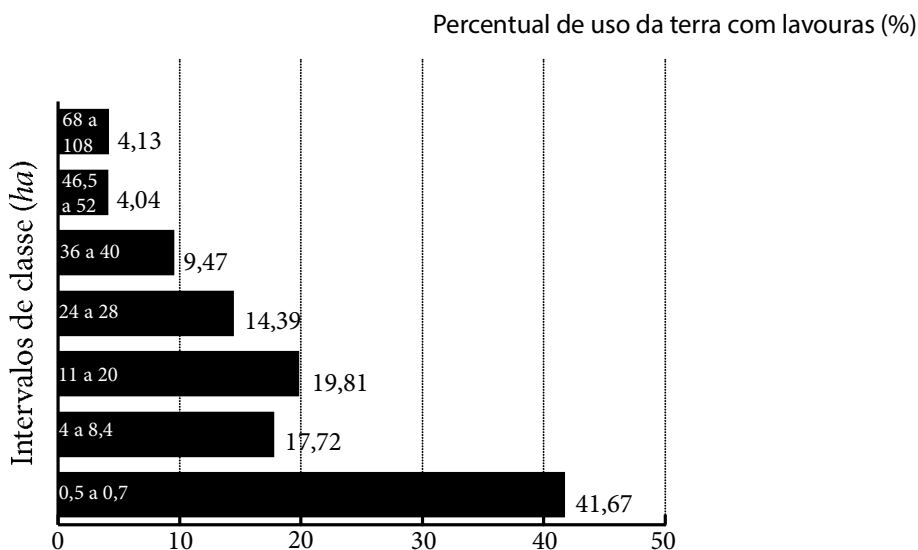


GRÁFICO 6 - Categoria de uso da terra: Lavoura

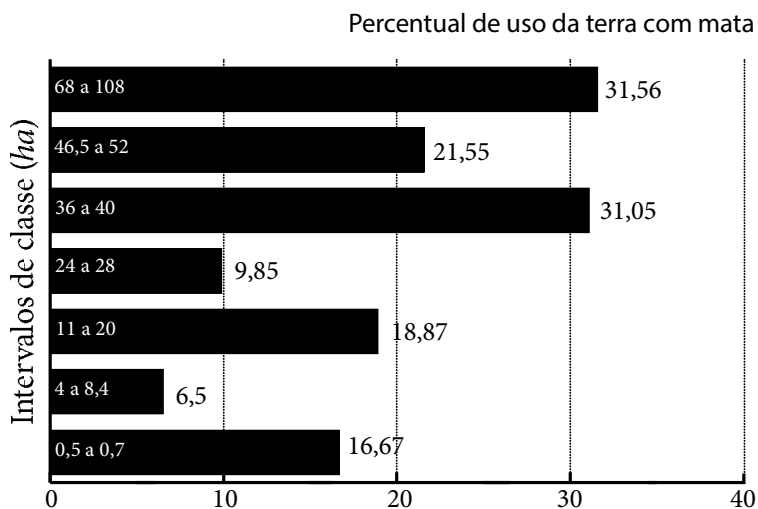


GRÁFICO 7 - Categoria de uso da terra: Mata e capoeira

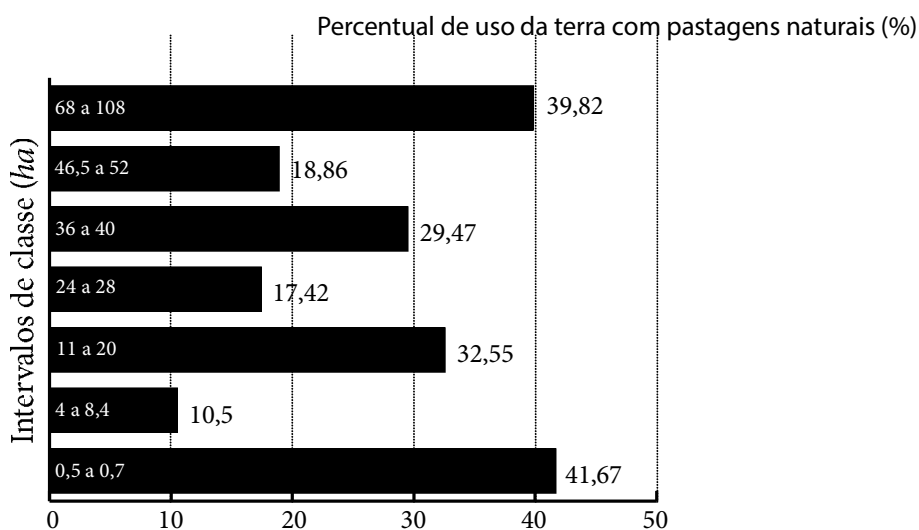


GRÁFICO 8 - Categoria de uso da terra: Pastagens naturais

4.5.4 A GRANDE AMEAÇA NÃO É O PEQUENO AGRICULTOR ...



FIGURA 28 – Máquina de extrair areia para a construção civil, diretamente de um depósito arenoso, situado nas imediações do Mogol (a 2km da vila) - Foto: Bruno Bedim, mar. 2007

Com a expansão dos empreendimentos imobiliários na Serra, o aquecimento da construção civil em Conceição de Ibitipoca demanda grande quantidade de matéria-prima para a edificação de casas e estabelecimentos comerciais, ou ainda, para subsidiar a manutenção frequente das estradas como forma de garantir o acesso dos turistas à Serra. Em muitos casos, os próprios órgãos públicos retiram areia desses barrancos expostos, sem levar em conta a fragilidade do solo e o risco de erosão.

Na imagem, eucaliptos plantados no sistema “morro abaixo”, o qual favorece os processos erosivos. Ao fundo, em segundo plano, o paredão do Parque (Pico da Lombada). Se o Estado coíbe o uso da terra que os camponeses da Serra de Ibitipoca realizam, por que então é permitido que grandes empresas promovam o plantio de eucalipto em escala industrial no entorno do Parque?

O que é socialmente justo e ecologicamente correto? Pequenos produtores rurais plantando suas roças e criando gado bovino para a própria subsistência, ou grandes empresas capitalistas que expropriam terras camponesas e monopolizam esse território, lá instalando uma monocultura que gera apenas um emprego direto a cada 1000 hectares cultivados?



FIGURA 29 – Eucaliptais avançam sobre a Serra e já tangenciam a divisa do Parque Estadual do Ibitipoca (porção noroeste) - Foto: Bruno Bedim, maio 2007



FIGURA 30 – Mogol: cenário para quem? - Foto: Bedim, jun.2007

A recente especulação de terras neste subdistrito reduziu a população do arraial a apenas 22 habitantes, já que muitos venderam o seu direito de posse a empresários. Tal processo se dá em função do apelo estético-paisagístico das manchas brancas de arenização que circundam a vila. Não por acaso o lugar vem sendo apropriado como cenário para gravação de longas-metragens, incluindo o filme O diabo a quatro, sucesso de crítica dirigido por Alice Andrade.

Os camponeses de Ibitipoca não organizam a sua atividade econômica a partir de uma pauta diretamente atrelada à agricultura moderna, mas, sim, num complexo sistema tradicional de manejo que envolve elementos culturais subjetivos, valor simbólico-interativo para com a terra e parâmetros morais de conduta e sociabilidade.

Não apenas as técnicas de produção são ainda simples, quase que primitivas (arado a boi, enxada, ausência de agrotóxicos), como as relações sociais de produção se baseiam em formas não monetárias (trocas de serviço; relações vicinais e comunitárias, sistema de parceria, etc.). O roçado de feijão-da-seca é comumente plantado sob a técnica milenar da coivara, quando pequenos fragmentos de capoeira contíguos à mata são queimados para dar lugar aos cultivos – uma espécie de roça-de-toco que assimila a rotatividade dos espaços cultivados, respeitando-se

o tempo médio de pousio de 3 a 4 anos²⁸⁶. A semeadura é realizada no mês de fevereiro, durante a lua crescente, e dias antes do início da quaresma. Diretamente ligado ao tempo cíclico, o seu plantio se dá entre fevereiro e março – aproveitando-se as últimas chuvas do verão –, para ser colhido em junho ou julho e, assim, abastecer a família camponesa nos períodos de seca (junho a setembro). A associação entre períodos de plantio e calendário religioso é algo recorrente em Ibitipoca. Para o camponês, a Sexta-Feira da Paixão é o “dia ideal” para plantar alho. Já em 03 de maio (Santa Cruz), nenhum camponês trabalha “em respeito ao dia santo”. Em certo sentido, a dimensão simbólica da vida camponesa e a devoção popular ainda estão diretamente associadas às práticas agrícolas: “Eu vivo da colheita que Deus dá” (agricultor, 76).

A relação visceral entre o homem e a terra materializa-se tanto na composição da paisagem rural quanto nos demais domínios funcionais da vida social. Exemplo disso são os padrões de medida das colheitas se apresentarem também como parâmetros balizadores da dimensão territorial: 10 litros de terra, em Ibitipoca, equivalem a 1 hectare. Eis outros indicadores específicos:

1 alqueire = 32kg de feijão

1 hectare = 10 litros de terra

1 carro de milho = 500kg

1 alqueire = 4 hectares

Somados os rendimentos líquidos, as rendas complementares e os eventuais salários recebidos por membros que trabalham parcialmente fora das propriedades, a renda familiar mensal das 30 unidades camponesas amostradas oscila entre R\$80,00 e R\$820,00. Nenhuma das propriedades pesquisadas capta recursos do Pronaf²⁸⁷. Das 34 famílias pesquisadas, apenas uma recebe o Bolsa-Família – 3 crianças pertencentes a um mesmo núcleo familiar são assistidas; o total do benefício recebido em abril de 2007 era de R\$90,00. Muitas famílias que possuem crianças em idade escolar afirmam desconhecer os meios de se obter acesso aos recursos desse programa de subvenção social do governo federal.

Em termos demográficos, assiste-se a um processo de eminente masculinização das unidades camponesas de produção amostradas, já que do total de 128 camponeses pesquisados, o número de homens (76) é 46,15% superior ao de mulheres (52).

²⁸⁶ Com a escassez de mão de obra rural, contudo, o tempo de descanso da terra tende a diminuir no intuito de se evitar que os espaços de cultivo se transformem em capoeira – já que a derrubada desta não é legalmente permitida no entorno do Parque, haja vista a Lei Federal nº 11.428/ 2006 (Lei da Mata Atlântica).

²⁸⁷ Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

A unidade amostrada nº 7 compreende a menor renda familiar diagnosticada. Abrange uma área total de 8,4ha e organiza suas atividades produtivas com o trabalho familiar despendido pelos seus seis membros. No âmbito econômico, seu único rendimento líquido mensal advém da comercialização do leite escoado para o laticínio (17 litros/dia) e perfaz a quantia de R\$80,00/mês. Não há outra atividade que gere fonte de renda complementar; a família vive com esse parco recurso monetário, já que a agricultura praticada visa ao autoconsumo. Mesmo assim, seus 6 braços alimentam suas 6 bocas e o que se tem é uma forma de viver e produzir que ainda permite a acumulação deste “mínimo excedente”²⁸⁸ que, apesar de mínimo, cria as condições necessárias para o sustento familiar e a reprodução da unidade camponesa – já que o dispêndio de recursos monetários para com a reposição dos custos de reprodução de sua força de trabalho é, igualmente, mínimo.

Em circunstância econômica similar encontra-se a unidade camponesa de produção representada no ponto 9 (Mapa 2). A diferença é que o patrimônio fundiário dessa família é bem maior (40ha), além de a propriedade estar enclavada numa área por onde os meios de hospedagem atualmente almejam se expandir (ver Mapa 3, pontos 16, 15 e 14). Por se localizar próxima à portaria do Parque, suas terras tendem a assumir maior cotação de preços no mercado – em que o hectare chega a custar R\$40 mil. Contudo, para essa família, suas terras não têm valor de troca, e, sim, de uso. Os membros entrevistados afirmam que não pretendem se desfazer de nenhum hectare. Muito pelo contrário: marido e esposa pensam no futuro que os filhos terão vivendo ali e cultivando a terra herdada por seus antepassados. O fato de plantarem certas espécies de árvores que podem demorar décadas para efetivamente frutificar – como a sapucaia – nos parece revelador. Mais que reles mercadoria a ser especulada, a terra aqui assume a forma simbólica de uma dádiva que Deus teria reservado a esses homens e mulheres. O aterramento visceral dos camponeses ao meio faz com que manifestem um sentido de indiferença em face do assédio do mercado imobiliário. Enquanto essa geração viver, dificilmente os empreendimentos turísticos se expandirão efetivamente em determinadas porções do entorno oeste do Parque (Fiscal, Clementes, Serrinha e Ponte Alta).

O plantio, em grande parte, visa à produção de gêneros para consumo próprio – “A gente planta a quantia da despesa. Não tem pra negócio não”. A “despesa” se refere aos gêneros de primeira necessidade que compõem a base da alimentação, proveniente, em grande parte, dos roçados e das hortas. Mas alguns itens são ainda comprados no comércio (como arroz, açúcar, macarrão e sal), estreitando a

²⁸⁸ O uso dessa expressão se baseia nas teorizações dos estudos clássicos de Candido (2003) e Martins (1986b).

dependência com o mercado para a obtenção de produtos básicos, o que aumenta a necessidade de renda monetária.

Além de milho e feijão, planta-se para subsistência uma variedade muito grande de raízes e hortaliças, geralmente no espaço circundante à casa: abóbora, mandioca, quiabo, repolho, cenoura, beterraba, cará, batata inglesa, batata roxa, araruta, pimentão, alho, couve, mostarda, taioba, almeirão, inhame, cebola, jiló, alface, tomate, pimenta, chuchu, cebolinha, serralha. A dona de casa e as filhas são as responsáveis pela manutenção desses cultivos domésticos. Em certo sentido, o papel da mulher na gestão das hortas tem ainda uma função nutricional inerente à organização da unidade camponesa de produção: a mulher sabe o que plantar e como combinar os diferentes tipos de alimentos, de acordo com as hortaliças e os recursos protéicos de que dispõe em cada período do ano. Entre os meses de abril e junho, por exemplo, elas coletam o pinhão da araucária como fonte complementar à alimentação – o qual é assado no fogão a lenha e servido como substituição à última refeição do dia (o jantar)²⁸⁹.

O escoamento da produção de milho e feijão²⁹⁰ se dá no mercado local para os próprios moradores “nativos” que residem no arraial de Conceição de Ibitipoca – aqueles que hoje vivem do turismo e que, por terem vendido suas terras em tempos pretéritos, não mais estabelecem espaços de cultivo. Mesmo assim, fazem questão de consumir os produtos da terra de onde nasceram, geralmente privilegiando as tradicionais relações vicinais dantes estabelecidas no campo como critério para a aquisição dos produtos alimentares de seus antigos vizinhos e compadres.

Somente o excedente da produção de milho e feijão é, eventualmente, vendido. No mercado local, a cotação mediana do preço do feijão, em junho de 2007, era de R\$2,08, com oscilações entre R\$1,80 e R\$2,50. Em abril de 2007, a saca de 50kg de milho em Ibitipoca alcançava o preço médio de R\$29,00.

²⁸⁹ Algumas famílias ainda produzem doce com o pinhão de araucária.

²⁹⁰ Em Ibitipoca, o milho é plantado entre outubro e novembro e colhido em junho ou julho. Já o feijão possui dois plantios intercalados: 1) o feijão da águas (plantado em outubro, às vezes consorciado com o milho, e colhido em fevereiro; 2) o feijão da seca (semeado entre fevereiro e março e colhido em junho).

TABELA 13

Produção agrícola (milho e feijão crioulo) das Unidades
Camponesas amostradas no entorno do PEIb (2007)

| Intervalos de Classes Fundiárias | Milho crioulo (kg) | | | | | | Feijão crioulo (kg) | | | | | |
|-------------------------------------|---|-------|---------|-------|-------|-------|---|-------|---------|-------|-------|------|
| | Período de referência da safra: nov./2006/jul./2007 | | | | | | Período de referência das safras: Feijão das águas: out./2006/fev./2007 Feijão da seca: fev./2007/jun./2007 | | | | | |
| | PRODUÇÃO TOTAL | % | CONSUMO | % | VENDA | % | PRODUÇÃO TOTAL | % | CONSUMO | % | VENDA | % |
| 0,5 a 0,7 ha | 3000 | 5,86 | 2800 | 6,13 | 200 | 3,64 | 340 | 8,81 | 240 | 7,84 | 100 | 12,5 |
| 4,0 a 8,4 ha | 5400 | 10,55 | 5400 | 11,82 | -- | 0,0 | 270 | 7,00 | 270 | 8,82 | -- | 0,0 |
| 11 a 20 ha | 9500 | 18,55 | 9500 | 20,79 | -- | 0,0 | 660 | 17,10 | 580 | 18,95 | 80 | 10,0 |
| 24 a 28 ha | 13500 | 26,37 | 8200 | 17,94 | 5300 | 96,36 | 1530 | 39,63 | 1030 | 33,66 | 500 | 62,5 |
| 36 a 40 ha | 7200 | 14,06 | 7200 | 15,75 | -- | 0,0 | 310 | 8,03 | 310 | 10,13 | -- | 0,0 |
| 46,5 a 52 ha | 4500 | 8,79 | 4500 | 9,85 | -- | 0,0 | 100 | 2,59 | 100 | 3,27 | -- | 0,0 |
| 68 a 108 ha | 8100 | 15,82 | 8100 | 17,72 | -- | 0,0 | 650 | 16,84 | 530 | 17,32 | 120 | 15,0 |
| TOTAL | 51200 | 100 | 45700 | 100 | 5500 | 100 | 3860 | 100 | 3060 | 100 | 800 | 100 |

Fonte: Dados de Campo – 2007.
Elaborado por: BEDIM, B. P.

Os estabelecimentos rurais de Ibitipoca se apresentam como unidades de consumo e produção, absorvendo e consumindo 89,26% da colheita de milho e 79,27% da de feijão. A comercialização da produção excedente – quando há – perfaz um baixo grau de inserção na economia de mercado. Apenas 20,73% da produção total de feijão são escoadas para o mercado, ao passo que a percentagem da comercialização do milho é ainda menor: 10,74%.

Dentre as técnicas e equipamentos utilizados no plantio, observa-se a predominância da tração animal nos arados (93,33%), especialmente nos terrenos de maior declividade, onde nem mesmo o trator de esteira alcançaria. Nas palavras dos agricultores, trata-se de um “terreno escorrido”, ou ainda, de uma “lançante” (encostas com declividade acentuada onde se estabelecem cultivos). A inserção do trator é recente, de 6 anos para cá. Desde 2006, a prefeitura de Lima Duarte oferece 8 horas de aração mecânica para cada agricultor – benefício que não atende a todas as unidades camponesas de produção, em face das limitações impostas pelo relevo.

TABELA 14
Equipamentos e técnicas agropecuárias/Serra de Ibitipoca (2007)

| Técnicas e Equipamentos | Frequência Relativa (%) | Frequência absoluta |
|--------------------------------|--|---|
| Sementes crioulas | 96,67 | 29 |
| Sementes híbridas | 13,33 | 4 |
| Plantio consorciado | 46,67 | 14 |
| Rotatividade de cultivos | 86,67 | 26 |
| Manejo de pastagens a fogo | 56,67 | 17 |
| Arado/Tração animal (boi) | 93,33 | 28 |
| Aração a trator | 56,67 | 17 |
| Moinho d'água | 93,33 | 28 |
| Eletricidade na propriedade | 60,0 | 18 |
| Irrigação | 0,0 | 0 |
| Já fez correção do solo | 16,67 | 5 |
| Já fez análise do solo | 23,33 | 7 |
| Ordenha mecânica | 0,0 | 0 |
| Sistema de parceria | 30,0 | 9 |
| Plantio encruzado | 96,67 | 29 |
| Plantio/Curvas de nível | 0,0 | 0 |
| Fertilizante | 90,0 | 27 |
| Mineral/Adubo "Mariza" | 36,67 | 11 |
| Adubo orgânico/esterco | 0,0 | 0 |
| Agrotóxicos | 3,33 | 01 |
| Inseminação artificial | | |
| Observações: | O tempo médio de pousio da terra para a rotatividade dos cultivos é de 3 anos. | O sistema de plantio "encruza-terra" é uma técnica local adaptada à declividade dos terrenos; visa a minimizar os processos erosivos. |

Fonte: Dados de Campo (2007)

Elaboração: BEDIM, B. P.

A inserção do trator tem levado à variação dos espaços de cultivo, já que os terrenos menos acidentados e acessíveis às máquinas passam a ser privilegiados. O trator se apresenta como um acréscimo tecnológico fundamental às atuais circunstâncias desses agricultores, porque lhes falta a força de trabalho das novas gerações, daí o trator se presta como fator de superação parcial das limitações das

forças produtivas. Mesmo assim, o arado a boi ainda é largamente utilizado e, na maioria das propriedades, o uso da tração animal e da máquina se dá de forma conjugada (56,67%).

Segundo os camponeses, o milho crioulo cultivado localmente está adaptado às condições climáticas e ao solo serrano, resistindo ao excesso de chuvas e a eventuais pragas. O milho híbrido, ao contrário, em Ibitipoca tem se apresentado mais suscetível ao caruncho – um tipo de inseto que perfura os cereais, seja nos roçados seja nos paióis, tornando-os rapidamente perecíveis. A cana também é cultivada e, quando sua colheita é suficiente para alimentar o gado no período das secas, a sobra da produção é vendida para alambiques²⁹¹ da região a título de renda complementar esporádica.

A conservação de tradicionais espécies domésticas na Serra de Ibitipoca é uma constatação empírica relevante. Sobressaem variedades rústicas de porcos (piauí, caruncho e canastra), as quais, de acordo com os camponeses, são mais resistentes a bernes e carrapatos, além de se adaptarem melhor às condições ambientais locais – incluindo melhor resposta à alimentação fornecida, que é à base de vegetais e sobras de comida (lixo orgânico/lavagem). Também se destacam as sementes crioulas (milho e feijão), variedades de raízes (araruta, inhames e mandiocas), aves caipiras, etc. Segundo os agricultores, o gado mestiço criado na Serra é mais resistente ao frio. De acordo com os entrevistados, as raças puramente zebrinas ou as de procedência europeia, ao contrário, possuem pouca adaptabilidade às variações climáticas e geofísicas de Ibitipoca.

Em julho de 2007, o gado comercializado para corte alcançava o preço médio de R\$44,00 a arroba. Mas a principal funcionalidade da pecuária bovina em Ibitipoca está na produção leiteira – atividade que permite um mínimo de acumulação ao pequeno produtor.

Nos pontos mais altos do entorno do Parque (Serrinha, Fiscal, Cachoeirinha, Tanque/Encosta, etc.) os latões de leite são conduzidos pelo próprio camponês, via tração animal, até determinados pontos da estrada, onde, a partir de 10 horas, um cargueiro de muares transporta a produção até um tanque de captação e refrigeração da produção leiteira situado nas imediações do arraial de Conceição de Ibitipoca. O tanque é mantido por um tradicional laticínio que compra a produção dessa área – Jong MB.

Os produtores dos bairros rurais Andorinhas, Engenho, Mogol e Grota do Canal são vinculados à APRAL – Associação dos Produtores Rurais de Andorinhas

²⁹¹ Três propriedades amostradas produzem cachaça artesanal. Apenas uma comercializa a produção.

e São José dos Lopes²⁹² – os quais se associaram para melhor organizar a produção e reivindicarem melhores preços de comercialização junto a esse mesmo laticínio²⁹³. Levam o leite até um ponto da estrada Lima Duarte – Conceição de Ibitipoca, onde é captado pelo caminhão da empresa. E, de fato, alcançam o preço médio de R\$0,53 por litro de leite no período da seca, ao passo que nas águas a cotação média gira em torno de R\$0,34/litro²⁹⁴.

Esses são os produtores rurais que mais se utilizam de acréscimos tecnológicos em Ibitipoca: somente eles plantam milho híbrido, e, ainda, são os únicos que já fizeram algum tipo de análise e correção do solo. O rebanho bovino dessas propriedades compreendidas na classe fundiária 7 constitui-se de um gado predominantemente girolando, perfazendo um plantel aparentemente mais apurado em termos genéticos, se comparado com as demais propriedades rurais amostradas. Das unidades de produção pesquisadas, nenhuma possui tanque resfriador.

A produtividade média por vaca é de apenas 3,75 litros/dia. Dos 224 animais em lactação pesquisados, a produtividade máxima por rês atinge 7 litros/dia.

Muitas propriedades, por produzirem tão pouco, ao invés de escoarem a produção leiteira no laticínio – cujo preço também não é muito atraente²⁹⁵, apesar de garantir uma renda com maior grau de previsibilidade – preferem vender o leite no varejo, pelas ruas do arraial. O produto assim alcança um preço mais elevado, chegando a custar R\$0,70/litro.

²⁹² Segundo os entrevistados, apenas esses poucos produtores vinculados à Associação dos Lopes já receberam algum tipo de assistência técnica da Emater desde 2005.

²⁹³ Constatamos que nas propriedades rurais com produtividade acima de 100 litros de leite, o laticínio faz a coleta individualmente, por estabelecimento. Apenas uma unidade camponesa de produção amostrada em Ibitipoca perfaz tal índice de produção. Por produzir mais, o preço pago por litro também é um pouco acima da cotação de mercado, alcançando um acréscimo de 3,8% em relação às demais.

²⁹⁴ Dados relativos a 2007.

²⁹⁵ Registra-se aqui o fato de haver camponeses que trabalham temporariamente como garçons e/ou pedreiros no arraial de Ibitipoca para depois investirem o dinheiro do salário na compra de gado bovino.

TABELA 15

Pecuária bovina, suínos e aves segundo os intervalos de classes fundiárias das Unidades Camponesas de produção amostradas – Ibitipoca (2007)

| Intervalos de Classes Fundiárias | Plantel bovino | | | | Aves e suínos p/ consumo | | | |
|-------------------------------------|----------------------|-------|--------------------|-------|--------------------------|-------|--------------|------|
| | Vacas em Lactação | % | Vacas Solteiras | % | Bezerros e Garrotes | % | Reprodutores | % |
| 0,5 a 0,7 ha | - | 0,00 | - | 0 | - | 0 | - | 2 |
| 4,0 a 8,4 ha | 15 | 6,70 | 9 | 5,84 | 13 | 4,96 | 1 | 4,0 |
| 11 a 20 ha | 26 | 11,61 | 22 | 14,29 | 47 | 17,94 | 3 | 12,0 |
| 24 a 28 ha | 44 | 19,64 | 54 | 35,07 | 41 | 15,65 | 4 | 16,0 |
| 36 a 40 ha | 32 | 14,29 | 8 | 5,19 | 51 | 19,47 | 5 | 20,0 |
| 46,5 a 52 ha | 37 | 16,52 | 23 | 14,94 | 41 | 15,65 | 3 | 12,0 |
| 68 a 108 ha | 70 | 31,25 | 38 | 24,68 | 69 | 26,34 | 9 | 36,0 |
| TOTAL | 224 | 100 | 154 | 100 | 262 | 100 | 25 | 100 |
| | | | | | | | 83 | 100 |
| | | | | | | | | 805 |
| | | | | | | | | 100 |

Fonte: Dados de Campo (2007)

Elaborado por: BEDIM, B. P.

TABELA 16

Produção leiteira diária do efetivo pecuário das unidades camponesas amostradas no entorno do PEIb (período de referência: abril/maio/2007)

| INTERVALOS DE CLASSES FUNDIÁRIAS | Nº de vacas em lactação | % | Produção total das unidades amostradas (l) | % | Produtividade média (litros/vaca/dia) |
|--|----------------------------|-------|---|-------|---|
| 0,5 a 0,7 ha | --- | 0,0 | --- | 0,0 | --- |
| 4,0 a 8,4 ha | 15 | 6,70 | 39 | 4,64 | 2,60 |
| 11 a 20 ha | 26 | 11,61 | 83 | 11,07 | 3,58 |
| 24 a 28 ha | 44 | 19,64 | 188 | 22,38 | 4,27 |
| 36 a 40 ha | 32 | 14,29 | 116 | 13,81 | 3,63 |
| 46,5 a 52 ha | 37 | 16,52 | 177 | 21,07 | 4,78 |
| 68 a 108 ha | 70 | 31,25 | 227 | 27,02 | 3,24 |
| TOTAL | 224 | 100,0 | 840 | 100,0 | 3,75 |

FONTE: Dados de Campo – 2007

Elaboração: BEDIM, B. P.

Nos estabelecimentos amostrados, 100% da ordenha é manual. O gado é criado solto no pasto, em regime extensivo, recebendo apenas fubá como complemento alimentar ao capim. Aos olhos dos técnicos produtivistas, a ordenha manual é comumente entendida como uma falha no processo de higienização – o que, sob o viés capitalista da indústria de laticínios, justifica o subsequente comprometimento da qualidade do leite produzido em Ibitipoca e seu menor valor de mercado. Contudo, propomos aqui um outro ponto de vista possível: o contato direto do ser humano com o leite via ordenha manual, no plano simbólico, para o camponês, significa maior interação com os animais de seu cotidiano. Trata-se de um leite produzido com calor humano, e isso, ao nosso ver, agrega valor ao produto final: um leite natural, cujo processo de ordenha incorpora a afeição do retirante em seu trabalho de produção artesanal. **Esse leite contém o trabalho da família, o *ethos da terra* agregado ao processo produtivo.** No plano subjetivo, as condições do meio físico (solo, pastagens da Serra, clima, etc.) e seu respectivo conteúdo de cultura estão incorporadas na sua composição. **Não se trata de um leite qualquer: o que o produz é a dinâmica da vida na Serra de Ibitipoca.**

Já os produtores das imediações do arraial dos Moreiras (ver no Mapa 2 as unidades camponesas nºs 1, 2 e 3) escoam sua produção leiteira para um laticínio situado na localidade denominada Vermelho (entorno norte do Parque, município de Santa Rita do Ibitipoca). No *Laticínio do Vermelho*, como é chamado, o preço do leite oscila entre R\$0,52 (no período de seca) e R\$0,41 (período das águas). Os camponeses levam o leite no lombo de muares até o arraial dos Moreiras, onde o caminhão do laticínio recepta a produção. Nas imediações da Mata do Luna (ver Mapa 2), localiza-se o único produtor de toda a amostragem que realiza duas ordenhas diárias. Na ausência de refrigerador próprio – mesmo porque em seu sítio não possui energia elétrica – seus latões de leite pernoitam dentro de um córrego, submersos, o que mantém naturalmente a temperatura branda, evitando-se o perecimento do produto. Para esses camponeses do entorno norte e noroeste, o semi-isolamento ainda é algo constatável. Além da ausência de energia elétrica, também não há transporte coletivo que abranja a área em que residem. Quando algum indivíduo adoece, a única alternativa possível é se deslocarem 20km a cavalo até Santa Rita de Ibitipoca – o tempo de duração desta viagem oscila de 4 a 5 horas.

Das propriedades rurais amostradas no entorno do Parque, 40% ainda não possuem energia elétrica. Em alguns casos, os próprios camponeses resistem em

implantar a luz na propriedade, alegando “não fazer falta”. Mas muito deles almejam ter acesso a essa comodidade²⁹⁶.

O *ethos* camponês constrói assim o espaço de sua própria diferença; o compartimento de um outro tempo que se faz presente; a enunciação dos enigmas de um futuro incerto pois envolto pelos cercos e desafios de um modo de vida confrontado aos movimentos mais amplos de expansão do capital. Eis algumas anotações registradas em nosso diário de campo.

Serra de Ibitipoca, 25 de abril de 2007. Hoje, eu e minha tia²⁹⁷ visitamos a primeira propriedade rural a ser amostrada. Trata-se de um pequeno sítio situado em terreno arenoso onde moram 3 idosos, numa casa simples soerguida na média encosta de uma das escarpas da Serra. Receberam-nos apreensivos, cautelosos, mas após uns 30 minutos estávamos todos à vontade. Nunca imaginei que na zona rural do Sudeste brasileiro ainda houvesse pessoas morando em situação de semi-isolamento, sem energia elétrica e que pasassem meses sem ir à cidade mais próxima. Nem rádio a pilha havia ali. Tomamos café, almoçamos, minha tia se encantou ao ver as colchas artesanais de lã de carneiro tingidas com cipó-de-ruivinha, sementes de anilís e casca de pau-brasil; a serpentina de lata e madeira que sobe pelo fogão a lenha; os fornos de cupinzeiro e a produção artesanal de polvilho de araruta. De fato, o biscoito estava muito bom, comi uns 8. Fiquei na sala a conversar com o anfitrião, enquanto a senhora levou minha tia para a cozinha. Para se aproximar do universo cultural de minha tia, ela relatou maravilhada o capítulo de uma novela que assistira do quarto de um hospital em Juiz de Fora, há uns 10 anos. Contou ainda muitas histórias do “tempo do cativo”, a sua versão da Primeira Guerra mundial e algumas notícias sobre o ex-ministro Rui Barbosa que ainda povoam o seu imaginário. Deram-nos vários presentes, dentre eles

²⁹⁶ O número de propriedades rurais amostradas que não possuem eletricidade só não é maior devido à iniciativa oportunista de deputados da região que ainda prestam favores em épocas estratégicas, realizando pequenas concessões políticas em períodos eleitorais. No segundo semestre de 2006, por exemplo, 6 estabelecimentos rurais amostrados foram contemplados com energia elétrica (entorno oeste). Os membros de duas dessas famílias, após instalarem a eletricidade entre setembro e dezembro de 2006, tiveram que prestar serviços fora do estabelecimento familiar como forma de quitar dívidas contraídas com a aquisição de aparelhos eletrodomésticos. Ademais, não há nenhuma referência de que se trate do *Programa Luz para Todos*, do governo federal. Segundo informaram os agricultores, esses deputados são articulados à distribuidora regional de energia. Há, ademais, algumas discrepâncias explícitas verificadas em campo. Por exemplo, existe uma propriedade rural situada a apenas 300 metros do arraial de Conceição de Ibitipoca que ainda não foi contemplada com energia elétrica por ser considerada “zona rural” (ver ponto 19, Mapa 2). Ocorre que o poder público considerou um condomínio residencial – implantado recentemente numa área bem mais afastada da vila que o referido sítio – como “área urbana”, motivo pelo qual os veranistas já podem desfrutar de energia elétrica em suas casas, ao passo que o camponês, apesar de viver a poucos metros do arraial, continua iluminando sua vida a lamparina.

²⁹⁷ Nos trabalhos de campo em que realizei sozinho, percebi que as mulheres evitavam dirigir-me a palavra, devido às formas de coerção moral e subserviência que ainda permeiam a vida da mulher rural em Ibitipoca. Como estratégia para superar tais limitações e trazer a voz feminina para a narrativa, convidei minha tia aposentada para que me acompanhasse durante um trabalho de campo – o que, de fato, aproximou o ente feminino do universo da amostragem. Mesmo assim, no relato acima é perceptível o fato de a camponesa ter convidado minha tia para se dirigirem à cozinha, lugar socialmente reservado às mulheres camponesas pesquisadas em Ibitipoca. Na sala, permaneceram os homens a conversar comigo quando da interação via questionário e roteiros de entrevista.

uma vassoura do campo feita com ramos colhidos na Serra e amarrada com cipó (embira). Minha tia estava convicta de que o camponês de Ibitipoca é um elo perdido da civilização ocidental. Disse-me que aquelas pessoas ainda viviam no século XIX, e que estava muito realizada por ter visto coisas da roça que até então só sua avó havia lhe contado na sua infância. Vi nela uma turista feliz, a hospitalidade dos camponeses a havia seduzido. Ocorre que, aos 58 anos, minha tia, longe de ser uma típica urbanoide, nasceu e foi criada não muito longe dali, num sítio às margens do rio Pomba, zona rural do município de Cataguases (MG), onde desde a década de 1970 lecionara em escolas rurais. Apesar de também morar no campo, ela maravilhou-se com o aspecto *sui generis* da cultura de Ibitipoca. Foi então que percebi que a expropriação de terras camponesas causada pelo turismo estava ameaçando o maior dos patrimônios: o próprio homem da Serra, sua cultura, seu modo de viver. Parques, cachoeiras e grutas há em todo e qualquer lugar do Brasil; a hospitalidade e a cultura típica que encontramos em Ibitipoca, não. (BEDIM, B. P. Diário de Campo, 25/04/07).

Por que eles são assim? Por que se organizam assim? Simples: porque eles vivem assim. Esses são fragmentos da vida camponesa captados no cotidiano do homem rural simples que “ama a vida que leva, e leva a vida que ama”²⁹⁸

4.5.5 ENTORNO DO PARQUE: A MORADA DO CAMPONÊS



Ainda hoje, 93,33% das unidades camponesas amostradas possuem moinho d'água como meio de processarem os grãos que colhem. As pedras que se movimentam e esmagam os grãos são cuidadosamente selecionadas e esculpidas, de forma a proporcionar o ponto ideal de moagem dos fubás. Como as nascentes e os córregos na Serra são abundantes, quase todas as propriedades têm seu próprio moinho. Aliás, as próprias residências camponesas são soerguidas estrategicamente nas proximidades dos córregos que possuem alguma queda d'água. Ao redor da casa, verifica-se a organização de cenários a manifestar uma espacialidade inerente à vida camponesa: paióis de madeira armazenam as colheitas; hortas mantidas pelas donas de casa; flores do campo, ervas medicinais e pequenos animais criados livremente pelo terreiro – que é sempre bem varrido como forma de expressar o asseio da família camponesa.

FIGURA 31 – Típico moinho d'água/entorno Sudeste - Foto: Bruno Bedim, maio 2007

²⁹⁸ Nesse sentido, ver Oliveira (2006, p.12).



FIGURA 32 – A morada - Foto: Bruno Bedim, maio 2007
Entorno sul/PEIb

As casas encontram-se assentadas na média encosta, próximas a córregos. As moradias são estrategicamente construídas em pontos que lhes confira proteção contra a alta incidência de raios na Serra. Nas últimas décadas, o IEF proibiu a fabricação de tijolos caseiros em função do desmatamento ocasionado pela retirada de lenha para alimentar os fornos: “o florestal embargou até a fabricação do tijolo da casa” – salienta um agricultor. Como esse tipo de tijolo é típico da Serra, o patrimônio cultural expresso na arquitetura rural de Ibitipoca corre o risco de desaparecer.

Na imagem, Dona Zizica, agricultora (93), a mais idosa habitante do entorno do Parque, quando da realização da pesquisa. Da janela de sua casa, ela segura um cesto de palha na mão, de onde retira milho crioulo para alimentar os pequenos animais do terreiro (patos e galinhas caipiras).

“A vida aqui, sem luz, é uma vida de fumaça... olha só como aqui está esfumaçado! Isso é a luz do que-rosene, a nossa vida é feita a lamparina. Sou feliz com essa minha vida assim. Mudar pra quê?”

As roupas que vestia no inverno de 2007 foram tecidas artesanalmente por ela e suas irmãs, no tear de madeira e no tricô, a partir da lã de carneiros criados no próprio sítio. O tom azulado que colore sua blusa foi extraído das sementes de um arbusto típico da Serra (anilis). Aos 93 anos, esbanja saúde e disposição, realizando em seu cotidiano inúmeras tarefas domésticas.

Desde o século XVIII, encontramos referências de sua família no processo de povoamento e ocupação da antiga fazenda Ponte Alta (entorno noroeste). Provavelmente, um de seus ancestrais recebeu Saint-Hilaire lá, em 1822.



FIGURA 33 – A janela camponesa e o maior patrimônio da Serra: os antigos moradores e o saber tradicional acumulado através do tempo
- Foto: Bruno Bedim, abr. 2007

4.5.6 PRESERVAR PARA PRODUZIR: O CARÁTER MIMÉTICO DA RENDA TERRITORIAL

O estrato de classe 7 (68 a 108ha) agrupa quatro propriedades rurais que, somadas, concentram 35,98% do total de hectares amostrados. Tal concentração fundiária se dá nas terras situadas nas imediações da antiga Fazenda do Engenho que, embora desmembrada em propriedades menores, suas porções ainda possuem uma dimensão razoável para os parâmetros fundiários verificados na Serra, cuja variação altimétrica perfaz as zonas de menor altitude da amostragem – cotas inferiores a 1000m. Uma unidade camponesa de produção do Mogol também integra esse intervalo de classe fundiária.

Aliás, um fator detectado por esta pesquisa: no subdistrito Mogol, entorno sudeste do Parque, restaram apenas 3 unidades camponesas que ainda produzem; todo o restante vendeu suas terras recentemente para investidores externos à comunidade. Consequentemente, este arraial possuía, em julho de 2007, apenas 22 habitantes – um decréscimo populacional de 80% em apenas um ano!

Apesar de autores como Alencar e Moura Filho (1988) categorizarem como “pequenos produtores” apenas os que se utilizam de propriedades rurais abaixo de 50ha, no entorno do Parque do Ibitipoca, esse tipo de critério de classificação sinaliza os seus limites. Embora o tamanho das propriedades agrupadas na classe 7 seja relativamente maior no contexto estudado, isso não implica dizer que elas possuem uma produtividade elevada em relação às demais propriedades. Ocorre que justamente nesses estabelecimentos se concentram os grandes areais (áreas em processo de arenização avançada, de solo ácido e com depósitos expostos de grãos de quartzito²⁹⁹). Posto que se trate de um processo natural, a arenização pode ser, eventualmente, acelerada pela ação antrópica, incluindo-se aí a prática da pecuária extensiva. Para o agricultor, é considerado um espaço improdutivo, para os empreendedores imobiliários, contudo, se apresentam como paisagens altamente atrativas e sobrevalorizadas em termos estéticos, já que o impacto visual (causado pelos montes brancos de grãos de areia depositados nas encostas da Serra) se configura atrativo turístico singular.

Nessa mesma área, consequentemente, há um fator de dissonância em relação ao tamanho mediano das propriedades rurais. A exceção é uma com aproximadamente 3000ha, cujas terras³⁰⁰ se estendem desde a antiga sede da Fazenda do Engenho, perpassando pelo arraial do Mogol e abraçando quase todo o Parque

²⁹⁹ Sobre a distribuição espacial dos areais da Serra de Ibitipoca, ver Torres, Lawall e Rocha (2005).

³⁰⁰ Em abril de 2007, dois funcionários que trabalham nessa propriedade impediram que o carro da universidade adentrasse em suas terras. Eles se negaram a dar informação que nos auxiliasse a contatar os empresários – ligados a uma empresa de construção e mineração – que atualmente adquirem grandes extensões de terras na região. Dessa forma, não foi possível perguntar pessoalmente aos proprietários quais seus reais interesses em adquirir tamanha extensão territorial no entorno de um Parque Estadual.

pela vertente leste, abrangendo terras desde o entorno sul, seguindo pelo eixo oriental até divisar com o extremo norte do Parque do Ibitipoca. Mas há também um fragmento isolado que compreende a Mata do Luna (entorno noroeste, logo abaixo da principal queda do rio Vermelho – a cachoeira Janela do Céu, a mais visitada do Parque). A Mata do Luna (ver Mapa 2) é um fragmento de Mata Atlântica com cerca de 20ha; abriga o último bando de muriquis³⁰¹ (monocarvoeiros) da região. Até o momento, os empresários que compraram essas terras despendem esforços para com a preservação desse fragmento florestal, incentivando a pesquisa científica na área e a manutenção de sua biodiversidade.

Seus proprietários são empresários provenientes de centros urbanos – ligados a uma grande empresa de construção e mineração – e seu processo de expansão territorial na Serra é relativamente recente, intensificado nos últimos seis anos³⁰². Assim como o Parque, essa propriedade rural compreende extensões territoriais de três municípios: Lima Duarte, Santa Rita do Ibitipoca e Bias Fortes.

Até o momento, as demais matas situadas nas terras adquiridas por esse grupo também estão sendo conservadas; há inclusive evidências de que a empresa está promovendo o plantio de mudas nativas visando ao processo de sucessão ecológica das áreas outrora impactadas pelas atividades produtivas dos antigos proprietários. Além de possuir uma extensão de terras duas vezes maior que o território do Parque, esses empresários realizam no entorno o que o IEF, até o momento, se esquivava de fazer: plantam árvores silvestres.

Contudo, os empresários não se apropriaram das porções territoriais mais altas da Serra, tendo em vista, dentre outros fatores, a resistência do camponês em ceder a terra para o investidor. Essa grande propriedade, entretanto, não possui uma contiguidade territorial: circunscritos nela há “enclaves camponeses”, pequenas propriedades de agricultores que, apesar de “ilhados”, resistem em permanecer ali. Para esses camponeses, o valor de uso de suas terras é sobredeterminante em relação ao seu valor de troca.

O grupo empresarial, então, expandiu seu patrimônio fundiário a partir da aquisição de terras dos últimos fazendeiros remanescentes que havia na região, comprando, via de regra, propriedades rurais cuja área ultrapassa 50ha, geralmente de pecuaristas que se dispuseram da terra por motivo de velhice, doença na família ou após a morte dos progenitores. Após a venda da terra, esses fazendeiros se mudaram para cidades próximas, geralmente investindo o dinheiro na compra

³⁰¹ O muriqui ou monocarvoeiro (*Brachyteles arachnoides*) é o maior macaco das Américas.

³⁰² Dentro dessa mesma propriedade, no entorno sul, situa-se uma pista para pouso e decolagem de aeronaves – por onde circulam especialmente aviões de pequeno porte – cujo artifício de engenharia impressiona, já que a pista possui uma relativa inclinação topográfica e está situada num terreno que, além de acidentado, sua cota altimétrica ainda ultrapassa os 1000 metros.

da casa própria ou em fundos de aposentadoria. Para eles, o fato de haver alguém interessado na compra de suas terras foi um alívio circunstancial.

Dessa forma, ironicamente, esse grupo empresarial, apesar de possuir uma extensão territorial dilatada, não está diretamente atrelado aos processos recentes de expropriação camponesa verificados no entorno oeste do Parque. A aquisição de suas terras se deu num contexto em que as fazendas remanescentes do entorno leste e sul sinalizavam o esgotamento de seus recursos econômicos no período subsequente à modernização da agricultura brasileira. Houve, portanto, fatores circunstanciais correlacionados à estrutura produtiva regional e nacional que criaram as condições favoráveis para que os investidores se apropriassem dessas terras no momento em que a esfera produtiva agrícola não mais sustentava o processo de valorização do capital na Serra. As últimas fazendas de Ibitipoca sinalizaram, assim, os limites da sua própria existência – já que, ao contrário do sitiante-camponês, o fazendeiro não dispunha de mão de obra familiar o suficiente para trabalhar a terra.

O investidor urbano, por sua vez, não precisou pressionar nem induzir a expropriação de ninguém: apenas sentou e esperou que os mecanismos do capital providenciassem **o afastamento dos elementos fundantes da contradição no capitalismo, isto é, a assimetria insustentável entre forças produtivas e relações de produção**. Portanto, no entorno sul, sudeste e leste do Parque, o processo de estrangulamento das forças produtivas agrárias que até então suportavam as grandes fazendas do sopé da Serra havia sido gerado num período anterior à chegada dos novos investidores. Como já demonstrado no Capítulo 2, a esfera produtiva agropecuária de Ibitipoca há pelo menos três décadas assinalava a eminência de seu próprio colapso.

Em certo sentido, os camponeses projetaram no jovem empresário que lidera esse grupo a figura do grande fazendeiro que ali existira no passado. No horizonte do camponês, o capitalista atual é o ente arquetípico a preencher o espaço do fazendeiro de outrora sem, contudo, herdar as antigas relações de subserviência do camponês para com o “patrão-fazendeiro”. Como todos em Ibitipoca eventualmente podem necessitar recorrer a ele um dia, ninguém fecha suas portas ao capitalista. Mas o “Paraíso do Capital” não está aberto a todos.

O camponês então se remete ao capitalista como se ambos estabelecessem uma relação social planificada; como se possuíssem o mesmo poder político e econômico no âmbito local; como se o detentor do grande capital fosse um homem comum a atravessar o seu cotidiano. A relação entre eles incorpora um tratamento aparentemente pacífico que se realiza no âmbito interpessoal; o “olho a olho” a subentender conformidades e resistências. Para o camponês, esse inves-

tidor é considerado um homem justo, de valores éticos e de intenções declaradas. Compra as terras que eventualmente lhes são oferecidas; paga por elas um preço que os *sitiantes* estimam ser lícito; não descumpra seus acordos. Em Ibitipoca, as relações de compra e venda da terra incorporam assim uma dimensão simbólica muito valorizada pelo *ethos* camponês: a palavra dada; o pacto envolto pelo código de honra; o compromisso moral de compra e venda a preceder os trâmites burocráticos no cartório.

Assim o capital, personificado na figura do investidor urbano, incorpora os códigos de relação localmente instituídos como ajuste cultural necessário à expansão capitalista sobre espaços onde ainda age a moral camponesa. Antes de se assestarem numa base jurídica definida, as relações de compra e venda da terra se realizam no plano moral.

Hoje o arquétipo do antigo fazendeiro e suas respectivas formas de coerção e exploração do trabalho (relação patrão-dependência) não são mais encontrados na Serra. Ironicamente, a sucessão desse modelo residual se deu a partir da emergência de **uma nova modalidade de propriedade e ocupação do solo que, na forma peculiar assumida pelos processos recentes verificados no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca, talvez seja o suprasumo do capitalismo na Serra: um grupo empresarial a constituir uma nova forma de apropriação da renda da terra, de caráter *sui generis*, uma espécie de “RENDA DA NATUREZA”.**

Para os interesses de um grupo empresarial desse porte, a natureza preservada se apresenta como força produtiva em potencial. Historicamente, inaugura-se, assim, uma nova modalidade de uso e ocupação do solo no entorno de Unidades de Conservação no Brasil. **A (re)distribuição do custo social da renda da terra incorpora, aqui, uma dimensão socioambiental que pode permitir ao capitalista a sua *posteriori* utilização como reserva de valor.** Nesse sentido, a simples aquisição de terras e a respectiva conservação de seus atributos ecológicos lhes conferem um sobrevalor: a manutenção de um pretensão *status quo* ambiental que, no futuro, poderá ser usado a título de medida compensatória.

No entorno sudeste, leste e sul do Parque, portanto, há a tendência de monopolização territorial via formação de uma grande propriedade cujos gestores, até o momento, despendem esforços para com a preservação ambiental da área. No atual contexto anômalo da Serra de Ibitipoca, o grande capital preserva a natureza ao invés de promover a degradação ambiental típica do capitalismo.

Mediante as novas formas de racionalidades incorporadas, a dimensão **estética da paisagem natural insurge como força produtiva**, já que a atratividade das formas naturais e culturais se apresenta como fator histórico-geográfico de

desenvolvimento econômico e social. Tal constatação se anuncia a partir da **transição dos critérios de valorização da terra** mediante um processo conduzido pelo acréscimo de novas formas de racionalidade. Aqui, de pouco vale a fertilidade do solo. O fetiche assume então a forma das plantas, dos bichos e dos subsequentes ecossistemas em que se encontram inseridos.

Tudo porque a terra equivale à mercadoria, é a expressão contraditória do enigmático mundo da mercadoria a incorporar valor de uso e valor de troca. Só que se trata de uma mercadoria diferente, metamórfica: a terra se distingue de todas as outras formas assumidas pela mercadoria nas sociedades capitalistas. De acordo com Martins (1986, p.33), a terra se constitui como “mercadoria que não circula; em seu lugar circula o seu representante, o título de propriedade. O que se compra e vende não é a própria coisa, mas o seu símbolo”. Subjacente a esse processo, reside o fato de a terra possuir a capacidade de gerar renda mesmo que não seja usada: a renda da terra.

A terra não é propriamente mercadoria, mas equivalente de mercadoria. Para que possa produzir renda – que é o seu uso capitalista – a terra não exige que o ter e o usar estejam juntos. Nas outras mercadorias, o ter é condição do usar e o usar é a realização do ter; no caso da terra, na sociedade capitalista [...], não é necessário que estejam juntos (MARTINS, 1986, p.33).

A sujeição da renda da terra ao capital financeiro assume, em Ibitipoca, uma interface “ecologicamente correta”. Desse contexto, emerge na Serra o caráter mimético assumido pela renda territorial, em que **a terra incorpora a capacidade de produzir renda mesmo que não seja utilizada diretamente via processos produtivos agrícolas**. Sob os domínios de seu legítimo proprietário, uma floresta em pé poderá assumir, num futuro próximo, um valor incalculável. Assim, a clássica natureza (essência; caráter) da renda da terra desdobra-se, pois, numa inédita “**renda da natureza**”: eis a recente face assumida pelos movimentos mais amplos de expansão do capital no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca. **Conservar a natureza para produzir. Produzir renda da terra.**

4.5.7 NO MEIO DO CAMINHO TEM UM MILHARAL. TEM UM MILHARAL NO MEIO DO CAMINHO

No entorno oeste e sudoeste do Parque, assiste-se a um processo similar ao descrito anteriormente, mas que mobiliza mecanismos inversos, sendo suscitado por outros agentes e fatores: o parcelamento fundiário a partir da especulação imobiliária conduzida não pelo grande capital, mas por pequenos empreendedo-

res do *trade* turístico. Contudo, esse processo só se desvela a partir da morte dos velhos camponeses. Atualmente, toda uma geração de progenitores vem impondo limites à expansão do turismo em Ibitipoca.

Este subtítulo é uma paráfrase que alude a um clássico poema de Drummond (1967)³⁰³. No contexto de Ibitipoca, essa metáfora expressa a resistência do camponês em ceder a terra para o investidor no entorno ocidental do Parque – já que, atualmente, dois tradicionais espaços de cultivo onde anualmente plantam-se milharais, ambos terrenos situados no caminho entre a vila e o Parque³⁰⁴, são objetos de cobiça por parte de imobiliários, por constituírem pontos estratégicos à construção de empreendimentos turísticos e/ou casas de veraneio. Contudo, as famílias camponesas, encabeçadas pelos mais idosos e seu aterramento visceral à terra, se negam a vender os terrenos em que, há pelo menos quatro gerações, estabelecem seus tradicionais cultivos anuais de milho crioulo.

Na lavoura não tem mão de obra, está sem custeio o sítio. Depois que entrou esse turismo, tudo mudou. Por exemplo, aqui tem muita terra pra vender: pedacinho, pedaço... e os poderosos estão comprando as terras. E o povo está só vendendo, só vendendo... porque não tem dinheiro. Está só bom pra vender, quando acha um que dá valor. **Mas como é que eu vou mudar? Eu ainda não perdi a instrução da vida. Se eu sair daqui eu morro, ué...**

(agricultor aposentado, 76)

Um outro grupo empresarial ofereceu R\$80mil para comprar a porção de 0,7ha de uma propriedade rural que se localiza nas imediações do arraial de Conceição de Ibitipoca (ver unidade amostrada nº 18, Mapa 2). Num contexto em que o solo agricultável já não é mais o principal meio de produção em Ibitipoca, assiste-se à tendência de apropriação subversiva da renda da terra pelos especuladores.

Enquanto para o modelo europeu no centro do desenvolvimento capitalista está o capital, no modelo brasileiro, profundamente marcado pela tradição da dependência colonial, a terra é essencial para o desenvolvimento capitalista porque propicia uma acumulação de capital com base no tributo e na especulação, isto é, com base na renda da terra (MARTINS, 1994, p.129).

A existência de espaços de cultivo justamente nas áreas mais visadas pelo *trade* turístico não é a única contradição que envolve esse ente empírico “teimoso”

³⁰³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema. (Apresentação de Arnaldo Saraiva). Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

³⁰⁴ A localização geográfica dos referidos milharais compreende as terras situadas entre os domínios espaciais das propriedades rurais de número 13 e 10 amostradas no Mapa 2 (Ver capítulo 3 – Metodologia).

– o camponês – e sua capacidade em desafiar o processo histórico e as pretensas teorias que tentam capturar as supostas regularidades que permeiam sua vida. Prova disso são as relações não capitalistas de produção diagnosticadas no campesinato de Ibitipoca.

Como demonstrado, a forma de retribuição do meeiro ao dono da terra é uma relação de produção não monetária – em que inexistente a relação de trabalho assentada numa base jurídica contratual. Num arranjo produtivo em que o meeiro planta na terra de outrem, o proprietário da terra, *ipsis litteris*, não detém o convencional domínio capitalista da força de trabalho³⁰⁵. Em certo sentido, as relações de parceria podem ser entendidas como uma forma ambígua: em parte capitalista e em parte não capitalista – o meeiro é aquele que planta em terreno alheio, repartindo ao meio o resultado das plantações com o proprietário da terra ao invés de pagar aluguel ou receber algum tipo de salário por seu trabalho. O meeiro produz, a partir dessa relação não capitalista de produção, os seus meios de subsistência imediata e, ao mesmo tempo, mercadoria (a parcela da colheita a ser comercializada).

Não obstante isso, o dono da terra, cujos herdeiros “migraram” para a prestação de serviços em turismo e que não detém mais o controle da força de trabalho familiar nem possui capital suficiente para contratar mão de obra externa, tem na parceria o seu último recurso para continuar a se reproduzir como camponês.

O campesinato de Ibitipoca, em certo sentido, pode ser entendido como uma complexa ambiguidade inerente à complexidade do real: a conjugação de duas formas de reprodução social distintas, variações não capitalistas de produção a se reproduzirem contraditoriamente dentro do sistema capitalista, tendo o turismo como um processo de intervenção social a contribuir para com a liberação da mão de obra rural para trabalhar em atividades não agrícolas ligadas à prestação de serviços pessoais. Aos que ficaram na terra, mediante esse contexto da escassez de força de trabalho, restou-lhes avigorar os antigos laços de compadrio e reunir esforços para com seus parceiros.

No pretenso “Paraíso do Capital”, as formas não capitalistas de produção teimam em desafiar as teorias. É como se o ente empírico, no limiar de sua provável superação, subitamente se tonifica a partir da manutenção de relações pretéritas, quase que “puras”, ao mesmo tempo em que absorve novas formas de reprodução social. O “Paraíso do Capital”, assim, o é entre aspas, já que os processos de intervenção engendrados pelo turismo contraditoriamente contribuem para reforçar – mesmo que sem essa intencionalidade – formas não capitalistas de produção agrícola.

³⁰⁵ Ainda encontramos em Ibitipoca resíduos das relações de produção assentadas em formas coercitivas não capitalistas, em que um colono mora de favor na terra alheia, devendo, em troca, retribuições morais ao dono da terra. Esse único colono constatado pode ser entendido como um traço diacrônico.

O turismo em Ibitipoca, assim, implica uma complexa transição entre o primário e o terciário que mantém o modo de vida campesino – em face da resistência do camponês em ceder a terra para o investidor. Ao empreendedor imobiliário, o camponês e seu apego à terra tomam um vulto de monstruosidade. Resta aos especuladores, esperar. Como abutres a serviço do capital especulativo, eles então aguardam pela morte do velho camponês para, a partir daí, tirar proveito econômico das circunstâncias.

No “Paraíso do Capital”, a pujança produtiva dos corretores de imóveis se faz a partir da morte camponesa: o fim biológico de uns nutre a vida econômica de outros. Em Ibitipoca, quando um velho camponês detentor de terras morre, o *trade* da especulação mobiliza os aparatos financeiros e jurídicos para que viúvos e órfãos herdeiros se desfaçam da terra. Em questão de dias, a família do finado recebe propostas diversas, contratos de intenção de compra insurgem das mais variadas direções.

Em Ibitipoca, morrer não era uma coisa tão pública quanto hoje. Morria-se em nível local, enterrava-se o morto pelas mãos dos próprios parentes, vizinhos, compadres e amigos. Hoje, dependendo do tamanho da terra que o falecido deixar de herança, a família receberá ainda afagos de empresários e, se quiser, poderá vislumbrar a possibilidade de comprar um caixão de mogno para o descanso do finado.

Eu vendi uma parte do meu sítio. O comprador, de fora, andou em roda de mim uns 10 meses. Não me dava sossego, tive que vender. Ele comprou... Dei a ele o compromisso de compra e venda e ele foi me cozinhando durante 10 meses, com um advogado. Ele comprou pra me embrulhar. **Há um bom tempo que ele espera minha morte pra se apossar disso aqui. Queria pegar o terreno, não sei pra quê. Era um empresário, ele me dobrou fácil...** Mas então acabou o negócio, porque o cheque não tinha fundo e ele destratou o contrato. Deus é que foi meu advogado. A gente não tem prática, não tem preparo, mas Deus me iluminou. Se eu dou a escritura...

(agricultor aposentado, 81)

Nesse contexto, os velhos camponeses, já cientes da especulação que sucederá ao seu fim biológico, admitem e expressam o conhecimento prévio do que virá logo após a sua própria morte. Às famílias que se desfazem do patrimônio fundiário, por mais que a memória da pessoa morta continue acesa, o valor da terra perde em significação para alguns membros das gerações que ficam. Com a venda da terra, o principal elo é assim abandonado. O *ethos* camponês, nessas circunstâncias, dificilmente é transmitido.

4.6 ASSIMETRIAS DO “PROCESSO”: A DIALÉTICA DO DESTINO

No Capítulo 1, apresentamos a concepção materialista da história enquanto lógica abstrata assentada na observação do real, e ainda, a constatação do movimento dialético observado por Marx e Engels no esforço de construir uma ciência da história da sociedade. Não se trata, pois, de uma “regra” que conduz a sociedade em termos ideais, tampouco se reduz a “leis” imutáveis, mas sim, “leis” que os próprios homens constroem na tentativa de suprir suas necessidades primeiras, gerando, por conseguinte, novas necessidades.

Nos Capítulos 2 e 4, foram expostos alguns espectros da agricultura camponesa praticada em Ibitipoca como expressão da vida de um grupo humano que estabelece meios de manipulação da natureza de forma a alcançar a satisfação das necessidades elementares à sua existência, atingindo assim a produção do seu meio de vida. Ocorre que a complexidade³⁰⁶ alcançada pela sociedade capitalista contemporânea sobrepõe às necessidades elementares outras variadas necessidades secundárias, “fictícias”. Tal contexto pode ser reiterado pela constatação de que as sociedades pós-industriais possuem a capacidade de produzir necessidades cada vez mais sofisticadas, bens materiais e imateriais a partir da “cultura de mercado” que elas próprias constroem. Além das necessidades básicas de subsistência, produzem-se também necessidades de ordem cultural, como o desejo de viajar, a indústria da moda, o telefone celular, etc. Como decorrência de tais fatores, o processo de realização de uma necessidade sofisticará cada vez mais a relação homem/homem e homem/natureza³⁰⁷. A partir de tais pressupostos, torna-se possível analisar a capacidade de a espécie humana se (re)produzir e se deslocar globalmente.

Do ponto de vista materialista, podemos dizer que o turismo em Ibitipoca se apresenta como uma nova forma de o homem se deslocar sobre a Serra como espécie animal; “manadas humanas” que se espalham pelos campos de altitude a partir de necessidades imbuídas pelos mecanismos de reprodução ampliada do capital e suas respectivas interfaces com a vida moderna. Vale sublinhar, aqui, não apenas a capacidade mimética inerente às sociedades capitalistas, mas, sobretudo, o poder de a indústria cultural manipular desejos e vontades – incutindo num determinado público, por exemplo, o desejo de viajar a Ibitipoca como algo que deva ser por ele consumido.

³⁰⁶ A noção de complexidade ora exposta refere-se ao fato de que o homem primitivo detinha muito mais controle sobre o seu próprio destino do que o homem moderno.

³⁰⁷ As formas de pensamento, por sua vez, são decorrentes da produção da vida material. Nesse processo, o conceito de práxis pressupõe a capacidade do homem de produzir consciência. Tal complexidade aplica-se apenas a partir da ação do próprio homem, decorrendo, pois, de uma capacidade neural, teleológica (MARX; ENGELS, 1984).

À medida que as sociedades satisfazem necessidades que não sejam as de primeira ordem, elas tendem a degradar a natureza. O turismo, contudo, talvez seja uma das únicas formas econômicas de intercâmbio material entre homem e recursos naturais em que a preservação, a manutenção do *status quo* dos recursos disponíveis se apresente como força produtiva por si só. Trata-se, pois, de uma necessidade humana secundária (viajar e consumir paisagens e culturas) cuja satisfação, em tese, deveria contribuir para com a salvaguarda do patrimônio ambiental dos lugares, da oferta primária dos recursos naturais que se traduzem em atrativos turísticos em potencial.

Os turistas que “invadem” a Serra de Ibitipoca, em última instância, estão a exercitar seus dotes sensitivos humanos com um alto grau de sofisticação: a intervenção do homem como espécie sobre a natureza externa constrói uma outra natureza, pretensamente conservada e circunscrita ao território de um parque, salvaguardada dos mecanismos destrutivos do próprio capitalismo. Tem-se, pois, a capacidade de o homem produzir bens e serviços por um grau de complexidade avançado (turismo).

Nas *Metamorfoses do Tempo* (Cap.1), vimos a noção de tecnologia como processo de melhoria dos meios de manipulação da natureza – o que é inerente ao movimento dialético observado por Marx e Engels (1984). Esses autores, aliás, entendem o mundo a partir de uma concepção **naturalista, vitalista e não de uma metafísica**, segundo a qual a relação entre a sociedade e a natureza é um **intercâmbio** que se desenvolve historicamente por meio do trabalho humano e que, ao mesmo tempo, cria e transforma as relações entre os seres humanos. A (re)produção da vida material, por sua vez, se dá pelos processos de trabalho. Os desdobramentos do capitalismo observados na Serra de Ibitipoca são, em última instância, fragmentos de um modo de produção que resulta numa sociedade desigual, baseada na exploração do trabalho e dos recursos ambientais disponíveis. Por conseguinte, o conceito de forças produtivas de Marx abrange a força de trabalho e os meios de produção, o que inclui o próprio espaço geográfico.

No contexto que envolve a produção do espaço pelo turismo, tal composição pode ser exposta a partir do entendimento de que o turismo representa um acréscimo de formas de racionalidade ao processo produtivo – a inauguração de novas modalidades de intercâmbio material entre homem e natureza. Nesse sentido, a **dimensão estética da paisagem insurge como força produtiva**, já que a atratividade das formas naturais e culturais se apresenta como fator histórico-geográfico de desenvolvimento econômico e social. Tal constatação pode ser exposta a partir da transição dos critérios de valorização da terra num contexto em que a racionalidade da cadeia produtiva do turismo conduz o processo.

O valor que o sujeito recebe do leite não é capaz de pagar a mão de obra pra roçar o pasto. E o produtor rural está ficando mais na mão. No entorno do parque, o mato está só crescendo. **Hoje você não pode cortar nem um ramo mais. Então a paisagem muda, tudo muda, porque o turista quer ver o verde...**

(agricultor e pedreiro, 28)

O fato de o turista “querer ver o verde” abre perspectivas econômicas a inaugurar uma nova forma de incorporação do trabalho humano ao espaço. Tais pressupostos carregam em si uma aplicabilidade empírico-metodológica essencial à concepção do campesinato e do turismo em Ibitipoca como fenômenos imersos em processos mais amplos de expansão do capital, constituindo-os e sendo constituídos por eles – racionalidades incorporadas ao processo produtivo que deságuam na complexidade inerente à relação assimétrica entre *forças produtivas e relações sociais de produção*³⁰⁸.

Mediante a nova racionalidade econômica a conduzir o processo de valorização do capital na Serra, um fator emergente de produção é a *atratividade* das formas naturais (dimensão estético-simbólica das paisagens) que se apresenta como força produtiva sobredeterminante em relação à *fertilidade* do solo. Numa conjuntura em que as bacias visuais devem favorecer o verde e suas matas, as outras formas de produção e uso da terra tendem a ser desqualificadas (pastagens e tradicionais espaços de cultivo).

Aqui entrou muito o turismo e tirou o jeito das pessoa mexer com lavoura, buscar uma lenha. As terra aqui é quase tudo de turista, então você não pode mais cortar um pau de lenha, porque todo mundo acha ruim. De primeiro era fácil: você ia no mato, cortava uns dez paus e deixava secar pra uma lenha. Hoje você não pode fazer isso mais senão você é multado. Nem pegar os pau caído no chão eles deixa. **Os terreno de mato aí é tudo de turista, sabe? Então ficou tudo mais difícil... o turista veio com mais dinheiro e atrapalhou a vida do pessoal daqui, entende?** Mas eles também traz serviço pros morador do lugar também. Muita gente é bem colocada com eles. Mas daqui de casa ninguém mexe com turista não. **A gente nasceu e criou na roça e gosta dessa profissão e vamos seguir ela.**

(agricultora, 37)

À medida que se avolumam essas contradições inerentes ao afastamento entre forças produtivas e relações de produção, a tendência é que a realidade se distancie dos homens e mulheres que vivem na Serra de Ibitipoca. Contudo, conforme ratificado no relato, o sentido gerado num período anterior ainda perdura, apesar de competir com formas mais sofisticadas de divisão do trabalho: “*A gente nasceu e criou na roça e gosta dessa profissão e vamos seguir ela*”.

³⁰⁸ “Em certa fase de seu desenvolvimento, as forças produtivas da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então” (MARX, 1946, p.31).

Atualmente, a posse da terra agricultável em Ibitipoca tem menor prestígio econômico que outrora. Uma das alternativas possíveis para a superação dessa limitação das forças produtivas agrícolas seria o camponês se associar a investidores de uma outra categoria – já que o lucro alcançado pela agropecuária é insuficiente para que haja a transposição de investimentos dessa atividade econômica para a outra (turismo). **Ocorre que a lógica competitiva do *trade* turístico não consegue se expandir facilmente sobre espaços em que a moral camponesa ainda está agindo, principalmente porque parte da própria comunidade rural não se percebe como um destino turístico.**

Em certo sentido, tais “evidências empíricas” nos remetem ao que Elias (2006, p.216) alcunhou de “transformações estruturais não-planejadas das sociedades humanas”. Talvez isso explique o caráter subversivo e contraditório das estruturas sociais observadas em Ibitipoca: a atividade econômica almejada trouxe consequências indesejadas a caracterizar o atual estágio de desenvolvimento econômico e social constatado.

Seria um erro impor um modelo puramente econômico de sociedades industriais relativamente ricas a uma sociedade carente de capital, como uma população camponesa predominantemente analfabeta, sem uma investigação sociológica sistemática de seus potenciais de desenvolvimento [...]. Os governos poderiam planejar, pretender seguir e decidir tomar certo curso de ação e, ainda assim, o resultado teria grande chance de ser diferente do desejado (NORBERT ELIAS, 2006, p.188-218, *passim*).

O “desenvolvimento” do turismo, assim, sinaliza os seus limites se analisada a estrutura diacrônica da mudança social suscitada na Serra de Ibitipoca. Mas os seus sentidos podem ser ampliados se considerada a sua funcionalidade econômica a alimentar movimentos contraditórios de resistência e conformação.

Na esfera produtiva do turismo, o tempo de trabalho equivale ao tempo de produção (prestação de serviços imediatos; o turista requer atendimento instantâneo aos seus desejos e necessidades de consumo). Contudo, a produção e a reprodução do capital e da força de trabalho não estão num mesmo lugar, embora se deem de forma simultânea. Uma parcela considerável da força de trabalho empregada no turismo advém das unidades camponesas de produção e se sustentam pelo baixo custo de sua própria reprodução.

Mais uma vez, tem-se um viés dialético constatado: o processo que satisfaz as necessidades secundárias do turista (desejo de viajar, lazer, etc.) possibilita a satisfação das necessidades também secundárias de uma parcela da população rural local (aquisição de aparelho celular, televisão, roupas de grife, etc.). O turismo em

Ibitipoca se embasa no universo das necessidades de segunda ordem para existir e se reproduzir. É o mundo da imaterialidade imposto pela indústria cultural que, articulado aos mistérios da mercadoria, preenchem com desejos de consumo o espaço da agricultura de subsistência. Ao turista, esse processo satisfaz suas demandas; simultaneamente, incute na força de trabalho local novas aspirações e necessidades de consumo que só a prestação de serviços em turismo permite acumular um excedente necessário à sua aquisição.

Um trabalhador proveniente do antigo núcleo camponês cuja família ainda possua terras é capaz de, circunstancialmente, passar meses sem prestar serviços em turismo e, ainda assim, garantir a sua reprodução sem contrair eventuais dívidas – já que a satisfação de suas necessidades elementares (alimentação, abrigo, vestimenta, etc.) muitas vezes é alcançada dentro da sua própria unidade camponesa de produção, independentemente do que o turismo ocasionalmente lhe proporcione em termos de renda.

Muitas pessoas vem pra cá no feriado, chega aqui e vê três, quatro mil pessoas e acha que aqui rola muito dinheiro: “Opa, se lá rola dinheiro, então eu vou pra lá”. Aí muda pra cá... chega aqui com um pé na frente e outro pé atrás. Só que o feriado não é todo dia, o feriado é uma vez por mês, uma vez a cada dois meses... durante os outros 29 dias eles estão gastando – mas não veem isso não. Então chega o feriado, o retorno não é suficiente para eles cobrir os gastos e eles têm que voltar, volta tudo pra trás e dão conta da realidade. **Já o nativo está adaptado aqui, já está no seu próprio lugar. Então se a gente ganhar cem reais, mil reais, pra nós tudo é lucro. Se não ganha nada, não tem importância nenhuma: você está na sua própria casa e tem seu ganha-pão.**

(agricultor e pedreiro, 28)

Tal constatação se apresenta como um fator agravante às tensões desenca-deadas entre os “de dentro” e os “de fora”: ao contrário dos recém-chegados, os “nativos” possuem como diferencial a sua própria condição de (ex?) camponeses cuja reprodução da sua própria força de trabalho tem um custo amortizado. Podem trabalhar quando querem e a um menor preço que os demais – desequilibrando assim a competição no mercado de trabalho. Ao “forasteiro”, o dispêndio de recursos monetários para a sua manutenção na Serra é relativamente maior, já que além de não plantar gêneros alimentícios para o seu próprio sustento, possui ainda padrões de vida e de consumo mais elevados que o camponês. De acordo com Norbert Elias (2006), as tensões sociais se intensificam e assumem a forma de conflito aberto não quando a diferença e a desigualdade do exercício de poder entre os grupos interdependentes é muito grande e incontornável, mas sobretudo quando “a situação começa a mudar em favor dos grupos com menor poder”. Ou seja: foi a partir do momento que os “nativos” começaram a consolidar a ocupação de postos

no mercado de trabalho turístico que os “forasteiros” se viram ameaçados em face da possibilidade de não mais serem a única força de trabalho disponível na cadeia produtiva do turismo em Ibitipoca.

Mas talvez a maior discrepância do “Paraíso do Capital” seja o fato de, contraditoriamente, o próprio *ethos* camponês se apresentar como potencial força produtiva por si só – elementos culturais passíveis de serem apropriados como produtos turísticos (Ex: lendas regionais, “causos”, manifestações folclóricas, fogão a lenha, expressões do antigo dialeto falado na comunidade rural, etc.). Seria essa uma possível forma de superação das contradições que atualmente comprimem as forças produtivas agrícolas em Ibitipoca? Elas seriam superáveis?

TABELA 17
Elementos fundantes da contradição inerente à reestruturação da esfera produtiva – Serra de Ibitipoca (2007)

| Atividades econômicas | |
|------------------------------|--|
| Agricultura | Turismo |
| Forças produtivas | Atrofia das forças produtivas |
| | Hipertrofia das forças produtivas |
| | A dimensão estético-simbólica da paisagem como principal força produtiva (Atratividade) |
| | Concentração de terra e capital nas mãos de poucos investidores; tendência ao parcelamento fundiário das propriedades rurais próximas ao parque; monopolização privada do território por parte dos empreendedores do <i>trade</i> turístico |
| Relações de produção | Terra de trabalho como valor de uso, e ainda, o uso da terra como valor |
| | Terra assume a forma equivalente de mercadoria. Sujeição da renda territorial ao capital especulativo: a terra produz renda sem ao menos ser utilizada (reserva de valor) |
| | Função social da terra atrelada às necessidades elementares da vida humana (produção de alimentos; ambiente de vida e de trabalho; base material da existência camponesa) |
| | Complexidade alcançada pela sociedade capitalista sobrepõe às necessidades elementares a outras necessidades mais sofisticadas, de ordem cultural, como o desejo de viajar. A Serra de Ibitipoca é concebida imaterialmente como produto turístico, não como terra de trabalho camponês. |
| Relações de produção | Formas solidárias de trabalho (mutirão, troca de serviço); relações de produção assentadas em formas ambíguas (em parte capitalistas, em parte não capitalistas). Relações coercitivas não monetárias funcionais à reprodução do capital |
| | Relações de produção majoritariamente capitalistas assentadas numa base jurídica definida (contratos formais de trabalho, assalariamento); maior divisão social do trabalho e especialização funcional. Hipertrofia das relações remuneradas de trabalho sobre as formas solidárias. Estrutura ocupacional mais diferenciada |
| | Maior proximidade entre o trabalhador rural e os meios de que dispõe para produzir; vínculo visceral de aterramento do camponês ao meio |
| | O prestador de serviços em turismo tende a se afastar do trabalho produtivo (alienação); menor adaptabilidade do homem ao meio |
| Relações de produção | Família camponesa estabelece os meios de manipulação da natureza para sobreviver, via organização familiar do trabalho agrícola |
| | IEF e empresários preservam a natureza como forma de satisfazer as necessidades dos turistas e gerar divisas |
| Relações de produção | Diferenciação entre tempo de trabalho e tempo de produção (o agricultor não trabalha durante todo o tempo de produção, mas o trabalho da terra é permanente) |
| | Tempo de trabalho equivalente ao tempo de produção (prestação de serviços imediatos) e condicionado à sazonalidade da demanda, já que se distribui irregularmente ao longo do ano (concentração do fluxo em determinadas épocas) |

Camponês produz conservando a natureza (sistemas de manejo)

Conserva-se a natureza para produzir (atrair visitantes)

Indicadores espaço-temporais revelam ao camponês os marcadores cíclicos dos períodos de trabalho.

Período de trabalho determinado a partir dos quadros temporais do universo urbano; Ritmos diferenciados da experiência do tempo de trabalho

Elaboração: BEDIM. B. P. 2007

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo em Ibitipoca implica uma complexa transição entre o primário e o terciário que mantém traços diacrônicos do *ethos* camponês como algo funcional à produção e à reprodução do capital na Serra – já que amortiza os custos da reprodução da força de trabalho local e, por conseguinte, favorece a extração de mais-valia pelo empresário do *trade* turístico. Mas à medida que as unidades camponesas de produção liberam mão de obra para o turismo sem repor os seus quadros ocupacionais, **contraem-se as forças produtivas do campo, levando o agricultor do entorno do Parque a ser expropriado daquilo que o camponês mais tem de valor: o trabalho da família.**

Coisificado pelos artifícios desumanos do capital que transformam a si próprio e o seu lugar em reles mercadoria a ser fotografada e vendida aos turistas urbanos, o camponês resiste e/ou se conforma mediante o processo que lhe espreita. Nos domínios do terciário, a Serra de Ibitipoca não é mais predominantemente o espaço da produção e distribuição de gêneros agrícolas para a satisfação das necessidades mais elementares à reprodução da vida humana. Produzem-se símbolos e serviços para nutrir os desejos de consumo do turista – força motriz das transformações que têm como correspondente a especialização de funções ocupacionais. Desse contexto, tanto as paisagens agrárias quanto a própria cultura camponesa assumem a forma de forças produtivas em potencial. Não obstante isso, até mesmo a estrutura de organização do trabalho familiar camponês vem sendo apropriada como força produtiva diferenciada.

O turismo em Ibitipoca se embasa no universo das necessidades de segunda ordem para existir e se reproduzir. É o mundo da imaterialidade imposto pela indústria cultural que, articulado aos mistérios da mercadoria, preenchem com desejos de consumo o espaço da agricultura de subsistência. Ao turista, esse processo satisfaz suas demandas; simultaneamente, incute na força de trabalho local novas aspirações e necessidades de consumo que só a prestação de serviços em turismo permite acumular um excedente necessário à sua aquisição.

Dessa conjuntura, insurge o caráter subversivo e contraditório das estruturas sociais observadas em Ibitipoca: a atividade econômica almejada pelo Estado trouxe consequências indesejadas a caracterizar o atual estágio de desenvolvimento econômico e social constatado no entorno do Parque. Trata-se de um complexo processo de intervenção social involuntário que escapa ao controle do próprio Estado que, *a priori*, implantou o parque sem a anuência da população local. Por conseguinte, a concepção camponesa sobre o Parque é tanto simbólica quanto

política; subjaz à transformação nas condições materiais de sua própria existência. Assim, a análise sobre o processo de criação e implantação do Parque Estadual do Ibitipoca encerra-se num intrincado jogo de forças no plano local, na fronteira abstrata entre o que é legal e o que é justo – já que o Estado estrategicamente ignorou o código distinto de apropriação coletiva das terras devolutas da Serra.

O Estado implantou o Parque e criou as condições necessárias para o seu uso público via turismo. Daí em diante, engendrou-se um complexo processo que se estende de forma não planejada por três gerações, pelo menos. Como expoentes, têm-se os domínios espaciais funcionais, processos de diferenciação social crescentes; tendência gradual de especialização do trabalho; movimentos contraditórios de resistência e conformação.

Por conseguinte, o campesinato de Ibitipoca se apresenta como ente empírico diferenciado inserido na miríade das tramas sociais e econômicas que espreitam o entorno do Parque; um grupo social que se reproduz dentro do capitalismo como expoente de suas próprias contradições. No *soi-disant* “Paraíso do Capital”, as formas não capitalistas de produção teimam em desafiar as teorias; é como se o ente empírico, no limiar de sua provável superação, subitamente se tonifica a partir da manutenção de relações pretéritas, quase que “puras”, ao mesmo tempo em que absorve novas formas de reprodução social. O “Paraíso do Capital”, assim, o é entre aspas, já que os processos de intervenção engendrados pelo turismo contraditoriamente contribuem para reforçar, mesmo que sem essa intencionalidade, formas não capitalistas de produção.

A Ibitipoca de hoje não é uma evolução linear das formas sociais anteriores. Ela é uma forma nova, um espaço novo, uma população diversificada que se vê diante de novas alternativas, dificuldades, desafios. Não apenas porque sua história em longo prazo não é intencional, mas, sobretudo, porque o processo de intervenção social engendrado pelo turismo exacerba repercussões não planejadas das ações do homem, num contexto em que o grau de previsibilidade sobre as vidas das pessoas que vivem na Serra é cada vez menor. A Ibitipoca atual teima em extrapolar os seus limites, articulando suas reminiscências e seus acréscimos, suas desigualdades e suas próprias contradições.

Entre a satisfação das necessidades humanas elementares via agricultura de subsistência e a produção de bens e serviços intangíveis pelo turismo, flutuam signos de exotização e alteridade. Ao turista, o camponês se apresenta como instância constitutiva do próprio destino turístico, num cenário em que a Serra é representada como lugar de enunciação das diferenças. **Ocorre que a lógica competitiva do *trade* turístico não consegue se expandir facilmente sobre espaços onde a**

moral camponesa ainda está agindo, principalmente porque uma parcela da própria comunidade rural não se percebe como um destino turístico.

Aos camponeses que resistem em permanecer na terra, o momento consumado da história recente do capitalismo na Serra de Ibitipoca reconstrói assim o destino destes homens e mulheres a partir da produção de realidades paralelas que se sobrepõem no tempo e no espaço:

- i) Turistas indiferentes aos dilemas camponeses. O turista nada mais quer do camponês senão capturar o seu ar exótico, fotografando-o como se estivesse num museu – ou zoológico! – surpreendidos com os pretensos “fósseis sociológicos” residuais que o imaginário acerca da vida camponesa representa.
- ii) Por outro lado, têm-se camponeses que, na fronteira entre a conformação e a resistência, se dizem indiferentes aos turistas (*“...apenas vejo o turista passar na estrada, nada mais. Não tenho nada com essa gente”*).

O que se tem, contudo, é a exaltação da diferença que, em Ibitipoca, se conjugua num único – embora bipolar – processo dialético: **a intervenção social do turismo na Serra; o rebatimento do tecido sociocultural da Serra sobre o fenômeno turístico.**

Para o antigo núcleo campesino de Ibitipoca, a criação do Parque é a marca de um passado a refletir e a se atualizar no presente, nas lutas do presente, nas dificuldades do presente, nas estratégias atuais dos atingidos pela expansão capitalista e suas contradições. Porque o IEF, o turista e o empresário do *trade* turístico são para eles **o estranho**, *aquele que modifica o significado das coisas*³⁰⁹, o capital personificado na figura do “forasteiro”, aquele que, num dado momento da história, “invadiu” o seu lugar. Por sua vez, o “forasteiro” busca em Ibitipoca reconstruir o seu espaço de socialização pela própria fenda social que se abre em face da dupla cultura da ausência por ele experimentada: de um lado, o chão de sua terra natal que lhe falta; na margem oposta, os vínculos sociais no lugar de destino o condicionam e o retraem.

Já o turista personifica o tempo que tem preço; o gozo do tempo de não trabalho que produz o trabalho de outrem que o hospeda, que o acolhe. No âmbito econômico, o turista se apresenta como ser humano reduzido ao que ele pode pagar. O fluxo turístico na Serra de Ibitipoca engendra uma esfera produtiva cujo efeito multiplicador na economia é mediado pelos meios e pelos fins do lucro; o objeto a comprimir o sujeito; o simulacro que reduz quase tudo ao universo da mercadoria. A face oculta assumida pela forma mercadoria no mundo contempo-

³⁰⁹ Cf. expressão advinda das teorizações de Martins (1993, p.33).

râneo tem sido desmistificada há tempos por pesquisadores que denunciam os “desencontros e descompassos da trama social mercantilizada” a ela subjacentes³¹⁰. O turismo em Ibitipoca não está alheio a esse processo.

Em contrapartida, o camponês que deixou a roça para residir no arraial e prestar serviços ligados ao turismo tornou-se, subitamente, a pessoa que precede à coisa, o sujeito posto como um estranho em relação a si mesmo. Seriam esses os traços da *modernidade anômala*, postíça, outrora expressa nas teorizações de Martins (2000)?

Por outro lado, a moral camponesa ainda incide até mesmo por onde não se planta mais: é o caso daquelas famílias de (ex?) camponeses que não mais estabelecem seus tradicionais espaços de cultivo e que estão imersas na cadeia produtiva do turismo. Apesar de o fenômeno que provocou a ação ter sido extinto materialmente de suas vidas (agricultura), o sentido da ação ainda continua ali, agindo no plano simbólico. A forma de sua manifestação é contraditória; múltipla; variada. Não congrega formas “puras”.

Mutatis mutandis, o camponês de Ibitipoca detém muito mais controle sobre o seu próprio destino do que o empreendedor urbano que se deslocou para a Serra e lá realiza investimentos relacionados ao turismo. A complexidade inerente à sofisticação alcançada pela atividade turística torna o homem mais dependente das novas tecnologias, de forma a manter a satisfação de suas necessidades secundárias (o ato de viajar e consumir paisagens e culturas, etc.).

Como visto no Capítulo 2, há mais de dois séculos as práticas espaciais e sociais desse campesinato permitem um uso conciliatório entre as funções produtivas e protetivas dos recursos ambientais disponíveis; o camponês possui um controle sobre suas intervenções; ele sabe interpretar os códigos espaço-temporais da terra em que trabalha.

O camponês incorpora o “princípio da precaução” historicamente construído, um modo de viver e de trabalhar a produzir uma forma de consciência que inclui a reserva de seus recursos ambientais para o futuro; o homem do campo se preocupa com o que deixará para as novas gerações; a reprodução do núcleo familiar camponês é um valor incorporado pelo seu ethos. O viés cultural de suas interações ecológicas para com a Serra de Ibitipoca se justifica no sentido de manter as bases (i)materiais de sua própria existência.

Tendo em vista as formas humanas de decodificação e uso dos recursos ambientais que lhe cercam, **o camponês se relaciona com a Serra de Ibitipoca a**

³¹⁰ “Essa não é uma relação simples, higiênica e pacífica, como a de ir ao supermercado, entregar dinheiro e receber mercadorias. No caso brasileiro [...] a mercadoria tem sido um instrumento de destruição e morte. A mercadoria revela aí a sua face oculta – como instrumento de dominação, de exploração e de extermínio – disfarçada na forma igualitária e contratual de intercâmbio de equivalentes que a põe no mundo” (MARTINS, 1986, p.17).

partir de sua própria presença. Três décadas de ações coercitivas de um Estado impassível ao modo de vida campesino contribuíram para suprimir as condições da existência desses camponeses, mas ainda não foram suficientes para varrê-los do território em que nasceram. **Tudo porque a terra está neles; a Serra é eles e eles são a Serra; a cultura confere um valor diferenciado do camponês em face do seu ambiente de vida e de trabalho.**

Aos olhos do Estado e até mesmo dos que se dizem “planejadores turísticos”, o campesinato de Ibitipoca é uma alternativa não credível do que existe, um fragmento da experiência social não socializado pela racionalidade dominante que atualmente conduz o “processo”; um modo de ser e de viver no entorno do Parque que é estrategicamente desqualificado e tornado invisível.

Embora seja entendido a partir de seus traços diacrônicos, remanescentes, o camponês em Ibitipoca não é um ente do passado, mas um sujeito do presente a co-existir com a incorporação de novas formas de racionalidade ao processo produtivo.

A história recente do capitalismo na Serra de Ibitipoca é uma trajetória que envergonha e emudece; expropria e subtrai; um componente de questionamento sobre o que o turismo e o capital são e o que eles podem representar às populações locais, e, ainda, quais processos expropriatórios lhes subjazem. Os antecedentes de manejos diferenciados dos recursos ambientais disponíveis foram ignorados; a cultura camponesa foi empurrada para os bastidores da vida social; privilegiaram a proteção de plantas e animais circunscritos ao Parque e abandonaram o ser humano que tradicionalmente ocupa o entorno à sua própria sorte: o “bicho-homem” da Serra de Ibitipoca pede socorro; esse campesinato pode estar em vias de extinção!

Periodicamente, o Estado despende recursos financeiros no intuito de minimizar a erosão física das trilhas por onde os turistas transitam no Parque, ao passo que no entorno da Unidade assiste-se **a um desumano processo de “voçoroca cultural” sem que nenhuma medida seja diretamente tomada: o patrimônio material e imaterial do campesinato da Serra de Ibitipoca encontra-se ameaçado.**

De um lado, fetiches são atribuídos à flora e à fauna silvestres circunscritas ao Parque, em que lobos-guarás assumem uma face cada vez mais humanizada e caricata a interagir com os visitantes. No entorno dessa U.C., porém, desenvolvem-se processos de intervenção em que a desumanização do homem rural se dá pela (re)distribuição do custo social da renda territorial conjugada a uma combinação de fatores – como o avanço dos eucaliptais sobre as terras de trabalho camponês e/ou pela especulação fundiária subjacente ao turismo.

Se as populações da flora e da fauna silvestres são protegidas por lei, então as populações camponesas do entorno de Unidades de Conservação também o

devem ser. A verdadeira extinção ocorre quando se depreda o ambiente de vida e de trabalho dos seres humanos que há várias gerações habitam esses territórios. Quando essas populações são varridas do entorno, esvazia-se em conteúdo o arcabouço cultural dos parques e reservas. Às ações que almejam ser conservacionistas é imprescindível a compreensão das práticas espaciais e do comportamento desses grupos sociais em relação à terra que ocupam; o entendimento das suas relações interpessoais; o campesinato e seus códigos ambientais específicos; a consciência de quem influencia e é influenciado pelo ambiente do entorno.

A gestão de uma Unidade de Conservação não deve se voltar apenas à proteção dos recursos ambientais circunscritos aos seus domínios territoriais, mas antes catalisar, contemplar as necessidades de desenvolvimento social dos elementos humanos de seu entorno, garantindo assim a **proteção da diversidade cultural** como alternativa a assegurar a permanência dessas populações no campo, promover a sua qualidade de vida e a conservação de suas tradições. Por conseguinte, a ideia de “conservação cultural” pode – e deve – balizar as pautas de discussão envolvendo políticas de conservação da natureza, reconhecendo a multiplicidade de conteúdos e funções desses entornos, como a estética (paisagem rural), a social (lazer, apoio à qualidade de vida, etc.), a ambiental, a cultural-patrimonial, e a pedagógica – a partir da concepção estratégica das especificidades e representações socioculturais que tais áreas denotam, à medida que seus atores se inserem nas esferas mais amplas da sociedade.

Ademais, acreditamos que o fenômeno turístico em Unidades de Conservação e seus desdobramentos se materializam como práticas sociais na própria ação dos atores que neles estão inseridos. Nossos estudos têm indicado os grandes temas a serem pesquisados e esclarecidos, em certa medida, as estruturas, muitas vezes socialmente injustas, nas quais se colocam os atores rurais com os quais lidamos no entorno de áreas naturais protegidas.

Os dados de que dispomos no momento apontam para a necessidade de se pensar o camponês como um ator social integrado às formas de produção capitalistas e aos processos sociais que permeiam a vida contemporânea em Ibitipoca. Outrossim, deve-se ter em mente que o aparente “atraso” da agricultura camponesa pode ser entendido como algo interessante ao capitalismo, pois resguarda territórios para onde o capital poderá se expandir no futuro e se valorizar. São essas as “evidências empíricas” que fazem do camponês de Ibitipoca um sujeito histórico a desafiar a própria história.

Ultimamente, planos e ideias mirabolantes vêm surgindo dos gabinetes de alguns órgãos públicos e agentes privados que se dizem “preocupados” em “desen-

volver o turismo sustentável” no entorno do Parque. De repente, “projetos” oportunistas saltam das gavetas de pretensos “planejadores” interessados em transformar o camponês de Ibitipoca num exímio proletário cuja “eficácia” no atendimento ao turista, segundo os tais “agentes empreendedores”, deve ser desenvolvida. Cartilhas de como bem receber um hóspede são distribuídas a analfabetos funcionais; lições de *marketing* são expostas a seres humanos do campo cuja temporalidade é outra; a moral é outra; a lógica de produção é outra; a consciência é outra. Subitamente, os “planejadores” olham para o camponês e resolvem definir seu futuro e traçar-lhe um destino. Mas e os camponeses? **Por acaso alguém lhes perguntou que planos eles têm para si próprios?**

A seguir, a palavra de um trabalhador de 42 anos cujo nascimento coincide com o advento do turismo na Serra; um indivíduo que nasceu e cresceu numa das propriedades rurais do entorno do Parque, e que, há quatro décadas, vivencia o turismo e a agricultura experimentados no lugar. A vida desse indivíduo atravessa o contexto da transição descrito nesta pesquisa, porque ele viu e ainda vê a reestruturação da esfera produtiva acontecer; assistiu e ainda assiste à vida e à terra de sua família serem transformadas desde a sua infância.

A preocupação que nós temos aqui é pra ter emprego pra todo mundo, pros jovens que estão vindo. Porque lavoura aqui pra nós vai acabar, não vai existir muito mais. **Enquanto aqui estiver nós mais velho como eu e ele, ainda haverá roça, porque o que nós sabe fazer é mexer com lavoura. Não vamos mexer com turismo, não queremos isso. Não temos estudo pra conversar com o turismo e se for pra nós fazer outro serviço nós não vai fazer. É lavoura, é mexer com plantação e roçar pasto – nossa vida é essa.** Mas o jovem hoje não quer mais mexer com lavoura nem roçar pasto, a preocupação nossa é essa. Se tiver futuro o turismo eles poderão ter um emprego. Alguns empregam no turismo, outros não. A preocupação maior com o turismo é a droga. A maioria hoje fuma droga, já depende dela, se não tiver ela enlouquece. Muitos deles trabalha com turismo: trabalha para comprar droga. Se a gente chama o jovem pra trabalhar na roça ele responde: “Eu, calejar minha mão? Não vou...” – esse é o problema.

(agricultor, 42)

Que os anseios dessa população e a dimensão socioambiental e cultural do *ethos* camponês sejam incorporados aos processos de planejamento; que os extensionistas pensem duas vezes antes de tomar para si a ação quase que missionária de “conversão” do camponês em proletário e/ou “empreendedor” integrado à lógica produtivista dominante conduzida pelo *trade* turístico. Não se impõe um novo modelo de desenvolvimento econômico a uma população carente de recursos básicos, simplesmente. A inserção socioeconômica dos camponeses de Ibitipoca

no turismo tem que ser vista como um processo gradativo que cabe a eles decidir. Antes de ser um “paraíso dos turistas” ou a “Sétima Maravilha de Minas”, Ibitipoca é a morada, é o reduto de um dos últimos remanescentes da cultura camponesa do eixo sul de Minas Gerais.

Quer entender a história recente da Serra de Ibitipoca? Então entenda a história dos homens que a fizeram e que ainda a fazem. O principal ente empírico a ser observado é a trajetória de um grupo social que, num dado momento histórico, viu as bases materiais de sua existência serem transformadas.

Ademais, a aspiração de se emancipar o distrito de Conceição de Ibitipoca é a anunciação irreverente do “universo do possível” que o turismo e o capital foram capazes de incitar mas não são capazes de realizar: a pretensa democracia participativa que os homens e mulheres da Serra almejam para si; a aspiração de um grupo social em guiar seu próprio destino em face da redistribuição do poder político mediante o processo de intervenção social que o turismo aciona. O movimento pró-emancipação, em última instância, nada mais é do que a indignação de um contingente humano que, cansado dos planos que o mundo já fez para a Serra, anseia por demonstrar ao mundo os planos que a Serra tem para si mesma. Até o momento, contudo, o que se vê são apenas sonhos emancipados.

Engenheiros florestais, geógrafos, turismólogos, biólogos, geólogos, economistas, sociólogos e outros enxergarão o camponês de um jeito, terão seu viés particular de análise. **Mas só o camponês sabe o que é melhor para si.** O importante é que ele seja visto e se veja nesse processo, e ainda, que anteveja os obtusos interesses que permeiam suas terras.

Da mesma forma, a resposta aos seus dilemas não está e nem poderia estar aqui neste livro; a resposta não poderia vir da cabeça de um único acadêmico. As evidências empíricas trazidas à superfície por esta pesquisa são apenas breves fragmentos momentâneos de um longo processo.

Ao invés de “vigiar e punir”, o Estado de MG deveria propiciar as condições necessárias para que essa população humana construa a sua própria alteridade territorial, cultural, econômica e socioambiental, no sentido de **o camponês se inserir como agente ativo de construção do desenvolvimento humano da Ibitipoca capitalista.**

No início de 2008, a atual administração do Parque Estadual do Ibitipoca efetivara um importante passo no intuito de promover o diálogo para com as comunidades rurais do entorno. Finalmente, começa a ser implantado na região

o Projeto de Proteção da Mata Atlântica (PROMATA-MG)³¹¹, sob a coordenação do IEF, cujo objetivo principal é promover ações de proteção, recuperação e uso sustentável da Mata Atlântica no Estado de Minas Gerais. O Boletim Eletrônico Informativo nº 5 do PEIb/IEF trouxe em destaque uma manchete intitulada “De hectare em hectare, a volta da Mata Atlântica!”:

Os produtores rurais que aderiram ao programa demonstram grande interesse em contribuir para a recuperação de um bioma tão ameaçado. No início de 2008, técnicos do IEF realizaram análises para identificação de áreas a serem recuperadas nas propriedades do entorno do Parque. Além da recuperação ambiental, as ações do PROMATA têm um significado educativo, à medida que modifica o comportamento do homem em relação ao uso dos recursos naturais (IEF, 2008, s.p.).

Nesses últimos meses, ações pontuais do IEF junto a comunidades rurais do entorno do Parque apontam para a implantação de projetos relativos à educação ambiental, ecoalfabetização e segurança alimentar. Essas intervenções construtivas do IEF, apesar de tardias, constituem um significativo marco histórico, sinalizando, ainda, para o rompimento da fronteira abstrata historicamente imposta pelo processo anômalo que criou e instituiu o Parque Estadual do Ibitipoca. Que os erros do passado sejam superados, e que as vias da gestão participativa alicerces a construção de um futuro possível: **“educar e construir”**, ao invés de **“vigiar e punir”**.

Que o IEF, de fato, distribua mudas de árvores nativas para o camponês do entorno do Parque no lugar de, simplesmente, lhe aplicar restrições e/ou impedir que ele efetue o manejo tradicional dos recursos ambientais de que dispõe. Ou, então, que o incentive a desenvolver sistemas agroflorestais, a fim de realizar a **conversão dos “discursos sustentáveis” do Estado em prática social**. Ora, a cultura camponesa não deve ser vista pelos órgãos gestores do Parque como um problema, mas, sim, como solução:

Sentada ao pé de um velho cedro-rosa, ela mostrou-me um saco com sementes de árvores nativas. Disse-me que o futuro estava ali, guardado naquele pedaço de papel encanecido, a salvo das intempéries do tempo, e que nas primeiras chuvas de setembro seriam lançadas ao solo. No gesto simples dessa velha agricultora, há uma sublime metáfora a revelar um modo de ser e de

³¹¹ De acordo com dados levantados junto ao IEF/MG (2007; 2008), o Promata atua diretamente em 15 Unidades de Conservação e seus entornos, “abrangendo uma área total de 140 mil quilômetros quadrados distribuídos em 429 municípios pertencentes ao Alto Jequitinhonha, Vale do Rio Doce, Zona da Mata, Centro-Sul e Sul do Estado. Toda essa área equivale a aproximadamente 25% do território mineiro. Essa iniciativa resulta do acordo de Cooperação Financeira Brasil-Alemanha por meio do Banco Kreditanstalt für Wiederaufbau (KfW), agente financiador do Ministério de Cooperação Internacional da Alemanha (BMZ)”. Fonte: PROMATA/IEF/MG. Disponível em <<http://www2.ief.mg.gov.br/promata/projeto.htm>>, acesso em jan.2008.

viver. O seu ato de semear plantas silvestres é tão ou mais representativo que as idéias e/ou ações políticas, econômicas e administrativas dos ditos ambientalistas que defendem esta mesma natureza que ela. A diferença é que muitos desses “gestores ambientais” sequer sabem como os camponeses vivem e como manejam os recursos de que dispõem; mesmo assim, insistem em conceber os tradicionais manejos praticados por grupos camponeses como sendo incompatíveis com a lógica da conservação ambiental. Num ato sutil e no âmbito dos 93 anos que lhe pesam às costas, a mulher que testemunhou o controverso surgimento do Parque do Ibitipoca sequer sabia o que era um parque, de fato; tampouco conhece os sofisticados artigos da legislação ambiental brasileira; muito menos o que seria uma “ONG”, um “selo verde” ou até mesmo o próprio IEF. Mas o seu ato solitário de espalhar sementes nativas pelos campos da Serra é tão verde quanto a esperança dos que na terra estão e que nela resistem. A transmissão do *ethos* camponês é a maior das sementes conservadas por aqueles velhos que, na iminência de partir, pensam no futuro das gerações que ficam. Aos que me criticarão por esta nota, antes de afirmarem que estou sendo “ingênuo” ou “romântico”, gostaria que se questionassem o seguinte: Se esse *modus vivendi* não se encaixa no conceito ocidental de manejo dos recursos naturais, talvez haja algo de errado com estes constructos ocidentais... (BEDIM, B. P. Diário de campo, 26/04/07)

Apesar de estar ali há mais de dois séculos e preceder à criação do próprio Parque, ainda hoje esse campesinato é concebido como uma alternativa não credível do que existe, um eventual obstáculo que o capital deva fatalmente remover. Uma vez posto como ente invisível, torna-se ainda mais vulnerável à ação do capital especulativo.

Não obstante isso, as unidades camponesas de produção amostradas no entorno do PEIb possuem um interessante patrimônio historicamente desenvolvido e conservado pelo camponês: além de plantas nativas que são usadas como alimento ou remédio, há ainda as espécies domésticas rústicas como o porco-piau, o milho-crioulo, a araruta, aves caipiras, etc. Fala-se, aqui, em **agrobiodiversidade**. A constatação da rusticidade dessas culturas não pode ser entendida como signo de um suposto “atraso” ou como estereótipo do subdesenvolvimento tecnológico e cultural. Propõe-se, aqui, a concepção da Serra de Ibitipoca como **território biodiverso a abrigar plantas e animais silvestres e domésticos secularmente manipulados pelo homem do campo; um patrimônio genético agrobiodiverso que foi e é culturalmente produzido e ambientalmente recriado. Homens, plantas e bichos se produzem mutuamente**. Tudo porque a Serra de Ibitipoca não é um ente natural, mas resultado da ação dos homens: ela é feita pelos homens, mas ela também os produz.

Além das colheitas anuais – a maioria das quais orgânicas – o homem do campo de Ibitipoca produz ainda queijos, doces e quitutes *sui generis* muitas vezes produzidos apenas para consumo próprio. Que tal formular alternativas para se encurtar o mercado de tais produtos, melhorando a qualidade de vida dessa população e criando as condições favoráveis à sua permanência na terra?

Conforme exposto no Capítulo 4, não há interface comercial entre a produção agropecuária do entorno do Parque e o turismo: os camponeses nada vendem para os restaurantes e pousadas. O abastecimento desses estabelecimentos comerciais é feito pelos produtos adquiridos no atacado, em Lima Duarte ou Juiz de Fora.

Uma alternativa razoável para esses pequenos produtores seria o escoamento da produção camponesa para os meios de hospedagem e restaurantes da Serra, encurtando-se assim o mercado e agregando valor ao produto final: o turista consumiria alimentos orgânicos da cultura camponesa local, porque quem os produz é a própria dinâmica da vida humana na Serra de Ibitipoca!

Os tradicionais sistemas de manejo dos recursos naturais atualmente praticados pelo camponês corroboram para com a **manutenção do potencial produtivo e protetivo** dos recursos disponíveis em seu território de vida e de trabalho. Conforme visto, **o camponês produz conservando. O trade turístico conserva para produzir.**

Nesse sentido, torna-se necessário repensar as funções do entorno rural das áreas protegidas, apontando novas diretrizes de planejamento territorial aplicado aos processos sociais decorrentes do turismo, analisando o rural a partir da transcendência de sua função primária de produzir alimentos – incluindo novos olhares sobre esses territórios, paisagens, culturas e quadros de vida. Nessa perspectiva, a preservação do patrimônio cultural ligado a tais áreas é uma estratégia possível para que não se perca a identidade dessas populações locais – tendo em vista que elas produzem e reproduzem o ambiente em que vivem, projetando suas dinâmicas sociais nos ecossistemas em que se encontram inseridas.

O camponês de Ibitipoca tem muito a nos ensinar acerca do valor econômico dos serviços prestados pela natureza. Se os turistas e os empresários do *trade* turístico entendem o imaginário idílico das paisagens de Ibitipoca como algo bucólico que lhes atrai, então por que não aprendem com os camponeses da Serra que, conforme nossas amostragens, mantêm um índice percentual médio de 25,23% de matas preservadas em suas propriedades rurais? Que eles – turistas e empresários provenientes dos centros urbanos – ao retornarem ao seu respectivo lugar de origem após os feriados prolongados, **que ruralizem suas cidades ao invés de urbanizar o entorno do Parque**; que plantem árvores e esverdeiem sua *urbis*, mas não acinzentem a Serra de Ibitipoca.

Ao intervir direta ou indiretamente nas dinâmicas socioambientais de seu entorno, as Unidades de Conservação representam, assim, muito mais do que simples categorias jurídicas de organização espacial – sendo necessário olhar para além de suas fronteiras. Compreender esses processos socioculturais desencadeados em espaços limítrofes às áreas naturais protegidas equivale a reconhecê-las

como fenômeno de cultura, fenômeno com espírito social, cujo viés ambiental e econômico são tão importantes quanto os demais e cuja vertente funcional tende a transformar as suas adjacências em territórios de lazer socialmente construídos.

Nessa perspectiva, as *figurações* engendradas pelo turismo em Ibitipoca não devem ser concebidas apenas como situações sociais mediadas por uma atividade econômica, e sim como um complexo processo de intervenção social capaz de alterar estruturalmente o cotidiano dos lugares. A partir do momento em que tais mecanismos de intervenção são conhecidos, podemos ampliar o entendimento sobre os fenômenos socioambientais e sobre as sociedades que os produzem, aumentando o nosso poder de atuar sobre a “realidade ambiental” por meio de ações que visem aos tão anunciados princípios de *sustentabilidade*, analisando-os, compreendendo-os e transformando-os no sentido da sua humanização.

Neste início de século, ainda que as sociedades estejam crescentemente se “tecnificando”, a problemática envolvendo o turismo e as Unidades de Conservação expõe as desigualdades e as contradições do modo de produção capitalista e seus mecanismos de expansão, em face da sua capacidade de se adaptar a problemas que ele próprio criou, se reproduzindo sobre suas próprias chagas. **Simultâneo e desigual**, o dilema socioambiental dos camponeses que habitam o entorno do Parque Estadual do Ibitipoca perfaz um fragmento do tecido social a ser incorporado efetivamente na gestão desta U.C., como enunciação de uma era em que homem não pode mais negligenciar o futuro e destruir a natureza como se não fizesse parte dela.

O “**Paraíso do Capital**”, por sua vez, consiste na lógica econômica inerente aos processos verificados no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca, em que a apropriação privada da natureza preservada se apresenta como força produtiva em potencial. Desse contexto, a (re)distribuição do custo social da renda da terra incorpora uma dimensão “ecologicamente correta” que permite ao capitalista a sua *posteriori* utilização como reserva de valor – a manutenção de um pretenso *status quo* ambiental que, no futuro, poderá ser usado a título de medida compensatória. Na outra face do Janus, porém, um grupo social (campesinato) viu as bases materiais de sua existência serem transformadas ao longo das últimas décadas: a intervenção sobre o modo de vida de uns a subvencionar a conservação dos atributos ecológicos de um território cuja biodiversidade, em tese, deveria ser resguardada para o bem comum de toda a sociedade.

A gestão das Unidades de Conservação, assim, deve ampliar a sua abrangência temporal no sentido de acompanhar a série histórica que permeia as transformações estruturais subsequentes à criação e implantação dos parques e reservas, admitindo, inclusive, os eventuais efeitos do desenvolvimento social não

planejado – aquele que escapa ao controle humano imediato – que nenhum gestor ambiental, sob o ar refrigerado de seu gabinete, foi, é, ou será capaz de prever ou solucionar por fórmulas de planejamento preconcebidas. A não ser que se resolvam todas as contradições dos “Paraísos do Capital”.

Como visto, o não planejamento social do desenvolvimento econômico e das outras esferas funcionais da vida humana em Ibitipoca trouxeram consequências indesejáveis em médio prazo. Em última instância, tais processos se traduzem como pedaços da história humana sobre a Terra. Tem-se aqui um breve fragmento do globo expresso no percurso histórico dessa tal Serra de Ibitipoca **moldada pelos ventos, esculpida pelas águas, transformada pelos homens.**

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ARQUIVÍSTICAS

FONTES PRIMÁRIAS

ANDRADE, P. M. *Proposta preliminar para o zoneamento do Parque Estadual do Ibitipoca/MG*. Belo Horizonte: IEF – Diretoria de Parques e Reservas Equivalentes, 1988. 6p.

ARQUIVOS BIBLIOTHECA NACIONAL. *Carta de Bernardo Corrêa de Sousa Coutinho, escrita no Rio de Janeiro em 29 de julho de 1694, e endereçada a D. João de Lancastro – Governador e Capital Geral do Estado*. In: Documentos Históricos (1675 – 1709). Correspondência dos Governadores Geraes: Provisões 1664 – 1668. v. XI da série e IX dos Docs. da Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro: Augusto Porto & C., 1929.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO (APM). *Inventário do Fundo Repartição Especial de Terras Públicas*. Belo Horizonte: APM/ Secretaria de Estado da Cultura, jan.2005. 16p.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AMIGOS DE IBITIPOCA – AMAI. *Recenseamento da população do distrito de Conceição de Ibitipoca; levantamento do número de estabelecimentos comerciais, meios de hospedagem, automóveis e domicílios*. Ibitipoca; AMAI, maio de 2005. (Resultados Preliminares)

BRASIL. *Lei Imperial nº 601, de 18/09/1850*. (Conhecida como Lei de Terras de 1850. Dentre suas atribuições, define as terras devolutas como propriedade do Estado).

_____. *Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964*. Dispõe sobre o Estatuto da Terra; regula os direitos e obrigações concernentes aos bens imóveis rurais.

_____. *Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965*. Institui o Novo Código Florestal. 5

_____. Ministério da Indústria, Comércio e Turismo/Ministério do Meio Ambiente. *Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo*. Brasília: Embratur/Ibama, 1994.

_____. *Lei Federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000*. Dispõe sobre o SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Disponível em: <<http://www.ibama.cjb.net>>. Acesso em: fev. 2006.

_____. *Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001*. Altera artigos e acresce dispositivos à Lei nº 4.771, de 15/09/1965, que institui o Código Florestal, bem como altera o art.10 da Lei nº 9.393, de 19 de dezembro de 1996, que dispõe sobre o Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural (ITR) e dá outras providências.

_____. *Lei nº 11.428, de 22 de dezembro de 2006*. Dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica e dá outras providências.

CÂMARA MUNICIPAL DE LIMA DUARTE. *Lei Municipal nº 1.126/2000*. Cria o Código de Posturas do Município de Lima Duarte – MG e dá outras providências.

_____. *Lei Municipal nº 1.155, de 19/11/2001*. Estabelece normas referentes à Organização da Ocupação e Uso do Solo do Distrito de Conceição de Ibitipoca e dá outras providências. 25p.

_____. *Projeto de lei nº 27/2001*. Estabelece normas referentes à organização da ocupação e uso do solo do Distrito de Conceição de Ibitipoca e dá outras providências.

CATÃO *et al*, Guaracy Duque Viriato. *Serra de Ibitipoca – Município de Lima Duarte*. (Relatório da Comissão de cientistas, presidida por Guaracy Catão, encaminhado ao então governador de Minas Gerais José de Magalhães Pinto, cujo objetivo era definir um uso para as terras devolutas da Serra de Ibitipoca). Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Agricultura, 1964. 5p. (Relatório).

COMISSÃO DE ECONOMIA DA ALMG. Composta pelos deputados: LOURIVAL BRASIL; VASCONCELOS, Fábio; ABI-AKEL, Ibrahim; COSTA, Manoel; ASSAD, Mário; SOUTO, Humberto. *Requerimento nº 793 encaminhado pelos deputados da Comissão de Economia da ALMG ao presidente da Assembleia Legislativa de Minas, em 27/06/1973*. (Solicita construção de rodovia ligando Lima Duarte ao Parque Florestal do Ibitipoca). *Minas Gerais, Diário do Legislativo, Belo Horizonte, p.2, 29 jun. 1973*.

ESCRITURA PÚBLICA lavrada no Cartório do Segundo Ofício de Notas de Belo Horizonte em 29/12/1965, Livro 546 C, fls. 72 a 74, e transcrita sob o nº 11.456, fls 15, do Livro “3-I” do Registro de Imóveis da Comarca de Lima Duarte em 30/05/1966. Tal escritura confere ao Instituto Estadual de Florestas (IEF) todo o domínio, posse, direito e ação sobre o imóvel rural da chamada “Fazenda de Ibitipoca”, incorporada ao patrimônio do IEF em 29/12/1965.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO – FJP. *Plano Diretor de Organização Territorial e Desenvolvimento do Turismo em Conceição de Ibitipoca*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2000. 313 p.

IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil 1998*. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

_____. *Censos demográficos: 1980, 1991 e 2000*.

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS (IEF). *Ofício nº 370/72 (EPM/mps) assinado pelo presidente do IEF, Edson Potsch Magalhães, e encaminhado ao Deputado Estadual Lourival Brasil em 16/10/1972.* (Resposta a uma carta de Lourival Brasil enviada ao IEF em 11/10/1972).

_____. *Ofício encaminhado pelo presidente do IEF Edson Potsch Magalhães ao secretário de Agricultura de MG, Alysson Paulinelli.* Esclarece acerca da situação fundiária das terras de Ibitipoca, relata a atuação do encarregado pela área (Jacinto Lage) e emite parecer favorável à criação do Parque. Belo Horizonte, IEF, 16 out. 1972.

_____. *Parque Florestal de Ibitipoca: características.* (MEO/mgm). Belo Horizonte: IEF, 17/05/1980. 4p. (Separata. Contém informações gerais sobre o Parque seguidas de um relatório sobre a inauguração, pelo secretário de Agricultura Gerardo Renault, das obras de implantação do Parque num cerimonial realizado na Serra em 17/05/1980).

_____. *Lista de convidados para a solenidade de inauguração das obras públicas do Parque Estadual do Ibitipoca.* Belo Horizonte: IEF, 1984. 4p.

_____. *Parque Florestal do Ibitipoca.* Belo Horizonte: IEF/Diretoria de Parques e Reservas Equivalentes, [s.d.]. 74p.

_____. *Ofício interno encaminhando ao órgão central do IEF gráficos referentes à frequência de campistas e visitantes no Parque Estadual do Ibitipoca, período de 1988 a 1995.* Dados coletados pela engenheira florestal Maria Rita de Cássia Amâncio, ex-diretora do Parque. Belo Horizonte, 11 abr. 1996.

_____. *Frequência anual total de visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca, referentes ao período de 1995 a 2007.* (Dados consultados em maio 2005 na sede administrativa do Parque e atualizados em jan. 2008).

_____. *Estudo da Demanda Turística nos Parques Estaduais de Minas Gerais.* Belo Horizonte: Núcleo de Estratégias de Ecoturismo (NET/IEF), 2006.

_____. *Boletim Eletrônico Informativo do Parque Estadual do Ibitipoca, nº 01 ao nº 05, Conceição de Ibitipoca, 2007/2008.* (Elaboração: Clarice N. L. Silva. Supervisão: ASCOM/SISEMA).

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS – IEF; BRANDT Meio Ambiente. *Parque Estadual do Ibitipoca: levantamento dos aspectos históricos e culturais.* Belo Horizonte, 1994a, v.1. 50p. (Relatório/versão preliminar)

_____. *Parque Estadual do Ibitipoca: levantamento dos aspectos históricos e culturais.* Belo Horizonte, jan.1994(b), v.2. (Versão preliminar do relatório técnico final, contendo em anexo algumas fontes consultadas). 32p. Anexo contendo 44 fls.

_____. *Parque Estadual do Ibitipoca: levantamento dos aspectos históricos e culturais*. Belo Horizonte, 1995, v.1. (Relatório Técnico Final).

KRIEGER, Leopoldo; CÂMARA, U.C.; ALMEIDA, E.L. de; CASTRO, J.G.de; GUARES, M.A.F.; SOUZA, L.T.; BRUGGER, M.C.; SOUZA, R.R.; OLIVEIRA, M.R.de. *Relatório da 3ª Expedição ao Parque Estadual da Serra de Ibitipoca*. Juiz de Fora: UFJF; CES, 1973. 4p. (Relatório).

KRIEGER, Leopoldo. *Relatório sobre o Parque Estadual do Ibitipoca – MG*. Juiz de Fora: UFJF, 1976. 3p. (Relatório).

LOURIVAL BRASIL. *Discurso proferido pelo deputado estadual Lourival Brasil em 27/10/1972, durante a 276ª Reunião Ordinária da Assembleia Legislativa de MG*. Recebido na Seção de Composição da Assembleia em 07/11/1972. (Atas das respectivas seções).

_____. *Discurso proferido pelo dep. Lourival Brasil em 27/06/1973, na sala das Reuniões/ Comissão de Economia da Assembleia Legislativa de MG, encaminhando ao presidente da Assembleia o requerimento nº 793 (Solicita construção de rodovia ligando Lima Duarte ao Parque Florestal do Ibitipoca)*. Minas Gerais, *Diário do Legislativo*, Belo Horizonte, p.2, 29 jun. 1973.

_____. *Comunicação do deputado estadual Lourival Brasil ao governador Rondon Pacheco agradecendo a remessa do projeto de lei nº 748/73 à Assembleia Legislativa (MG)*. Belo Horizonte, 18 maio 1973. *Comunicação publicada a posteriori no Diário Oficial do Estado de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 10 ago. 1973.

_____. *Parque Florestal de Ibitipoca*. Discurso proferido pelo dep. Lourival Brasil na Assembleia Legislativa, relatando a caravana de mais de 50 pessoas, entre jornalistas, representantes do IEF, da Embratur e da Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Turismo (MG). Comunicação publicada a posteriori no *Diário Oficial do Estado de Minas Gerais*, Belo Horizonte, agosto/1973.

MINAS GERAIS. *Lei nº 2.606, de 05 de janeiro de 1962*. (Cria o Instituto Estadual de Florestas/MG). *Diário Oficial do Estado de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 05 jan. 1962.

_____. *Projeto de Lei nº 742/73*. (Propõe a criação dos Parques Florestais de Ibitipoca e Jaíba), encaminhado em 17/05/1973 à Assembleia Legislativa pelo secretário de Agricultura Alysso Paulinelli, a pedido do governador Rondon Pacheco. Projeto inicial publicado a posteriori no *Diário Oficial do Estado de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 10 ago. 1973.

_____. *Decreto-Lei nº 6126 de 04 de julho de 1973*. Cria e institui os Parques Florestais do Ibitipoca e do Jaíba. *Diário Oficial do Estado de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 04 jul. 1973.

_____. “Foram visitar o Parque Estadual do Ibitipoca”. *Diário Oficial do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 08 ago. 1973*. (Duplicata da notícia de que uma caravana de professores, jornalistas, agentes de viagem, técnicos florestais e políticos foram visitar o parque recém-criado. Republicação a posteriori, no mesmo jornal, em 10/08/73, anexada ao projeto de criação do Parque).

_____. Portaria nº 36, de 03 de março de 2003. Estabelece normas de visitação e utilização das dependências do Parque Estadual do Ibitipoca e dá outras providências. *Diário Oficial do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 03 mar. 2003*.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. *Ofício nº 61/Br, de 12/02/1973*, encaminhado pelo subchefe de Gabinete do Ministério ao dep. *Lourival Brasil*. Ofício assinado por Maurício Cantalico de Medeiros, em resposta à solicitação de criação do Parque do Ibitipoca feita por Lourival Brasil em 28/09/1972. O ofício informa que a propriedade rural do distrito de Ibitipoca deveria ser transformada em Parque Estadual, por pertencer ao IEF/MG. Brasília, Gabinete do Ministro da Agricultura, 12/02/1973.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMA DUARTE. Dados censitários e informações socioeconômicas relativos ao distrito de Conceição de Ibitipoca. Dados coletados em maio de 2005.

SECRETARIA DE AGRICULTURA DE MINAS GERAIS. *Comunicação nº 1.754/73, de 14/05/1973*. Encaminhamento, pelo secretário de Agricultura Alysson Paulinelli, do Projeto de Lei nº 748/73 ao governador Rondon Pacheco. *Diário Oficial do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 10 ago. 1973. (Publicado a posteriori)*.

REFERÊNCIAS HISTÓRICAS SOBRE IBITIPOCA: VIAJANTES, CRONISTAS E OUTROS AUTORES

BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1976. 366 p. (Reconquista do Brasil).

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1970. 429 p.

DELGADO, Alexandre M. *Memória histórica sobre a cidade de Lima Duarte e seu município*. Juiz de Fora: Edição do autor, 1962. 340 p.

LIAIS, Emmanuel. *Climats, Géologie, Faune et Géographie Botanique du Brésil*. Paris: Garnier Freres, 1872

MATOS, Raimundo José da Cunha. *Corografia Histórica da Província de Minas Gerais*: 1837. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979, v.II.

_____. *Corografia Histórica da Província de Minas Gerais*: 1837. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979, v.I. (Índice das matérias).

MENEZES, Eduardo. A Revolução Mineira de 1842. Juiz de Fora: *Tipografia do Brasil*, 1913.

MILLIET DE SAINT-ADOLPHE, J. C. R. *Dicionário Geográfico Histórico e Descritivo do Império do Brazil*. Paris: [s.n.], 1845.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*, 1822. Trad. rev. e prefácio de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. (Reconquista do Brasil).

SENNA, Nelson de. *Principaes povos selvagens que tiveram o seo "habitat" em território das Minas Geraes*. Revista do Archivo Público Mineiro. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, ano XXV, julho de 1937, v.1.

_____. A distribuição geográfica das tribus indígenas do Brasil: sua ethnogenia. *Revista do Archivo Público Mineiro*, anno XXV, 1937. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, p.157-176, 1938.

SILVEIRA, Alvaro Astolpho da. *Memorias chorographicas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1921, v.1. 353 p.

_____. Fontes, chuvas e florestas. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923.

ARTIGOS E/OU REPORTAGENS DE JORNAIS E REVISTAS

BEDIM, Bruno P. Olhares da Serra. *Jornal Guia da Serra*, Juiz de Fora, n. 27, p.4, abr. 2005.

_____. Expedições, viajantes e mascates: os primórdios da hospitalidade em Ibitipoca. *Jornal Guia da Serra*, Juiz de Fora, n.28, p.10, 2006.

_____. Delírios Tropicais: a invenção inglesa da "colossal" mina de ouro do Ribeirão da Conceição. *Jornal Guia da Serra*, Juiz de Fora, v.29, 2007.

BERMAN, Deborah. Ibitipoca: com o *boom* do turismo, o arraial se adapta a uma nova vida. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 22 jul. 1995.

CASTRO, Laura. Parque de Ibitipoca recebe 17 mil visitantes. *Jornal Zona da Mata*. Juiz de Fora, 20 fev. 1994.

COSTA, Vasconcelos. Serra do Ibitipoca. *Revista da Sociedade Ornitológica Mineira*, [s.l.], n.19, p.13, 1979.

_____. Flores da Solidão. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 10 ago. 1973.

DIÁRIO DA TARDE. Turistas já podem visitar o Parque de Ibitipoca. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 19 maio 1980.

DIÁRIO DE MINAS. *IEF faz reunião com prefeitos para ver Parque Florestal*. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 07 ago. 1974.

_____. *IEF assina convênio com o DER para eletrificação de Ibitipoca*. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 16 mar. 1975.

DIÁRIO DO COMÉRCIO. *IEF faz convênio para melhorias no Parque de Ibitipoca*. *Diário do Comércio*, [s.l.], 18 mar. 1975.

DIÁRIO MERCANTIL. *Abandono empobrece a Serra (subtítulo)*. Juiz de Fora, 12 dez. 1971. (reportagem com título ininteligível).

_____. *Botânicos querem centro de pesquisa*. Juiz de Fora, p.5, 01 mar. 1977.

ESTADO DE MINAS. *Serra de Ibitipoca provoca polêmica*. *Jornal Estado de Minas*, Belo Horizonte, 09 jul. 1975.

_____. *Parque (Tome Nota)*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 mar. 1974.

_____. *Ibitipoca*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 ago. 1974.

_____. *Melhor agora o Parque Florestal de Ibitipoca*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 ago. 1974.

_____. *Ibitipoca (Tome Nota)*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 set. 1974.

_____. *Turismo em Ibitipoca não prejudica a botânica*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 abr. 1975.

_____. *Implantação do Parque Florestal de Ibitipoca*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 jul. 1976.

_____. *Universitários da UFJF estudam ecologia na Serra de Ibitipoca*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 28 jul. 1977.

_____. *Preservação do Parque de Ibitipoca, pedem os alunos e professores da UFJF*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 ago. 1977.

FELIPE, Carlos. Ibitipoca: aqui o céu abriu a sua janela. *Estado de Minas, Caderno Turismo*, Belo Horizonte, p.6-7, 13 ago. 1998.

FONSECA, C. O turismo verde invade as serras de Minas. *Revista Prática Hospitalar*, [S.l.], ano 6, v.6, n.3, 42-3, abr./mar. 1991.

JORNAL DE CASA. *Ibitipoca: fica em Minas o maior grupo de grutas, em extensão e diâmetro, do continente*. Jornal da Casa, Belo Horizonte, 7 a 13 ago. 1994.

LEAL, Henrique. *A festa da natureza: os turistas descobrem o Parque do Ibitipoca e já preocupam os conservacionistas mais radicais*. Isto é Minas, n.21, Belo Horizonte, p.4-9, 15 abr. 1992. (Parte integrante da Revista ISTO É, n.1176).

LYRA, M. Parque de Ibitipoca tem “janela” para o céu. *Folha de São Paulo, Caderno Turismo*, São Paulo, p.6-10, 09 maio 1991.

MAUAD, Isabel Cristina. “...E Deus criou Ibitipoca. Vá ao encontro dela...”. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, p.7, 07 out. 1974.

O GLOBO. *Projeto transforma Serra e cria parque para desenvolver turismo*. *Caderno Turismo, O Globo*, Rio de Janeiro, p.4, 11 a 20 jun. 1973.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMA DUARTE (PMLD). *Recorte de divulgação do município de Lima Duarte publicado no Diário Mercantil em 07/10/74, ao lado de uma reportagem assinada por Isabel Cristina Mauad sobre o Parque do Ibitipoca*. *Diário Mercantil, Juiz de Fora*, p.7, 07 out. 1974. (Recorte assinado pelo prefeito municipal Liandyr de Paula Guimarães e pelo presidente da Câmara Hilton de Paiva).

RESENDE, Terezinha Cristina C. O mistério da bola de fogo. *Jornal Guia da Serra*, Juiz de Fora, n. 24, p.4, abr. 2004.

REVISTA VISÃO. *Um pedaço de paraíso*. Visão, [s.l.], p.108-111, 25 jun. 1984.

TRAVASSOS, Miriam. *Leopoldo Krieger, o homem das mil e uma plantas, não pode pesquisar em Ibitipoca*. *Diário Mercantil, Juiz de fora*, 09 set. 1979.

TRIBUNA DE LIMA DUARTE. *Serra de Ibitipoca, um paraíso perdido*. Lima Duarte, 22 mar. a 05 abr. 1987.

TRIBUNA DE MINAS. *Parques de Minas: Ibitipoca e Rio Doce*. Juiz de Fora, p.2-17, out. 1996. (Suplemento especial publicado na edição de aniversário da Tribuna de Minas, 28p.).

VALE, Célio Murilo. Parques e Reservas de Minas Gerais. Parque Estadual de Ibitipoca. *Minas Ambiente – Informativo da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia*, n.9, p.4, 1986.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. *Economia Aplicada*, [s.l.], v. 4, n. 2, p.1-19, março/2000a.

_____. *Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo*. Rio de Janeiro: IPEA, 2000b. (Texto para discussão nº 702).

ACSELRAD, Henri (Org.). *Conflitos ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004. p.13-35.

ADORNO, Theodor W. Tempo livre. In: _____. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p.112-127.

_____. Résumé sobre indústria cultural. In: *Ohne Leitbild*. Frankfurt: Parva Aesthetica. Suhrkamp, 1967. Trad. Carlos Eduardo Machado. (Mimeo).

ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990. 202p.

ALENCAR, E.; MOURA FILHO, J. A. Unidade de produção agrícola e administração rural. *Revista Informe Agropecuário* – Epamig, Belo Horizonte, n.157, p.25-29, 1988.

AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. São Paulo: Hucitec, 1976.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*. (Apresentação de Arnaldo Saraiva). Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

AOUN, Sabáh. Paraíso à vista – os jardins do éden oferecidos pelo turismo. In: RODRIGUES, A.B. (org.). *Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites*. São Paulo: Contexto, 2003. p.15-27.

ARON, Raymond. *O marxismo de Marx*. Trad. Jorge Bastos. São Paulo: Arx, 2003.

ASSUMPÇÃO, Alessandra de F. A.. Avanços e entraves no processo de descriminalização da maconha. In: *XII Congresso Brasileiro de Sociologia: Sociologia e Realidade – Pesquisa Social no século XXI*. Belo Horizonte: Anais do evento, jun. 2005.

BARRETTO, M. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. *Turismo em análise*, São Paulo, USP, v.15, n.2, p.133-149, nov. 2004.

BEDIM, Bruno P. O programa de turismo do Parque Estadual do Itacolomi: significados, reflexos e perspectivas no âmbito regional. In: *Encontro Nacional de Turismo com Base Local*. Curitiba: Ed. UFPR/ UNICENP, 2004. Anais. 16p.

_____. *Turismo e mudanças socioculturais em Conceição de Ibitipoca*. 2005. 99f. Monografia (Bacharelado em Turismo) – Departamento de Turismo / UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2005.

_____. “Conflitos no Paraíso”: a problemática socioambiental envolvendo turistas, Instituto Estadual de Florestas e a população rural do entorno do Parque Estadual do Ibitipoca – 1973/ 2006. In: XVIII Encontro Nacional de Geografia Agrária: Perspectivas Teórico-Metodológicas da Geografia Agrária. Anais do evento. Rio de Janeiro: UERJ-IBGE-UFRJ, 2006a, v.1, 23p.

_____. “Memórias do campo”: considerações metodológicas sobre o uso da história oral em estudos rurais. In: XVIII Encontro Nacional de Geografia Agrária: Perspectivas Teórico-Metodológicas da Geografia Agrária. Anais. Rio de Janeiro: UERJ-IBGE-UFRJ, 2006b, v.1, 16p.

_____. O espaço capitalista da natureza e seu (contra) uso turístico: a dialética da visitação pública em áreas protegidas – um ensaio teórico. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v.7, n.3, UFRJ-IVT-Faperj, out. 2007, p.75-89. (ISSN 1677-6976). Disponível em: < <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/> >.

_____. Os usos culturais do tempo no limiar de um destino turístico: da temporalidade camponesa aos ritmos diferenciados da experiência do tempo em Ibitipoca. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural (ECA-USP)*, São Paulo, n.2, v.2, 2007. (ISSN - 1981-5646). Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/turismocultural>>.

BEDIM, Bruno P.; PAULA, Heber Eustáquio. “Relatos visitados”: história oral e pesquisa em turismo e hospitalidade. considerações teórico-metodológicas. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, UFRJ-IVT-Faperj, 2007, p.63-77. (ISSN 1677-6976). Disponível em: < <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/> >.

BEDIM, Bruno P.; TUBALDINI, M. A. S. Turismo e populações rurais do entorno de Unidades de Conservação: dilemas socioambientais entre diferentes formas de apropriação do território. *Ciência & Tecnologia – OLAM*, Rio Claro (SP), v.6, n.2, dez.2006(a), p.356-376. (ISSN 1519-8693).

_____. A chegada do “outsider” ao rural-paraíso: novos atores e relações econômicas e sociais no contexto turístico da Serra de Ibitipoca (MG). *Revista USP Agrária (DG/FFLCH/USP)*, São Paulo, n.5, v.2, 2006, p. 04-39. (ISSN 1808-1150). Disponível em:< <http://www.geografia.fflch.usp.br/revistaagraria/revista.htm> >.

_____. The social configurations caused by the tourism in Conceição de Ibitipoca village, MG (Brazil): news relations and strategies of social distinction in the rural space. In: VII Congresso Latino-Americano de Sociologia Rural: La Cuestión Rural em América Latina: Exclusión y Resistência Social ¿ Por um agro con soberania, democracia y sustentabilidad ¿. Quito – Equador: ALASRU-FLACSO, 2006(b), v.1, 21p.

_____. Turismo e mudanças socioculturais em Conceição de Ibitipoca: da reestruturação da esfera produtiva à chegada de novos atores sociais, um espaço rural em transformação. In: *XLIV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural: Questões agrárias, educação no campo e desenvolvimento*. Fortaleza: Sober, jul. 2006(c). Anais. 20p.

_____. “Para além da Unidade”. O entorno ‘rural’ de Unidades de Conservação abertas à visitação pública: novos atores, conteúdos e funções. In: *VII Encontro Nacional da ANPEGE: Espacialidades contemporâneas – o Brasil, a América Latina e o Mundo*. 2007, Niterói (RJ). 15p.

BENI, Mário Carlos. Conceituando turismo rural, agroturismo, turismo ecológico e ecoturismo. In: BARRETO, M; TAMANINI, E. (Orgs.). *Redescobrimos a ecologia do turismo*. Caxias do Sul: Educus, 2002. p.31-34.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990. 234p.

_____. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre, et al. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.; PASSERON, J. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CAMARA CASCUDO, Luis da. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 10.ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O consumo do espaço. In: _____ (Org.). *Novos caminhos da geografia*. São Paulo: Contexto, 1999. p.173-186.

CARNEIRO, Henrique Soares. O múltiplo imaginário das viagens modernas: ciência, literatura e turismo. *História: Questões & Debates*, Curitiba, UFPR, n.35, p. 227-247, 2001.

CHAYANOV, Alexander V. *La organización de la unidad económica campesina*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974.

CHONCHOL, Jacques. *Paysans a venir: lês sociétés rurales du Tiers Monde*. Paris: La Decouverte, 1986.

COMERFORD, John. Comunidade Rural. In: MOTTA, Márcia (org.). *Dicionário da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. pp.112-120.

- COOPER, C. *et al.* *Turismo, princípios e prática*. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- COSTA, W. M.; MORAES, A. R. *A valorização do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- COUTINHO, L. M. O cerrado e a ecologia do fogo. *Ciência Hoje, Edição Especial*, 1992, p.130-138.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1985.
- DENZIN, Normam; LINCOLN, Yvonna. Introduction: entering the field of Qualitative Research. In: DENZIN, Normam; LINCOLN, Yvonna (eds). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage Publications, 1994. p. 1-17.
- DESCARTES, René. Discurso do método. In: *Descartes: Os pensadores*. Trad. J. Guinsburg e Bento Pardo Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).
- DIAS, Herly C. Teixeira; FERNANDES FILHO, Elpídio; SCHAEFER, Carlos Ernesto; FONTES, Luiz Eduardo; VENTORIM, Leonardo Barros. Geoambientes do Parque Estadual do Ibitipoca, município de Lima Duarte – MG. *Revista Árvore, Viçosa*, v.26, n.6, p.777-786, 2002.
- DIEGUES, Antonio Carlos S. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A. C. S. (org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec/Nupaub-USP, 2000. p. 1-46.
- _____. *O mito moderno da natureza intocada*. 4.ed. São Paulo: Annablume: Hucitec/Nupaub-USP, USP, 2002.
- DIEGUES, A. C.; NOGARA, P.J. *O nosso lugar virou parque: estudo sócio-ambiental do Saco de Mamaguá – Paraty – Rio de Janeiro*. São Paulo: NUPAUB/USP, 1994. 187p.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *Sobre o tempo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Escritos & Ensaios: Estado, Processo, Opinião Pública*. (Apresentação e organização: Federico Neiburg; Leopoldo Waizbord). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERNANDES, Florestan. *Mudanças sociais no Brasil: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira*. 3.ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Difel/Difusão Editorial, 1979.

FORMAN, Shepard. *Camponeses: sua participação no Brasil*. Trad. Maria Isabel Erthal Abdenur. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Estudos Brasileiros).

FOSTER, John Bellamy. *A ecologia de Marx: materialismo e natureza*. Trad. Maria Teresa Machado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FRANÇA, Bruno César. *Plantas do cerrado utilizadas pela população humana na zona de amortecimento do Parque Nacional da Canastra* – MG. Lavras: Ed. UFLA, 2002.

FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A C. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 7.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. 242 p. (Aprender)

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 3.ed. São Paulo: Kairós, 1983.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO – FJP. *Plano Diretor de Organização Territorial e Desenvolvimento do Turismo em Conceição de Ibitipoca*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2000. 313 p.

GIULIANI, Gian Mario. Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.14, p.59-67, out.1990.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des) caminhos do meio ambiente*. 11.ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Temas Atuais)

GUERRA, Antônio Teixeira; GUERRA, Antonio José Teixeira. *Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico*. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GUIMARÃES, Carlos Magno; REIS, Liana Maria. Agricultura e caminhos de Minas 1700/1750). *Revista do Departamento de História*, Fafich/UFMG, Belo Horizonte, n.4, p.85-99, jun.1987.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IANNI, Octavio. *Dialética e capitalismo*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. 3.ed. São Paulo: Aleph, 2003.

LEFEBVRE, Henri. *O pensamento de Lenine*. Lisboa: Moraes Editores, 1969a.

_____. *Introdução à modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969b.

_____. *O fim da história*. Trad. Antonio Reis. Lisboa: Dom Quixote, 1971.

_____. *Espaço e política*. Trad. Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. [s.l.:s.n.], 2003. Inédito. (Do original: *Espace et Politique*. Paris: Éditions Anthropos, 1972).

_____. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. [s.l.:s.n.], fev.2006. Inédito. (Do original: *La production de l'espace*. 4.ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

LEFF, Enrique. *Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Trad. Jorge Esteves da Silva. Blumenau: Editora da FURB, 2000.

LEVI-STRAUSS, Claude. *A noção de estrutura em etnologia*. In: Levi-Strauss: Os pensadores. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires; rev. Etnológica de Júlio Cezar Mellatti. São Paulo: Abril Cultural, 1976a. (Os Pensadores)

_____. *Raça e história*. In: Levi-Strauss: Os pensadores. Trad. Inácia Canelas. São Paulo: Abril Cultural, 1976b. (Os Pensadores)

LIAIS, Emmanuel. *Climats, Géologie, Faune et Géographie Botanique du Brésil*. Paris: Garnier Freres, 1872.

LICKORISH, Leonard J.; JENKINS, Carson L. *Introdução ao turismo*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LUYTEN, Joseph M. Desafio e repentismo do caipira de São Paulo. In: BOSI, Alfredo (Org). *Cultura brasileira: temas e situações*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992. p.75-102.

MAÎTRE, Jacques. Sociologia da ideologia e entrevista não-diretiva. In: THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 4.ed. São Paulo: Polis, 1985. p.213-223.

MALINOWSKI, Bronislaw. Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, Alba Zaluvar (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p.39-61.

MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. *Revista de Antropologia, São Paulo, FFLCH/USP*, n.34, p.197-221, 1991.

MARTINS, José de Souza. Viola Quebrada. *Debate & Crítica*, São Paulo, n.4, p.23-47, nov.1974.

_____. *Capitalismo e tradicionalismo: estudo sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.

_____. (Org.) *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1981.

MARTINS, José de Souza. As coisas no lugar (da ambiguidade à dualidade na reflexão sociológica sobre a relação cidade-campo). In: _____. (Org.). *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1981. pp.11-38.

_____. *Não há terra para plantar neste verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986a.

_____. *Pequena produção agrícola – antimito da produção capitalista no campo (crítica aos críticos)*. In: _____. *A reforma agrária e os limites da democracia na “Nova República”*. São Paulo: Hucitec, 1986b. p.113-152.

_____. *Expropriação e Violência: a questão política no campo*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. *A chegada do estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *O poder do atraso*. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. As temporalidades da história na dialética de Lefebvre. In: MARTINS, J.S.(Org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 13-23.

_____. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. *O cativo da terra*. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Trad. Florestan Fernandes. São Paulo: Flama, 1946.

_____. *Contribuição à crítica da economia política*. In: _____. Karl Marx. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. El campesinato como clase. In: SHANIN, Teodor (Org.). *Campesinos y sociedades campesinas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1979. p. 207-213.

_____. *O capital*, Livro I, v.1. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

_____. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1984. p.11-14.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1984.

_____. Manifesto do Partido Comunista. In: _____. Cartas Filosóficas & O Manifesto Comunista de 1848. São Paulo: Editora Moraes, 1987. p.101-140.

MARX, Karl. Carta de Karl Marx a Paul V. Annenkov (Escrita em Bruxelas, em 28 de dezembro de 1846, em francês). In: MARX, K.; ENGELS, F. *Cartas Filosóficas & O Manifesto Comunista de 1848*. São Paulo: Editora Moraes, 1987. p.13-27.

MEIRELLES, William Reis. Manhosos, sapecas e matreiros. De Jeca Tatu a Mazzaropi, o Brasil caipira foi retratado de várias maneiras. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n.17, ano 2, p.26-27, fev.2007.

MENDRAS, Henri. *Sociedades camponesas*. Trad. Maria José da Silveira Lindoso. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1978.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Natureza: Curso do Collège de France*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MONTEIRO, M. A. A. Migração rural-urbana e política agrícola. *Travessia – Revista do Migrante*, CEM, n.50, p.10-16, set./dez. 2004.

MORIN, E. *O método III: O conhecimento do conhecimento*. São Paulo: Europa-América, 1986. (Bib.Universitária)

MULS, Nair Costa. A formação da estrutura agrária mineira e a gênese do campesinato. *Análise & Conjuntura*, Belo Horizonte, v.5, n.3, p.94-109, set./dez. 1990.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos de identidade. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n.3, p.109-116, jun.2000.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Prefácio. In: PAULINO, Eliane Tomiasi. *Por uma geografia dos camponeses*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006. p.11-18.

OLIVEIRA, Ana Paula de Paula L. *A etno-história como arcabouço contextual para as pesquisas arqueológicas na Zona da Mata Mineira*. Juiz de Fora: Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF, 2004. 25 p. (Mimeo).

OLIVEIRA JR., Paulo H. B. *A história da agricultura através do tempo*. Rio de Janeiro: FASE/PTA, 1989.

PAULA, Heber Eustáquio. História oral e pesquisa em educação física e esporte: experiências vividas, reflexões necessárias. In: OLIVEIRA V. M. *História oral aplicada à educação física brasileira*. Rio de Janeiro: Editoria Central UGF, 1998. p 107-139.

PAULINO, Eliane Tomiasi. *Por uma geografia dos camponeses*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

PIRES, Paulo dos Santos. *Dimensões do ecoturismo*. São Paulo: SENAC, 2002.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.1-15, 1992.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.103-130.

PRADO JR. Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. São Paulo: Brasiliense: Publifolha, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. São Paulo: Vozes; Editora da USP, 1973.

_____. Do rural e do urbano no Brasil. In: SZMRECSÁNYI, T.; QUEDA, O. (Orgs.). *Vida rural e mudança social*. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1979. p.160-176.

RESENDE, Terezinha Cristina C. *O falar de Conceição de Ibitipoca*: indícios de traços-crioulos? *Papia: Revista brasileira de estudos crioulos e similares*. n. 13, p.139-149, Brasília: Thesaurus Editora, 2003.

_____. *Dinâmica do contato dialetal*: estudo sociolinguístico em Conceição de Ibitipoca. 2006. 186p. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, André Figueiredo. Os sertões proibidos da Mantiqueira: desbravamento, ocupação da terra e as observações do governador Dom Rodrigo José de Meneses. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.23, n.46, p.253-270, 2003.

RODRIGUES, Camila G. *O Turismo e a reconstrução do espaço rural*: o caso do arraial de Conceição de Ibitipoca. 2001. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – UFRRJ, Rio de Janeiro.

RUSCHMANN, Doris. *Turismo e planejamento sustentável*: a proteção do meio ambiente. São Paulo: Papirus, 2001.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. Trad. Carlos A. Pavanelli *et al.* In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.). *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p.182-188.

SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985. (Coleção Espaços).

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEVA, Janaína. Unidade de Conservação. In: MOTTA, Márcia (Org.). *Dicionário da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p.486-488.

- SCHMIDT, Carlos Borges. Rural life in Brazil. In: SMITH, T. L.; MARCHANT, A. *Brazil, Portrait of Half a Continent*. [s.n.], 1951.
- SILVA, José Graziano da. O novo rural brasileiro. *Revista Nova Economia*, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.43-81, maio 1997. Disponível em: <eco.unicamp.br/projetos/rurbano7.html>.
- SHIRLEY, Robert W. *O fim de uma tradição*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- SILVA, M. A. M. *A luta pela terra: experiência e memória*. São Paulo: UNESP, 2004.
- SOUSA SANTOS, Boaventura. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção *Para um novo senso comum*; v.4).
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 4.ed. São Paulo: Polis, 1985.
- _____. *Metodologia da pesquisa-ação*. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Temas básicos de pesquisa-ação).
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TORRES, Fillipe Tamiozzo P.; LAWALL, Sarah; ROCHA, Geraldo César. Hazard of Desertification at Ibitipoca Region, Southeast of Minas Gerais State, Brazil. *Sociedade e Natureza*, Uberlândia, Edição Especial, p.478-483, maio 2005.
- VIEIRA, M. E. G. *Ibitipoca: um caldeirão efervescente*. Juiz de Fora: UFJF, 1988. 189 p. (Bacharelado, Departamento de Ciências Sociais/ UFJF).
- VIEIRA, M. E. G.; VIANNA, Ivan; MARTINS, Kao. *Ibitipoca: a beleza mora na serra*. [S.l.]: SMP&B Propaganda, 1994.
- WANDERLEY, M.N.B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v.15, p.87-145, out. 2000.
- WHITAKER et al, Dulce C.A. A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura? *Cadernos CERU*, São Paulo, s.2, n.11, 2000a.
- WOLF, Eric R. Tipos de campesinato latino-americano: uma discussão preliminar. In: FELDMAN-BIANCO; Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins. (Orgs.). *Antropologia e Poder: contribuições de Eric R. Wolf*. Trad. Pedro Maia Soares. Brasília: Ed. UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Ed. Unicamp, 2003a. p.117-144.
- _____. Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO; Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins. (Orgs.). *Antropologia e*

Poder: contribuições de Eric R. Wolf. Trad. Pedro Maia Soares. Brasília: Ed. UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Ed. Unicamp, 2003b. p.93-114.

WOORTMANN, Klaas. A família trabalhadora. *In: Ciências Sociais Hoje – 1984/ Anuário de Antropologia, Política e Sociologia*. São Paulo: ANPOCS/ Cortez Ed., 1984. p.69-87.

WOORTMANN, Ellen. O saber tradicional camponês e inovações. *In: OLIVEIRA, A.U.; MARQUES, M.I.M. O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social*. São Paulo: Casa Amarela; Paz e Terra, 2004. p.133-142.

YÁZIGI, Eduardo. *A alma do lugar*: Turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Turismo Contexto)

7 APÊNDICES

| Quantidade amostrada | APÊNDICE 01: CARACTERIZAÇÃO FUNDIÁRIA E DEMOGRÁFICA DAS UNIDADES AMOSTRADAS | | | | | | | | | | | |
|----------------------|---|--------------|-----------------|---------------------|--|------|-------|-------------------------------|---------|---------|------|--------------------|
| | ESTRUTURA FUNDIÁRIA | | | | DADOS DEMOGRÁFICOS | | | | | | | |
| Número de ordem | Zona Fisiográfica | Altitude (m) | Área total (ha) | Área Produtiva (ha) | Membros Residentes por Estabelecimento | | | Distribuição por Faixa Etária | | | | |
| | | | | | Masc. | Fem. | Total | 0 a 20 | 21 a 40 | 41 a 60 | > 60 | Média etária geral |
| 01 | Moreiras | 1099 | 24 | 23 | 5 | 1 | 6 | 0 | 4 | 0 | 2 | 40,33 |
| 02 | Moreiras | 1137 | 5 | 4 | 3 | 2 | 5 | 3 | 2 | 0 | 0 | 23,20 |
| 03 | Ponte Alta | 1289 | 17 | 13 | 2 | 2 | 4 | 2 | 2 | 0 | 0 | 15,00 |
| 04 | Ponte Alta | 1282 | 46,5 | 24,5 | 6 | 2 | 8 | 3 | 2 | 0 | 3 | 40,38 |
| 05 | Serrinha | 1250 | 40 | 20 | 3 | 2 | 5 | 3 | 2 | 0 | 0 | 11,4 |
| 06 | Serrinha | 1215 | 28 | 26 | 0 | 0 | -- | 0 | 0 | 0 | 0 | ---- |
| 07 | Fiscal | 1184 | 8,4 | 6,4 | 4 | 2 | 6 | 2 | 1 | 3 | 0 | 34,16 |
| 08 | Fiscal | 1231 | 0,5 | 0,5 | 2 | 2 | 4 | 2 | 1 | 1 | 0 | 29,5 |
| 09 | Tanque/Encosta | 1277 | 40 | 28 | 1 | 3 | 4 | 2 | 0 | 2 | 0 | 25,5 |
| 10 | Tanque/Encosta | 1231 | 50 | 42 | 1 | 1 | 2 | 1 | 0 | 1 | 0 | 34,5 |
| 11 | Retiro da Pedra | 1148 | 70 | 52 | 3 | 0 | 3 | 0 | 2 | 0 | 1 | 48,67 |
| 12 | Clementes | 1168 | 36 | 28 | 4 | 4 | 8 | 3 | 2 | 1 | 2 | 38,25 |
| 13 | Tanque/Encosta | 1228 | 28 | 20 | 2 | 2 | 4 | 0 | 0 | 1 | 3 | 73,75 |
| 14 | Tanque/Várzea | 1212 | 8 | 6 | 1 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 2 | 72,5 |
| 15 | Tanque/Várzea | 1194 | 4 | 2,5 | 1 | 3 | 4 | 2 | 2 | 0 | 0 | 15,5 |
| 16 | Tanque/Várzea | 1187 | 11 | 8 | 7 | 5 | 12 | 5 | 1 | 4 | 2 | 33,91 |
| 17 | Tanque/Várzea | 1210 | 18 | 14 | 1 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 2 | 72,5 |

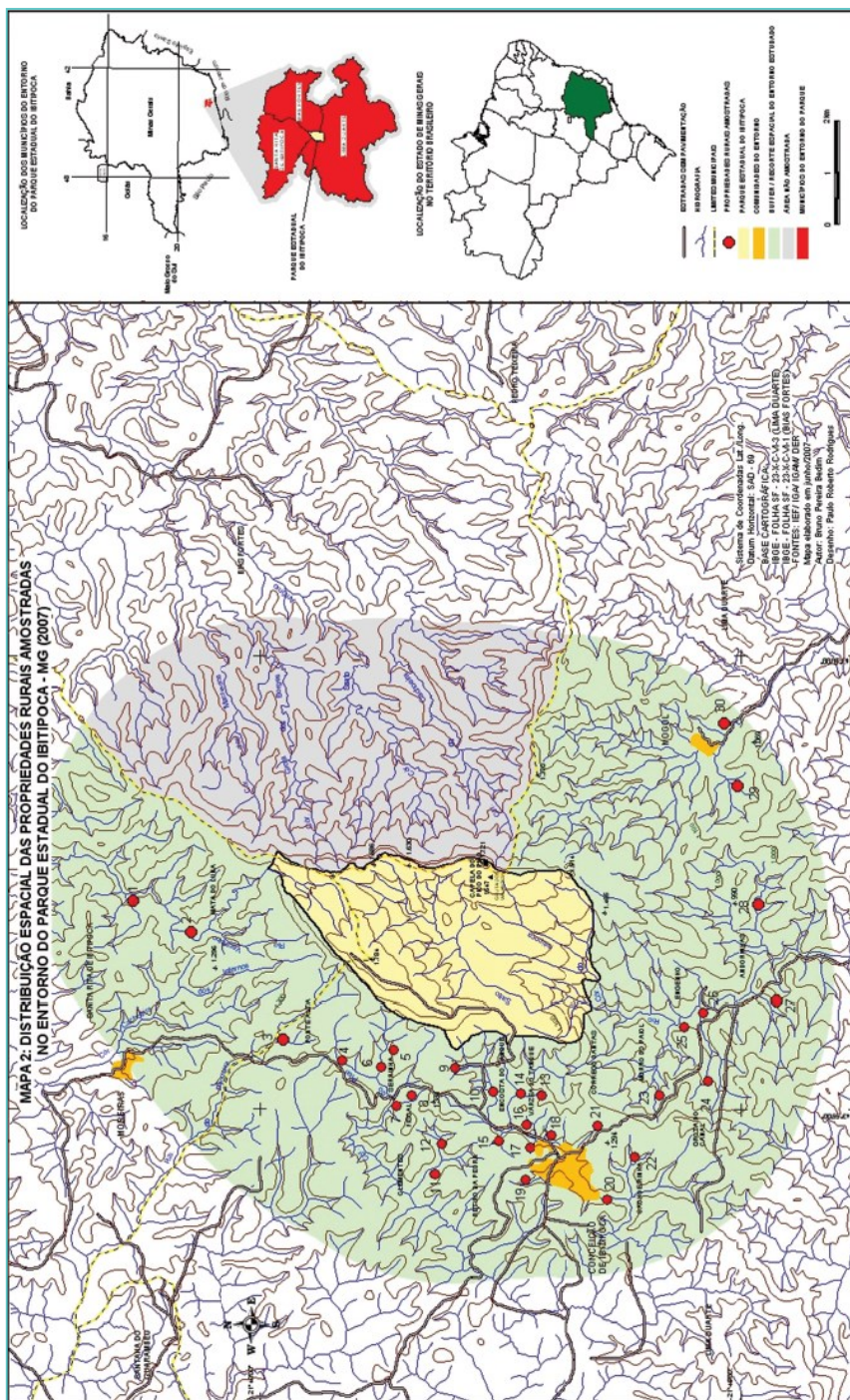
| | | | | | | | | | | | | |
|-------|--------------------|---------|-------|-------|------|------|------|------|------|------|------|-------|
| 18 | Tanque/ Várzea | 1400 | 0,7 | 0,5 | 2 | 1 | 3 | 0 | 2 | 0 | 1 | 47,67 |
| 19 | Retiro da Pedra | 1191 | 24 | 24 | 2 | 2 | 4 | 2 | 1 | 1 | 0 | 25,5 |
| 20 | Cachoeirinha | 1160 | 12 | 8 | 2 | 1 | 3 | 0 | 1 | 2 | 0 | 44,33 |
| 21 | Córrego Dantas | 1200 | 36 | 18 | 2 | 2 | 4 | 0 | 0 | 2 | 2 | 59,00 |
| 22 | Cachoeirinha | 1177 | 38 | 37 | 4 | 2 | 6 | 3 | 1 | 2 | 0 | 28,83 |
| 23 | Morro do Paio | 1015 | 20 | 16 | 1 | 1 | 2 | 0 | 1 | 1 | 0 | 47,00 |
| 24 | Grota do Canal | 985 | 68 | 60 | 1 | 1 | 2 | 0 | 1 | 0 | 1 | 43,00 |
| 25 | Engenho | 855 | 13 | 12 | 4 | 1 | 5 | 3 | 2 | 0 | 0 | 16,6 |
| 26 | Engenho | 848 | 52 | 50 | 2 | 1 | 3 | 0 | 1 | 0 | 2 | 50,33 |
| 27 | Andorinhas | 820 | 28 | 26 | 1 | 2 | 3 | 1 | 0 | 2 | 0 | 38,33 |
| 28 | Andorinhas | 837 | 108 | 48 | 2 | 1 | 3 | 0 | 1 | 2 | 0 | 45,67 |
| 29 | Mogol | 921 | 93 | 73 | 2 | 2 | 4 | 0 | 2 | 2 | 0 | 39,75 |
| 30 | Mogol | 889 | 15 | 15 | 5 | 2 | 7 | 0 | 4 | 1 | 2 | 42,57 |
| Total | ----- | ----- | 942,1 | 694,2 | 76 | 52 | 128 | 37 | 38 | 28 | 25 | ---- |
| Média | ----- | 1127,93 | 31,00 | 23,14 | 2,53 | 1,73 | 4,26 | 1,23 | 1,27 | 0,93 | 0,83 | 39,23 |

Fonte: Dados de Campo – 2007. Elaborado por: BEDIM, B. P.

APÊNDICE 2

| RELAÇÃO CONSUMIDOR/TRABALHADOR POR UNIDADE CAMPONESA DE PRODUÇÃO AMOSTRADA NO ENTORNO DO PARQUE DO IBITIPOCA (2007) | | | | | | |
|---|---|----------------------------------|--------------------------------|----------------------------|------------------------------|-------------------------------|
| Unidade Amostrada | Unidades de Força de Trabalho Agrícola (Braços) | Unidades de Consumidores (Bocas) | Relação Consumidor/Trabalhador | Área Produtiva [A.P.] (ha) | Relação A.P./Consumidor (ha) | Relação A.P./Trabalhador (ha) |
| 01 | 5 | 6 | 1,2 | 23 | 3,83 | 4,6 |
| 02 | 4 | 5 | 1,25 | 4 | 0,8 | 1 |
| 03 | 2 | 4 | 2,0 | 13 | 3,25 | 6,5 |
| 04 | 1 | 8 | 8,0 | 24,5 | 3,06 | 24,5 |
| 05 | 1 | 5 | 5 | 20 | 4,0 | 20 |
| 06 | 5 | 7 | 1,4 | 26 | 3,71 | 5,2 |
| 07 | 6 | 6 | 1 | 6,4 | 1,06 | 1,06 |
| 08 | 2 | 4 | 2 | 0,5 | 0,13 | 0,25 |
| 09 | 2 | 4 | 2 | 28 | 7,0 | 14 |
| 10 | 2 | 2 | 1 | 42 | 21 | 21 |
| 11 | 3 | 3 | 1 | 52 | 17,33 | 17,33 |
| 12 | 6 | 8 | 1,33 | 28 | 3,5 | 4,67 |
| 13 | 2 | 4 | 2 | 20 | 5 | 10 |
| 14 | 1 | 2 | 2 | 6 | 3 | 6 |
| 15 | 2 | 4 | 2 | 2,5 | 0,63 | 1,25 |
| 16 | 3 | 12 | 4 | 8 | 0,67 | 2,67 |
| 17 | 1 | 2 | 2 | 14 | 7 | 14 |
| 18 | 2 | 3 | 1,5 | 0,5 | 0,17 | 0,25 |
| 19 | 3 | 4 | 1,33 | 24 | 6 | 8 |
| 20 | 1 | 3 | 3 | 8 | 2,67 | 8 |
| 21 | 1 | 4 | 4 | 18 | 4,5 | 18 |
| 22 | 2 | 6 | 3 | 37 | 6,17 | 18,5 |
| 23 | 3 | 3 | 1 | 16 | 5,33 | 5,33 |
| 24 | 1 | 2 | 2 | 60 | 30 | 60 |
| 25 | 1 | 5 | 5 | 12 | 2,4 | 12 |
| 26 | 2 | 3 | 1,5 | 50 | 16,67 | 25 |
| 27 | 1 | 3 | 3 | 26 | 8,67 | 26 |
| 28 | 2 | 3 | 1,5 | 48 | 16 | 24 |
| 29 | 3 | 4 | 1,33 | 73 | 18,25 | 24,33 |
| 30 | 5 | 7 | 1,4 | 15 | 2,14 | 3 |

Fonte: Dados de Campo – 2007. Elaborado por: BEDIM, B. P.



MAPA 3: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM E ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS AMOSTRADOS NO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DO IBITIPOCA (2007)

